



ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO

Para além da amenidade - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudo da Linguagem  
Campinas, 1º de maio de 2007

ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO

*Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*

Tese apresentada ao programa Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP como requisito parcial para obtenção do título de Doutor na área de Teoria e História Literária, tendo como orientadora a professora Dra. *Márcia Azevedo de Abreu* e candidata ao título **Alexandra Santos Pinheiro**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

**P655p**

Pinheiro, Alexandra Santos.

Para além da amenidade : o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção / Alexandra Santos Pinheiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Márcia Abreu.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. *Jornal das Famílias*. 2. Leitura - História. 3. Literatura - História. 4. Periódicos. 5. Narrativa. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Beyond triviality : o *Jornal das Famílias* [*The family journal*] and its production team.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): *Jornal das Famílias*; History of reading; History of literature; Magazines; Narratives.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (orientadora), Profa. Dra. Maria Lidia L. Maretti, Profa. Dra. Marisa Lajolo, Prof. Dr. Luiz Roberto Veloso e Profa. Dra. Eliana de Freitas Dutra. Suplentes: Profa. Dra. Orna Messer Levin e Prof. Dr. Álvaro Simões Santos Júnior.

Data da defesa: 27/08/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

## **BANCA EXAMINADORA**

### **Márcia Azevedo de Abreu - Orientadora**

Eliana de Freitas Dutra	UFMG
Luiz Roberto Veloso Cairo	Unesp/Assis
Maria Lidia L. Maretti	Unesp/Assis
Marisa Lajolo	Unicamp/IEL

### Suplentes:

Álvaro Simões Santos Junior	Unesp-Assis
Diléa Zanotto Manfio	Unesp-Assis
Orna Messer Levin	Unicamp/IEL

Para meus dois amores,  
Lígia e Laura

## **Agradecimentos:**

Quero aproveitar o ensejo para manifestar minha gratidão a todos que, das mais diversas formas, participaram da construção desse trabalho. À professora Márcia, minha orientadora, dedico um agradecimento especial. Sempre receptiva e atenciosa, ela foi, sem sombra de dúvidas, partícipe da realização desse trabalho.

À professora Maria Lídia, minha orientadora de Mestrado, agradeço pela maneira sempre carinhosa com que me recebeu nas orientações em Assis e pela participação em minha qualificação, quando pude contar, também, com as sugestões da professora Marisa Lajolo, a quem estendo meus agradecimentos.

Ao editor-proprietário da Editora Villa Rica editoras Reunidas, antiga Editora Itatiaia, Pedro Paulo Moreira, um mineiro simpático, proseador, que me cedeu todos os documentos da Editora B.L.Garnier, guardados por ele como verdadeiras relíquias.

Aos colegas de trabalho da Unioeste - Francisco Beltrão, e aos que deixaram de ser colegas para se tornarem amigos de todas as horas: Sônia, Galante, Roseli, Adilson, Luiz Flávio, as Adrianas, Marizete, Benedita, Angela.

Ao Protasio e ao Robinson, por terem sido o alicerce de todo processo de doutorado. Agradeço, por fim, aos amigos: Eliane, Célio, Cássio, Patrícia, Adriana, Cristiano, Paulo, Graciela, Ana Helena e Tânia, que compartilharam dos meus momentos de comemoração e de angústia.

Sou o primeiro a reconhecer a falta de merecimento, a pobreza de acção, e os descuidos e desmazelo de estilo que amesquinhão estes pobres romances que improvizei.

Compreendo que com o mais seguro fundamento poderia alguém observar-me, que pensando eu assim, a razão devia ter-me aconselhado a não arrancar do esquecimento esses escriptos sem merito, que não estavam no caso de apparecer à luz da imprensa (Joaquim Manuel de Macedo)

## Índice:

Resumo	p. 9
Abstract	p. 10
Introdução	p.11

### CAPÍTULO I

*Jornal das Famílias*: o editor, o jornal e seus colaboradores

1.1 Baptiste Louis Garnier: um patrocinador para as letras brasileiras	p. 26
1.2 <i>Jornal das Famílias</i> : um empreendimento para as senhoras de bom gosto	p. 52
1.3 Os colaboradores: distintos e anônimos	p. 70

### CAPÍTULO II

Conteúdo eclético para leitoras de bom gosto

2.1 O <i>Jornal das Famílias</i> e a educação da mulher oitocentista	p. 85
2.2 Nas imagens, o perfil do público leitor divulgado pela Ed. Garnier	p. 98
2.3 Nas seções, as diferentes formas de entreter e instruir	p. 119

### CAPÍTULO III

Personagens e enredos exemplares: entretenimento e moralização

3.1 A narrativa: em nome da moral, da diversão e da Nacionalidade	p. 139
3.2 Um ideal de leitor e de leitora	p. 149
3.3 Questão de vaidade	p. 159
3.4 O casamento: modelos a serem seguidos	p. 167
3.5 Conduta diferenciada para as personagens negras	p. 177

### CAPÍTULO IV

Quando as narrativas tematizam o fazer literário

4.1 A produção romanesca e a condição do escritor	p. 185
4.2 Em busca do nacional: lendas e causos do interior brasileiro	p. 220

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	p. 241
-----------------------------	--------

<b>BIBLIOGRAFIA</b>	p. 246
---------------------	--------

ANEXO I Lista de narrativas publicadas no <i>Jornal das Famílias</i>	p. 260
ANEXO II Relação dos valores fechados nos contratos	p. 275

## Resumo

A tese “Para além da amenidade - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção” analisa a organização de um periódico que circulou durante dezesseis anos por várias províncias brasileiras e por, pelo menos, dois países estrangeiros, Portugal e França. A pesquisa consiste em investigar esse jornal, a começar pelo trabalho do editor Baptiste Louis Garnier e de seu cuidado com a materialidade do que era produzido por sua empresa. Atém-se, também, à lista de redatores e colaboradores, que teve Machado de Assis como o mais assíduo na seção *Romance e Novellas*. A partir do estudo da trajetória dos demais colaboradores, recuperamos nomes de intelectuais esquecidos atualmente, mas que fizeram parte dos grandes debates literários da época, alguns dos quais ocorriam no próprio *Jornal das Famílias*. Ao analisar a produção literária divulgada no periódico, constatamos que ao principal público leitor do *Jornal das Famílias*, as mulheres, não foram oferecidas apenas leituras amenas, como destacam alguns pesquisadores. As leitoras foram inseridas em debates importantes para o século XIX, como a consolidação de uma literatura nacional e a condição do escritor brasileiro. A análise das narrativas mostra que a literatura brasileira não foi construída apenas pelos literatos hoje consagrados pela crítica, mas também por um grupo amplo de escritores preocupados com questões estéticas, políticas e sociais e que as manifestavam também no *Jornal das Famílias*.

**Palavras-chave:** história da leitura, história da literatura, periódico, narrativa, *Jornal das Famílias*, Garnier.

## Abstract

The thesis “Beyond triviality – *O Jornal das Famílias* [*The Family Journal*] and its production team” analyzes the organization of a magazine that circulated for sixteen years (1863-1878) in several Brazilian provinces (now states) and at least in two other countries, Portugal and France. The research aims at investigating the journal starting with publisher Baptiste Louis Garnier’s work and his care with the materiality of his company’s production. It also presents a list of writers and collaborators, including the most regular one, Machado de Assis, responsible for the section “Romance e Novellas” [“Novel and Short stories”]. By studying other collaborators’ trajectories, we tried to recall some scholars who are forgotten nowadays, but who took part in the great literary discussions of the time, some of which taking place within the “*Family Journal*” itself. When analyzing the literary production published in the magazine, we notice that, as some researchers point out, not only light readings were presented to women but, besides that, those women readers took part in some important discussions at the end of the nineteenth century, such as the consolidation of a national literature and the professionalization of the literary career. The analysis of the narratives shows that the Brazilian literature was conceived not only by the writers now recognized by the current critics, but by a large group of writers concerned with aesthetics, political and social issues and who made the “*Family Journal*” one of the most important means for cultural and literary expressions in Brazil.

KEYWORDS: History of reading; History of literature; magazines; narratives; *Jornal das famílias* [*The family journal*]; Garnier.

# Introdução:

“O livro não muda, o que muda é o modo da leitura” (Roger Chartier, *A ordem dos livros*, 1999)



Jornal das Famílias, 1869

Antes de tratar dos pressupostos que norteiam a tese “Para além da amenidade - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção” e de apresentar os capítulos que a compõem, gostaríamos de lembrar a trajetória desse trabalho, que se origina de pesquisas realizadas na Iniciação Científica e no Mestrado. Sob a orientação da Profa. Dr. Diléa Zanotto Manfio, é desenvolvida, no período de 10 de abril a 10 de dezembro de 1999, a pesquisa “*Revista Popular: Análise e indexação*”. No ano seguinte, no Mestrado, sob orientação da Profa. Dr. Maria Lídia L. Maretti, apresentamos ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, a dissertação “*Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*”<sup>1</sup>.

Nas pesquisas realizadas na Graduação e no Mestrado, o trabalho privilegia o caráter descritivo, ou seja, o objetivo consiste em fazer o índice de tudo o que foi divulgado nas páginas da *Revista Popular* e do *Jornal das Famílias*. A proposta atual pretende analisar a rede de produção do *Jornal das Famílias*, que contempla o trabalho do editor, dos redatores e colaboradores pouco (re)conhecidos pela História Literária contemporânea, a materialidade do periódico, as narrativas e as representações de leitores e leitura.

O acesso a esse corpus dá-se durante a pesquisa de Mestrado. Com o financiamento da Fapesp, adquirimos todos os microfimes do *Jornal das Famílias*, doados posteriormente ao Centro de Documentação da Unesp / campus de Assis, o que nos deu a chance de imprimir e encadernar praticamente todas as narrativas do periódico, facilitando a sua leitura. Na Unicamp, a possibilidade de ter todos os microfimes digitalizados agilizou a pesquisa.

Seis anos de envolvimento com o estudo da imprensa no século XIX, em especial com os empreendimentos de Garnier, marcam a trajetória dessa

---

<sup>1</sup> Ambas as pesquisas foram financiadas pela FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

pesquisa de Doutorado. Há, nesse tempo, o privilégio de amadurecer as leituras e de rever posições e visões. No Doutorado, a pesquisa leva à revisão de informações dadas nas etapas anteriores. A partir da leitura do referencial teórico, tópicos despercebidos também são considerados na tese, como as imagens iconográficas de leitores, por exemplo. A pesquisa biobibliográfica dos colaboradores recebe uma atenção maior, são localizadas obras em forma de livro, com prefácios e explicações que nos fazem compreender a importância de muitos deles para a época.

Assim, a pesquisa de Doutorado tem como foco o segundo e mais duradouro periódico da Editora Garnier. O *Jornal das Famílias*: publicação ilustrada, recreativa, artística, etc”, que circula de 1863 a 1878, é elogiado em outros periódicos da época:

O incansável Sr. Garnier, da rua do Ouvidor, n. 65, mimoseou a redação do *Sexo Feminino* com o número daquela publicação especialmente dedicada às senhoras de bom gosto. Muito agradecemos a oferta, que sobremodo apreciamos (*Sexo Feminino*, 19 de setembro de 1875)<sup>2</sup>.

Esse jornal dedicado “às senhoras de bom gosto”, para usar as palavras de Francisca Senhorinha Diniz, proprietária e redatora do jornal *Sexo Feminino*, toma o lugar do primeiro periódico de Baptiste-Louis Garnier, *Revista Popular*, um periódico eclético que publica textos sobre Literatura, sobre Língua e sobre Crítica Literária, e que conta com a colaboração de nomes importantes na época, como Joaquim Norberto, Cônego Fernandes Pinheiro, Nuno Álvares, dentre outros. Ele circula de 1859 a 1862 e, de acordo com a última carta da

---

<sup>2</sup> Como um dos objetivos era o de dar a conhecer autores e produções à margem da historiografia literária, optamos por transcrever os textos o mais próximo possível da versão original, pois alterações de pontuação, por exemplo, poderiam mudar o sentido pretendido pelo autor. Assim, durante a transcrição, preservamos a ortografia e a pontuação adotadas na época, o que faz com que, muitas vezes, uma mesma palavra apareça de forma diferente durante o desenvolvimento da produção (é o caso, por exemplo, de “Deos / Deus”; “amor / âmor”; “viu / vio”, etc).

redação, sai de cena para dar maior espaço a uma publicação dedicada, com maior exclusividade, aos interesses da família. O editor, um francês preocupado em fazer fortuna com o comércio de livros, acerta na mudança, tanto que o periódico sobrevive quase doze anos mais que seu antecessor.

Numa primeira leitura, poderíamos afirmar que o segundo empreendimento de Garnier não objetiva grandes debates, e que é um jornal ameno, voltado, principalmente, ao “belo sexo”. Talvez essa primeira impressão seja resultado das seções que acompanham os 16 anos do *Jornal das Famílias*. Elas contêm matérias sobre economia doméstica, medicina doméstica, anedotas, moda, poesias e narrativas.

A princípio, a pesquisa pretendia analisar as narrativas de autores não consagrados pela historiografia brasileira no intuito de compreender, por meio dessa análise, qual a instrução moral apresentada à leitora do periódico. Nesta perspectiva, seriam excluídas as produções que Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo haviam publicado no *Jornal das Famílias*. Todavia, a leitura dos textos conduz a tese para caminhos mais abrangentes. Ao constatar que para as leitoras desse periódico são oferecidas narrativas que refletem sobre o fazer literário e debatem sobre a literatura nacional, sentimos a necessidade de repensar os objetivos traçados inicialmente.

Desta forma, a presente tese busca investigar a rede de produção do *Jornal das Famílias*, quem é o seu editor, os autores que publicam em suas seções, em especial, a de *Romances e novellas*, a materialidade do periódico e os seus leitores. As produções de nomes consagrados como Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo são trazidas para a análise e comparadas com as narrativas de literatos não considerados pela historiografia literária.

O novo direcionamento dado ao trabalho leva-nos a resultados que permitem vê-lo como um periódico que está sim voltado ao que se considera ser do interesse da mulher oitocentista. Oferece-lhe instrução para que ela

exerça a administração do lar, anedotas para o seu entretenimento, a moda parisiense para o seu bem vestir, poesias e narrativas para a sua instrução moral. Visto assim, o *Jornal das Famílias* seria como qualquer outro empreendimento dedicado ao público feminino. A análise das narrativas, entretanto, mostra que ele vai além e oferece às suas leitoras discussões que ultrapassam os limites dos grupos letrados da época.

Outras duas pesquisas focalizam as narrativas publicadas no *Jornal das Famílias* e, em ambas, o interesse volta-se à produção de Machado de Assis: a tese de doutorado *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*, concluída em 1990 por Silvia Maria de Azevedo, e a dissertação de mestrado *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*, defendida em 2005 por Daniela Magalhães Silveira. Por isso, optamos por trazer à luz a participação de autores pouco (re)conhecidos, recuperando alguns textos publicados por eles nas páginas do referido Jornal<sup>3</sup> e os comparando com as narrativas que Machado de Assis e Joaquim Manoel de Macedo publicaram no jornal.

Acreditamos que ao centrarmos o trabalho na rede de produção do periódico e ao darmos prioridade aos autores e obras esquecidos em suas páginas, estamos recuperando fontes e contribuindo para um (re) pensar da história literária, responsável pela, nas palavras de Regina Zilberman, “seleção e exclusão” de nomes e textos:

A História da Literatura pôde então voltar, submissa aos novos padrões e com a tarefa de definir o cânone, constituído por nomes e valores examinados, qualificados, avalizados e ranqueados pela Teoria da Literatura. Lugar da elite do saber, a universidade elitiza os objetos de que se constitui o saber que oferece, conforme um processo simultâneo de seleção e exclusão, coerente, mas dificilmente democrático (ZILBERMAN, 2004, p. 14).

---

<sup>3</sup> As narrativas transcritas encontram-se no CD anexo na contracapa da tese e disponibilizadas na biblioteca virtual do site <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>.

A tese “Para além da amenidade - O *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção” busca analisar as narrativas publicadas no jornal de Garnier a partir de várias perspectivas. Pela do mercado, no sentido de mostrar a relação entre autores e editores, pela questão do público leitor, pelas relações entre os autores e, ainda, não deixa de considerar o veículo de divulgação dessas narrativas, o jornal.

Num período em que literatos não contam com o reconhecimento de parte da sociedade e que têm que se desdobrar para conseguir divulgar seu trabalho, poder publicar na editora B.L.Garnier representa uma conquista para muitos. De acordo com Ubiratan Machado, grande parte dos prosadores e poetas oitocentistas cessa sua produção depois de concluída a faculdade:

Com o diploma embaixo do braço, o rapaz ajustava uma máscara de seriedade ao rosto, punha os versos ou outros exercícios literários de lado e tratava de se adaptar à nova vida profissional e doméstica. Repudiava a literatura como as rapaziadas que praticara, quase mudando de personalidade. Publicar um livro de versos, de teatro ou de ficção depois de formado era atestado de um espírito desajustado (MACHADO, 2001, p. 170).

Caso o escritor deseje enfrentar as dificuldades inerentes ao ofício, pode contar com o apoio de D. Pedro II, mas tem que vencer pressões na vida cotidiana, ou seja, nas corporações médicas, no funcionalismo público. O poeta Luís Delfino, por exemplo, perde, de acordo com Ubiratan Machado, os clientes de sua clínica médica depois de recitar uma de suas poesias em público. Tem de mudar o local de sua clínica, recomeçar sua profissão e ficar mais de 15 anos sem publicar. O hoje ilustre romancista José de Alencar passa por sérios aborrecimentos no congresso, quando seus colegas sugerem que ele volte aos “romancetes” e largue a vida parlamentar (MACHADO, 2001, p. 171-172).

A editora B.L.Garnier, que já é reconhecida como uma das mais importantes do Rio de Janeiro e que serve, por muito tempo, de ponto de

encontro para os intelectuais mais significativos do período, representa um apoio para os literatos que desejam superar essa rejeição.

Considerando a importância do editor, primeiro elemento da rede de produção do *Jornal das Famílias*, iniciamos com um panorama da vida e da atividade profissional de Baptiste Louis Garnier e trazemos à luz, também, um questionamento feito durante a pesquisa de mestrado: “por que as informações sobre o editor que liderou o comércio de livros no Brasil durante três décadas são tão esparsas e fragmentadas?”. Realizamos muitas leituras para obter maiores informações sobre sua vida e seu trabalho, pois acreditamos que o sucesso dos 16 anos de publicação do *Jornal das Famílias* esteve associado ao tino comercial do editor, um empresário interessado em atender ao gosto do público leitor brasileiro.

A partir da leitura de Hallewell (1985), debruçamo-nos sobre alguns jornais contemporâneos a Garnier, onde encontramos anúncios de seus periódicos e elogios ao seu trabalho; os poucos contratos, entre o editor e alguns escritores, existentes no arquivo da Biblioteca Nacional, causam-nos admiração pela forma minuciosa com que são redigidos. Sem muito sucesso, pesquisamos os arquivos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde pretendíamos encontrar algum registro do dia de sua morte, e os do Arquivo Nacional, também no Rio de Janeiro, à procura de outros contratos e de dados sobre a sua chegada ao Brasil. A satisfação maior dessa tentativa de reunir dados sobre B. L. Garnier é o contato que tivemos com o editor-proprietário da editora Villa Rica editora reunidas, o simpático senhor Pedro Paulo Moreira, que nos cedeu alguns documentos retirados por ele do lixo da editora Briguiet, no momento em que assinava a compra dos direitos autorais detidos pela referida editora. Os documentos, que serão disponibilizados no site do projeto “Caminhos do Romance”, do IEL-UNICAMP, são constituídos de cartas, contratos e recibos.

Os documentos e as obras citados não são utilizados com o objetivo de redimir B. L. Garnier das acusações de explorador, feitas por contemporâneos seus, como Adolfo Caminha (*Apud LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 80*), nem tão pouco desejam colocá-lo como o “defensor” das letras pátrias, como faz Machado de Assis (*Jornal do Commercio, 7 de outubro de 1893*) por ocasião de sua morte. Objetivamos mostrar que Garnier pode ser considerado um grande empresário, que abre suas portas para nomes menos reconhecidos, mas que, como um bom comerciante, assina com eles contratos menos vantajosos (na perspectiva dos escritores) do que os assinados com autores já reconhecidos. Traduz, para a língua portuguesa, importantes nomes da literatura universal e edita obras sobre o folclore nacional, livros didáticos, poesias, romances e novelas de autores nacionais.

Pierre Bourdieu, no seu livro *A economia das trocas simbólicas*, mostra a importância do editor para o sucesso ou fracasso de um empreendimento literário. O editor seria aquele que, por um “faro” comercial, “seleciona os autores a partir do que ele acredita que seja a preferência estética de sua época” (BOURDIEU, 2001, p. 100). Ao abrir as portas de sua editora para um conjunto amplo de literatos, Garnier valoriza as letras nacionais e divulga nomes empenhados na consolidação da Literatura Brasileira: “Editor consciencioso, B. L. Garnier – chamado injustamente nos círculos intelectuais de Bom Ladrão Garnier – empenhou-se ao máximo em dar aos livros escritos brasileiros o mesmo nível das publicações européias” (MACHADO, 2001, p. 80).

Se o prestígio do editor é um elemento importante para o sucesso de um empreendimento, o que dizer, então, da materialidade do jornal? Além de ser impresso em Paris, o *Jornal das Famílias* traz desenhos da última moda parisiense, com os moldes detalhados de cada vestido. Imagens de moças e senhoras bem vestidas ornamentam todos os exemplares e seções.

Ao bom conceito que se tinha da editora e à preocupação com a materialidade do periódico é preciso somar os nomes de importantes intelectuais da época, estampados na contracapa de cada exemplar. Cônego Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto Souza e Silva, Machado de Assis, Bruno Seabra, Padre Bernardino de Souza são algumas das personalidades que compõem a lista.

Os três elementos citados - editor, jornal e colaboradores – são trabalhados no primeiro capítulo da presente tese, intitulado “*Jornal das Famílias: o editor, o jornal e seus colaboradores*”, dividido em três tópicos: “Baptiste Louis Garnier: um patrocinador para as letras brasileiras”, “*Jornal das Famílias: um empreendimento para as senhoras de bom gosto*”, “Os colaboradores: distintos e anônimos”.

A apresentação do conteúdo oferecido ao público leitor e a imagem que se tem desse público são abordadas no segundo capítulo: “Conteúdo eclético para leitoras de bom gosto”. Trazemos para o debate, a partir da leitura das seções e das imagens iconográficas, a concepção que os redatores e colaboradores do periódico expressam do perfil de suas leitoras e do tipo de educação e de conteúdo que deveriam ser oferecidos a elas.

Nesse capítulo, refletimos também sobre como a iconografia do periódico, composta por um grande número de imagens de leitores e leitoras, aborda uma gama variada de temas: leitores, sozinhos em seus gabinetes, ao ar livre, entre amigos, entre familiares, como ornamento tipográfico. Como afirma Martine Poulain: “Mais que os livros são os jornais que ilustram sua leitura e desse modo indicam o público leitor procurado e, às vezes, até o modo de leitura esperado” (POULIAN, 1997, p. 62). Esse tópico, de certa forma, serve como uma introdução dos capítulos seguintes, uma vez que a figura do leitor parece ter sido fundamental para a configuração do periódico e para a escolha dos artigos ficcionais e não ficcionais que compõem as seções.

Ao dedicar parte da tese para apresentar as seções do periódico, procuramos oferecer ao leitor a possibilidade de visualizar o *Jornal das Famílias* e mostrar que a sua preocupação com o público leitor transcende a seção de *romances e novellas*. Por isso, traçamos um painel com as características principais dos gêneros literários e não literários contemplados nesse empreendimento: crítica literária, poesia, mosaico, anedotas, economia doméstica, medicina doméstica e moda, que, para os redatores, parecem ser os principais temas femininos. Conscientes da extensão do jornal, tentamos evitar tanto um aprofundamento demasiado quanto uma superficialidade excessiva no tratamento de cada seção.

Da apresentação geral das seções, partimos para a análise de algumas narrativas extraídas da parte de *Romances e novellas*, terceiro e quarto capítulos da tese. Alguns textos literários são encomendados, com instruções sobre a quantidade das páginas, a estrutura do enredo, o tamanho das frases e, especialmente, com recomendação para que não ofendam às leitoras, com quem são travados constantes diálogos. Alguns são utilizados, inclusive, para fazer a propaganda do periódico e do editor, pois em muitos deles o narrador descreve a trajetória do texto até sua chegada às páginas do *Jornal das Famílias*, ou mesmo trata da intimidade que mantém com o editor. Essa também é uma forma de os redatores e colaboradores apresentarem o periódico como um empreendimento minuciosamente planejado para atender ao gosto das leitoras.

Dos aspectos gerais dessa seção e dos principais temas abordados nos textos é que vai tratar o terceiro capítulo “Personagens e enredos exemplares: entretenimento e moralização”. Observamos que as protagonistas, como fica claro no discurso dos narradores, servem como modelos a serem seguidos. A leitora é convidada a refletir sobre a conduta adotada pelas personagens e a comparar a vida ficcional com a postura adotada por ela na vida real.

Por meio das narrativas de escritores como Victoria Collona, Paulinha Philadelphia, Emilia Gomide, Padre Bernardino de Souza, as leitoras também são orientadas em suas condutas, tendência, aliás, que acompanha a história do romance. A redação do jornal compromete-se a publicar o que ela chama de *romances e novellas* que não ofendem a moral das assinantes. Assim, as leitoras do *Jornal das Famílias* recebem conselhos sobre a idade ideal para se casarem, sobre o inconveniente de prolongar o tempo do namoro, sobre a necessidade de obedecerem a seus pais, mesmo que isso lhes custe a vida.

A análise das narrativas também é o foco do quarto e último capítulo da tese, “Quando as narrativas tematizam o fazer literário”. Além de orientar a conduta moral de suas leitoras, a ficção também apresenta discussões sobre a metalinguagem, o valor dado ao trabalho do escritor, o desejo de construir uma literatura nacional a partir dos costumes das pessoas do interior brasileiro e a questão da intertextualidade. Nas narrativas de Augusto Emilio Zaluar, Reinaldo Carlos Montoro, Léo Junius, Bernardo Guimarães e em outras assinadas por pseudônimos, há a tentativa de construir uma identidade para a Literatura Brasileira a partir do ambiente interiorano. Para esses autores, é possível criar uma literatura a partir de experiência das pessoas do interior e, assim, não seria mais necessário inspirar-se na literatura estrangeira. Zaluar chega a realizar um discurso eufórico, convidando outros colegas a participarem desse projeto. Nas penas de quem aceita a proposta, o herói e a heroína do interior do Brasil são pintados como seres ingênuos, dóceis, caridosos, algumas vezes enganados pelo homem da cidade, outras vezes, ludibriados por seus pares, e por homens e mulheres gananciosos.

As narrativas discutem também o fazer literário, a importância das frases curtas, o suspense, o diálogo com o leitor e a preocupação do escritor em atender os seus interesses. Dos temas discutidos, não escapa a questão da valorização do artista, tanto financeiramente quanto socialmente. Todos esses debates são realizados nas próprias narrativas: na introdução, na fala de algum

personagem, nas reflexões do narrador. Enfim, são as narrativas o meio de debater os vários elementos que cercam a produção literária da época.

Duzentas e vinte e três histórias são publicadas na seção *Romances e novellas* durante os 16 anos de existência do *Jornal das Famílias*. Seria impossível analisar profundamente tal quantidade de obras; por isso, são elaborados alguns critérios para a seleção do corpus. O primeiro é o de privilegiar os autores e as produções esquecidos pelas Histórias Literárias contemporâneas, o que faz com que quase metade das narrativas seja excluída da seleção. Isso se deve ao fato de grande parte dos textos ser de autoria de Machado de Assis. Das cento e vinte narrativas restantes, são excluídas as publicações sem identificação do autor<sup>4</sup>.

Em seguida, a escolha contempla uma narrativa de cada colaborador. Nessa etapa, o critério utilizado é o de privilegiar os textos que, de alguma forma, destacam a questão do fazer literário, do leitor ou da condição do escritor em sua obra. No caso das que fazem parte de uma série, a exemplo dos “Contos Macahenses”, de Fernandes Pinheiro Junior, selecionamos mais de uma narrativa do mesmo escritor para tentar identificar a existência de alguma relação temática ou de estilo entre elas. Outra abordagem é a questão da seriação, ou seja, priorizamos as produções publicadas em mais de uma parte.

Observamos, ainda, aquelas que têm a mulher como autora da narrativa e como protagonista do enredo, já que, durante a análise, também é abordada a preocupação em educar moralmente as leitoras por meio da Literatura. Para a época, é significativa a presença de escritoras na lista de apresentação dos

---

<sup>4</sup> Para identificar os autores, recorremos a dicionários de pseudônimos e de Literatura, no entanto, muitas vezes, a procura foi frustrada.

colaboradores do periódico, uma vez que a mulher, de forma geral, é tida como um ser não apto às letras.

O intuito de educar moralmente as leitoras não representa um cuidado estritamente literário. O critério da moral é essencial para a produção e para a crítica de romances, mas também o é para a sociedade de forma geral, que consome os manuais de bom comportamento escritos por padres e outras autoridades. Um exemplo desses manuais seria o de Roquette, *Código do bom-tom*, reeditado em 1997 por Lilia Moritz Schwarcz, que lembra que esses manuais colocam-se de forma muito mais direta quando se dirigiam às mulheres: “Para as mulheres os conselhos são diretos: não fica bem esticar a conversação. É melhor ser simples, breve, evitar frases longas e palavras difíceis”. Na síntese que faz da obra do cônego Roquette, Schwarcz destaca:

Logo no princípio já ficamos sabendo que cabe aos homens polidez e urbanidade e às mulheres um falar suave e um ar reservado. O homem se distingue por sua fala inteligente e correta; a mulher, por sua atitude modesta e silenciosa. Se a atitude dos homens deve ser cerceada, o controle das mulheres ainda mais rigoroso (SCHWARZ, 1997, p. 26).

O corpus analisado, em muitos momentos, oferece uma visão similar a esses manuais; assim, as protagonistas femininas seguem o comportamento esperado para seu sexo, são fiéis e obedientes aos pais e aos maridos, mães dedicadas e conformadas com sua sorte. As que fogem a esse padrão recebem, na maioria das vezes, punições como a decadência sócio-econômica ou mesmo a morte. Por isso, um dos critérios de seleção do corpus é o de colocar em destaque a produção das autoras que aparecem na lista de redatores e colaboradores, mostrando o avanço do periódico para a sua época. Por outro lado, o critério de analisar o perfil das protagonistas femininas dessas narrativas possibilita visualizar que, embora tenha aberto espaço à produção feminina, muitas vezes, o ideal de mulher divulgado entre os colaboradores do

*Jornal das Famílias* ainda não dialoga com os debates sobre a emancipação feminina, tão discutidos na época.

A análise das fontes é enriquecida com a leitura de outros periódicos contemporâneos ao *Jornal das Famílias* e com a consulta a contratos e a cartas trocadas entre autores e entre a redação do jornal e seus leitores. Além disso, pesquisadores como Bourdieu, Chartier, Michelle Perrot, Emmanuel Fraise, Martine Poulain, Márcia Abreu, Regina Zilberman, Marisa Lajolo e estudiosos empenhados em compreender o processo histórico de formação da Literatura Brasileira direcionaram a perspectiva de análise do corpus.

“Para além da amenidade - *O Jornal das Famílias* (1863-1878)” tenta, a partir do estudo da rede de produção do jornal, superar uma visão de que a literatura publicada em jornal constitui uma produção efêmera, fadada ao esquecimento e, no caso do século XIX, voltada a atender ao gosto ameno de suas leitoras. Isso, é claro, também foi o propósito da maior parte das narrativas publicadas no empreendimento de B. L. Garnier, que está, como é indicado nas cartas que a redação envia às leitoras, preocupado em cumprir o papel de instruí-las de forma amena. No entanto, uma leitura mais atenta revela que os escritores que participam do *Jornal das Famílias* compartilham com suas leitoras suas preocupações sobre o fazer literário e sobre a literatura nacional, mostrando que debates importantes da época vão além do grupo de intelectuais e dirigem-se também ao público leigo, como o feminino.



## Capítulo I

# ***Jornal das Famílias: o editor, o jornal e seus colaboradores***

Garnier ocupou papel fundamental no desenvolvimento do romance e do conto nacional. Cada vez mais solicitada pelo público, a prosa de ficção não contava com nenhum editor interessado em lançar originais brasileiros, como empreendimento de risco. Garnier aceitou o desafio, a partir dos primeiros anos da década de 1860, favorecendo a ampla difusão do gênero, libertando progressivamente o escritor da escravidão do folhetim e permitindo-lhe desfrutar um *status* ignorado até mesmo pela maioria de seus colegas europeus (Ubiratan Machado, *A vida literária no Brasil durante o romantismo* 2001, p. 81-82).

## 1.1 Baptiste Louis Garnier: um patrocinador das letras brasileiras



**Imagem de B. L. Garnier: *Almanaque Garnier*, 1913**

O editor Baptiste Louis Garnier cumpre por 44 anos a função de selecionar nomes. A contar pela informação publicada em uma crônica no *Jornal do Comércio*, por ocasião de sua morte, seu “faro” comercial obtém mais acertos do que erros, pois o editor deixa uma fortuna de 80 contos de réis<sup>1</sup>. Apesar do sucesso de sua empresa, as poucas informações sobre Garnier, muitas vezes, são desconhecidas. De acordo com Hallewell (1985), Baptiste Louis Garnier nasce em 4 de março de 1823, em Paris, e morre em 1 de outubro de 1893, no Rio de Janeiro, onde reside desde 1844. O trabalho com a imprensa teria sido aprendido com seus dois irmãos mais velhos que, com 17 e 21 anos, abrem uma livraria em Paris. Louis Garnier, balconista na loja dos

---

<sup>1</sup> Até 1942 a unidade monetária era o *mil-réis* (1\$000), que se subdividia em milésimos (por exemplo: \$ 20 = vinte réis ou vintém; \$ 100 = cem réis ou tostão; \$ 500 = quinhentos réis, e assim por diante). Note-se que 1.000 mil réis era denominado *1 conto de réis*, que se escrevia 1.000\$000 (PELÁEZ & SUZIGAN, 1981, p.3).

irmãos, decide montar seu próprio negócio e escolhe o Brasil para realizar o seu intento:

Resolveu transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial. Ele chegou ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1844 (HALLEWELL, 1985, p. 127-128).

Hallewell não cita as fontes que o levaram a afirmar, com tanta certeza, as razões que motivaram a vinda do editor ao Brasil; no entanto, um texto publicado no *Jornal do Commercio*, seis dias após sua morte, informa que o editor Garnier nasce em Tourville, nas vizinhanças de Constances, cidade da província de Normandia. A data da chegada do editor no Brasil também é diferente da apresentada por Hallewell, já que Garnier teria chegado ao Rio de Janeiro entre os anos de 1837 e 1838. A leitura do artigo do *Jornal do Commercio*<sup>2</sup> faz perceber que a dificuldade em encontrar informações acerca da personalidade do editor existe mesmo quando ele ainda é vivo. O próprio nome do empresário é confundido e suas iniciais B.L., por algum tempo, ficam traduzidas por Bernardo Lopes:

Grande é o numero, senão quase a totalidade daquelles que, conhecendo de nome e até de pessoa este honrado livreiro, que acaba de ser eliminado do numero dos vivos, jamais souberão o que significavão o B e o L que precedem o vulgarissimo Garnier, que há meio século tantas gerações de escritores e acadêmicos, tantos milhares de estudiosos e de simples leitores, por passatempo, estão costumados a ver nos frontespicios e chamadas etiquetas dos milhões de livros e pamphletos que se tem derramado pelo Brazil inteiro sahidos da casa antigamente n. 69 e modernamente 71, da rua do Ouvidor e se não forão os Diccionarios dos Contemporâneos, de Vespereau, a Bibliographico, de Inocência Francisco da Silva, talvez não

---

<sup>2</sup> No artigo há uma síntese da situação dos editores, dos tradutores e dos tipógrafos contemporâneos a Garnier (ver *Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

podéssemos também dizer facilmente que aquelas iniciaes correspondem a Baptiste Luiz. Os estudantes, em falta de decifração, há vinte annos passados, traduzião essas iniciaes por Bernardo Lopes<sup>3</sup> (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

A que se deve a confusão no nome de um editor considerado tão importante para as letras brasileiras? Em outros trechos desse artigo, é destacado o jeito comedido do editor e, talvez por isso, tenham restado poucas informações a respeito de sua pessoa e de sua história. A maior parte dos documentos consultados limita-se a tratar apenas do empresário, elogiado por alguns e malquistado por outros. Uma parte dos intelectuais de sua época, e posteriores a ele, o vê como um aproveitador cuja riqueza deve-se à exploração dos intelectuais brasileiros; outros, como um homem justo, o único de sua época a pagar com regularidade os textos dos colaboradores de seus dois periódicos, *Revista Popular* (1859-1862) e *Jornal das Famílias* (1863-1878). Por ocasião da morte de Garnier, em outubro de 1893, Machado de Assis escreve as seguintes palavras:

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n. 69, abaixo da Rua Nova. (...). Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia (ASSIS, 1938, p. 402).

Em alguns periódicos do século XIX publicam-se, por ocasião de sua morte, tanto homenagens, como a que faz Machado, como restrições ao trabalho que o editor desempenha no Brasil. *O Paiz*, em 2 de outubro de 1893, e o *Estado de São Paulo*, em 4 de outubro de 1893, registram, em poucas palavras, o falecimento de Garnier e ressaltam a sua importância para o progresso das letras brasileiras:

---

<sup>3</sup> Sem identificação de autor.

Necrologia:

Victima de antigos padecimentos, que entretanto não o impediam de manter-se em quotidiana actividade, succumbiu hontem o mais antigo livreiro editor desta capital o Sr. B. L. Garnier.

Na rotina em que se tem conservado e de que mal começam a sair os editores de livros nacionaes, B. L. Garnier teve papel importante, pois se lhe devem não poucos actos que redundaram em animação para as bellas letras e para os labutadores da instrucção publica

Cidadão francez, ha muitos annos domiciliado entre nós, tendo constituído familia, eram innumeras as suas relações.

- Enterrar-se-ha hoje, às 4 h horas da tarde, saindo do feretro da casa n. 4 da ladeira do Meirelles, em Santa Thereza, para o cemiterio de S. João Baptista (*O Paiz*, segunda-feira, 2 de outubro de 1893).

O texto lembra que o editor seguiu rigorosa rotina de trabalho, que constituiu família no Brasil e que travou inúmeras relações. Tais informações não devem passar despercebidas porque contrastam com a caracterização que Hallewell faz de B. L. Garnier, colocando-o como um homem de poucas palavras, que não teve sequer público para acompanhar o seu féretro. A *Gazeta de Notícias* também lembra as obras, os nomes editados pelo livreiro, os livros didáticos destinados aos estabelecimentos de ensino da época, e o seu perfil profissional. Vale a pena ler na íntegra o texto:

Finou-se hontem o conhecido livreiro-editor d'esta capital, B. L. Garnier, cujo estabelecimento commercial, na rua do Ouvidor foi para mais de uma geração fluminense ponto obrigado de reunião. Póde talvez dizer-se que não ha brasileiro culto que o não conhecesse.

Tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1844, na barca Stanulas, procedente do Havre, este cidadão francez abriu pouco depois a sua loja de livreiro, ao tempo em que raros aqui se dedicavam a este commercio. Esse estabelecimento prosperou a olhos vistos e manteve sempre a sua primazia na nossa capital.

Como editor, B. L. Garnier prestou innegavelmente grande serviço às letras nacionaes, dando à luz obras de vulto, originaes e

traduções em todos os ramos de conhecimentos humanos. A Livraria Classica Portuguesa, as obras de Macedo, Domingos J. Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Joaquim Norberto, José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, João Manuel Pereira, Aloizio de Azevedo e de tantos outros vultos litterarios, devemol-as sem duvida à iniciativa do editor Garnier.

No que respeita a obras didaticas, destinadas aos nossos estabelecimentos de ensino, copiosissima foi igualmente a sua contribuição. Enumeral-as equivaleria a transcrever extenso catalogo.

Dotado de uma memoria felicissima, homem extremamente methodico e infatigavel no trabalho, que nunca abandonou até os seus ultimos dias de vida, Garnier era um typo classico, digno de consideração e estima.

Os brasileiros são-lhe agradecidos e devem acatar-lhe a memoria.

Seu enterro realisa-se hoje hoje às 4 horas da tarde, sahindo o corpo da ladeira do Meirelles (*Gazeta de Noticias*, 2 de outubro de 1893).

O texto destaca o ecletismo de sua editora, que publica vários tipos de obras: ficção, poesia, dicionários, livros didáticos, traduções, enfim, todos os “ramos do conhecimento humano”; além disso, permite vislumbrar, a partir dos nomes citados, que sua editora trava relações com os principais nomes da literatura brasileira - o que não significa que tenha se restringido apenas a eles, como se verá no decorrer dessa tese. Sobre sua personalidade, são ressaltadas mais uma vez a sua dedicação ao trabalho e a observação de que ele “era typo classico, digno de consideração e estima”.

Tratar de B. L. Garnier, ao que parece, implica em reconhecer um empresário que, como consta nos documentos consultados, principalmente os que aparecem em jornais, está mais envolvido por afeição do que por desafetos. Na sessão “Noticiário”, do *Sexo Feminino*, por exemplo, há a apresentação da obra *O poder da vontade*, de F. da M. de A. Correia, editada pela Garnier. A impressão que se tem é a de que a proposta do artigo é a de

tratar do editor e não da obra publicada em seu estabelecimento. Dos cinco parágrafos que compõem o documento, três destacam a sua importância:

Agradecemos ao ilustrado editor o Sr. B. L. Garnier, a oferta deste importante opúsculo, tradução da hábil penna do distinto professor o Sr. Dr. F. da M. de A. Correia.

É sem dúvida o Sr. Garnier um dos beneméritos da nossa litteratura pátria; pois graças ao seu esclarecido amor aos progressos litterarios do paiz conta a nossa imprensa constantemente novas e interessantes publicações, que sem tal interferência, como tantos outros manuscritos, pereceriam em perpetuo olvidio.

(...).

Reiteramos ao Illmo. Sr. B. L. Garnier as expressões do nosso reconhecimento, e offerecemos-lhe sinceras congratulações por mais este passo de adiantamento das nossas letras (*Sexo Feminino*, 29 de julho de 1875, sem identificação de autor).

É interessante notar que elogios como esse, ou mesmo a divulgação de obras ou periódicos de seus concorrentes, não são encontrados nas publicações da editora Garnier. A *Marmota*, por exemplo, divulga a *Revista Popular* e o *Sexo Feminino*, o *Jornal das Famílias*<sup>4</sup>, mas não há reciprocidade e nenhum desses periódicos é citado nos empreendimentos de Garnier. Em seus periódicos consta apenas a divulgação de obras editadas por sua editora, o que nos leva a pensar em duas possibilidades: ou o editor Garnier pagava para ter seus empreendimentos divulgados em outros periódicos ou essas divulgações resultavam de seu prestígio junto aos intelectuais de sua época.

Sobre divulgação, Baptista Louis Garnier e seus irmãos, donos de editora em Paris, utilizam todos os espaços possíveis para divulgar as obras impressas

---

<sup>4</sup> Dentre as diversas propagandas das publicações da livraria Garnier, citamos a do *Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz: “O incansável Sr. Garnier, da rua do Ouvidor, n. 65, mimoseou a redação do *Sexo Feminino* com o número daquela publicação especialmente dedicada às senhoras de bom gosto. Muito agradecemos a oferta, que sobremodo apreciamos” (*Sexo Feminino*, 19 de setembro de 1875).

por eles. Em 1862, a livraria de B.L. Garnier publica *Peregrinação pela provincia de São Paulo*, de Augusto Emilio Zaluar. Na indicação da editora consta também Garnier Irmãos:

Rio de Janeiro

Livraria de B. L. Garnier, 69, rua do Ouvidor, 69.

Paris – Garnier Irmãos, 6, Rua dos Santos Padres

A obra é impressa em Paris, pela Typographia de Ad. Lainé & J. Havard; no final, há 40 páginas dedicadas ao “Catalogue de La Librairie de B. L. Garnier, cujos pedidos deveriam ser feitos na livraria do Rio de Janeiro, 69, Rua do Ouvidor, 69”, com a observação: “Même maison à Paris”. O Catálogo traz obras sobre “Médecine, Chirurgie, Anatomie, Physiologie, Pharmacie, Homéopathie, Magnétisme, Art Vétérinaire, etc”. No final, o seguinte aviso:

Avis

Notre maison de Rio ayant été fondée dans le but d’offrir de nouveaux débouchés à celle de Paris, on comprend qu’il entre essentiellement dans nos vues de vendre au meilleur marché possible, pour obtenir un grand débit.

Nous ferons remarquer que nos reliures, étant confectionnées à Paris par les plus habiles relieurs, sous les yeux et sous la surveillance de nos frères, offrent les meilleures garanties pour la solidité comme pour l’élégance et le bon goût.

Nous sommes donc en mesure d’offrir de véritables avantages à tous les acheteurs; mais, pour en profiter, il est nécessaire de s’adresser *directement* à nous<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Tradução: Aviso

Nossa casa do Rio, fundada com a intenção de oferecer novas possibilidades de venda a nossa casa de Paris, entende ser necessário a venda o mais barata possível, a fim de obter um grande escoamento.

Observamos que nossas encadernações, sendo realizadas em Paris por encadernadores muito hábeis, na presença e com a fiscalização de nossos irmãos, oferecem as melhores garantias para a solidez como para a elegância e o bom gosto. Nós podemos então oferecer verdadeiras vantagens a todos os compradores; mas para aproveitar delas, é necessário dirigir-se diretamente a nós.

As vantagens oferecidas pelos empresários Garnier parecem tentadoras; aliada ao baixo preço está a promessa de uma boa encadernação, cujo processo, inclusive, é fiscalizado pelos irmãos Garnier. A contar pelas encomendas de setores importantes, como a Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a livraria-editora Garnier, de Paris ou do Rio de Janeiro, acerta nos títulos oferecidos por seus catálogos e na oferta dos baixos preços e da boa materialidade do produto. E assim B. L. Garnier faz fortuna, atendendo encomendas de órgãos importantes e apostando num país onde o material impresso circulasse livremente nas mãos de crianças, mulheres e homens.

A B.L. Garnier, todavia, não é conhecida, na época, apenas pelo trabalho que realiza no Brasil. O projeto de imprimir os livros e o *Jornal das Famílias* em Paris, por exemplo, rende-lhe duras críticas. Um grupo de trabalhadores gráficos faz o seguinte manifesto contra o “senhor de Garnier”:

Desta boa capital envia as obras ao seu grande Paris; lá ela é composta, revista, encadernada, etc. e volta ao Rio de Janeiro; aqui é vendida pelo preço que lhe convém dar a cada exemplar e desta forma a mão-de-obra é sempre estrangeira ao passo que as nossas oficinas tipográficas definham e os tipógrafos brasileiros vêm-se a braços com todas as necessidades e muitos compositores por aí andam sem achar trabalho (*Apud. HALLEWELL, 1985, p. 131*).

Apesar das acusações feitas pelos tipógrafos brasileiros, a partir de 1862, Garnier envia todas as suas publicações para serem executadas na França. Hallewell, na tentativa de compreender as razões que motivaram tal decisão, elenca quatro possíveis motivos. O primeiro deles é que a sua firma tem origem em Paris; o segundo refere-se à tentativa de conquistar um maior público leitor, que prefere os produtos franceses. A terceira razão é de ordem tecnológica, ou seja, após a introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul, reduz-se de 75 para 22 dias a viagem para a Europa. O quarto

motivo é econômico, já que a impressão francesa é mais barata e de melhor qualidade do que a carioca.

A questão da qualidade, inclusive, é mencionada por Alberico de M. Werden, em artigo publicado no *Jornal do Comércio* e, posteriormente, na *Revista Popular*. “(...) as gravuras, o papel e a impressão têm melhorado muito; porém contamos brevemente com melhoramentos de outra ordem, que satisfaçam cada vez mais as exigências intelectuais do público” (*R. P.*, 1860, t. 5, p. 5-6). O “melhoramento de outra ordem”, provavelmente, refere-se à impressão parisiense, que passa a ser adotada para quase todas as publicações da editora Garnier, decisão aprovada por muitos, como ressalta Machado de Assis na resenha que faz da obra *Meandro poético*, do cônego Fernandes Pinheiro: “A impressão, feita em Paris, é o que são as últimas impressões da casa de Garnier: excelente. Numa terra em que não há editores é preciso animar os que se propõem, como o Sr. Garnier, a facilitar a publicação de obras” (Assis, 1944, p. 148-9).

Apesar de grande parte de suas edições serem impressas em Paris, Garnier contribui para o aperfeiçoamento da tipografia brasileira, já que dá, depois de avaliar a seriedade da oficina, pequenos trabalhos às empresas nacionais que o procuram. A rapidez e a perfeição são as condições principais. O texto também cita os melhoramentos que o editor traz para a impressão: desde a qualidade do papel que manda vir para suas edições até os formatos “que moldava pelos mais elegantes e portáteis” (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

O mesmo artigo afirma que o editor Garnier também tenta investir no Brasil, tanto que abre, em sociedade com Charles Berry, uma oficina de tradução. Garnier contrata vários tradutores: Salvador de Mendonça, Fernandes

Reis, Jachinto Cardoso, Abranches Gallo e outros, para os quais paga 400 réis por milheiro de letras, o que regula por 250 a 280\$ por volume de Verne<sup>6</sup>:

Charles Berry, porém, que era tão activo no trabalho de dia quão pertinaz no jogo à noite, não tardando a embarçar-se em seus negócios, teve um dia de ausentar-se, deixando a casa entregue aos credores, sendo Garnier o principal.

Este revez tanto bastou para que o editor das duas *Bibliotecas* abandonasse a publicação das traduções, com que muito perderão os traductores, alguns dos quaes vivião exclusivamente desse trabalho. Era este um dos lados fracos de Garnier: desanimar-se nos seus melhores empreendimentos desde que o resultado não lhe fosse largamente compensador, ou sobreviesse qualquer contrariedade como aquella, aliás fácil de remover (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

Quer seja pela qualidade do papel ou pelo formato elegante, o fato é que as obras de Garnier, bem como seus periódicos, são noticiados em vários jornais da época como produtos de bom gosto, resultado do empenho do editor, que administra a B. L. Garnier com tino comercial e com uma rotina seguida durante os quase 50 anos que o editor vive no Brasil, como registram os artigos publicados n'*O Paiz* e na *Gazeta de Notícias*. Machado de Assis também observa, em uma crônica publicada no *Jornal do Commercio*, a disciplina do amigo:

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar ali naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Sta Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: "Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?". Na véspera

---

<sup>6</sup> Em 1873, a aposentadoria (anual) de professor de primeiras letras (Capital) era de 188\$590 ([http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/numeros.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/numeros.htm)).

de sua morte, se estou bem informado, achando-se a pé, ainda planejou descer na manhã seguinte para dar uma vista de olhos na livraria (ASSIS, outubro de 1893).

Eliana Dutra lembra que o sucesso de Baptiste Louis Garnier é favorecido por alguns progressos significativos para o desenvolvimento das letras brasileiras e, conseqüentemente, para a formação de um público leitor. “Fortalecimento de condições sociais, culturais e técnicas” são alguns dos elementos citados pela pesquisadora (DUTRA, 1999, p. 478). Independentemente das condições favoráveis de trabalho, Garnier julga-se merecedor de uma recompensa por suas atividades junto aos intelectuais brasileiros. Prova disso é que, após 20 anos de estada no Rio de Janeiro, pede ao Gabinete do Ministério do Império uma condecoração como reconhecimento da importância do seu trabalho de livreiro editor para as letras brasileiras. Seja por questões burocráticas ou porque nem todos os setores reconheciam o prestígio de sua editora, dois anos depois da realização do pedido, a condecoração não tinha sido concedida. Um amigo do editor envia uma carta ao Marquês de Olinda, reforçando o merecimento do empresário:

Baptista Luis Garnier, livreiro editor, requereu, ha dous annos uma condecoração: o requerimento acha-se desde então no Gabinete do Ministerio do Imperio.

O petionario está, ha mais de vinte annos, estabelecido na Capital do Imperio; tem sido Editor da maior parte das obras scientificas, litterarias, e elementares da instrucção publica, que existem no pais.

Grande é o numero de auctores nacionaes, cujas obras não teriam visto a luz, a não ser o auxilio que o dicto Editor lhes tem prestado, comprando-lhes as edições, e fornecendo-lhes as capitaes para a respectiva impressão.

Alem de muitos auctores de diversas obras, e compendios para a instrucção publica, que tem encontrado no petionario auxilio efficaz para a realisação de suas publicações, figuram entre outros altos funcionários do Estado.

Um serviço real prestou o peticionario fazendo reimprimir as *Classicas da lingua portuguesa*, alguns dos quaes já eram rarissimos no mercado.

A *Historia da fundação do Imperio brasileiro* pelo conselheiro João Manoel Pereira da Silva, as obras do Sr<sup>o</sup> Visconde do Uruguay, e muitissimas outras, que seria longo citar, são editadas pelo peticionario.

Outros livreiros editores tem já alcançado honra igual á que lhe aspira; e por isso pede-se a Sria o Ilm. Sr<sup>o</sup> Marques d'Olinda se digne de attender á sua supplica<sup>7</sup>.

A carta surte efeito e B. L. Garnier recebe o título que almeja. A interferência do amigo faz-nos lembrar da troca de prestígio entre escritores e editores; em outras palavras, o editor dá prestígio aos autores e recebe deles prestígio (Cf. BOURDIEU, 2001, p. 161-162). Ele circula entre personalidades importantes, como o cômego Fernandes Pinheiro, cuja influência deve ter contribuído para que o empresário tenha tido o privilégio de ser o “livreiro em testemunho” do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme documento localizado no referido Instituto:

“Proposta:

Propomos que o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro confira ao Senhor Baptista Luis Garnier o título de seu livreiro em testemunho d' apreço pelos relevantes serviços que lhe tem prestado; já editorando cuidadosamente a Revista do mesmo Instituto, já incumbindo-se d'encaminha-la para as diversas academias e sociedades estrangeiras, já finalmente presenteando-o com varias obras de propriedade sua<sup>8</sup>.

O fragmento selecionado não economiza elogios ao editor e ressalta a dinâmica de sua empresa que, além da edição, preocupa-se com a divulgação da obra. Outra prática destacada na citação acima é a de presentear o Instituto com publicações de sua editora. Todos esses elementos definem ainda mais o

---

<sup>7</sup> IHGB, Coleção Marquês de Olinda: lata 214, doc. 61, sem identificação de autor.

<sup>8</sup> 26 de julho de 1866 - Localização: Coleção: Instituto Histórico

caráter empresarial de Garnier que, na resposta que envia ao Instituto, adota um discurso modesto:

Resposta:

“Rmo Snr.

Accuso a recepção do officio que V.S<sup>a</sup> endereçou me em data de 28 de julho do corrente anno communicando-me que o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, de que VS<sup>a</sup> é meu Digno 1<sup>o</sup> secretario, se dignarão conceder-me o honroso titulo de seu livreiro; em resposta venho significar a VS<sup>a</sup> para que sirva de levar ao conhecimento dessa respeitavel associação, que semelhante espontaneo testemunho do seu apreço e benevolencia pelas mesquinhas servicias que tenho tido a felicidade de poder prestar-lhe exceder as minhas aspirações e constituem-me em perenne debito para com o mesmo Instituto.

Deus guarde a V. S<sup>a</sup>. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1866<sup>9</sup>.

Além de ser o Livreiro oficial do Instituto, sua livraria recebe encomendas de importantes instituições. Em 1892, por exemplo, a Biblioteca Nacional envia à editora uma grande lista de livros estrangeiros<sup>10</sup>. Entre as obras estão *Madame Bovary* e *Os três mosqueteiros*. O primeiro, que anos antes havia sido duramente criticado nas páginas da *Revista Popular*<sup>11</sup>, é vendido por um valor mais elevado que o segundo: 3\$500 e 2\$400, respectivamente.

Apesar dos benefícios que proporciona às letras brasileiras, o editor, como mencionamos, cultivava desafetos que, após sua morte, tentam desmerecer

---

<sup>9</sup> Fonte: seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, localização, 66,4,00/nº 006.

<sup>10</sup> Fonte: seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, localização, 66,4,00/nº 006.

<sup>11</sup> “(...) Entretanto, existe nos romances modernos um cancro, que interiormente vai solapando, e quiçá por demais ramificado se acha na literatura moderna; falamos, não da imoralidade torpe e asquerosa, que a polícia proibiria e que só seria aplaudida pelos espíritos totalmente pervertidos, é de outro gênero a imoralidade a que nos referimos: é a que sob as formas caprichosas da poesia se ostenta em algumas produções modernas. Balzac foi o primeiro a iniciar-se nesse gênero de literatura, após ele uma plêiade de imitadores surgiu de todos os cantos, sobressaindo entre todos Gustavo Flaubert, com um dos romances que tem obtido a maior nomeada em Paris, falamos de *Madame Bovary*” (Fragmento da crítica de Nuno Álvares e Sousa ao apresentar a obra brasileira *A filha da vizinha*, de Antonio José Fernandes dos Reis. Ver. R.P. Tomo 8, 1 de outubro de 1860, p. 84 – 89).

o seu trabalho. Arthur Azevedo, Diretor d'*O Album*, não mostra pesar pela morte de Garnier e, dentre outras acusações, censura o ecletismo de sua empresa:

Morreu B. L. Garnier, o velho editor do Instituto Histórico, o famoso livreiro da rua do Ouvidor, um judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça, e era uma das physionomias mais curiosas e mais características do nosso meio. Estabeleceram-se n'esta cidade há uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que jamais desse uma esmola. O seu nome nunca figurou n'uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comsigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gozou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis...

Editava tudo, a torto e a direito, e n'esse ecletismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuiu para enriquecel-o... sem o saber.

Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços à nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catálogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas lettras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam na casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: "cresça e apareça". Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor (*O Album*, 7 de outubro de 1893).

Arthur de Azevedo elenca como base para sua crítica pontos que outros contemporâneos a ele destacam como qualidade. O "editava tudo, a torto e a direita" refere-se ao ecletismo de sua empresa, que publica poesia, ficção, história, geografia, ciências jurídicas, medicina, livros didáticos, dentre outros temas. Essa diversidade de matéria, vista como um defeito pelo articulista d'*O Album*, representa, na verdade, uma das contribuições do editor para as letras pátrias, ou seja, seu empreendimento contempla a divulgação de diferentes áreas de conhecimento e patrocina, inclusive, pesquisa sobre o resgate da literatura brasileira. Acerca do fato de ter feito fortuna com as traduções de Julio

Verne, duas considerações merecem ser feitas. Primeiro que, na época, não havia uma lei que obrigasse o pagamento de traduções; segundo que, embora não pagasse aos autores traduzidos, oferecia aos tradutores uma considerável remuneração pelo trabalho desempenhado<sup>12</sup>.

A acusação de que não tira nenhum nome da sombra é compartilhada por Coelho Neto e por Adolfo Caminha, que também registram seu desafeto ao editor. O primeiro afirma que a riqueza de Garnier está ligada à exploração de autores brasileiros, como faz com José de Alencar (NETO, 1898, p. 264); o segundo partilha da mesma opinião, e se recusa a chorar a sua morte:

Quase todos os escritores brasileiros, desde Alencar, pagaram seu tributo: os serviços que o velho Garnier prestou às letras foram largamente, abundantemente recompensados. Que o digam Machado de Assis e Aluísio Azevedo (*Apud LAJOLO & ZILBERMAN*, 1999, p. 80).

No entanto, não é possível afirmar que Alencar tivesse alguma reclamação sobre Garnier. Na edição do segundo volume de *Sonhos D' ouro* (1872), escreve:

Ilm. Sr. Garnier

Se ainda não tirou a lume a segunda parte dos *Sonhos d' ouro*, peço-lhe o favor de mandar imprimir o incluso post-scriptum que leva a última notícia de nossos personagens.

Amigo et atento venerador

José de Alencar (ALENCAR, 1872, p. 2).

A forma com que Alencar conclui o bilhete demonstra, ao contrário, muito respeito pelo editor. Independentemente da veracidade do “amigo et atento venerador”, o certo é que José de Alencar, Machado de Assis, além de outros

---

<sup>12</sup> Aprofundamos essa questão no decorrer desse capítulo.

nomes, não podem negar a importância da empresa Garnier para a divulgação de suas obras.

Em maio de 1870, José Martiniano de Alencar assina um contrato em que se obriga a negociar com o Sr. B.L. Garnier a “propriedade dos romances ineditos de um até dois volumes que publicar de hoje em diante”<sup>13</sup>. A primeira obra inédita, depois da assinatura desse contrato, é *Diva*, e por sua edição, José de Alencar recebe oitocentos mil réis (R\$ 800\$000)<sup>14</sup>. O contrato tem seis cláusulas, sendo que uma delas retoma o fato de Garnier ter os direitos perpétuos sobre a obra publicada. A sexta cláusula atenta para a possibilidade do rompimento, com a condição de que a parte insatisfeita comunique o cancelamento do contrato com três meses de antecedência: “quando qualquer das duas partes queira liberar-se das obrigações deste contracto prevenira a outra com antecipação de tres mezes. Mas nem o author poderá retirar nem o editor regeitar o manuscripto que já estiver entregue e a respeito do qual o comprira o estipulado” (Rio de Janeiro, 23 de maio de 1870)<sup>15</sup>.

José de Alencar, em maio de 1872, assina um recibo no qual consta o pagamento de dois mil contos de réis (2.000\$000) pela publicação da obra *Til*<sup>16</sup>. No final do mesmo ano, *Sonhos d’ouro* rende-lhe um conto e seiscentos mil réis (1.600\$000)<sup>17</sup>. Em maio de 1873, recebe oitocentos mil réis (800\$000) pelo *Garatuja*<sup>18</sup>. O mesmo valor é recebido, em dezembro de 1873, pelo segundo volume da obra *Alfarrábios*<sup>19</sup>. Um recibo de 1876 demonstra que os negócios travados entre eles ultrapassam os limites dos “contos de réis”, indicando o

---

<sup>13</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 25/05/1870.

<sup>14</sup> Para que os números citados fiquem menos abstratos, citamos os valores de alguns bens e salários que poderiam ser adquiridos na segunda metade do século XIX: em 1876, a renda anual de médico e de advogado era de 2:000\$000; em 1877, o valor de um preto cozinheiro era de 1:200\$000; e, em 1878, o aluguel anual de uma loja custava 1:000\$000.

<sup>15</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 25/05/1870.

<sup>16</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 10/11/1872.

<sup>17</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 04/12/1872.

<sup>18</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 17/05/1873.

<sup>19</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 27/12/1873.

sucesso do escritor. O recibo pelo pagamento da obra *O sertanejo* é seguido da seguinte declaração: “Declaro que cedi também gratuitamente ao mesmo Baptista Luis Garnier a V edição do drama *O Jesuita*”<sup>20</sup>.

Ubiratan Machado corrobora nossa tentativa de mostrar que Adolfo Caminha poderia ter se equivocado em sua afirmativa. Ao tratar do editor Baptiste Louis Garnier em *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, o autor, pautado num artigo publicado por Machado de Assis na *Imprensa Acadêmica*, em 15 de maio de 1864, enumera suas qualidades e os amigos com os quais costuma jantar:

Conhecido por suas excentricidades, o livreiro Baptiste Louis Garnier era um homem cordial, bondoso, sincero. Nos dias de partida de navios para a Europa, porém, entrava em depressão. Trancava-se em seu escritório, com um gorro de veludo azul na cabeça, evitando falar com quem quer que fosse. No dia seguinte, voltava às boas, conversando ou saindo para jantar com seus amigos preferidos: Joaquim Norberto, o cônego Fernandes Pinheiro, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, o astrônomo Emanuel Liais e o cônsul francês Teodoro Maria Taunay, tio do visconde (MACHADO, 2001, p. 59).

Adolfo Caminha, por sua vez, desconsidera os elogios que Machado de Assis faz ao editor e o cita apenas como um dos autores que rende fortuna a Garnier. Todavia, o autor, que, no período, já é considerado o maior escritor brasileiro, poderia ter-se dado ao luxo de buscar outros meios de publicar suas obras. O primeiro contrato<sup>21</sup> entre Machado de Assis e a Editora Garnier que analisamos data de 1865. Na ocasião, o autor vende ao editor a “propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das suas obras: *Contos Fluminenses* e *Phalenas*”. Ambas as obras têm uma primeira edição de mil exemplares e ao autor são destinados duzentos réis (\$200) por

---

<sup>20</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 09/03/1876.

<sup>21</sup> A maior parte dos contratos analisados nessa tese foi cedida pelo senhor Pedro Paulo Moreira, editor proprietário da Villa Rica editoras reunidas.

cada exemplar impresso<sup>22</sup>, que seria vendido pela editora no valor de 1\$500<sup>23</sup>. Em 1896, Machado de Assis recebe de H. Garnier 250\$000 mil réis por 1.100 exemplares de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quase o mesmo valor recebido de B. L. Garnier no contrato de 1865. A citação abaixo, apesar de um pouco extensa, permite observar as vantagens obtidas por quem conseguia publicar com o selo da B. L. Garnier:

Garnier foi ainda o primeiro editor brasileiro a pagar direitos autorais. Seus tradutores recebiam cerca de 10% do preço de capa, o que explica o excelente nível das traduções e o importante elenco de escritores que se dedicavam a esta tarefa.

Os autores também eram muito bem remunerados, quando se consideram os padrões da época, mesmo no plano internacional. Os contratos firmados com José de Alencar, a partir de agosto de 1863, garantiam ao escritor cearense cerca de 10% do preço de capa, pagos antecipadamente, uma prática insólita para a época. A princípio, ajustaram a 2ª e a 3ª edições de *O Guarani*, pelas quais o editor pagou 750\$000. Um mês depois, assinaram contrato para reeditar várias obras esgotadas de Alencar (...)

A remuneração cresce à medida que aumenta o prestígio de Alencar e o sucesso de venda de seus livros. Uma nova edição de *Diva*, cujo contrato foi firmado em maio de 1870, ficou em 800\$000. (...) (MACHADO, 2001, p. 81-82).

Em geral, os autores não vivem apenas da remuneração de sua produção literária, que, algumas vezes, é menor do que o salário recebido por uma outra ocupação, como a de professor, por exemplo. Num recibo encontrado na sessão de manuscritos da Biblioteca Nacional, consta que Joaquim Manuel de Macedo recebe quatrocentos mil réis (400\$000) pela primeira edição de *Lições de chorographia brasileira*<sup>24</sup>, obra de grande circulação nas instituições escolares. O valor é menor do que o seu salário, em

---

<sup>22</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 11/05/1865.

<sup>23</sup> [http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/numeros.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/numeros.htm).

<sup>24</sup> (localização: Biblioteca Nacional, I – 7, 9, 20).

1870, como professor do Colégio Pedro II: 1.600\$000<sup>25</sup>. Colocado de outra forma, Macedo precisaria receber quase o triplo do ofertado pela edição de *Lições de chorographia brasileira* para pagar a sua dívida na livraria de seu editor. De novembro de 1874 a junho de 1875, Macedo deve 1.168\$600 pela compra de 15 obras, que variam entre livros e revistas estrangeiras, e por quatro empréstimos de dinheiro. Mais do que o valor pago por sua compra, a lista permite observar o ecletismo do romancista, que adquiria romances de Balzac e de Victor Hugo, livros sobre a vida de santos e revista de moda<sup>26</sup>.

Sobre os autores de menor repercussão, alguns contratos analisados demonstram que Athur Azevedo e Coelho Netto não estão totalmente certos ao afirmar que o editor só abriu espaço para os grandes nomes da Literatura Brasileira. Autores como Joaquim Norberto, o cônego Fernandes Pinheiro, Machado de Assis e outros, gozam, na época, de satisfatórias remunerações por seus trabalhos. Em contrapartida, autores brasileiros sem grande notoriedade também têm espaço em sua editora. Nomes como Bruno Seabra e Lucio de Mendonça apenas tiveram que se submeter a valores menores ou a dividir com a casa Garnier as despesas da publicação da obra. Em 1875, por exemplo, Lucio de Mendonça assina um recibo<sup>27</sup> em que se compromete a vender 100 exemplares em São Paulo e enviar, dessa venda, 200\$000 mil réis ao editor até a data de 15/05/1875, sendo que o valor recebido pela venda dos demais exemplares (no recibo não consta o número total de exemplares publicados) seria destinado ao autor.

Luiz Caetano Guimarães Junior entra no rol dos menos remunerados; entretanto, com o valor que recebe, em 1871, pelo romance *Curvas e Zigsags*, 100\$000 (cem mil réis)<sup>28</sup>, poderia pagar três meses de aluguel de uma casa no

---

<sup>25</sup> LAJOLO, 2001, p. 98.

<sup>26</sup> O documento, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, não está legível, por isso, optamos por tecer um breve resumo de seu conteúdo.

<sup>27</sup> O recibo, cedido pelo senhor Pedro Paulo Moreira, data de 12/02/1875.

<sup>28</sup> O contrato, cedido pelo senhor Pedro Paulo Moreira, data de 24/08/1871.

Catete<sup>29</sup>. Anos antes, em 1864, um contrato<sup>30</sup> firmado com Bernardo Guimarães indica que, para publicar o livro *Poesias*, ele precisaria “angariar para B.L. Garnier duzentas assignaturas de pessoas residentes nesta côrte”; a editora, por sua vez, oferecia, como pagamento, o valor de 500\$000 (quinhentos mil réis) e 300 exemplares encadernados da obra. Em 1872, uma de suas principais publicações, *O Seminarista*, é vendida ao editor junto com o romance *O pão de ouro* (publicado em forma de folhetim no *Jornal das Famílias*) por 600\$000 (seiscentos mil réis)<sup>31</sup>. Desse dinheiro, muito pouco lhe restaria, já que, por meio de uma carta enviada de Ouro Preto, pede que Garnier pague 580\$000 mil réis a um credor<sup>32</sup>. Apesar dos contratemplos, Bernardo Guimarães chega a receber seis vezes mais do que é pago a Luiz Caetano Guimarães Junior, provavelmente porque já desfrutava de um bom reconhecimento como escritor<sup>33</sup>.

A maior parte dos contratos não oferece a informação sobre a tiragem das obras publicadas; mesmo assim, é possível perceber que, apesar da diferença de remuneração entre um escritor e outro, em geral, o valor pago dava para adquirir alguns bens de consumo e pagar aluguéis em localidades privilegiadas do Rio de Janeiro. Além disso, como cita o texto publicado no *Jornal do Commercio*, é o editor Garnier quem oferece os melhores contratos na época: “(...) pôde-se dizer que a elle se devem não poucas produções, pois é fóra de toda a duvida que a certeza de encontrar um editor é grande incentivo para o escritor” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1893).

Ser publicado por uma boa editora é, para Bourdieu, sinônimo de prestígio e, conseqüentemente, de melhor saída de mercado (BOURDIEU,

---

<sup>29</sup> O aluguel de casa no Catete custava, na época, 30\$000.

<sup>30</sup> O contrato, cedido pelo senhor Pedro Paulo Moreira, data de 21/10/1864.

<sup>31</sup> O contrato, cedido pelo senhor Pedro Paulo Moreira, data de 27/06/1872.

<sup>32</sup> A carta, cedida pelo senhor Pedro Paulo Moreira, data de 8 de julho de 1972.

<sup>33</sup> Antonio Candido afirma que, a partir de 1860, Bernardo Guimarães dedica-se quase que exclusivamente à produção de ficção, que, no período, circulou em periódicos e em várias edições em livros (CANDIDO, 1969, p. 383-384).

2001, p. 161-162). Ao que parece, publicar com o selo de sua editora rende *status* aos literatos oitocentistas, uma vez que a empresa preocupa-se com a materialidade da obra, enviando-a para ser impressa em Paris, servia de ponto de encontro para os intelectuais da época e garantia, conforme as fontes pesquisadas, o cumprimento dos contratos firmados.

Enfim, a empresa de Garnier é administrada de forma minuciosa. Os acordos são registrados por meio de contratos e de recibos. Em um papel de rascunho, por exemplo, B. L. Garnier verifica, entre as obras que lhe são vendidas por outro grande romancista da época, Joaquim Manuel de Macedo, as que ele já havia publicado e as que ainda não haviam sido lançadas<sup>34</sup>:

Contrato celebrado em 21 de setembro de 1870  
O Srº Joaquim Manuel de Macedo me vendeu a propriedade das  
seguintes obras:

<i>Moreninha</i> , romance	
<i>Moço Louro</i>	
<i>Dois Amores</i>	
<i>Rosa</i>	
<i>Vicentina</i>	Ainda não me utilizei
<i>Romances da Semana</i>	
<i>Culto do dever</i>	Ainda não me utilizei
<i>Rio do quarto</i>	
<i>Nina</i>	Ainda não me utilizei
<i>Victimas Algozes</i>	Ainda não me utilizei
<i>As mulheres de mantilha</i>	Ainda não me utilizei
<i>Carteira de meu tio</i>	
<i>Memorias do sobrinho de meu tio</i>	Ainda não me utilizei
<i>Passeio pela cidade do Rio</i>	Ainda não me utilizei
<i>Nebuloza</i>	Ainda não me utilizei
<i>Historia do Brazil para Collegio Pedro 2º</i>	Ainda não me utilizei
<i>Historia do Brazil para escolas primarias</i>	
<i>Luneta Magica</i>	Ainda não me utilizei
<i>Theatro tres publicados em 1863</i>	Ainda não me utilizei
<i>Mazelas da actualidade</i>	Não me deu o original
<i>Remissão de peccadas</i>	Ainda não me utilizei
<i>Uma pupilla rica</i>	Ainda não me utilizei

---

<sup>34</sup> Documento cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira

<i>Cencinato quebra braço</i>		
<i>Moreninha</i> , opera		Não me deu o original
<i>Alencar de perdição</i>		Não me deu o original
<i>Forasteiro</i>		
<i>A seductora</i> , romance	nullo pelo contracto de 13 de junho de 1871	
Um volume de poesias		Não me deu o original
<i>Desillusões</i> , romance		Não me deu o original

A lista conta com 30 títulos, todos com observações que provavelmente serviam de lembrete para futuros ajustes entre autor e editor. Das 30 obras, Garnier só tinha utilizado 10, sendo que o original de algumas ainda não tinha chegado às suas mãos. Outro fato que chama a atenção é o de que esse documento é um rascunho do contrato, ou melhor, uma análise minuciosa do acordo firmado em 21 de setembro de 1871.

O aguçado tino comercial do editor pode ser percebido em outras transações. Hallewell observa que, em 1891, dois anos antes de sua morte, Garnier coloca sua livraria à venda e chega a receber uma oferta equivalente a 2.500.000\$, mas suspende a venda por considerar insignificantes os preços oferecidos. Prefere, então, deixar a editora para o seu irmão (1985, p. 149). O artigo do *Jornal do Commercio*, de onde o pesquisador provavelmente tirou essa informação, ressalta ainda que o acordo não é realizado porque os compradores desejam pagar com ações de uma companhia que iriam realizar. Então, o editor suspende o negócio por não querer confiar seu patrimônio a uma empresa que sequer existia:

Há alguns annos que Garnier sentia-se cansado e a enfermidade que acabou por victima-lo, motivarão a resolução que teve mais de uma vez de vender a casa: chegando em 1891 a entrar em ajuste e quase fechar, como se diz em *gyria commercial*, pelo negocio pedia elle 2.500.000\$ pela livraria, edições, (?), depósitos e prédios occupados pelos livros e papel em branco, recebendo mil e quinhentos contos em dinheiro e mil em títulos; forão estes os objectos da duvida, os compradores offerecião-lhe esses títulos em acções da Companhia que iaô organizar para aquisição da

empresa, o vendedor só aceitava (?)<sup>35</sup> como títulos preferenciais, de 1003 cada um, ao typo de 80, e que tanto valia: 1200:000\$ como a transação deixou por isso de effectuar-se (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

O fato é que sua astúcia empresarial e sua dedicação ao trabalho rendem-lhe uma ótima situação financeira. Como enfoca Luís Edmundo, Garnier deixa sete mil contos, o que, para a época, consiste em uma grande fortuna, quase metade do valor oferecido pela loteria do estado da Bahia.



Fonte: *Gazeta de Notícia*, 8 de julho de 1893

Com esse valor seria possível adquirir um grande número de casas no Catete e viver do aluguel delas, que variava em torno de 30\$000 (trinta réis). Em testamento, “deixa seus bens para o irmão, rico livreiro em Paris, e à esposa apenas 80 contos de réis” (*Apud*. LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 80). No século XIX, o valor deixado a esposa representa oito vezes mais do que a renda anual de um fazendeiro (10:000\$:)<sup>36</sup>. Constata-se, então, que a esposa de Garnier, se aplicasse bem a sua herança, não ficaria em uma má situação.

<sup>35</sup> *Idem*.

<sup>36</sup> Conferir: [http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/index.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm)

Ao descrever o féretro do editor, Hallewell afirma que o cortejo é acompanhado por Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro, pelo jornalista Alexandre J. de Melo Moraes Filho, por Machado de Assis, por sua viúva e por seus empregados, os dois últimos, nas palavras de Hallewell, “dificilmente poderiam evitar essa obrigação” (HALLEWELL, 1985, p. 135). Infelizmente, o autor não faz referência à fonte dessa informação, mas ela poderia ser confrontada com artigos citados no início desse capítulo e com a forma carinhosa com que Ernesto Senna descreve B. L. Garnier:

Amavel sempre para com todos e principalmente para com os seus empregados, era incapaz de ter uma palavra aspera ou uma explosão de raiva. Quando tinha de despedir qualquer empregado, fazia-o por intermedio do Caixa da casa, recommendando que cumprisse a sua ordem delicadamente para que o empregado não ficasse zangado ou offendido.

(...)

Morava Garnier em Santa Thereza e dirigia-se para a residencia das 7 para as 8 horas da noite.

(...)

Aos domingos e dias feriados jogava o bilhar com alguns amigos na sua residencia, mostrando-se contrariado quando perdia, e, quando ganhava, possuido de grande contentamento, offerencia então capitosos vinhos aos parceiros (SENNNA, s/d, p. 28-29).

Parece estranho acreditar que o homem descrito por Senna tenha tido um número tão insignificante de pessoas em seu sepultamento. Trata-se de um empresário que se consagra como editor das belas letras, tornando-se o proprietário de uma casa de livros que, por quase 50 anos, publica diversos nomes, e cuja empresa configura, na data de sua morte, como a principal editora brasileira, servindo, inclusive, de ponto de encontro para os intelectuais da época.

Após sua morte, seu irmão-herdeiro Hippolyte Garnier decide reconstruir a livraria para competir com a editora Laemmert. No lugar da casa simples,

utilizada por seu irmão, ele ergue um prédio de três andares. No *Almanaque Brasileiro Garnier*, de 1905, encontra-se uma foto da casa, na verdade, um prédio, “modernamente” n. 71, reformado pelo herdeiro. O nome da Livraria, como se observa na janela do novo prédio, colocada em destaque, passa a ser H. Garnier:



Fonte: *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1905.

Porém, a troca de proprietário faz com que a editora, aos poucos, perca seu status. Hippolyte já está com 85 anos e, como seu gerente, Lansac, mal conhece o Brasil, o trabalho reduz-se a reeditar livros já renomados e personalidades influentes, o que lhe rende a seguinte crítica de Lima Barreto: “o seu critério editorial era o pistolão, editando diplomatas” (BARRETO, 1956, p. 281). Mas os “diplomatas”, como menciona Lima Barreto, submeteram-se a assinar contratos ainda mais minuciosos, que lhes adicionava deveres antes

desconsiderados pela B.L.Garnier. Em 09/03/1895, Machado de Assis vende a H. Garnier a propriedade da obra *Relíquias da casa velha*, e recebe por ela, como já mencionamos, uma quantia próxima à que recebia de B. L. Garnier em 1865. Mas no contrato são colocadas duas novas cláusulas, as quais obrigam o autor a:

4ª O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis renuncia a todo e qualquer direito que como autor lhe concedem as leis brasileiras.

5ª O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis obriga-se a rever as provas d'esta edição, sem ter por isso direito a remuneração alguma<sup>37</sup>

Assim, para ter seu livro impresso na H. Garnier, Machado de Assis aceita abrir mão do que está estabelecido em lei. O autor também se compromete a revisar a edição, livrando a editora de pagar por um profissional que fizesse o trabalho. A tendência adotada por Jansac, representante de Hippolyte Garnier, deve ter sido tomada para que a empresa se esquivasse de protestos anteriormente enfrentados por B.L. Garnier. Conforme pesquisa de Marisa Lajolo, o escritor Castro Lopes escreve a B. L. Garnier informando-lhe que, após consultar um advogado, descobre que não havia nada que o impedisse de publicar a 3ª edição de sua obra, solicitando, assim, que o editor reconsiderasse o contrato (2001, p. 100).

Mesmo considerando que a maior parte dos contratos firmados com os intelectuais brasileiros é mais vantajosa para a editora do que para os escritores, como salienta Eliana Dutra (1999, p. 479), há de se considerar que, independentemente das razões do editor B. L. Garnier, “por frio cálculo comercial mais que por idealismo patriótico” (HALLEWELL, 1985, p. 138), sua atitude contribuiu para a consolidação da literatura brasileira. Em suma, é preciso reconhecer que, durante os 45 anos que atua no Brasil, B. L. Garnier colabora para o fortalecimento das letras brasileiras. Trata-se de um homem

---

<sup>37</sup> O contrato, cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira, data de 09/03/1895.

pragmático. Vem para o Brasil, cria seu mercado empresarial e faz fortuna, como muitos outros estrangeiros. Contudo, não é possível lembrar de sua personalidade apenas como um “judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça” (*O Album*, 7 de outubro de 1893). Ele é, sem sombra de dúvida, um grande empresário e um importante divulgador da literatura nacional: edita e consagra nomes, paga corretamente pelos direitos autorais e traduz nomes consagrados até hoje, como Julio Verne.

Em sua empresa, os intelectuais da época contam com a possibilidade de ver suas produções editadas em livros de capa dura, impressos em tipografias parisienses, ou podem publicar nos dois conceituados periódicos fundados pela editora: a *Revista Popular* (1859-1862) e o *Jornal das Famílias* (1863-1878). Especialmente sobre o segundo, do qual passaremos a tratar, o editor, mais uma vez, mostra-se um comerciante astuto, que recorre ao nome de Machado de Assis, mas não aposta todas as fichas nele.

## 1.2 *Jornal das Famílias*: um empreendimento para as senhoras de bom gosto

Depois de quase cinqüenta anos de sucesso, o nome de Garnier figura como uma das personalidades mais importantes do século XIX. Da Rua do Ouvidor, além de livros, edita dois periódicos que, juntos, somam 19 anos de publicação: *Revista Popular*<sup>38</sup> e *Jornal das Famílias*. Os periódicos podem ser tomados como prova do tino comercial do editor:

Em 1859, B. L. Garnier iniciara uma publicação quinzenal ilustrada, a *Revista Popular*, impressa por Pinheiro & Cia., (...) tal regularidade permitiu que ela fosse produzida em Paris, a partir de

---

<sup>38</sup> Para maiores informações a respeito da *Revista Popular*, ver minha dissertação de Mestrado “*Revista Popular e Jornal das Famílias*: dois empreendimentos de Garnier”, defendida na Unesp-Assis, em junho de 2002.

1862<sup>39</sup> (com a mudança do nome para *Jornal das Famílias*) (HALLEWELL, 1985, p. 129).

Na primeira carta do *Jornal das Famílias*, a redação anuncia que o novo empreendimento é uma continuação do primeiro:

Aos nossos leitores.

O benigno acolhimento com que foi sempre recebida, durante cinco anos completos<sup>40</sup>, a *Revista Popular*, já pelo das de mais (Sic) províncias do império, é credor da cordial gratidão que, com prazer, lhe tributamos.

Ao seu auxílio devemos certamente a coragem com que encaramos todas as dificuldades que apareciam contra o bom desempenho do nosso cargo. Os nossos leitores sabem que, bem ou mal, não comprometemos uma só vez a pontualidade da *Revista*.

Hoje, mais corajosos do que d'antes, convencidos de que aquele auxílio não nos abandonará, e por isso mesmo que desejamos corresponder-lo, de algum modo mais plausível, resolvemos sob o novo título de *Jornal das Famílias*, melhorar a nossa publicação. O *Jornal das Famílias*, pois, é a mesma *Revista Popular* d'ora avante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras (*Jornal das Famílias*. Tomo 1, janeiro de 1863, p.2-3).

Com base nessa carta, Hallewell sugere que Garnier edita apenas um periódico, que, a partir de 1863, muda de nome. Todavia, o que há, a nosso ver, são dois projetos de periódicos, cada um com sua especificidade. O primeiro empreendimento pretende satisfazer a todos os gostos e profissões: do agricultor ao literato; o segundo restringe-se aos cuidados domésticos, com muitos artigos para “ser lidos apenas pelas mulheres”. Além do mais, a própria mudança do nome, levando, conseqüentemente, à mudança de caracterização, já que um é jornal e o outro revista, e a tendência adotada por eles, o primeiro

---

<sup>39</sup> Data equivocada, ler 1863.

<sup>40</sup> Equívoco da redação, na realidade foram 4 anos.

foi mais informativo, político e literário e o outro, mais voltado aos interesses domésticos e femininos: moda e ficção, também podem confirmar que a B. L. Garnier publica dois periódicos no século XIX.

Nas publicações da *Revista Popular*, já é possível deduzir que o astuto francês havia percebido a importância das mulheres leitoras, tanto que a elas são oferecidas seções como Economia Doméstica, Higiene, Poesia e Narrativas. Na primeira carta de apresentação da *Revista Popular*, os redatores, depois de se dirigirem a um público mais amplo, destinam algumas palavras às senhoras:

Agora duas palavras convosco, amáveis leitoras. Não vos escandalizeis, julgando descortez dirigirmo-nos em último lugar à melhor metade do gênero humano inteiro, em que tendes a devida parte, e o que passamos a dizer é só para vós, e muito em particular.

Houve tempo, em que a mulher só cultivava o coração, hoje cultiva também o espírito. Não haverá pois na Revista parte alguma, que por qualquer princípio vos esteja vedada, formosas filhas de Eva; mas haverá uma privativamente vossa, pelo que ficareis melhor aquinhoadas. (Assinai pois ou fazei assinar vossos pais ou maridos, que é o mesmo). Os trabalhos de agulha para as solteiras, a economia doméstica para as casadas, e as modas para todas tudo isto é do vosso exclusivo domínio e nós lhe reservamos um cantinho (*Revista Popular*. t. 1, 1859, p. 3-4).

Nessas palavras da redação estão inseridos o perfil da leitora da Revista e, em parte, a ideologia da sociedade da época. A redação informa que nenhuma parte do periódico estaria vedada às mulheres; entretanto, existiria “um cantinho” especialmente dedicado para elas. Nesse pequeno espaço, a mulher encontraria o que é de seu “exclusivo domínio”: os trabalhos de agulha, a economia doméstica, a moda. Tais seções permanecem no *Jornal das Famílias*, com o acréscimo de outras: como a música e a medicina doméstica.

Independentemente das interpretações que se dê para essa questão, um fato deve ser lembrado: o de que as propostas dos dois periódicos de Garnier não são inovadoras; ao contrário, estão associadas a outras experiências jornalísticas. De acordo com Maria Eunice Moreira, as revistas literárias do período pós-independência “orientam-se por uma entonação nacionalista, contida no bojo do Romantismo emergente”. Um desses empreendimentos é a *Revista Popular*.

Nenhum desses periódicos, porém, tem a importância e a curiosidade da *Revista Popular* (...). Órgão do Romantismo, a *Revista Popular* é considerada (...) o centro dinâmico na renovação das idéias literárias. O interesse da revista pelos assuntos nacionais e o endosso ao programa nacionalista pode ser comprovado pelas publicações de um de seus colaboradores mais assíduo: Joaquim Norberto de Souza e Silva (MOREIRA, 1996, p. 54).

A partir de 1860, Garnier imita o modelo francês dos livros in folio<sup>41</sup> 8º e da publicação de narrativas em forma de folhetim, sendo a *Revista Popular* utilizada como um meio de divulgar as narrativas em folhetins. A editora domina, nesse período, o mercado de ficção nacional e estrangeira (HALLEWELL 1985, p. 141). Em quatro anos, o público pode acompanhar, na revista, a produção de Xavier de Maistre, Víctor Hugo e outros. Depois, o mesmo editor empenha todos os esforços para conquistar o público feminino. Para tanto, oferece-lhes a moda e as narrativas, dando maior espaço aos autores brasileiros. A materialidade das publicações de sua empresa também é aperfeiçoada e, para garantir a qualidade das obras, manda imprimi-las na tipografia de seus irmãos, em Paris. É o que acontece com o *Jornal das*

---

<sup>41</sup> In – fólio – folha de impressão dobrada ao meio, de que resultam cadernos com quatro páginas (no passado, páginas de 22 cm x 32 cm). Quando a folha é dobrada uma vez temos o in folio 4º, quando é dobrada duas vezes, o in folio 8º, que gera 8 folhas.

*Famílias*. As mudanças não ocorrem por acaso, já que provavelmente o editor já havia percebido o que Maria Ligia Prado denomina de “revolução”:

Os depoimentos de José de Alencar e também de Maria Paes de Barros mostram que na primeira metade do século XIX, no Brasil, os leitores possuíam um pequeno repertório de livros, que eram lidos e relidos. O aumento da circulação de títulos no país era uma revolução apenas anunciada, especialmente com a entrada dos *folhetins* (PRADO, 1999, p. 128).

Assim, pensando no aumento do número das leitoras, o empresário Garnier muda o foco de seu empreendimento. Do periódico eclético, destinado “a todos”, passa a investir em um jornal com seções restritas: narrativas, poesias, culinária, higiene e moda, voltadas para um único público específico - as mulheres. Na realidade, a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, muitos outros periódicos são idealizados para um público de leitoras.

Um dos primeiros voltados para as famílias brasileiras data de 1837. O *Gabinete de leitura – serões das Famílias Brasileiras* (1837-1838) objetiva ser um empreendimento democrático, ou seja, pretende atingir “todas as classes, sexos e idades”, pelo menos é o que se pode observar na apresentação do periódico que, ao utilizar a denominação “casa”, parece fazer referência, também, ao Gabinete enquanto Biblioteca:

O que é um gabinete de leitura? É a casa em que cada um vae, por modico estipendio, entregar-se a licção dos livros que mais convem a seus gostos; é um foco de instrucção; -é a livraria do povo, d’esses a quem não abundam meios de pagar por um livro preço excessivo, e que todavia podem dar 2\$000 rs por mez para lerem quanto poderem (*Gabinete de Leitura*, 1º ano, agosto de 1837).

Já em 1837 é possível notar certo padrão na estrutura das seções dos periódicos que se destinam às famílias. No *Gabinete*, as seções oferecidas são

“folhetins, miscellanea, ciencias medicas, receita e chronica”. A partir do periódico *O jardim das Damas* (maio de 1852), publicado em Pernambuco, é possível perceber algumas mudanças nos jornais dedicados ao público feminino, como é o caso do *Jornal das Famílias*. O subtítulo demarca claramente o público leitor: “periódico de instrução e recreio dedicado ao Bello sexo”, sendo que a “instrução e recreio” constituem os pontos norteadores da distribuição dos assuntos, divididos em duas partes: “parte instructiva e parte recreativa”. A primeira parte é composta pelas seguintes seções: “Historia sagrada e profana”; “Sciencias naturaes e positivas”; “Direitos e deveres da mulher”; “Litteratura”, que correspondia a uma espécie de crítica literária e de resenha. A segunda, por “Poesias e dramas”; “Romances e contos”; “Anecdotas e jogos de prenda”; “Receitas uteis e curiosas”; “Moda”.

Apesar da diversidade dos conteúdos oferecidos, o *Jardim das damas*, a exemplo da maioria dos empreendimentos desse teor, circula por poucos meses. Essa procura por leitores de periódicos, ou pelo aumento de assinantes, dá-se num século em que muitos acreditam não haver público para revistas no Brasil. Esse é o argumento utilizado por Machado de Assis para animar o amigo José Veríssimo, não muito contente com os resultados de sua *Revista Amazônica*:

Há alguns dias, escrevendo sobre um livro, e referindo-me à *Revista Brasileira*, tão malograda, disse esta verdade de La Palisse: “-que não há revistas, sem um público de revistas”. Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de leitores necessaria para essa espécie de publicação. *A Revista Trimensal* do Instituto Histórico vive por circunstâncias especiais, ainda assim irregularmente, e ignorada do grande público (TAVASSOS, 1931, p. 9).

Todavia, esse público de periódico não devia ser tão insignificante para os padrões da época; caso contrário, Garnier não teria investido por quase duas

décadas nessa empreitada, tão mal sucedida para outros empreendedores<sup>42</sup>. Machado de Assis, apesar do que escreve a José Veríssimo, também parece acreditar no periódico como uma forma mais eficaz de conquistar um maior número de leitores, tanto que seu nome consta em diversos jornais e revistas do século XIX, inclusive, no *Jornal das Famílias*, divulgado por ele:

Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós.

Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas tão necessários ao reino do bom tom (*Jornal do Commercio*, 1865).

Por esta citação, podemos perceber como Machado de Assis define o conteúdo que deveria ser publicado nos periódicos destinados à leitora, “mil nadas”, mas que são imprescindíveis no “reino do bom tom”. Na mesma crônica, o autor aproveita para mais uma vez elogiar Garnier: “O *Jornal das Famílias* é uma das primeiras publicações desse gênero que temos tido; o círculo de seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier” (ASSIS, 1959, p. 264). Como já mencionamos, o *Jornal das Famílias* não é, ao contrário do que escreve Machado de Assis, “uma das primeiras publicações desse gênero”, mas tem, sem dúvida, grandes diferenciais, que garantem sua circulação por dezesseis anos.

A imagem do universo feminino apresentada por Machado de Assis é contestada por jornais do século XIX editados por mulheres, que procuram

---

<sup>42</sup> Outros exemplos periódicos de curta duração encontra-se no rol de periódicos de 1864, segundo ano do *Jornal das Famílias*, catalogados durante a pesquisa: *Gazeta Medica do Rio de Janeiro* (um número – 01/01/1864); *Revista Typographica* (01/02 – 30/07/1864); *Cosmo Literário* (13/03 – 10/07/1864); *O Potyra* (09/04 - 09/05/1864); *O Cysne* (15/05 – 01/06/1864); *Jornal de Domingo* (um número 22/05/1864); *Tribuna Academica* (01/07 – 20/09/1864); *Galeria Romântica* (31/07 – 21/08/1864); *Brazil literario* (20/11/1864 – 08/01/1865).

combater tais argumentos, como o jornal fundado pela argentina Joana Paula de Noronha, *Jornal das Senhoras*:

Acolhei-vos a ele, todas as que possuis uma faísca de inteligência, vinde, confidente discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anônimo: porém, não temaes confirma-las, nem temaes dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar (*Jornal das Senhoras*, janeiro de 1852).

Nos demais periódicos fundados ou dirigidos por mulheres<sup>43</sup>, não identificamos nenhum avanço em relação aos temas oferecidos pelo jornal que Garnier parece ter dedicado ao sexo feminino. Todos, com raras exceções, ficam na trilogia: moda, narrativa, poesia. Os que escapam dessa tendência, como o jornal *República das moças*, não passam de dois números. Na epígrafe desse periódico, encontra-se uma possível razão de sua curta duração:

Já aos homens falta valor para derribarem essa carunchosa monarchia, sejamos nós as defensoras dos direitos do povo, e tomem elles a direção dos negócios domésticos. Viva a República! Viva o bello sexo! (*República das moças*, 1879).

B. L. Garnier busca atrair o público leitor feminino, mas não entra explicitamente no mérito da “emancipação da mulher”. Ele diverte suas assinantes, sem contrariar os pais, irmãos e maridos, fiscais das leitoras do *Jornal das Famílias*. Talvez por isso seu jornal tenha durado tanto tempo. O fato é que, no Brasil do século XIX, editores e livreiros voltam suas atenções para o

---

<sup>43</sup> Os principais periódicos seriam *Bello Sexo*: periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico (Setembro de 1862), Redatora chefe: D. Julia Albuquerque Sandy Aguiar; *O Domingo*: jornal literário e recreativo (Novembro de 1873 a maio de 1875), Proprietária-redatora: Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco; *O Sexo Feminino*: semanário dedicado aos interesses da mulher (Setembro de 1873 a outubro de 1889), Proprietária-redatora: Francisca Senhorinha da Motta Diniz; *Violeta*: periódico literário crítico e instructivo (Agosto de 1878), Proprietária-redatora: Julieta de M. Monteiro.

público feminino ou, como preferiu Tânia Rebelo Serra, o “da sinhazinha” (SERRA, 1997, p. 23).

O *Jornal das Famílias*, que circula mensalmente no Rio de Janeiro, tem em torno de 32 páginas fartamente ilustradas, sendo que algumas imagens são coloridas. Como é editado em Paris, indica dois endereços para correspondência: rua do Ouvidor, 65, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, e rua de l'Abbaye, 14, em Paris. A assinatura anual custa 10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói e 12\$000 para as províncias<sup>44</sup>; valor igual ao da assinatura cobrada pelo *Sexo Feminino*, em 1874, também destinado às mulheres, e que circula no mesmo período que o do jornal de Garnier.

O *Jornal República das Moças* (1879), por sua vez, cobra mais caro por sua assinatura: na corte 12\$000; na província 16\$000, e é inferior em diversos quesitos: quantidade de páginas, ornamentações e variedade de seções. Talvez a essas razões, somadas à epígrafe utilizada, já destacada nesse capítulo, se deva o fracasso desse jornal. Já a assinatura do *Echo das Damas* (1879-1885 e 1888), de Amelia Carolina da Silva & Comp<sup>a</sup>, custa na corte 6\$000 por ano e, na província, 8\$000 por ano. Embora tenham o mesmo preço, o *Jornal das Famílias* apresenta, pela abundância de figuras, muitas delas coloridas, e pela ornamentação de suas páginas, uma maior preocupação com a sua materialidade:

---

<sup>44</sup> Por esse valor, as pessoas podiam comprar quase três panos finos, conforme anúncio da época: “Pannos finos pretos e de cores pelo baratissimo preço de 4\$500, 4\$000, 3\$600 e 3\$300: a quaresma está a porta e quem quizer aproveitar a pechincha dirija-se à rua Quaresma, loja 31” (fonte *O commercial*, 15 de janeiro de 1850).

No fim de um anno terão os nossos assignantes um elegante volume de 384 paginas de litteratura amena, algumas illustrações, muitas gravuras sobre aço, desenhos á aquarella coloridos, ditos de trabalhos de crochet, lã e bordados; môdes de enfeites para senhoras, figurinos e peças de musica ineditas, etc.

As assignaturas são feitas por um anno, a contar de Janeiro a Dezembro.

PARA O RIO DE JANEIRO E NITERÓY

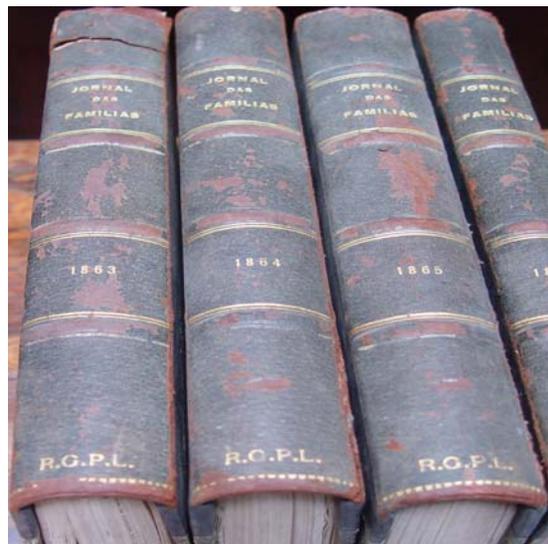
10\$000

PARA AS PROVINCIAS

12\$000

NUMERO AVULSO : 1\$000

Por 10\$000, o assinante tem, ao final de 1 ano, um livro de 384 páginas de variedades, preço ao qual deveria ser acrescido o valor da encadernação. No mesmo período, o livro *Crisálidas*, de Machado de Assis, vale 1\$500<sup>45</sup>. Assim, para adquirir um volume completo do *Jornal das Famílias*, o interessado teria que desembolsar 10 vezes mais do que gastaria pela aquisição do livro de Machado. Apresentamos a seguir a foto de alguns desses exemplares em forma de livros:



Fonte: Exemplares do acervo do Real Gabinete Português de Leitura

<sup>45</sup> [http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/index.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm). O ano de referência é o de 1864.

Na mesma época, quatro volumes encadernados de um dicionário de medicina popular de 2.296 páginas no total, e anunciado nas páginas do *Jornal das Famílias*, custam R\$ 30\$000, o que dá 7\$500 por volume. Assim, é mais caro possuir um volume encadernado do empreendimento do Sr. Garnier do que um volume de um importantíssimo dicionário, que circula por longos anos entre as famílias brasileiras<sup>46</sup>. Sendo assim, se sobrevive por 16 anos é porque despertava muito interesse.

### DICCIONARIO DE MEDICINA POPULAR E DAS SCIENCIAS ACCESSORIAS

Contendo a descripção das causas, symptomas e tratamento das molestias; um receituario especial para cada molestia; as plantas medicinaes e as alimenticias, e muitos conhecimentos uteis; **quarta edição**, reformada e consideravelmente augmentada, pelo *Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz*. 2 grossos volumes, contendo a materia de 4 volumes ordinarios; com um total de 2,296 paginas, e 422 figuras intercaladas no texto. 1870. Preço da obra encadernada : Rs. 30\$000.

Fonte: *J.F.*, setembro de 1870

Tal constatação indica, ainda, que o jornal de Garnier, como outros jornais da época, circula entre um público restrito de leitores, ou seja, somente entre aqueles que podem pagar por uma assinatura, pois, embora seja vendido de forma avulsa, a estrutura fragmentada de muitos de seus artigos e até mesmo as inúmeras narrativas em folhetim são incentivos para que o público procure por ele, seja adquirindo-o por meio da assinatura anual ou seja consultando-o nas bibliotecas, nos gabinetes de leitura e na casa de amigos.

Mesmo sem ter localizado um documento que indique a quantidade de exemplares editados mensalmente, outros fatores podem confirmar a aceitação do *Jornal das Famílias*: o tempo de duração, dezesseis anos; a lista de assinantes, formada por leitores de diferentes estados e províncias brasileiras e estrangeiras (França e Portugal) e os anúncios encontrados em outros jornais

---

<sup>46</sup> Vários ensinamentos desse dicionário são reproduzidos nas páginas do *Jornal das Famílias*.

da época. Além disso, o jornal contava com correspondentes, pessoas ou empresas encarregadas de conseguir assinantes e distribuir os exemplares, nas principais províncias brasileiras e no exterior:

CORRESPONDENTES DO JORNAL DAS FAMILIAS			
BAHIA . . . . .	Catilina e C <sup>a</sup> .	PELOTAS . . . . .	Castro Silva e C <sup>a</sup> .
—	Dr. José Martins Alves.	PERNAMBUCO . . . . .	João Walfredo de Medeiros.
BARBACENA . . . . .	Victor Renault.	—	José Nogueira de Souza.
CAMPOS . . . . .	Eugenio Bricolens.	—	De Lailhacar e C <sup>a</sup> .
—	José Vaz Corrêa Coimbra.	PORTO-ALEGRE . . . . .	Joaquim Alves Leite.
CEARA . . . . .	Joaquim José de Oliveira.	—	Viuva Marcus.
—	João Luiz Rangel.	RIO-GRANDE DO SUL . . . . .	Daniel de Barros e Silva.
MACEIO . . . . .	Francisco Tavares da Costa.	SANTA CATHARINA . . . . .	Faria e Filho.
MARANHÃO . . . . .	A. Pereira Ramos de Almeida.	S. GABRIEL . . . . .	Antonio de Vasconcellos.
—	Magalhães e G <sup>a</sup> .	S. PAULO . . . . .	A. L. Garraux.
PARÁ . . . . .	Carlos Seidl.	VICTORIA . . . . .	José M. Pereira de Vasconcellos.
—	Joaquim Ferreira da Silva e C <sup>a</sup> .	LISBOA . . . . .	Viuva Bertrand e C <sup>a</sup> .
—	José Maria da Silva.	PARIS . . . . .	A. Durand e Pedone Lauriel.

Fonte: J.F., agosto de 1870

Alguns desses correspondentes têm suas obras editadas por Garnier, como Victor Renault, engenheiro e professor de matemática em Minas Gerais<sup>47</sup>, mas a maioria é formada por pequenos ou grandes livreiros espalhados por diferentes regiões brasileiras e em Paris e Lisboa: Viúva Bertrand & C.<sup>a</sup>, em Lisboa; Garraux, de Lailhacar & C.<sup>a</sup>, livraria do Porto, com filial em São Paulo; Editores A. P. Ramos de Almeida & C.<sup>a</sup> Succes, no Maranhão<sup>48</sup>.

Ao encerrarmos a apresentação do *Jornal das famílias*, duas questões merecem atenção: a identificação da redação e do público leitor a que se

<sup>47</sup> *Explicação do systema metrico decimal*. Paris, typ. de Pillet, (editor, B. L. Garnier), 1865. 12.<sup>o</sup> de 88 pag. e 1 de errata.

<sup>48</sup> Fonte: *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves*, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vol., 1858-1923.

destina o periódico. A primeira questão não está clara para nós, pois tanto na *Revista Popular* quanto no *Jornal das Famílias* algumas cartas são assinadas por “A Redação” e pouquíssimas por “redator”. No texto “Cartas de Helena a Eulalia”, de janeiro de 1863, a personagem revela que foi convidada pela redação para colaborar no jornal de Garnier e depois declara: “Eu não sei se a minha prima sabe calcular os apuros em que põe a gente o amavel convite de meia dusia de distinctos litteratos que tiverão a generosidade de querer uma desconhecida como eu nas suas fileiras?”. “Meia dusia de distinctos litteratos”, ao que parece, utilizado em substituição à referência anterior, dá a entender que o periódico era organizado por várias pessoas.

Sobre o público a que se destina o empreendimento, em 1875, o *Jornal das Famílias* é apresentado como publicação especialmente dedicada às senhoras de “bom gosto”, embora a primeira carta da redação, já citada, indique que ele, no início, não pretendia ser restrito às senhoras. A carta refere-se aos assinantes como “os leitores”, ou seja, tanto homens quanto mulheres que recebem o jornal “nitidamente impresso em Paris”. Mais tarde, na terceira carta da redação, a empresa, que prioriza a “instrução moral e recreativa” das famílias oitocentistas, restringe essa família à figura da mulher:

As nossas leitoras. Minhas senhoras. – O *Jornal das Famílias* tem a subida honra de se dirigir a VV. EEx. desejando-lhes felicíssimas entradas de ano, e renova-lhes o seu agradecimento pela extrema benevolência com que o tem favorecido (*Jornal das Famílias*. Tomo 7, fevereiro de 1869, p.2-3).

Os temas são rigorosamente escolhidos, uma vez que devem ser úteis ao sexo feminino, como fica registrado nas cartas da redação às suas leitoras:

Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV. EEx. tem sido ofendida. Anedotas espirituosas e morais tem por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação

experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes das nossas leitoras.

A economia doméstica, confiada a uma senhora, reúne a utilidade ao prazer, e cremos não enganarmo-nos supondo que mais de uma receita foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com a sua assídua leitura.

Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e os moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem a par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto (*J.F.*, 1869, p. 2-3).

A importância do público feminino pode ser percebida por algumas estampas, a começar pela capa do periódico. Durante toda a existência do *Jornal das Famílias*, a capa, composta pela figura de uma mulher vestida à francesa, sentada confortavelmente, com os olhos fixos em sua costura, nunca é alterada:

# JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA  
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.

ANNO DE 1864



RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, EDITOR-PROPRIETARIO  
69, RUA DO OUVIDOR, 69

# JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA  
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.



RUE CASFIRE  
B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO  
69, rue de Ouvidor, 69  
PARIS, E. BELHATTE  
14, rue de l'Abbaye-Saint-Germain, 14  
1877

Inserimos duas capas, uma de 1864 e outra de 1877 para verificar algumas diferenças. A imagem da mulher é a mesma em ambas, o que se altera são os ornamentos que envolvem a figura. Observamos que a de 1877 ganha novos adereços, como o contorno com detalhes decorativos; na parede, a imagem de um brasão, indicando que a retratada faz parte de uma família abastada, e, por último, a indicação dos dois endereços para correspondência, um no Brasil e o outro em Paris. Apesar dessas diferenças, a imagem central prefigura a leitora do *Jornal das Famílias* como uma mulher caseira, que vive em casa confortável, ocupada com sua costura, conforme análise de Michelle Perrot:

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto (...). A lista dos “trabalhos de mulheres” é codificada e limitada. A iconografia, a pintura reproduzem à sociedade essa imagem reconfortante da mulher sentada, à sua janela ou sob a lâmpada, eterna Penélope, costurando interminavelmente” (PERROT, 1992, p. 187).

Entretanto, a afirmação de Perrot serve para a Europa e não para o Brasil, onde os escravos fazem tudo. Alguns pesquisadores do período oitocentista também contestam tal imagem. Gilda de Mello e Souza, por exemplo, lembra que, no século XIX,

O centro urbano fornecia com mais facilidade e mais barato o pão, a fazenda, a renda, o vestido feito, o chapéu, e a crescente especialização das funções criava uma série de novos empregos, tanto nas fábricas como nos lares, preenchidos pelas mulheres do novo proletariado. De um momento para outro, a mulher burguesa viu-se mais ou menos sem ter o que fazer, e seu único objetivo (...) era casar (MELLO e SOUZA, 1987, p. 89).

No *Jornal das Famílias*, apesar de a capa mostrar, mês após mês, uma mulher costurando, a iconografia que ornamenta as seções tem poucas imagens que remetem ao trabalho manual. Na grande maioria, as mulheres das estampas estão impecavelmente vestidas e penteadas. As atividades pintadas pelas imagens colocam-nas conversando distraídas com uma amiga, passeando ao ar livre ou lendo. No exemplo abaixo, duas jovens bem vestidas são inseridas em um ambiente luxuoso. Elas ocupam-se de uma criança interessada no que está num livro, atrás do livro aberto, observamos outras obras:



Fonte: *J.F.*, janeiro de 1864



Fonte: *J.F.*, maio de 1868

Na peça teatral *Um defeito de família*, escrita por França Junior em 1870, a personagem Josefina aparece, em várias cenas, segurando o *Jornal das Famílias* e comenta um vestido da seção de moda:

Gertrudes (Examinando a sala) - Como está esta sala! É um brinco! Não há nada como o serviço de um criado

Josefina (Sentada ao lado da mesa, lendo o *Jornal das Famílias*.)  
- Na realidade, papai não podia acertar melhor.

Gertrudes - Uma indiscrição de teu pai. O que estás vendo aí?

Josefina - O último figurino do *Jornal das Famílias*. Não acha que este molde de corpinho ia-me às mil maravilhas? (Mostrando o jornal)

Gertrudes: Vaidosa (FRANÇA JÚNIOR, 1980, 111).

A partir do diálogo entre Josefina e Gertrudes retomamos a questão do trabalho manual. Ao dizer “não há nada como o trabalho de um criado”, a personagem parece sugerir que apenas um criado poderia acertar tão bem na organização de uma casa e não ela ou sua mãe, que poderiam usar o seu tempo para ver, e não ler, o último figurino do jornal de Garnier.

O cuidado com a materialidade do empreendimento soma-se à escolha dos escritores que compõem a lista de colaboradores, provando que, nesse periódico, tudo é minuciosamente planejado.

### 1.3 Os colaboradores: distintos e anônimos

Ao descrever a *Revista Popular*, Innocencio Francisco da Silva afirma: “Na parte litteraria avultam entre os collaboradores d'este jornal alguns dos contemporaneos mais distinctos por sciencia, letras e erudição, tanto no Brasil

como em Portugal”. A maior parte desses nomes permanece no rol de colaboradores do *Jornal das Famílias*, como a redação anuncia: “São os seus colaboradores os mesmos distintos cavalheiros a quem tanto deve a *Revista*, acrescentando outros que tivemos a honra e fortuna de angariar” (*Jornal das Famílias*. Tomo 1, janeiro de 1863, p.2-3). Apenas na edição de janeiro de 1870, o jornal publica a primeira lista com os nomes dos redatores e colaboradores, que é alterada em maio de 1877, como mostramos a seguir:

#### Redatores e colaboradores (lista de 1870)

Dr. Augusto Fausto de Souza Augusto Emilio Zaluar Bittencourt Sampaio D. Emilia Augusta Gomide Penido Conego Francisco Bernardino de Souza  D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça	Dr. Caetano Alves de Souza Filgueredo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro Dr. Joaquim Manuel de Macedo Joaquim Norberto de Souza e Silva J. L. Teixeira de Macedo Dr. José Joaquim de Pessanha Pova José Rufino Rodrigues Vasconcellos	José Nicolao Vergueiro Juvenal Galeno L. G. P. Guimarães Junior Luiz Antonio Burgain Machado de Assis Manoel Ignacio Marrocos Mendes D. Paulina Philadelphia V. Colonna
--	--	--

#### Redatores e colaboradores (lista de 1877)

Dr. Augusto Fausto de Souza Augusto Guanara Dr. Bern. Joaq. da Silva Guimarães D. Emilia Augusta Gomide Penido Ernesto Castro Heitor da Silveira  D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça	Dr. Joaquim Manuel de Macedo Joaquim Norberto de Souza e Silva J. L. Teixeira de Macedo Dr. José Joaquim de Pessanha Pova José Rufino Rodrigues Vasconcellos Juvenal Galeno L. G. P. Guimarães Junior	L. L. Fernandes Pinheiro Junior Machado de Assis Dr. Manoel Duarte Moreira d'Azevedo D. Maria Ignacia Magna D. Paulina Philadelphia P. A. Gomes Junior V. Colonna
---	---	---

As modificações realizadas na lista foram: os nomes de Bithencourt Sampaio, Padre Francisco Bernardino de Souza, Dr. Caetano Alves de Sousa, Cônego Fernandes Pinheiro, Luis Burgain, Manoel Marrocos Mendes e Augusto Zaluar deixaram de aparecer; no lugar, foram inseridos: Luiz Leopoldo

Fernandes Pinheiro Junior, Maria Ignacia Magna, Gomes Junior, Ernesto de Castro, Augusto Guanara. Desses nomes, a maioria nunca foi inserida nos manuais literários.

As listas apresentadas não contemplam todos os nomes que circulam no decorrer dos dezesseis anos de circulação do periódico. Da seção de narrativas, por exemplo, ficam de fora os nomes de Reinaldo Carlos Montoro, Viriato B. Duarte, D. Maria de Albuquerque, José Nicoláo Vergueiro, Joaquim Manuel de Macedo, Luiz José Pereira Silva e Lucio de Mendonça<sup>49</sup>. O mesmo ocorre com a seção de poesias, já que a maioria dos nomes que assinam publicação nessa parte também não é inserida na lista. Provavelmente, há duas categorias de colaboradores: os que fazem parte oficialmente do corpo de redatores e colaboradores e os que, esporadicamente, enviam seus textos para serem publicados no jornal.

Dentre os autores mais conhecidos atualmente, é possível afirmar que Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis representam um bom status para o periódico. Machado de Assis, que por algum tempo é o escritor exclusivo da Editora B. L. Garnier, publica um grande número de narrativas no *Jornal das Famílias*. Em 1864, por exemplo, das quatorze narrativas publicadas durante o ano, oito são de sua autoria; em 1866, de doze, nove pertencem ao autor; e, em 1872, das nove produções, oito são assinadas por ele. O autor de *A Moreninha* também é, pelo que se observa de seus negócios com a casa Garnier, um escritor de prestígio para a editora. A publicação de *Nina* é prova do sucesso que Joaquim Manuel de Macedo rende à editora Garnier. A obra é publicada por uma outra editora, em formato de livro, em 1869; no ano seguinte, aparece em forma de *folhetim* no *Jornal das Famílias*, ocupando os meses de fevereiro a novembro de 1870, quando é interrompida, reaparecendo numa segunda edição, desta vez pela editora Garnier, em 1871.

---

<sup>49</sup> Não inserimos aqui os pseudônimos.

A pesquisa biográfica sobre os autores que dificilmente são lembrados hoje revela que muitos deles têm reconhecimento, literário ou social, em sua época, e que também representam, sem sombra de dúvida, um atrativo para os leitores do *Jornal das Famílias*. A lista tenta<sup>50</sup> obedecer a uma ordem alfabética, não destaca nenhum nome, dando a todos o mesmo grau de importância. Diferentemente do que ocorre na *Marmota*, cujas primeiras páginas, em 1860, anunciam a presença de Machado de Assis como sinônimo da qualidade do periódico: “Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que o Sr. Machado de Assis faz hoje parte da colaboração da *Marmota*” (21 de fevereiro de 1860), e não cita os demais colaboradores.

O estudo sobre os autores identificados na lista de colaboradores e de outros nomes que não aparecem nela, mas que tiveram fundamental importância em sua época, como Lúcio de Mendonça, considerado por alguns como o “verdadeiro fundador da Academia Brasileira de Letras” (NEVES, p. 17, 1940), pode confirmar a crítica que o editor Garnier recebe de Arthur de Azevedo: “Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: “cresça e apareça”. Se o pobre diabo realmente crescesse e aparecesse, poderia contar com o editor” (*O Album*, 7 de outubro de 1893).

É justamente por reconhecer o tino empresarial de Baptista Louis Garnier que nossa pesquisa volta o olhar para os autores pouco lembrados pelas histórias literárias. O fato de seus nomes constarem na página de apresentação do periódico desperta em nós a hipótese de que eles, junto a Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães, também se configuram como sinônimo de qualidade para o empreendimento do editor.

O trabalho do pesquisador João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, apresentado no livro *A dança das cadeiras- literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*, contribui para a sustentação da hipótese

---

<sup>50</sup> Há um desvio da ordem alfabética na primeira lista (1870), mas a colocação do nome de Caetano de Souza Figueiras não parece ter sido intencional.

acima colocada. A proposta de Souza Rodrigues consiste em desmistificar a teoria de outros historiadores, que descrevem os literatos brasileiros do século XIX como artistas que “passaram do sentimento de ter uma missão cultural e política para o de uma missão de caráter puramente literário, representado pela afirmação profissional do crítico e do escritor, que se manifestou na fundação da ABL” (RODRIGUES, 2003, p. 25). O autor propõe uma outra análise do momento vivido durante o processo de implantação da ABL: “ O que pretendo mostrar é quão políticos eles eram, mesmo quando se imaginavam livres do perigo representado pelo engajamento” (RODRIGUES, 2003, p. 30).

Na biografia dos colaboradores, identificam-se apadrinhamentos, indicações e status políticos entre os nomes que circularam, em especial, no *Jornal das Famílias*. Lucio de Mendonça, por exemplo, é irmão de Salvador de Mendonça, escritor já conceituado na época, e amigo de Machado de Assis, com quem troca correspondência mesmo depois de se afastar da Academia<sup>51</sup>. José Ferreira de Menezes, amigo de Salvador de Mendonça e de Quintiniano Bocaiúva, transita em vários jornais importantes da época, como o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*.

Citamos também o caso do sobrinho do Cônego Fernandes Pinheiro, L. L. Fernandes Pinheiro Junior, que se projeta na vida literária com o auxílio político e social do tio. Deve ter sido ele quem insere Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior, que algumas biografias apresentam como seu sobrinho, no *Jornal das Famílias*. Em uma carta<sup>52</sup> dirigida a Garnier, o cônego solicita ao amigo B. L. Garnier que compre a passagem do sobrinho:

“Caro amigo,

---

<sup>51</sup> A fundação da ABL é muito posterior ao final do *Jornal das Famílias*, o que demonstra o forte vínculo que eles mantiveram.

<sup>52</sup> Documento cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira.

Peço-lhe o favor de mandar apanhar a passagem de meu sobrinho Luis Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior para Macahi, com sua bagagem que eu mandarei na sua casa, na sexta-feira. Para o pagamento da passagem, o senhor encontrará, com esta, a soma de 25\$, e para as coisas pessoais dele, o senhor teria a bondade de fazer o pagamento, me enviando a nota que acertarei. O navio está anunciado para sábado próximo”.

Por coincidência ou não, o fato é que no mesmo ano do envio dessa carta, 1874, Fernandes Pinheiro Junior passa a publicar a série “Contos Macahenses”. O trabalho mais conhecido de Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior é a revisão e o melhoramento das obras de seu tio, Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, principalmente, das *Postillas de Rhetorica e poetica dictadas aos alumnos do Imperial collegio de Pedro II*. Além de revisar as obras do tio, participa de diversos jornais. As suas narrativas são duramente criticadas por Machado de Assis, que o aconselha: “Não me diga nada em prosa, continue a dizê-lo em verso. Aperta-lhe a mão o amigo Machado de Assis” (ASSIS, 1997, p. 165).

Se a proposta consiste em manter no *Jornal das Famílias* os nomes mais conceituados da época, o que dizer, então, da presença de nomes femininos na lista apresentada? Será que, ao inserir mulheres escritoras, algumas sob pseudônimos como Victoria Colona e Paulina Philadelphia, Maria Ignacia Magna<sup>53</sup>, outras com nome e sobrenome, em sua lista de colaboradores, o *Jornal das Famílias* deseja apenas avançar em relação ao seu antecessor, a *Revista Popular*? Ou será que essa presença quer revelar que elas já não se contentam em apenas ser louvadas como “o ente mais puro e mais nobre criado pela voz poderosa de Deus” ou como mães que sabem compreender os “santos deveres da maternidade”? (NUNO ALVARES, J. F., 1864).

---

<sup>53</sup> Não identificamos em nenhum dicionário bibliográfico os nomes das autoras, apenas uma nota referente à Victoria: “creio ser pseudonymo de uma distinctissima escriptora brasileira, de quem sinto não poder dar a devida noticia”, no Sacramento Blake, p. 383-384.

A resposta mais provável seria a seguinte: numa época em que o literato não tem tanto prestígio entre os conservadores e em que as mulheres ainda não têm conquistado um espaço significativo na imprensa, os nomes de mulheres como Emília Augusta Gomide Penido, de família renomada no Rio de Janeiro, e a senhora Honarata de Mendonça garantiriam um maior status ao Jornal, passando a idéia dele ser um periódico bem aceito entre as senhoras de bom gosto.

Ao que parece, nas páginas do *Jornal das Famílias* circulam, na maioria das vezes, nomes importantes, alguns sem muita produção literária, mas com titulações que compensam tal ausência. José Joaquim Pessanha Pova, por exemplo, após mover pela imprensa uma luta contra a exploração da prostituição por senhores de escravas, em 1865 (desse escândalo nasceram 1604 ações de liberdade, que deram como resultado 729 alforrias) (BLAKE, IV, 492), fixa domicílio no Espírito Santo, e exerce vários cargos administrativos, entre os quais o de inspetor-geral da Instrução Pública. No periódico, publica apenas duas narrativas, ambas em 1876, “A praia da guarda, em Paquetá” e “A aldeia de Gargahu”. Pessanha é contemporâneo e amigo de Fagundes Varela e escreve *Anos Acadêmicos*, um livro que conta a história do movimento literário da Academia de São Paulo, entre os anos de 1860-1864.

Um exemplo de colaborador com cargos públicos menos conceituados, mas de boa reputação literária, é o português Augusto Emílio Zaluar, um assíduo participante do *Jornal das Famílias*. Em 1868, a Typographia do *Diário do Rio de Janeiro* publica *Contos da Roça*, uma série de contos: “O pescador do salto”; “O sassy”; “Um passeio a S. Vicente”; “Um leilão na roça”; “O coronel F.”, por meio dos quais Zaluar retrata algumas cenas interioranas. A obra é precedida por uma extensa introdução, que já tinha sido utilizada quando da publicação, no *Jornal das Famílias*, de “O pescador do salto”. No final do livro, há uma advertência em que o autor explica que a idéia do livro se dá em

decorrência do sucesso que algumas das narrativas obtiveram no *Jornal das Famílias*:

Advertencia (fim do livro)

O editor dos presentes *contos*, vendo a grande aceitação que já haviam merecido do publico, tanto da capital como da imprensa das provincias, algumas das narrações publicadas no *Jornal das Famílias* pelo Sr. Zaluar, entendeu prestar um serviço aos leitores publicando-as sob a forma de livros, cujo primeiro volume offerece hoje, e irá dando successivamente outros contendo não só algumas composições já conhecidas, como as ineditas do mesmo autor.

Estes livrinhos são destinados especialmente aos caminhos de ferro e aos viajantes (ZALUAR, 1868).

No Brasil, participa ativamente da vida intelectual brasileira, publicando vários livros, por diferentes editoras, e colaborando em inúmeros periódicos, onde, muitas vezes, experimenta o trabalho de crítica literária<sup>54</sup>. No *Jornal das Famílias*, sua contribuição restringe-se à publicação de narrativas e poesia.

Juvenal Galeno também é conhecido por destacar a realidade do interior brasileiro. O autor participa da “Padaria Espiritual” e circula entre os grandes literatos da época, dentre eles Augusto Zaluar e José de Alencar, que destaca, na edição de 1969 da obra *Cenas Populares*, os talentos do seu patricio:

(...)

Creia-me. Livro tão original ainda não se escreveu entre nós; e o Ceará deve lisonjear-se de ter quem lhe dê na literatura pátria um lugar que não tem outras províncias mais ricas e adiantadas em progresso material.

Continui pois a coligir as nossas tradições e a ilustrar o nome cearense.

Com estima e verdadeiro apreço,

---

<sup>54</sup> Alguns exemplos: *Estudo litterario sobre a «Marilia de Dirceu»* (nova edição publicada pelo sr. Garnier). - Na *Revista Popular*, tomo XIV (1862), às pp. 53 e 116; *Estudo litterario sobre o «Curso de Litteratura» do sr. conego dr. Fernandes Pinheiro*. - *Revista Popular*, tomo XIV, 179 - 182; *Biographia do dr. Manuel Antonio de Almeida*. - No *Diario do Rio de Janeiro*, n.os 36 e 38, de 5 e 7 de Fevereiro de 1862.

De V.Sa.  
Adm<sup>o</sup>. E patr<sup>o</sup>. afet<sup>o</sup>. e obr<sup>o</sup>  
JOSÉ DE ALENCAR  
Em 31 de março de 1872.

Zaluar e Galeno representam, no mesmo periódico em que Machado de Assis ensaia seus contos com personagens urbanas, o projeto de uma literatura de tendência regionalista: “O projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a linha realista, estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção” (BOSI, 1993, p. 232). O número de narrativas voltadas ao resgate das tradições do interior brasileiro indica que a redação do *Jornal das Famílias* não está apenas preocupada com a instrução moral das leitoras, conforme afirma a carta publicada em 1863 (*Jornal das Famílias*. Tomo 1, janeiro de 1863, p.2-3). O seu público participa, a partir das narrativas, de discussões que vão além da questão da moral feminina, como veremos na análise das narrativas.

Sobre a questão da conduta moral, na lista de colaboradores constam quatro nomes significativos: padre Francisco Bernardino de Souza, Emilia Augusta Gomide Penido, Honorata de Mendonça e Cônego Fernandes Pinheiro. O primeiro participa com assiduidade do *Jornal das Famílias*, publica narrativas adaptadas de trechos bíblicos e com fundo moralista. Tê-lo como colaborador é de grande importância, pois, na sociedade carioca, Bernardino é consagrado presbítero secular, cujas ordens recebe do arcebispo D. Romualdo, que sempre o distinguiu, destaca-se como cônego da capela imperial, capelão e professor de religião, latim e português do colégio de Pedro II e professor de geografia e de retórica do curso de preparatórios anexo ao seminário episcopal (BLAKE, p. 411-413).

Emilia Augusta Gomide Penido, por sua vez, parece representar as frágeis, religiosas e recatadas senhoras de boa família. Teve uma educação eclética, que englobava o estudo das letras, da geografia, da música e da

pintura. Conhecida por sua caridade e modéstia, recebe o título de irmã de caridade honorária. “O bispo de Camaco, D. Silverio Pimenta, referindo-se à sua morte, disse que esse facto não foi só uma perda para a família, mas também para a patria e para a religião” (BLAKE Dic., II, p. 269-270). Em 1875, Emilia Penido publica, pela editora Perseverança, o livro *O Ramalhete de flores*, uma edição bonita com capa de veludo verde e letras douradas, que, no final, trazia as máximas de seu avô, o importante senador Antonio Gonçalves Gomide. De acordo com Sacramento, consiste em um livro “altamente moral, doutrinário, em que resplandecem as virtudes evangelicas em todas as posições sociaes, escripto em forma de romance como mais propria, do que os cathecismos e os tratados philosophicos, para o ensinamento das verdades moraes. Teve segunda edição em 1884” (BLAKE Dic., II, p. 270).

A colaboradora Honorata de Mendonça faz par com Emilia Penido. Ela é uma senhora natural de Goiás, autora de várias poesias cristãs. No *Jornal das Famílias*, participa das seções *Poesia*, *Romances e Novellas* e *Mosaico*. Nesse último, mostra ser uma mulher ilustrada e questiona o *Estudos Geodésico*<sup>55</sup>, publicado por José Franklin de Manena.

O quarto nome que representa o compromisso do jornal com a questão moral é o cônego Fernandes Pinheiro que, no entanto, assina apenas um artigo durante a existência do periódico, “D. Francisca de Sande ou A epidemia de 1686 na Bahia” (1864), diferentemente de sua atuação na *Revista Popular*, onde trata da literatura, da língua e da religião. O cônego é uma figura importantíssima no Rio de Janeiro de sua época. Ocupa os cargos de professor no colégio D. Pedro II, de diretor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e atua em vários jornais. Na editora B. L. Garnier, assina contratos com valores significativos para a época. A título de ilustração, citamos dois desses contratos:

---

<sup>55</sup> Subdivisão da geofísica que se ocupa da determinação das dimensões e forma da Terra, seu campo gravitacional, locação de pontos fixos e sistemas de coordenadas, ou de uma parte de sua superfície (Houaiss).

em 31/10/1863, a editora encomenda um Dicionário de História e Geografia, do gênero de Brullet, pelo qual pagaria 9:000\$000 (parcelados em 3 vezes); dois anos depois, em 30/09/1865, o cônego recebe 12:000\$000 pela Encomenda de dois dicionários –português - francês e francês<sup>56</sup>.

Outro aspecto interessante é que grande parte dos colaboradores formase na Faculdade de Direito de São Paulo e mantém, de acordo com *Anos acadêmicos*, de Joaquim Pessanha, afetuosas relações. Alguns dos nomes citados por Pessanha são: José Ferreira de Menezes, Lúcio Eugênio de Mendonça, Joaquim da Silva Bernardo Guimarães, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, José Nicolau Vergueiro. Desse círculo de amizade, Lúcio de Mendonça é hoje o mais lembrado devido a seu empenho na fundação da Academia Brasileira de Letras. Em 1916, Pedro Lessa afirma num discurso proferido na Academia Brasileira de Letras: “A Lucio de Mendonça, o iniciador da ideia de se instituir a Academia, coube, o que era natural, o maior quinhão nos louvores de alguns e nos epigrammas de muitos” (LESSA, 1916, p. 92).

Pelo que consta no único documento que localizamos<sup>57</sup>, Lúcio de Mendonça não tem privilégios ao fazer negócios com a B. L. Garnier. Pelo contrário, é tratado como um autor que precisa arrecadar assinaturas ou mesmo se comprometer a vender os exemplares para ver sua obra publicada:

Recebi do Sr. B. L. Garnier a quantia de duzentos mil réis pela edição do meu livro de poesias “Alvoradas”; obrigando-me em vender, por conta do mesmo senhor, em São Paulo, 100 exemplares, cuja quantia, 200\$000, lhe será enviada até 15 de maio de 1875. Obrigome a não reimprimir esta obra enquanto não estiver esgotada esta edição. Corte, 12 de fevereiro de 1875.

O recibo não especifica o número de exemplares que seriam editados, mas demonstra o rigor da editora para com o autor, que tem a “obrigação” de

---

<sup>56</sup> Os contratos foram cedidos pelo editor Pedro Paulo Moreira.

<sup>57</sup> Documento cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira.

vender 100 exemplares e de enviar o valor da venda em data determinada. Em outra determinação, o autor “obriga-se” a só reimprimir a obra depois de vendidos todos os exemplares. Pelo menos nesse documento, o editor não deixa transparecer a intenção de adquirir, como faz com outros intelectuais, os direitos autorais de Lucio de Mendonça, deixando-o livre para procurar outra empresa.

Do grupo de colaboradores formados na faculdade de direito de São Paulo, alguns, como se observa até o momento, muito amigos, falta tratar de Joaquim da Silva Bernardo Guimarães, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e José Nicolau Vergueiro, sendo o primeiro lembrado hoje pela obra *A Escrava Isaura*. No ano em que publica “O pão de Ouro – lendas do sertão”, no *Jornal das Famílias*, é editado o livro *O Seminarista* (1872). Exerce importantes cargos públicos, os quais concilia com sua carreira literária. Mas, a exemplo de Lucio de Mendonça, Bernardo Guimarães também morre pobre, chegando a recorrer aos contratos que tinha com a B. L. Garnier para saldar suas dívidas. De Ouro Preto escreve ao editor<sup>58</sup>:

---

<sup>58</sup> Documento cedido pelo editor Pedro Paulo Moreira.

Ouro Preto 7 de Fevereiro de 1881.

Ilmo Sr B. L. Garnier.

Em virtude da authorisação, que V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> considerou-me por sua cituada carta de 21 de Janeiro proximo passado, rogo-lhe o favor de entregar aos Srs Borges, Mano e Comp<sup>a</sup>, por conta do Sr. Carlos Gabriel de Andrade, a quantia de R<sup>o</sup> 654:680 por saldo da quantia de R<sup>o</sup> 800:000, pela qual vendi a V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> a propriedade de um romance intitulado = Rosaura a enjeitada = ficando o restante - R<sup>o</sup> 145:320 por saldo do debito que até esta data tenho em casa de V<sup>a</sup> S<sup>a</sup>.

Sou com particular estima e consideração

De V<sup>a</sup> S<sup>a</sup>  
 Au<sup>o</sup> e Br<sup>o</sup> 1881  
 Bernardo Joaq<sup>o</sup> da Silva Guimarães.

Recebemos de B. L. Garnier, seiscentos e quarenta e quatro mil seiscentos e oitenta reis, importancia desta ordem. Firmamos este recibo de pagamento.



Ouro Preto, 7 de fevereiro de 1881  
 Ilmo Snr. B.L.Garnier  
 Em virtude da authorisação, que V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Concedeu-me por sua estimada carta de 21 de Janeiro proximo passado, rogo-lhe o favor de entregar aos Senhores Borges, Mano e Comp<sup>a</sup>, por conta do Sr. Carlos Gabriel de Andrade, a quantia de 654:680 por saldo da quantia de 800:000, pela qual vendi a V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> a propriedade de um romance intitulado = *Rosaura a enjeitada* =, ficando o restante – R 145:320 por saldo do debito, que até esta data tenho em casa de V<sup>a</sup> S<sup>a</sup>.  
 Sou com particular estima e consideração  
 De V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> (?)  
 Bernardo Joaq. Da Silva Guimarães

O editor atende ao pedido do autor e, na própria carta, recolhe a assinatura dos credores de Bernardo Guimarães: “Recebemos de B.L.Garnier seiscentos cincoenta e quatro mil seiscentos e oitenta reis, importancia desta ordem. Firmamos este e auctor reparado”.

Bittencourt Sampaio, sergipano que recebe críticas positivas de Silvio Romero, ou se utiliza de pseudônimo ou cumpre apenas o papel de redator, porque seu nome aparece na lista de colaboradores e redatores, mas nenhum artigo do jornal é assinado por ele. Um outro nome que aparece no rol é Joaquim Norberto de Souza e Silva, que publica apenas uma poesia, “Branca Rosa” (1874), no segundo empreendimento de Garnier. Entretanto, Norberto representa o intelectual eclético que, mesmo sem curso superior, discute literatura, e lidera o movimento de construção de uma literatura nacional. Na *Revista Popular*, sua atuação é tão intensa quanto a do cônego Fernandes Pinheiro, e manter seu nome na capa de apresentação do novo periódico talvez

represente uma forma de conferir a ele o mesmo status que o do primeiro. De uma outra forma, Norberto também pode estar inserido no trabalho com a redação, uma vez que a lista era de “Redactores e Colaboradores”.

O que procuramos mostrar é que os colaboradores que publicam ao lado das narrativas de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, esquecidos pela historiografia literária, são, em sua maioria, intelectuais engajados que protestam contra atitudes políticas que não lhes agradem, como o faz Luís Antonio Burgain, em 1861 ao distribuir gratuitamente folhetos em protesto à estátua eqüestre encomendada para homenagear D. Pedro I, e Luís Guimarães Junior, que abandona por um tempo o trabalho de escritor para se alistar na Guerra do Paraguai.

Em suma, são políticos, funcionários públicos, padres, professores, senhoras da elite brasileira, que contribuem para a duração de dezesseis anos do jornal da editora Garnier. Juntamente com as seções escolhidas para o bem-estar da família oitocentista, eles garantem o sucesso do periódico, sua durabilidade e a sua permanência na história da imprensa. A análise das narrativas desses colaboradores, apresentada nos terceiro e quarto capítulos dessa tese, demonstra, ainda, que havia elementos que colocavam os colaboradores como conhecedores da tendência de sua época e como colaboradores na construção de uma identidade literária.



## Capítulo II

# Conteúdo eclético para leitoras de bom gosto

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos (Roger Chartier. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, 1999)

## **2.1 O *Jornal das Famílias* e a educação da mulher oitocentista**

O subtítulo escolhido para essa discussão refere-se apenas a um público feminino, mas será que o *Jornal das Famílias* destina-se apenas às mulheres oitocentistas? Diferentemente dos demais, ele não traz o subtítulo “dedicado ao bello sexo”; no entanto, a partir da segunda carta que dirige aos leitores, para denominar seu interlocutor refere-se “às nossas leitoras”. As ilustrações, que têm, predominantemente, imagens de mulheres lendo, costurando, passeando, reforçam a hipótese de que, de forma não explícita, o periódico volta-se para o público feminino.

O jornal, embora não milite explicitamente pela emancipação feminina, ou pela instrução formal das mulheres, oferece a elas matérias sobre o sistema métrico, ou o resumo do livro de geografia física ou o da obra de Direito, dentre outros. Além de divertir e moralizar, o *Jornal das Famílias* também deseja instruir as leitoras. Se assim é, como explicar artigos com a observação: “para ser lido apenas pelas senhoras”? Um destes artigos está na seção de Economia Doméstica e trata da beleza feminina. Será que tal observação não indica que o jornal também pretende ser lido por leitores? Essa talvez seja uma alternativa mais coerente, caso contrário, como explicar que os redatores do periódico escolham assuntos tão específicos e tão disparatados para proporcionar a instrução de suas leitoras? O que percebemos, principalmente a partir da análise das narrativas, é que o jornal é pensado especialmente para um público feminino, que é inserido em discussões de toda ordem.

Nas cartas que a redação do periódico dirige aos assinantes, podemos reforçar tal suposição. A partir de 1869, a redação refere-se apenas ao público feminino, “As nossas leitoras”, mas, nas anteriores, dirige-se “Aos leitores”. No

fragmento a seguir, a redação, inclusive, imagina o ambiente de leitura para os diferentes gêneros:

Envidamos todos os esforços, não nos poupamos a despesas e sacrifícios, a fim de dar aos leitores, e sobretudo às gentis leitoras que se dignam dispensar conosco algumas horas e lançar os olhos às páginas que escrevemos, um volume nítido, variado, elegante, digno de ornar, pela amenidade de seus artigos, pela perfeição de seus desenhos, pelo fino de suas gravuras, pela delicadeza de sua impressão, as estantes dos literatos, os gabinetes dos artistas, e o perfumado camarim de nossas amáveis leitoras (*J. F.*, 1864, p. 1-2).

Acreditamos então que, embora o substantivo “família” indique que o periódico é destinado a homens e mulheres, a proposta do jornal vai se alterando no decorrer dos seus dezesseis anos de existência, o que já pode ser percebido na carta de 1869, citada anteriormente. O fragmento citado acima remete ao nível econômico dos leitores pretendidos pelo empreendimento. Lendo sozinhas ou em grupos, as figuras dialogam com a imagem de mulheres que têm o recurso financeiro e o tempo disponível para ler, conversar e passear com as amigas e para pagar pela assinatura de um jornal que parece pensar em todos os detalhes para que elas tenham uma educação refinada.

Mas será que o fato de o *Jornal das Famílias* ser voltado para os ditos “interesses da mulher” permite a nós considerá-lo um jornal feminino? Nesse ponto, entramos em uma questão que causa divergência entre alguns pesquisadores. Marlyse Meyer explica: “Entenda-se aqui por jornais femininos aqueles que, fundados e dirigidos por mulheres, pretendiam, de uma forma ou de outra, colocar questões a elas atinentes” (MEYER, 1996, p. 298-303). Contudo, caracteriza por jornal feminino o periódico pernambucano *O Belo Sexo* (1850), que tem um homem, João Clímaco Lobato, como redator (Idem p. 301).

Ana Luiza Martins faz uma definição mais abrangente do que são as revistas femininas: “A imprensa feita por mulheres e para mulheres” (MARTINS, 2001, p. 371). A autora de *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, Dulcília Schroeder Buitoni, por sua vez, prefere caracterizar a Imprensa Feminina a partir do público leitor:

Imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza. Desde que surgiu no mundo ocidental, no fim do século XVII, já trouxe a destinação às mulheres no próprio título do jornal- *Lady's Mercury*<sup>1</sup>- prática a persistir até hoje. A começar do nome, a maioria das publicações, programas de rádio e TV femininos indicam claramente para quem se dirigem (BUITONI, 1990, p. 07).

Para tratar do *Jornal das Famílias* e de outros periódicos destinados às mulheres, tomaremos como referência, no desenrolar desse trabalho, as definições de Martins e Buitoni e consideraremos todos como periódicos femininos.

O fato é que muitos periódicos do século XIX, principalmente os idealizados por mulheres, como o *Jornal das Senhoras* e o *Sexo Feminino*, discutem a importância de se destinar uma educação formal às mulheres. Escrever sobre tal assunto exige coragem; por isso, muitas escritoras optam pelo anonimato. A exemplo disso, citamos as cartas que Joana Paula, idealizadora do *Jornal das Senhoras*, recebe de suas leitoras. Primeiro, a admiradora elogia a coragem da redatora de se identificar e de proporcionar às leitoras mais do que artigos que desenvolvam a inteligência feminina para desempenharem melhor a missão de filha, esposa e mãe:

A sua nobre coragem, senhora, tem-me de tal modo impressionado, que não posso deixar de felicitar-vos pela alta consideração que mereceis. Não é porque fosseis a primeira

---

<sup>1</sup> Periódico feminino que surge na Inglaterra, em 1693.

senhora que empreendeu a difficil tarefa do jornalismo, nem pelo útil entretenimento que dais as do nosso sexo sobre modas: não; é pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as nossas intelligencias no perfeito conhecimento do que nos cumpre saber para desempenho de nossa missão como filhas, esposas e mães (...).

Em seguida, a leitora compromete-se a enviar artigos para serem publicados, contudo, temendo uma presumível advertência de seus pais, maridos ou irmãos, prefere não adotar a “nobre coragem” de Joana de Noronha e pede sigilo quanto à sua identidade:

Incluso vereis alguns pensamentos sobre a Amizade, que se achardes dignos das páginas do *Jornal das Senhoras*, o mandareis inserir, com a condição, porém, de me conservar incógnita mesmo com vosco, de quem sou

Uma assignante (*Jornal das Senhoras*, 8 de fevereiro de 1852).

Meses depois, outra admiradora fará o mesmo pedido: “Posto que sobremaneira me honre em dar-vos público testemunho da consideração e sympathia que vos consagro, rogo-vos que não reveleis o incógnito do meu sobrenome. Sou Se...” (*Jornal das Senhoras*, 27 de junho de 1852).

Esses jornais, que pensam, com exclusividade ou não, na mulher, também tentam defini-la. Em 1852, Joana Paula de Noronha inicia uma série de artigos intitulados “Emancipação Moral da Mulher”. O primeiro deles consiste na definição do ser feminino:

A Mulher; o que vem a ser a Mulher?  
A Mulher não é o homem?  
Que novidade!  
Trata-se de definil-a!  
Isso não sei.  
Posso asseverar-vos que ella tem alma.  
Tem intelligência.  
Tem direitos que Deos e a natureza lhe concederão.

E susceptível do bom e do máo.

A mulher em fim não é em o nosso entender um ser á parte na criação, e entra na partilha com o homem \_\_\_ do bem e do mal \_\_\_ da inteligência e da estupidez.

A alma não tem sexo; M<sup>a</sup>. Stäel diz.

Dizer-vos se a mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má.

Eis o que não posso.

Reformae a sua educação morall; deixemos homens de consideral-a como sua propriedade.

Seja o que Deos a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de lugar sem ser consultada; e então quando assim fallaremos.

Entretanto este jornal dedicado exclusivamente ás Senhoras tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendência é a emancipação da Mulher (*Jornal das Senhoras*. Tomo I Quinta-feira, 1 de janeiro de 1852).

O texto toca em questões polêmicas e demonstra ser escrito por alguém de leitura refinada, já que cita M<sup>a</sup> Stäel. Porém, a redatora provoca os homens da época ao se dirigir a eles solicitando que deixem de se considerar proprietários da mulher e que passem a vê-la como um ser “que pensa”. Um leitor, mostrando-se indignado com os artigos sobre a emancipação da mulher, envia à redatora uma carta. Devido às reclamações, Joana de Noronha sente-se na obrigação de explicar o que exatamente considera emancipação:

Quero que ella estude acuradamente toda a sublime abnegação que encerrão estes nomes.

\_\_\_Filha, Esposa, e Mãe.

Quero, que uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no seu coração essa bela dignidade, esse santo e nobre orgulho de ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetrável, onde nunca chegão outros olhos que os de Deus; e ás vezes os de uma mãe! (Tomo 1 domingo, 25 de janeiro de 1852).

Essa discussão prossegue em outras edições, mas, a partir de 4 de julho de 1852, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assume a redação do

jornal porque Paula de Noronha, segundo ela, precisa cuidar de “outros deveres”. Depois da mudança de redatora, o jornal ameniza os artigos sobre a emancipação da mulher e passa a ter a colaboração de L’abbé Constant (provavelmente um pseudônimo), que escreve, com um tom ameno, sobre mulheres.

No final desse ano, Joana Paula escreve um artigo para responder a uma outra carta que recebe, assinada por “O Homem”. Depois de repetir opiniões expressas nos artigos anteriores ela encerra a discussão:

Acreditaes só no que vos digo – quanto mais ilustrada for a mulher – melhor comprehendera os seus deveres, mais amplamente preencherá essa missão sagrada de esposa e de mãe; missão cujas bases principaes são uma terna adhesão, uma abnegação profunda, prudencia, doçura e paciencia (Tomo I, Domingo, 8 de dezembro de 1852).

Dois anos antes, na Revista *Beija-Flor* - jornal de instrução e recreio (1849-1852) - dois homens travam uma longa discussão sobre a definição da mulher. Na edição de sábado, 8 de dezembro de 1849, o artigo “A mulher é sempre anjo”, por J.F. Araujo Lessa, ressalta dois tipos de mulheres, a que se casa com o seu escolhido e a que se casa com o escolhido por seu pai. Em ambos os casos, segundo o articulista, ela se entrega ao seu dever: “ame ou não seu marido, ella de nada se queixa, esforça-se por agradar-lhe, esforça-se mesmo por amá-lo. E quantas vezes esse trabalho é menosprezado? (...) Deus aceitou o seu sacrificio e ella o consuma...”.

No sábado seguinte, 12 de janeiro de 1850, o artigo “A mulher é sempre anjo?”, por R.J.C., contesta o artigo anterior: “Essa mulher que se tem concentrado no disfarce, que chora para sem demora sorrir, que desespera para patentear seu amor estudado, é por ventura um anjo?... Sim... Um anjo do mal...um suplicio que não demana do céu...um flagelo que não pertence a Deos!”. Uma semana depois, 19 de janeiro de 1850, J. F. de Araujo Lessa

responde ao artigo de R.J.C, reafirmando: “a mulher é sempre anjo! Barbaro, onde, quando vistes a mulher esquecer-se de seus filhos? Onde e quando vistes a mulher ser escarneada por sua fealdade, por sua velhice? Amais da mulher só o semblante”... A briga continua por várias edições com a interferência de outros escritores; quando a discussão é encerrada, o jornal tem seu subtítulo alterado, de “jornal de instrução e recreio” para “dedicado ao Belo sexo fluminense”, sendo Luiz Ferreira de Menezes, colaborador do *Jornal das Famílias*, o editor-proprietário

No segundo ano do *Jornal das Famílias*, Machado de Assis e Nuno Álvares também tentam definir o belo sexo. No artigo “A mulher”, de Nuno Álvares, ela se configura como um ser frágil, passivo e conformado com sua condição, já que para o articulista “ela não só é o ente mais puro e o mais nobre criado por Deus, como o mais delicado e sensível” (t. 1, 1863, p. 269). Ao definir o que considera por mulher, nega conseqüentemente esse título àquelas que “se esquecem da nobre missão que lhes confiou o senhor”. Ao contrário, a louvação é destinada às “cândidas e castas”.

Após elencar todas as “virtudes da alma feminina”, o de ser filha obediente, esposa amável e mãe dedicada, o autor encerra seu texto declarando seus sentimentos por ela:

Oh! Mulheres, maldigam vos outros, que não eu. Meus lábios nunca vos amaldiçoarão um momento: antes tenho sempre um sentimento de piedade pelas vossas faltas, um sorriso de contentamento pelas vossas virtudes, e uma oração que tímida se eleva ao céu por vós, ó mães que sabeis compreender os santos deveres da maternidade (t. 1, 1863, p. 270).

O articulista reconhece que a mulher é mal vista por alguns, mas se nega a tomar tal atitude: ele adota o sentimento de piedade pelas faltas femininas, um sorriso pelas virtudes e ora pelas mães que compreendem os santos deveres da maternidade. A mesma postura não é abraçada por Machado de

Assis, que não aceita o papel de apenas louvar as mulheres. Ao contar a história de duas amigas, Júlia e Tereza, que se apaixonam pelo mesmo rapaz, em *O que são as moças*, embora tenha deixado explícitas as “funções” da mulher, ser filha, esposa e mãe, destaca a sua esperteza e observa o quanto essas moças sabem o que querem de suas vidas: são delicadas, bordam, freqüentam bailes e capricham no visual “quando se tratava de ver um homem pela primeira vez, ou mesmo pela segunda, ou mesmo pela centésima vez” (t. 4, 1866, p. 136). Em nome da amizade, as duas renunciam ao amado em comum. Todavia, essa renúncia, como revela o irmão de uma delas, só ocorre quando as duas têm em vista um outro pretendente. Eis o desfecho da história:

As duas moças coraram e esconderam o rosto. Tinham razão de ficar vexadas.

Caia assim o véu que encobria o sacrifício no interesse pessoal; ou por outra: largavam um pássaro tendo outro na mão (t. 4, 1866, p. 167).

Nessa narrativa, a mulher, apesar de dotada de toda a delicadeza e a fragilidade mencionadas por Nuno Álvares, ganha uma nova caracterização, a de ser esperta. Em outras palavras, já se apresenta como um ser que sabe que os espaços precisam ser conquistados e, mesmo se restringindo ao aspecto amoroso, sabe brigar por ele. As contradições na definição da mulher correspondem às próprias dúvidas criadas no século XIX em torno da função da mesma, o que é muito bem trabalhado por Michelle Perrot:

No século XIX, a mulher está no centro de um discurso excessivo, repetitivo, obsessivo, largamente fantasmagórico, que toma de empréstimo as dimensões dos elementos da natureza.

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa (...), a mulher das febres e das paixões românticas (...). A ruiva heroína dos romances de folhetim, essa mulher cujo calor do sangue ilumina pele e cabelos, e através da qual chega a desgraça(...).

Outra imagem, contrária: a mulher-água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta (...); mulher doce, passiva, amorosa, quieta(...).

Mulher-terra, (...) que se deixa moldar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e enraízam os grandes caçadores nômades e predadores (PERROT, 1988, p. 188).

Assim, a imagem feminina que se pretende veicular nos periódicos editados por mulheres parece ser a de alguém que está à frente de seu tempo, que luta por sua emancipação, pelo direito ao voto e à instrução formal. Entretanto, uma leitura mais aprofundada dos artigos escritos por elas pode demonstrar que o objetivo maior dessa emancipação recai sobre os ideais das mulheres da época: ser boa mãe, esposa e filha.

O *Jornal das Famílias*, mesmo editado por homens, demonstra preocupação em satisfazer, mesmo que sob a ótica masculina, aos anseios de suas leitoras. Elas não são informadas sobre as conquistas alcançadas pela mulher em todo o mundo, mas são retratadas, pela iconografia e pelas cartas da redação, como efetivas leitoras, que precisam ser educadas para dar ordens às criadas, que desejam ser informadas sobre as últimas tendências da moda de Paris e que precisam ler literatura para se distrair e para aprender com os sucessos e fracassos das protagonistas das narrativas. Enfim, lendo e se informando, seriam melhores mães e esposas.

O empreendimento de Garnier não aprofunda o debate sobre a emancipação da mulher, ele prefere fazer isso implicitamente. As poucas linhas que tratam da educação formal da mulher são inseridas em outros debates. Em março de 1863, um artigo “para somente ser lido por senhoras” (*J. F.*1863, p. 66), assinado por Pauchita Montez, e intitulado “A arte da beleza”, trata, além de receitas para tratamento de cabelo e de pele, da recusa dos homens em aceitar que a mulher se dedique à escrita:

É costume dizer mal das mulheres dadas as letras, e fazer-lhes, por essa razão, as mais malignas insinuações a respeito das virtudes que mais se prezão no nosso sexo. Debalde se faz vêr a esses maldizentes que a mulher que nutre o seu espirito com pasto mais substancial do que as conversas sôbre a vida alheia, menos facilmente occupará a imaginação com essas frioleiras e leviandades que tão uteis parecem ao principio, e tão tristes consequencias acarretão a final muitas vezes. Elles não se deixão convencer e vêm logo com os exemplos das mais celebres litteratas das quaes a fama não corre boa.

A estes exemplos podia contestar-se com outros, mas é que se não lembrão n'este momento, primeiro porque se não trata d'isso agora, e depois porque o meu forte não é história. Entretanto, cumpre confessar que havendo assumptos em que ninguem tão cahalmamente se póde entender como as mulheres, devem ser tambem estas que melhor podem escrever sôbre elles. Creio, pois, que mesmo os que se escandalizão vendo uma auctora publicar um tratado sobre astronomia ou compendio de chimica, não levarão a mal que qualquer d'ellas faça uso do juizo que Deus lhe deu, e da experiênciã que possa ter adquirido para escrever, mais ou menos orthographicamente, sôbre alguma das poucas materias da sua competencia (*J.F.*, março de 1865).

Ao mesmo tempo em que mostra um avanço na questão do direito da mulher à educação formal, a autora restringe sua atuação no mundo das letras ao anunciar que pretende tratar de uma das “poucas matérias de sua competência”: receitas para reforçar a beleza das leitoras. O artigo é precedido por várias justificativas: a autora ressalta que não faz parte do grupo de escritoras que desonram a categoria com “mal comportamento”: “os exemplos das mais celebres litteratas das quaes a fama não corre boa”; lembra que seu texto não escandaliza os que protestam contra as escritoras que se colocam a escrever sobre assuntos mais voltados ao sexo masculino, como química e astronomia; e assume uma posição de aprendiz, já que sua pouca experiência com a escrita lhe permite apenas escrever “mais ou menos orthographicamente”. A colaboradora faz, além de um discurso modesto, a

divisão entre os assuntos masculinos e femininos, gêneros que, em algumas imagens, aparecem separados.

Acreditamos que o *Jornal das famílias* não faz essa distinção, embora, como afirmamos, tudo leva a crer que o seu público principal, aos poucos, passa a ser o feminino. Para esse público, o periódico traz letras de músicas em francês, que podem contribuir ainda mais em sua instrução,



The image shows a musical score for a French song. It consists of two systems of music. The first system has a vocal line with the lyrics "Pe - lit oi - seau ton doux ri - mo - ge" and a piano accompaniment. The second system has a vocal line with the lyrics "'Ton frais par - fum pe - ti - te fleur." and a piano accompaniment. The piano part features a rhythmic pattern of eighth notes in the right hand and a steady bass line in the left hand.

Fonte: Janeiro de 1867

2.

Pendant que l'orage te verse,  
Petite fleur, la goutte d'eau,  
La graine que le vent disperse  
Te nourrira petit oiseau.  
Ainsi de Dieu vient l'abondance,  
A tous il mesure un bonheur,  
Reconnaissez sa providence,  
Petit oiseau, petite fleur.

Silva Lopes destaca que o “piano chega a ser considerado como instrumento e habilidade tipicamente femininos” e cita dois fragmentos, um da história *Senhora*, de José de Alencar, e o outro do romance *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis:

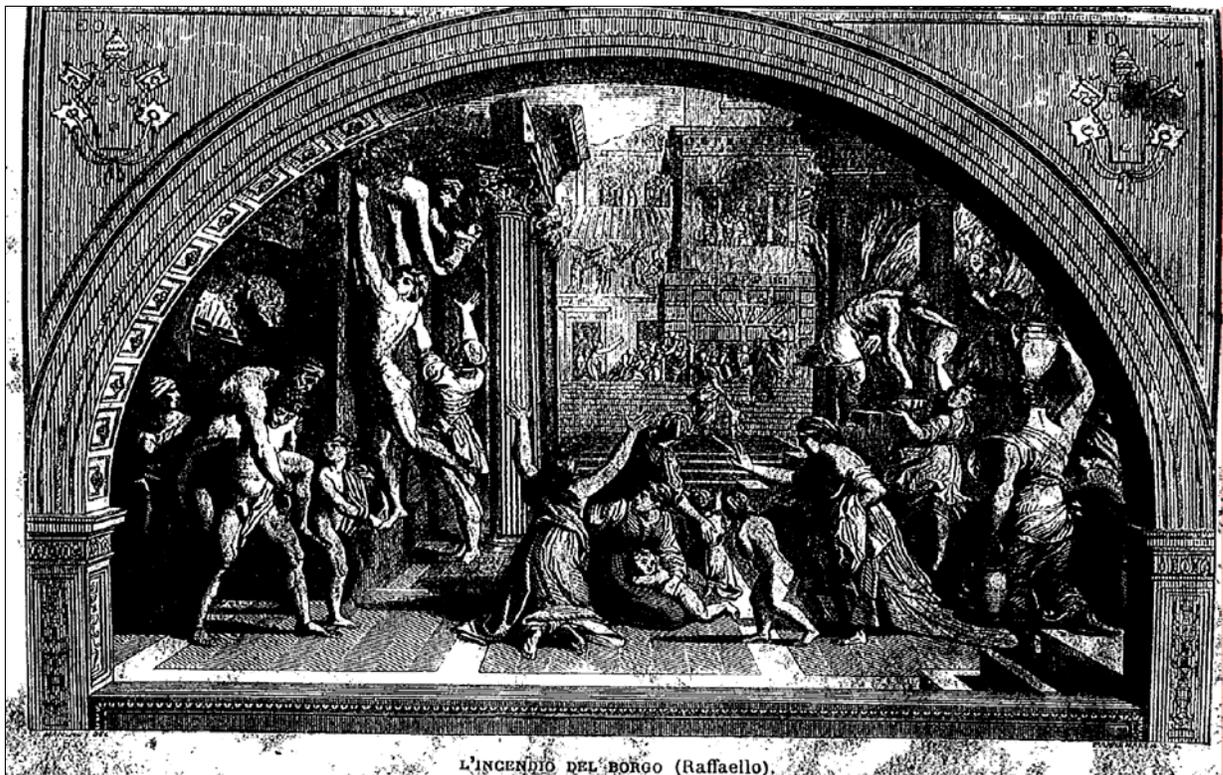
“Daí encaminhou-se ao piano, que é para as senhoras como o charuto para os homens, um amigo de todas as horas, um companheiro dócil, e um confidente sempre atento...”.

“Mesmo que isso implicasse em um custo alto para a família: “Iaiá não tinha piano! Era preciso dar-lhe um, ainda com sacrifício. Se ela aprendia no colégio, não era para tocar mais tarde em casa?” (LOPES, 1997, p. 35).



Para fechar a diagramação, muitas vezes, a redação recorre a pinturas de artistas famosos ou anônimos sem que essas gravuras tenham relação com uma seção determinada; configuram-se apenas como ornamentos para a última página do exemplar. Quando a pintura é de artista desconhecido, ela traz uma pequena explicação de sua origem, como fazem com a tela “A visitação de N. Senhora”, talvez porque o artista fosse menos conhecido do que Rafael: “O quadro da Visitação da Santíssima Virgem à Santa Isabel, que nossa gravura representa com perfeita exactidão, foi executado em 1503 pelo celebre pintor italiano Mariotto Albertinelli, que precedeu o admiravel Raphael Sanzio (1467-1512). Este painel é geralmente considerado como a obra prima do afamado mestre” (*J.F.*, abril, 1872).

Já a pintura de artistas clássicos não é acompanhada de explicação, como é o caso da de Rafael:



L'INCENDIO DEL BORGO (Raffaello).

Fonte: J.F., abril de 1872

As imagens de materiais impressos, das letras de músicas e das pinturas de artistas clássicos mostram a aposta do *Jornal das Famílias* na instrução feminina. A ausência de artigos que tragam à luz a discussão acerca do direito da mulher a uma educação formal, tão recorrente nos periódicos da época, é preenchida pelo conteúdo diversificado das seções e pelos debates introduzidos em algumas narrativas.

## 2.2 Nas imagens, o perfil do público leitor divulgado pela editora Garnier

No periódico de Garnier, além da gravura dos figurinos franceses, a maioria dos artigos vem acompanhada de uma ilustração que, geralmente, representa o assunto tratado<sup>2</sup>. Há também a presença constante de letras capitulares, uma prática comum na época.



A ilustração, de modo geral, é um fator importantíssimo nos periódicos do século XIX. Ao comentar os possíveis motivos que acarretam o fim da *Minerva Brasiliense*, Hélio Lopes destaca a falta de ilustração da revista como um dos fatores que ocasionam o seu fracasso: “O que faltou, e por mais que os responsáveis pelo periódico procurassem aproveitar, foram as ilustrações que reconheciam essencial para uma publicação daquele porte” (LOPES, 1972, p. 23). Em comparação com a *Minerva Brasiliense*, Lopes exalta a ilustração de um outro periódico, *Ilustração Brasileira*. Apesar de classificá-lo como fraco quanto ao aspecto literário, o estudioso elogia o cuidado com as gravuras:

(...). Principalmente no que diz respeito à ilustração, Ciro Cardoso estava consciente da importância desse aspecto da revista e mantinha-se como redator e proprietário de um jornal ilustrado, em constante e imediato contato com litógrafos, gravadores e desenhistas (LOPES, 1972, p. 56).

---

<sup>2</sup> Apesar de nosso empenho, alguns dados não foram desvendados nessa tese, como, por exemplo, a questão da autoria das imagens. Gilda de Mello e Souza aponta que a iconografia, pelo menos da seção de moda do *Jornal das Famílias*, é plagiada de um importante periódico francês especializado em moda, mas e os demais? A dificuldade de encontrar informações a esse respeito fez-nos desistir da empreitada para centrar a atenção nas narrativas.

O trabalho sobre a história da revista no Brasil também observa a questão da ilustração como meio de atrair os leitores ao destacar a ausência de ilustração na primeira revista literária brasileira<sup>3</sup>, e o quanto o século XIX abre caminho para o seu aperfeiçoamento no século XX.

Cautelosos quanto à importância das ilustrações, não faltam no *Jornal das Famílias* artigos acompanhados de ornamentos, principalmente de figuras que poderiam, inclusive, representar as leitoras<sup>4</sup> oitocentistas. A redação do jornal demonstra ter consciência da importância das estampas para agradar as damas elegantes e as que almejam aprender as regras para se tornar uma senhora de bom gosto. Nas cartas endereçadas aos assinantes, a ilustração é elencada como um dos atrativos do periódico:

Sabe-o ele<sup>5</sup> que não somos avezados a faltar a compromissos que tomamos, e pode pois contar que as reformas que virão sobrevindo, já na variedade e escolha dos artigos, já na nitidez da impressão e beleza das gravuras, provarão que se desejamos a benevolência e a animação, não nos retraímos ao dever de procurar agradar a quem tanto nos merece (*Jornal das Famílias*. Tomo 2, janeiro de 1864, p.1-2).

De modo geral, as imagens utilizadas para agradar a esse público procuram ser coerentes com os assuntos tratados, como se tivessem sido encomendadas para tal fim, o que, a nosso ver, não representa a questão principal. Para nós, o que mais importa não é discutir se as imagens são feitas

---

<sup>3</sup> *Varietades ou Ensaios de Literatura*, Salvador, 1812.

<sup>4</sup> Não identificamos os autores da iconografia presente no *Jornal das Famílias*. As regras para esse tipo de reprodução, como sinaliza Jussara Quadros, ainda estão em discussão: “Imitação, cópia e reprodução eram práticas distintas mas que passavam a sofrer alterações por influências recíprocas, o conceito de imitação na arte, que permanecera relativamente acatado desde o Renascimento, precisara ser reciclado frente à noção moderna de reprodução mecânica de imagens que a litografia e a fotografia, especialmente, passariam a impor” (QUADROS, 2001, p. 71).

<sup>5</sup> Como já foi exposto, a partir da carta de 1869, a redação passa a delimitar o público de seu jornal, dirigindo-se apenas às leitoras. Antes, os assinantes são tratados pela forma genérica de “leitores”.

especificamente para o *Jornal das Famílias*. Interessa a seleção, a escolha feita pelo editor (ou pelos redatores) da iconografia que eles julgam adequada para apresentar no jornal. Nesse sentido, constatamos que a maior parte das imagens selecionadas remete à figura de material impresso – livros e jornal -, na mão de leitoras e de leitores, adultos ou crianças, o que é presença marcante nas páginas do *Jornal das Famílias*. Para Emmanuel Fraise,

(...) as representações da leitura, em texto ou em imagem, deveriam permitir reavaliar os discursos que objetivam regulamentá-la, dizer sua norma ou prescrevê-la como aqueles que pretendem construir uma descrição objetiva, histórica ou sociológica, das práticas de leitura (FRAISE, 1997, p. 8).

Fraise propõe que a imagem seja vista como uma fonte de pesquisa para o estudo das práticas de leitura. As diversas imagens encontradas no jornal de Garnier permitem identificar diferentes situações de leitura: a moça solitária, a cumplicidade entre duas amigas leitoras, a mãe que lê para sua família, a senhorita que abandona o livro e repousa em sua cama, a ilustração de um livro colocado entre espada e anjos.

Na maioria das ilustrações, retrata-se a mulher leitora, lendo para a família, sozinha ou ao lado de uma amiga, que é a mais freqüente. A figura a seguir ornamenta a última página de um exemplar do *Jornal das Famílias*, edição de março de 1864. Uma família parece ler um jornal (que poderia representar o próprio *Jornal* de Garnier, já que a imagem encontra-se na última página do jornal, junto com a relação das seções), três membros seguram partes distintas desse material, como se aguardassem a vez de terem sua página lida pela leitora. Enquanto isso, um homem mais velho parece apenas ouvir a leitura:



Fonte: *J.F.* março de 1864

Quase dez anos depois, em junho de 1873, outra ilustração de família leitora encerra a edição do *Jornal das Famílias*. Na ocasião, a família ilustrada é mais numerosa e os pais aparentam um pouco mais de idade. A família retratada em 1864 lê folhas soltas; a de 1873, um material encadernado, quem sabe um volume do *Jornal das Famílias* contendo os exemplares que circulam durante o ano:



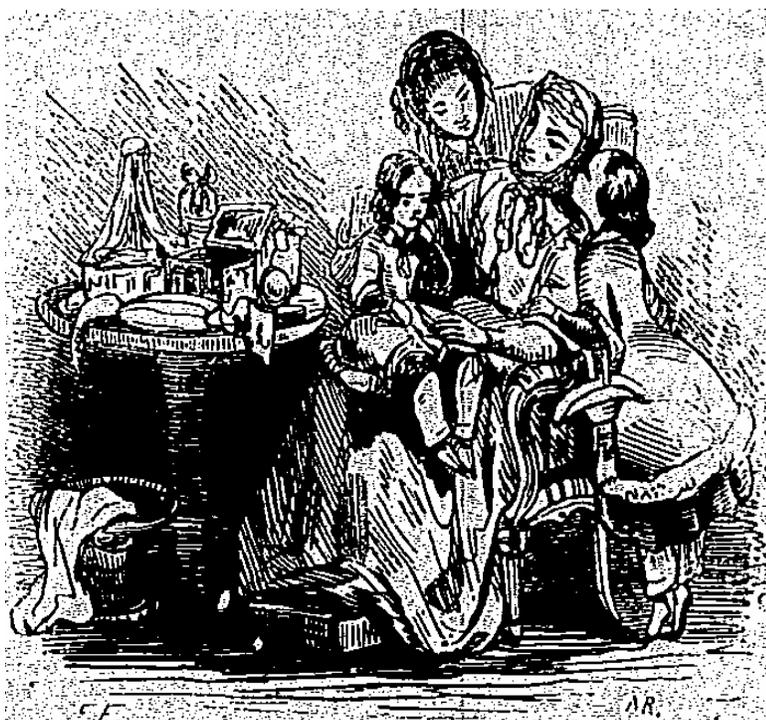
Fonte: *J.F.* junho de 1873

Note-se que nas duas imagens a natureza tem um papel importante. A primeira família parece realmente estar ao ar livre; já a segunda, parece ter atrás de si uma cortina com elementos da natureza. Apesar de tratar do século XVIII, é interessante lembrar que, para Chartier, a representação da leitura ao ar livre tenta estabelecer uma relação harmoniosa entre a natureza e a força da palavra (CHARTIER, 1999, p. 78). Nesse caso, a inserção das famílias leitoras em quadros da natureza também pode ter sido utilizada para que seja impossível dizer se se trata de cena européia ou brasileira. Talvez isso agrade aos leitores que queriam se sentir europeus. Ou talvez seja uma representação de algo que se queria incentivar, um modelo, mais do que um retrato.

Na segunda imagem, a mulher abraçada à menina está em destaque; à frente está a imagem de um homem sentado confortavelmente e cercado por dois meninos e um rapaz. Na primeira ilustração, cada personagem parece esperar para ter a sua folha lida, como se cada um tivesse interesses

individuais, já na segunda, a leitura é coletiva, no sentido de que todos parecem se concentrar em um único material.

A imagem de uma mulher leitora encerra a narrativa “Quem não quer ser lobo”, de Machado de Assis. O ambiente não se parece com os anteriores, o balde de limpeza ao lado da imagem dos leitores e os objetos da mesa indicam que se trata de uma família sem recursos financeiros:



Fonte: abril de 1872

A exemplo de muitas ilustrações, essa é escolhida para encerrar a história de Sara, uma moça ambiciosa, que é convencida a valorizar outros aspectos da vida ao perder o pouco que tinha. A narrativa encerra-se da seguinte maneira:

Que mais lhe direi para completar a narrativa?

Sára disse adeus às ambições dos primeiros anos, e voltou-se toda para outra ordem de desejos.

Quiz Deus que ella os realisasse. Quando morrer não terá pagina na historia; mas o marido poderá escrever-lhe na sepultura. Foi boa esposa e teve muitos filhos (*J. F.*, abril de 1872).

Para a época, a ambição permitida à mulher restringe-se a ser esposa e ter muitos filhos. A literatura parece reforçar tal posição, uma vez que, em narrativas como a de Machado, pune as que ousam querer mais do que lhes é concedido. De uma forma ou de outra, a imagem também demonstra que existe leitura entre pobres e ricos, numa possível tentativa de representar o caráter “democrático” da leitura.

As figuras também fazem pensar na famosa descrição de José de Alencar em *Como e por que sou romancista*: “Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas, para não ficarem ociosas, as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra” (ALENCAR, 1990, p. 27). Mas, ao invés de um leitor a serviço de mulheres ouvintes de romances, parece que a função é exercida por leitoras, já que em nenhuma das duas imagens os homens<sup>6</sup> seguram um texto.

Destacamos uma última estampa de família e livros, que data de 1558 e encerra o exemplar de maio de 1869:

---

<sup>6</sup> Na verdade, é insignificante o número de imagens de homens leitores durante os dezesseis anos de circulação do periódico; destas poucas, apenas uma representa rapazes lendo em grupo, nas demais, a leitura é solitária.

Fonte: J. F., maio de 1869



L'E MATIN, PAR H. GOLTZIUS (1558).

A pintura, intitulada “A manhã”, apresenta como destaque a imagem da mãe que alimenta os filhos menores enquanto tem aos seus pés um cesto de costura. Ao fundo, o pai e o filho maior concentram-se na leitura de materiais impressos. De qualquer forma, o interessante é que essa é a única figura de família que não coloca a mulher na condição de leitora, indicando que as demais imagens representam um avanço significativo para a época de divulgação do *Jornal das Famílias*. Vale destacar ainda que essa imagem é utilizada apenas para ornamentar a última página do exemplar. Talvez ela tenha sido inserida por representar um modelo de família.

A maioria das imagens, no entanto, não representa famílias leitoras, mas sim, mulheres lendo com amigas ou sozinhas, como é o exemplo da ilustração a seguir, na qual a imagem de uma senhora bem vestida encerra a edição de dezembro de 1871:



Fonte: dezembro de 1871

Para Martine Poulain, o estudo da leitura a partir da ilustração deve distinguir as cenas efetivas de leitura e outras que apenas incluem a presença de livro (POULAIN, 1997, p. 62). As estampas do *Jornal das Famílias* são marcadas por poucas cenas de leitura efetiva; na maioria, o livro é apenas um ornamento na mão de uma moça bem vestida. Ao observar, nessa imagem, um cesto de costura sobre a mesa, lembramos que a associação entre livro e costura aparecem em muitas outras cenas do periódico. Contudo, assim com a leitura, raras vezes a mulher aparece costurando. Livros, agulhas, linhas e tecidos figuram apenas como ornamentos.

Na iconografia abaixo, utilizada para encerrar a seção de moda, em dezembro de 1869, duas mulheres conversam durante um passeio. O quadro é marcado pela beleza dos vestidos, e, em segundo plano, está a natureza; como

detalhe, um livro (ver imagem em destaque), que poderia passar despercebido, devido ao seu tamanho em relação às demais configurações<sup>7</sup>.



Fonte: *J. F.*, dezembro de 1869

Vamos percebendo que as imagens são mais propriamente a figuração de um modelo de leitura e, ao mesmo tempo, parte de um projeto de inserir o livro na vida cotidiana, representando mulheres e famílias em contato freqüente

---

<sup>7</sup> O nome da cidade do Rio de Janeiro, que aparece na parte superior, é um fragmento do carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de onde o periódico foi microfilmado.

com livros e escritos. No exemplar de fevereiro de 1869, para encerrar uma carta dirigida às leitoras, a redação seleciona a figura de duas jovens que, em pé, numa posição pouco confortável para a prática da leitura, parecem ler com grande interesse:



Fonte: *J.F.* fevereiro de 1869.

Mais uma vez, a iconografia dialoga com um modelo de leitor, no caso acima, e de senhoritas bem vestidas e penteadas, que coloca o material impresso como um objeto de interesse: “de fato são os jornais, ainda mais que os livros, que ilustram sua leitura e desse modo indicam o público leitor procurado e, às vezes, até o modo de leitura esperado” (POULAIN, 1997, p. 62).

Se as ilustrações de mulheres lendo com uma amiga ou para a família desejam representar o público leitor que o editor Garnier imagina ser ou gostaria que fosse o de seu jornal, elas lembram mais o estilo de leitura das

sociedades européias até a metade do século XVIII, definido por Chartier, do que a leitura silenciosa e íntima, predominante no século XIX:

Um antigo estilo de leitura, característico das sociedades européias até a metade do século XVIII, teria as seguintes propriedades: 1. o leitor é aí confrontado com um número pequeno de livros (a Bíblia, as obras de piedade, o almanaque), que fornecem às gerações sucessivas referências idênticas; 2. a leitura pessoal encontra-se situada em uma rede de práticas culturais apoiada sobre o livro: a escrita de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si e para os outros (CHARTIER, 1996, p. 86).

O mais importante, ao que parece, é ilustrar o periódico com imagens que sugiram a idéia de o Brasil ser um país de leitores e de leitoras, mas, como nas ilustrações a seguir, embora estejam abertos, os livros são meros ornamentos nos retratos de jovens bem vestidas. A primeira imagem encerra a seção de poesia do exemplar de março de 1869, e a segunda vem na segunda página do exemplar de 1873, ornamentando o periódico e não uma seção em particular,



Fonte: *J.F.*, março de 1869



Outras imagens parecem remeter à afirmação de Jean-Michel Massa, no livro *A juventude de Machado de Assis* (1971): “O *Jornal das Famílias*, **submetido à constante vigilância dos maridos ou dos pais**<sup>8</sup>, que fiscalizavam as leituras de suas esposas e de suas filhas, devia além disso agradar às leitoras e alimentar as suas fantasias” (MASSA, 1971, p. 541).

---

<sup>8</sup> Grifo nosso.



Fonte: *J. F.*, agosto de 1869

A ilustração anterior, utilizada para ornamentar o fim do romance “O remorso pune o crime”, em que se narra a história de uma esposa que comete adultério, talvez demonstre que Massa não exagera ao adotar o termo “vigilância”, uma vez que muitas das mulheres desse tempo precisam da autorização de seus maridos para ler e, principalmente, para publicar seus textos.

A figura seguinte ilustra um artigo sobre o sistema métrico (*J.F.*, julho de 1874) e, pelo que pudemos perceber, ela não faz uma conexão com o texto, que apenas descreve o sistema métrico. Um senhor, associado à figura típica de um sábio, ensina meninos, posicionados à direita, e meninas, posicionadas à esquerda do mestre. O que é interessante observar é que meninos e meninas, embora em lugares determinados, ouvem e aprendem a mesma lição, numa situação que parece informal por causa de alguns livros que estão dispostos no

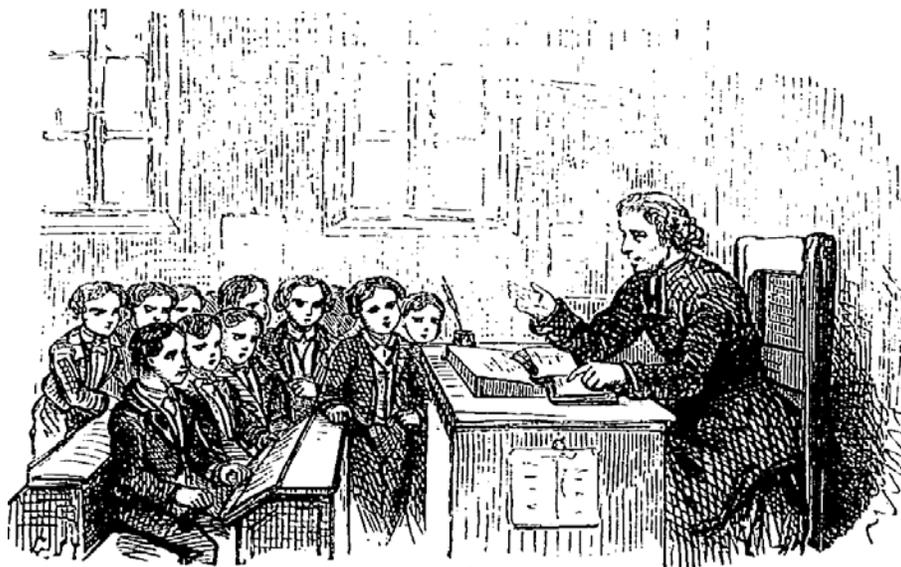
chão, mas os livros que a maioria das crianças seguram, a pena na mão do menino à direita e o título do livro na mão do senhor, *Lectures L'enfance*, indicam que se trata de uma escola:



Fonte: *J. F.*, julho de 1874

Em outra representação do ensino escolar não há a figura de meninas, apenas os garotos ocupam os bancos escolares. Mais uma vez, não há correlação direta entre texto e imagem, já que a estampa ilustra uma história sobre a escravidão, contada por Paulina Philadelphia. Por outro lado, os alunos

ocupam a mesma postura informal da imagem anterior, fora de seus lugares, eles estão próximos ao mestre e atentos à explicação:



Fonte: J. F.,  
junho de 1869

Em contraponto, crianças leitoras folheando, sem a presença de um adulto, vários livros ilustra a seção de moda, no mês de junho de 1874. Essa imagem mantém conexão com o conteúdo, pois, nesse exemplar, a seção traz moldes de roupas infantis. Elegantemente vestida, a menina folheia um grande livro, enquanto os meninos parecem entreter-se com outro material impresso:



Fonte: J.F., junho de 1874

No *Jornal* editado por Garnier, a figura de mulheres lendo ou ornamentadas por um livro poderia representar uma defesa, mesmo que por meio das imagens, da idéia de que a mulher poderia ter acesso à leitura para se instruir. Embora não se faça uma explícita discussão sobre o direito da mulher à educação formal e sobre sua participação na vida intelectual da época, talvez pelo desejo de não contrariar quem paga pela assinatura, a constante presença de livros e outros materiais impressos nas ilustrações afirmam o direito à leitura, seja por mulher, homem ou criança.

Numa outra imagem, que também ilustra a seção de moda, sem, contudo, manter uma relação direta com ela, uma mulher lê para uma menina, enquanto um menino folheia, ao lado, seu próprio livro. O ambiente da leitura também é informal, estando os três envolvidos pela natureza:



Fonte: *J. F.*, agosto de 1874

As estampas não retratam apenas bonitas mocinhas e senhoras no mundo da leitura, a iconografia de leitores de aspectos mais grosseiros também está presente nas páginas do jornal. Para encerrar a sessão *Anedocta*, assinada por Paulina Philadelphia, é escolhida a imagem caricata de dois leitores de traços envelhecidos, trajados com simplicidade e posicionados em um ambiente rústico:



Um sapateiro tinha por costume assoviar sempre que trabalhava e de espaço a espaço dizia cantando este estrebilho :

O rei disse á rainha  
E a rainha disse ao rei.

E assim levava o dia inteiro ; a mulher do dito sapateiro , aborrecida de não vel-o passar d'ahi, perguntou-lhe com impaciencia ; mas o que foi que o rei disse á rainha ?

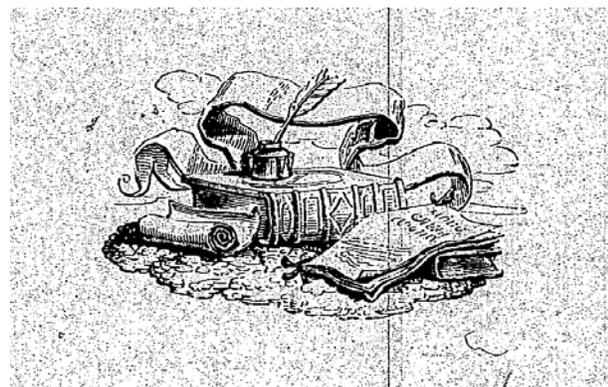
— Eu sei lá? respondeu elle : eu não me metto na politica.

PAULINA PHILADELPHIA.

Fonte: *J. F.*, novembro de 1871.

A caricatura acima está inserida na seção Anecdotas, parte menos séria do periódico. As figuras anteriores ornamentam seções de cartas, poesias, romances e modas e, talvez por isso, sejam mais sérias.

Muitas vezes, o material impresso surge sem o acompanhamento de um leitor. Envolto por nuvens, suspenso no ar, ele apresenta-se como uma imagem divina. Como a vinheta a seguir, que encerra um dos fragmentos do artigo “Uma Loureira”, que trata da utilidade da história e da utilidade da árvore que dá o louro:



Fonte: *J. F.*, março de 1872

Os livros, o tinteiro com uma pena, e as folhas soltas ao lado e em cima deles parecem suspensos por uma nuvem, numa possível alusão ao conhecimento como algo divino. A imagem é apenas uma pequena vinheta, utilizada apenas para preencher espaços vazios do artigo, que não mantém nenhuma conexão com ela. Em outro momento, outra vinheta, também envolvida por certo contexto “místico”, encerra a poesia “Glórias do Brasil”:

Fonte: *J.F.*, Abril de 1872



A espada sobre o livro aberto, os raios que saem por detrás da imagem, o brasão que ornamenta a espada que fica colocada debaixo do livro e as folhas que o envolvem marcam a vinheta que encerra os seguintes versos: “Folheai vossa historia e vede escripto/ O nome Saudação!/Saudai! Sim o Brazil victorioso”, que poderia ser complementado, vitorioso com livros.

As imagens apresentadas aqui representam um ideal de nação próxima da européia. A senhora e a senhorita que queiram impressionar precisam copiar não apenas a moda francesa como também os ornamentos, sendo o livro uma das opções. Ao percorrermos os dezesseis anos de circulação do *Jornal das Famílias*, temos a impressão de que o Brasil, no século XIX, é um país de muitos leitores. Talvez essa tenha sido a intenção da época; assim, a grande recorrência a imagens de materiais impressos pudesse indicar aos assinantes que eles – os impressos- são objetos comuns, inseridos no cotidiano dos

cidadãos, sendo a mulher o principal público retratado: “em três quartos do total das representações aqui reunidas, são as mulheres sozinhas, em família ou acompanhadas as primeiras focalizadas” (POULAIN, 1997, p. 62).

Para essas leitoras idealizadas, o *Jornal das Famílias* oferece um número diversificado de conteúdo, com seções que poderiam auxiliá-la em várias funções desempenhadas por ela, a de senhora que administra o lar, instruir-se para conversar nas rodas sociais, zela pelos filhos e pela forma com que se apresentará na sociedade.

### **2.3. Nas seções, as diferentes formas de entreter e instruir**

Que tipo de literatura é dedicada às assinantes do *Jornal das Famílias*? Há algum avanço quanto ao conteúdo (seções) dos periódicos em relação às seções oferecidas pelos demais jornais da época? Muitas são as opções para os assinantes desse jornal: eis por que preferimos reservar um tópico à parte para tratar da seção *Romances e Novellas*, cujos “Graciosos romances”, (...) “nem uma só vez” ofenderam “a delicada susceptibilidade de VV. EEx” (*Jornal das Famílias*. Tomo 7, fevereiro de 1869, p.2-3). Mas a quem se destina essa diversidade de seções e de artigos que ensinam a dar ordens aos criados, a fazer pratos econômicos, a cozinhar e a cuidar da beleza, ou mesmo romances e poesias, que convivem com raros textos sobre simetria e geografia? A redação preocupa-se em oferecer artigos amenos e instrutivos, que possam ser compreendidos pelos diferentes olhares femininos. A preocupação, constantemente presente nas cartas da redação, é a de não ofender a moral da senhora de “Bom gosto”. Entretanto, a análise das seções, principalmente a que se refere às narrativas, mostra que o periódico vai além e insere as assinantes

em debates importantes para a época, como a questão da construção de uma literatura nacional.

É possível perceber que a instrução das mulheres leitoras do *Jornal das Famílias* está muito mais atrelada à questão da conduta moral que vigora na época do que propriamente a uma formação do intelecto. Na realidade, poucos periódicos inovam nessa questão, mesmo os editados por mulheres. A argentina Joana Paula de Noronha, em seu *Jornal das Senhoras*, propôs um estudo de filosofia as suas leitoras: “A Philosophia! Deus nos acuda! Que proferi! O dragão das sete cabeças é menos assustador que a idéia de que as mulheres não possam compreender o sentido desta palavra, que não haverá quem o chame – “Coco dos meninos” (*Jornal das Senhoras*, 15 de fevereiro de 1852). Em maio do mesmo ano, um ensaio sobre economia, também publicado no jornal de Joana Paula de Noronha, ensina algo mais ameno, o “modo de governar os homens”: “(...) O homem, e ainda o bruto, levado por força, está sempre em continua luta e resistência, levado porém pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente” (*Jornal das Senhoras*, 23 de maio de 1852).

Quando esse jornal divulga artigos em defesa da “Emancipação moral da mulher”, o foco é a permissão de que ela tivesse acesso a uma educação formal para melhor cuidar de sua missão, a maternidade:

Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem em intelligência, e porque pugnarimos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pelas sua missão desconhecida (*Jornal das Senhoras*, 1 domingo, 11 de janeiro de 1852).

Portanto, o empreendimento da editora Garnier está em sintonia com o que é esperado até mesmo pelas mulheres de seu tempo. Artigos amenos, úteis para a administração da casa e para a sua distração.

Quantas utilidades devem ensinar as seções “Economia Doméstica” e “Medicina Doméstica”! Receitas para tirar manchas de roupas, maneiras de conter a febre de um filho, a forma ideal de tratar um empregado. Esse último tópico resulta em um artigo interessante, datado de 1874, que permite confirmar o fato de o periódico se destinar, principalmente, às leitoras oriundas dos setores mais abastados da sociedade e, ao mesmo tempo, identificar o tipo de relação que existe ou deve existir entre senhora/escrava e patroa/ empregada. Victoria Colonna dá ao texto o título de “Conselhos” e faz a seguinte observação: “ Linhas que as criadas não devem ler”. Ou a autora utiliza “criada” como eufemismo para “escrava” ou o texto sugere a existência de moças de setores menos abastados que sabem ler:

Devemos evitar repreendê-los em público, falar-lhes não com carinho, mas com bondade sempre que não tiverem incorrido nalguma falta, lembrando-nos que, a despeito de tudo o que se fizer por eles, nunca se chegará a tornar sua sorte inteiramente feliz. É pois mister compensarmos por bons tratamentos e justas precauções os males inerentes à sua posição, e para podermos exigir deles um pouco menos de egoísmo e indiferença pelos nossos interesses, cumpre que lhes demos o exemplo (*J.F.*, 1874, p. 345).



Fonte: *J.F.*, 1874

Outro aspecto interessante desse artigo é a imagem de um homem cabisbaixo, secando os pratos. Essa imagem, que provavelmente tenha sido trazida da Europa<sup>9</sup>, contrasta com a cultura patriarcal brasileira. Mesmo que se trate de um escravo, não era prática a utilização de homens nos serviços domésticos.

As duas colaboradoras dessa seção, Victoria Colonna e Paulina Philadelphia, deixam nas páginas desse jornal receitas culinárias e prescrições higiênicas que podem ser aproveitadas ainda hoje. Uma das dicas é a de refrescar a pele com uma pomada de pepinos (*Jornal das Famílias*, 1865). No mesmo ano, Paulina Philadelphia ensina as senhoras menos experientes na cozinha a usar álcool para cuidar de eventuais queimaduras.

Além de dividir a seção “Economia Doméstica” com Victoria Collona, Paulina Philadelphia também assina o “Mosaico”, de conteúdo diversificado: ora a seção apresenta anedotas, ora máximas, ora fragmentos de textos. Em fevereiro de 1863, segundo mês do periódico, o “Mosaico” oferece pensamentos edificantes, como: “Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado, e mais doméstico, do que é teu amor próprio. Se queres errar frequentemente, sentença pelo seu voto”. Já no último ano de edição do jornal, 1878, Paulina Philadelphia oferece, nessa seção, engraçadas anedotas, como a que transcrevemos a seguir: “Um malvado foi convencido de haver assassinado a seus paes. Antes de fechar os debates, o presidente do tribunal perguntou-lhe, segundo o estylo, si tinha alguma cousa que dizer em sua defeza. –Espero, disse o criminoso, que tereis pena d’um pobre orphão”. Ao longo da existência do periódico, o “Mosaico” tem sempre um espaço significativo.

Em abril de 1869, é a colaboradora Honorata de Mendonça, uma senhora natural de Goiás, autora de várias poesias cristãs, quem assina um artigo no “Mosaico”, “Estudos Geodesicos”. O texto pretende corrigir o “erro da

---

<sup>9</sup> Tentamos, sem sucesso, identificar as imagens do *Jornal das Famílias*.

carta geographica de Minas”, realizada por José Franklin de Manena. Das duas páginas, destacamos apenas um pequeno fragmento, suficiente para demonstrar o conhecimento geográfico de Honorata:

Sobre os golpes de vista que offerece-nos o pico, diz-nos o Dr. Franklin, o panorama é completo; avistão-se as serras da Formiga, Oliveira, Taipas, Ouro Branco, Cabo Verde, e de Caldas, as serras de Vassouras e da Viuva, S. João do Principe, e a corda de Manbucada a Paraty, a da Cantareira e Itapeva, e além do Cunha e de S. Paulo, divisando-se milhares de cidades e villas das tres provincias de S. Paulo, Rio e Minas. (...).

Muito poder-se-hia dizer sobre esta descoberta, e phenomenos magneticos, physicos e astronomicos, feitos pelo Dr. Franklin; porém aqui só pretende-se corrigir o erro da carta geographica de Minas, visto que Itatyaia está situado entre os municípios de Baependy, Ayuruoca e Rezende, pertencendo das vertentes para cá ao município de Yuruoca.

Honorata M. C. de M.

Yuruoca, 1º de maio de 1868

Esse texto é citado em *Escritoras Brasileiras do século XIX*, onde há também a informação de que a autora é uma defensora da “escola mista”: “ela expõe os motivos que a levam a acreditar que o ensino de meninos e meninas juntos só poderá beneficiar a ambos, pois, para ela, desde o início haverá o sentido do respeito mútuo” (VASCONCELLOS, 2000, p. 668). A forma direta com que a autora coloca-se também merece destaque, sem se utilizar de pseudônimo, ela escreve um texto para corrigir a falha geográfica cometida por um homem. Ao inserir tal artigo nas páginas do *Jornal das Famílias*, a redação, mais uma vez, demonstra uma abertura significativa à produção feminina.

No ano de 1863, a colaboradora Maria Amalia participa da seção “Mosaico” e apresenta a razão de muitos leitores chorarem diante do romance *Paulo e Virgínia*:

Por que motivo a história tão singela de Paulo e Virginia arranca mais de um suspiro e uma lagrima do coração? Não será que a fé,

o amor e a crença vivem e palpitação n'aquellas paginas banhadas de poesia, mas de uma poesia casta e singela, que não perturba os sentidos e nem faz o sangue borbulhar ardentemente nas veias?

Felizes todos os romancistas se seguissem a escola romantica do mimoso autor de *Quadros da natureza* (*Jornal das Famílias*. Tomo 2, dezembro de 1864, p. 358).

A autora abre uma discussão sobre o que seria um romance, afastando-o dos licenciosos ou de sensação, que são os que fazem o sangue do leitor “borbulhar ardentemente nas veias”.

Além dessas escritoras, outros autores e temas marcam a seção “Mosaico”. O padre Manuel Bernardes e o padre Francisco Bernardino de Souza participam com a publicação de textos voltados ao ensino de teor religioso; já o crítico literário Nunes de Azevedo escreve alguns artigos em que tenta definir a mulher. Outros preferem contribuir no anonimato, escrevendo textos de temas diversos, como sobre a flor do maracujá e sobre a imprensa, em que o autor a considera “curiosa, indiscreta e segredista”.

Nos primeiros anos do *Jornal das Famílias* (1863-1866), é oferecida a seção “Viagens”. Pela leitura da seção, os leitores conhecem São Vicente, pelo olhar de Zaluar; e o Convento da Luz, em São Paulo, São João do Rio Claro, Petrópolis e o sul do país, pela descrição de colaboradores que optam pelo anonimato. De curta duração também é a seção “Bibliographia”, com apenas três textos publicados. A apresentação superficial da obra *Pequeno panorama ou descrição dos principais edificios do Rio de Janeiro*, de Moreira de Azevedo, em 1864; a resenha do livro francês *As imperatrizes do Brasil*, de Mademoiselle A. Celliez e a transcrição de parte do livro *Fatos do Espírito Humano- Filosofia*, de J. G. de Magalhães, ambos em 1864. Da obra de Guimarães, o autor resenhista faz apenas uma pequena apresentação, que não traz nenhum teor crítico.

A seção que recebe o nome de “Literatura (crítica)” aparece apenas em 1863, com um artigo. Assinado sob o pseudônimo Brasília, “Garrett e seu brasileirismo” trata da relação de Almeida Garrett com o Brasil (*J.F.*, 1863, p. 145-148). O autor português é considerado o poeta mais popular entre as leitoras brasileiras, o mais lido, o mais estudado e o mais “sabido”. Para o autor do artigo, a popularidade do poeta português faz jus ao título de “chefe de uma nova escola”, e suas composições apresentam modelos para todos os gêneros. Acerca do envolvimento do poeta português com o Brasil, o texto destaca o pronunciamento de Porto Alegre<sup>10</sup>, biógrafo de Garrett:

O visconde de Almeida Garrett, diz o Sr. Porto Alegre, o que mais ambicionou em sua vida foi o lugar de representante de Portugal no império do Brasil, e tal era a vontade que tinha de ver esta bela natureza e de abraçar os seus mesmos íntimos amigos do tempo da universidade, que mostrou o começo de um romance brasileiro, no qual descrevia muitas de nossas plantas, pelo que havia observado na madeira à luz do sol, e em outros lugares nas estufas dos jardins botânicos (*J.F.*, 1863, p. 146).

O entusiasmo de Garrett pelo Brasil, segundo o autor, mostra-se em maior evidência na “Ode ao Brasil liberto”, por meio da qual o poeta expressa seu verdadeiro desejo, qual seja, a união de Portugal com o Brasil. Mas ele quer que essa união seja pautada na igualdade e não na relação entre senhores e escravos.

Já os poucos textos que compõem a seção “História”, assinados em sua maioria pelo Pe. Francisco Bernardino de Souza e por Emília Augusta Gomide Penido, não passam de transcrição de passagens bíblicas, o que nos faz questionar sobre a escolha do nome da seção. Quem sabe, esses colaboradores, ou mesmo a redação, pensaram dar um status de verdade aos fatos narrados na Bíblia ou ainda não havia a definição de estudos históricos que temos hoje.

---

<sup>10</sup> Ver. Porto Alegre. *Revista trimestral do IHGB*, t. XVIII, p. 46.

Embora nenhuma seção tenha sido dedicada à ciência, encontramos, em 1874, um artigo que faz referência ao assunto. O ensaio do Dr. Caetano Figueiras, “A Figueira” (*J.F.*, 1874, p. 304), é o único que trata do estudo científico. Segundo o Dr. Figueiras, o jornal não deseja dedicar-se somente aos interesses literários: ele também quer ter o “dever” de instruir as leitoras e por isso o autor apresenta informações sobre a composição e a utilidade da figueira. Mas esse propósito não é levado adiante.

Na verdade, apenas três seções se sustentam diante da fragilidade das demais<sup>11</sup>, *Poesia*, *Moda e Romances e novellas*, talvez porque componham os assuntos preferidos pelas “gentis leitoras”. O espaço dado às seções citadas justifica a idéia de que o *Jornal das Famílias* seja prioritariamente destinado às mulheres.

Os poetas do jornal de Garnier são, em sua maioria, colaboradores de outras seções, confirmando a característica eclética dos literatos oitocentistas. Emilio Zalar, Machado de Assis, Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, Eustáquio Pinto da Costa, Teixeira de Macedo, Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, Emília Augusta Gomide Penido, Padre Bernardino de Souza, L. A. Burgain, Caetano Figueiras, Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior, Bernardo Guimarães, Duarte da Silva e Candido Teixeira escreveram sobre poesia, história e participaram das seções *Romances e novellas* e *Mosaico*.

Outros colaboram apenas com a publicação de poesias: Juvenal Galeno, Castro Alves, Joaquim Norberto, Ernestina E. F. Varela, Jesuíno Ferreira, Franklin Doria, José Elisiario da S. Quintanilha, João Manuel Espinhola, José Bonifácio, Josino Emiliano da Silveira, José Jorge da Siqueira Filho, Fernando T. S. Magalhães, Gratulino V. Melo Coelho, Juvêncio A. M. Paredes, Júlio César Ribeiro Sousa, José Maria Gomes de Sousa, Pereira da Cruz, Carlos de Laet, Marrocos Mendes, Andrada Machado e Silva, Dr. Guido de Sousa

---

<sup>11</sup> Frágeis no que se refere à durabilidade, uma vez que aparecem esporadicamente ou circulam por poucos meses.

Carvalho, Evaristos Andrade, Francisco G. da Costa Sobrinho, Maria J. Magno,  
Dr. J. O. Pinto Mosqueira, Maria Augusta dos Santos.



Fonte: *J.F.*, 1874

A estampa acima retrata bem o conteúdo dos versos publicados no *Jornal das Famílias*, uma vez que, em sua maioria, eles exaltam o amor, que na imagem vem representado pelo cupido; a religiosidade, uma vez que tem a presença da virgem Maria segurando o menino Jesus; e a natureza. O primeiro tema citado raramente era concretizado. Como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu ou Gonçalves de Magalhães, que freqüentemente aparecem como epígrafes dos poemas, os colaboradores do *Jornal* dedicam-se a versos em que o eu poético idealiza, mas não concretiza o amor. Seja porque o ser amado morre repentinamente, seja porque é repudiado, ou ainda porque não tem coragem de se declarar, quem ama fica afastado do ser amado, reforçando a tendência da temática do “amor idealizado”.

Outros poemas fogem da temática do amor. Alguns, marcados pelo eu poético feminino, questionam os desejos dos pais. Como ocorre no poema “Albertina na costura”, assinado por Sophia. Albertina questiona a ordem do pai, que a proíbe de amar seu primo Juca (t. 1, março de 1863, p. 93). Mas poemas como este são apenas exceção à regra. A maior parte recai sobre temas melancólicos. Em “Queixas do mar”, publicado dois meses depois de “Albertina na costura”, a voz feminina chora por seu amado, morto no mar (t. 1, maio de 1863, p. 158).

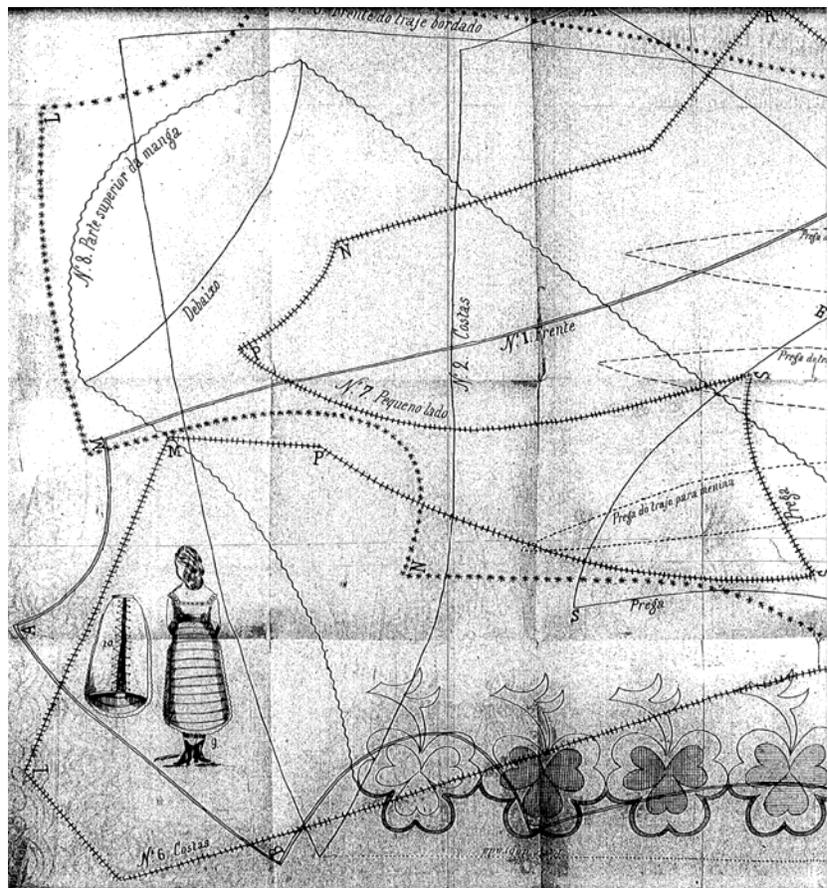
O colaborador mais assíduo da seção de narrativas do *Jornal das Famílias*, Machado de Assis, escreve quatro poemas assinados com o seu próprio nome e três assinados sob pseudônimos. Desses, dois são, conforme é indicado em nota, traduções de autores estrangeiros. “Alpujarra” (*J.F.* 1863, p. 216-218), do poema “Conrad Wallenrod”, de Mickiewicz, e “Eponina” (*J.F.* 1876, p. 309-318; 339-348 e 368-373), que diz apenas ser traduzido do Italiano.

No poema “Tristeza” (1866, p. 247-249), o autor acompanha a temática romântica do amor não concretizado. Introduzido por uma epígrafe de Shakespeare: “ah! Pobre criança! Triste ludíbrio da funesta estrela!”, as oito estrofes de rimas livres do poema remetem à tristeza de uma mulher iludida pelo amado.

O poema “Amor passageiro” (*J. F.* 1869, p. 188-189) mostra que Machado oscila na temática e na estrutura de seus poemas. Com uma única estrofe, composta de trinta e um versos de rimas livres, o “eu poético”, menos idealizador, rompe o compromisso com sua namorada; ressalta suas vaidades, seu egoísmo e conclui que “para eu amar-te devias\ outra ser, e não como eras!”. No último poema citado, Machado de Assis recupera uma outra temática romântica, a religiosidade. “Hino do Cristão” tem como epígrafe um verso atribuído a Santa Tereza de Jesus: “Mueve-me enfin tu amor de tal manera, que

aunque no hubiera cielo yo te amara"<sup>12</sup>. Em sete estrofes o “eu poético” louva a Deus e indaga o quanto a vida seria melhor se todos os homens reconhecessem seu poder.

Assim como a seção de poesia, a Moda não deixa de aparecer nas páginas do *Jornal das Famílias*, sendo sempre a última parte de cada exemplar e apresentando imagens de figurinos e a explicação de como confeccioná-los anexa ao jornal:



Fonte: outubro de 1872

<sup>12</sup> "Move-me enfim seu amor de tal maneira, que ainda que não tivesse céu eu te amaria."

Mesmo que timidamente, ela já aparece na *Revista Popular*, mas sem o mesmo destaque conquistado no *Jornal das Famílias*, que contrata, inclusive, um funcionário para estar sempre atualizado em relação à última moda de Paris:

Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e os moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem ao par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto (*Jornal das Famílias*. Tomo 7, fevereiro de 1869, p.2-3).

A imagem a seguir, apresentada no final da seção de moda de 1869, mostra duas moças bem vestidas ao ar livre. Enquanto uma mostra-se pensativa, a segunda olha atentamente uma folha impressa, que, pelo que parece, contém a imagem de duas pessoas. Os vestidos que elas usam são explicados com detalhes no final desse exemplar:



Fonte: *J.F.*, agosto de 1869

Poderiam ser apresentados apenas os moldes dos figurinos, mas a redação prefere colocar imagens de mulheres bonitas, meigas, bem penteadas e em lugares agradáveis para divulgar ainda mais a beleza da moda parisiense. O material impresso parece ser colocado como acessório indispensável para ser elegante.

No *Jornal das Famílias*, a moda também é recomendada às moças que desejam se casar; como sugere a narrativa “Um jornal casamenteiro”, assinado por C.F. (*J.F.*, 1877, p. 279-282). De acordo com a história, o protagonista Paulo, homem “refletido, frio, melancólico” e considerado um tipo difícil de ser conquistado para o casamento, após avistar, na porta da matriz, uma moça “de seus 15 e 16 anos que arregança graciosamente a saia e a túnica de um vestido vaporoso”, deixa de ser indiferente ao amor e se casa depois de 2 meses com a mocinha dos “vestidos vaporosos”.

Com o objetivo de explicar como o jornal de Garnier influencia a escolha de Paulo, o narrador introduz no texto o diálogo de duas moças que comentam o casamento. Uma delas diz que não é pela beleza física que Paulo escolhe a noiva, mas pelo vestido. E explica:

- O Paulo viu a Luizinha, na festa e no Te-Deum, com aqueles dois vestidos novos que ela mandou fazer pelos figurinos do *Jornal das Famílias*... não te lembrás? (...)

-Então foi o *Jornal das Famílias* quem fez o casamento.

-Está claro. E a prova é que Paulo encontrava-se constantemente com a Luizinha, e só se lembrou de gostar dela no dia da festa.

-Se o Garnier soubesse...

-Não deves dizer o Garnier, mas se todas as moças soubessem... assinavam o jornal casamenteiro!

-Mas como podem saber? (...) (*J. F.*, 1877, p. 281).

O narrador avisa às moças que escreverá sobre o caso e conclui: “E a mocinha bonita que quiser casar depressa deixe S. Gonçalo de Amarante<sup>13</sup>, e agarre-se com os figurinos do jornal casamenteiro, o *Jornal das Famílias*, do Sr. Garnier” (1877, p. 282). Ao fazer esse discurso, o narrador aproveita-se da narrativa para realizar a publicidade do jornal e da moda apresentada nele.

Além de demonstrar a esperteza da empresa de usar vários espaços para fazer a propaganda de seus empreendimentos, a narrativa chama a atenção para duas questões sobre o mundo feminino da época. A primeira é que, apesar de as mulheres da elite terem acesso à educação formal, o autor da narrativa, C. F., cria um narrador que, tendo ouvido a conversa das mocinhas do conto, diz a elas que se encarregará, ele mesmo, de divulgar a história dos vestidos, sem sugerir que as próprias personagens escrevam uma carta para relatá-la, confirmando, assim, a falta de incentivo para as mulheres escritoras.

A segunda refere-se à idade, que, nesse período, é considerada adequada para o casamento. A escolhida de Paulo tem então entre 15 e 16 anos, detalhe que evidencia que esta é a idade apropriada para iniciar a busca pelo casamento, sendo que, no final, o narrador, mais uma vez, reforça: “a mocinha bonita que quiser casar depressa” deve se adequar aos figurinos da revista. Essa questão configura um fato bem conhecido historicamente; no entanto, inserida em um texto ficcional, como aparece nesse conto, demonstra o quanto, para a sociedade da época, embora aqui representada por uma visão masculina, o casamento aos quinze anos é considerado como um acontecimento “natural” e correto:

---

<sup>13</sup> São Gonçalo é um santo português com culto permitido pelo papa Júlio III em 24 de abril de 1551. Existem muitas lendas a respeito do santo protetor das mulheres e dos casais apaixonados. Contam que ele transmite tranquilidade e alegria a todos. Protege sempre os que amam. Ajuda as pessoas a encontrar a pessoa certa para amar e ser feliz por toda a vida ([http://www.saogoncaloonline.com.br/cidade/santo\\_sg.htm](http://www.saogoncaloonline.com.br/cidade/santo_sg.htm)).

À mulher do século XIX restava, portanto, apenas o casamento. Esta única alternativa permitida ao sexo feminino não podia deixar de favorecer o desenvolvimento intensivo da arte da sedução. E se a moda agora era acessível a todos através da prancha colorida que a revista de senhoras publicava, também proliferavam por toda a parte os livros de boas maneiras, características de uma classe que se formava, e onde este sutil esquema do comportamento ainda não se tinha imposto pela tradição (SOUZA, 1987, p. 91).

Os figurinos divulgados no jornal são utilizados não para as leitoras aprenderem a costurá-los, e sim para os mandarem fazer: “O Paulo viu a Luizinha, na festa e no Te-Deum, com aqueles dois vestidos novos que ela *mandou fazer* pelos figurinos do *Jornal das Famílias...*”. Em oposição a isso, a elegante mulher que por dezesseis anos ornamenta a capa do jornal aparece costurando. Além disso, em vários outros momentos, o periódico apresenta imagens de mulheres em um ofício que, considerando que na época o Brasil ainda tinha escravos, faz pensar se as estampas representam uma atividade comum entre as senhoras de posses ou se a partir delas o jornal deseja criar tal prática:



Fonte: *J.F.*, janeiro de 1867 e julho de 1869

As imagens podem estar representando elegantes mulheres bordando seus enxovais de casamento ou então solteironas entregues a “bordados infindáveis”:

O casamento era então uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, o único meio de adquirir status econômico e social, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos bordados infindáveis, à educação dos sobrinhos (SOUZA, 1987, p. 90).

Maria Ângela D’Incaro reforça a hipótese de que, no século XIX, as mulheres que não têm status social e econômico ou não se casam com homens

bem sucedidos entregam-se à costura e ao bordado. De acordo com sua pesquisa, o ócio entre as mulheres da elite oitocentista é preenchido com a leitura de novelas, “consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências entre amigas” (D’INCARO, 2002, p. 229).

Não são apenas as leitoras que imitam os modelos do *Jornal das Famílias*. A seção, segundo Alexandre Eulalio, nutre-se das páginas de um outro periódico, *La dernière Mode*:

(...) uma revista que se encarregava não só de selecionar os modelos de vestidos mais requintados, de apontar as lojas de nível supremo, mas ainda de inserir no corpo da publicação texto dos escritores que “valiam a pena” – só destes. Modelo imitado em versão modesta pelos diversos *Jornal das Famílias* e *A Estação*, a serem em breve publicados na remota cidade do Rio de Janeiro, na América do Sul – apesar das advertências a respeito de contrafações e imitações estampadas em cada número de *La dernière Mode* (Apud.: SOUZA, 1987, p. 11).

A origem pouco deveria importar para as leitoras do *Jornal das Famílias*, ansiosas pelo modelo que estava sendo usado pelas senhoras elegantes de Paris. A atenção à seção de moda é tanta que o jornal publica cartas para explicar a ausência de um figurino no final de outras seções. Vejamos o exemplo da carta a seguir:

CARA LEITORA,

Paris, este grande centro de civilização e de progresso, que até hoje dava leis ao mundo, acha-se em lucta com um inimigo que promete ou destroçal-o ou morrer nella. São duas grandes idéias que brigam, a liberdade e o despotismo; talvez que em pouco a republica se estabeleça em toda a Europa, talvez o feódalismo que existe ainda n’alguns paizes do Norte queira ramificar-se pelo Occidente. Por pouco tempo será; entre tanto soffreremos. Mas não é só a sciencia que pára, nem a industria, nem o commercio, é tambem a Moda, o que mais vos deve interessar, cara leitora. Por algum tempo, talvez que, os figurinos, as estampas e os moldes não acrescentem nem mais uma palavra ao que teem dito,

não inventem nem mais uma prega, nem mais um ponto ou um fôlho. Hoje as *Parisienses* occupão-se em fazer fios e chumaços para feridos, passam os dias e as noites nas ambulancias á cabeceira dos doentes, vestidas com a maior simplicidade, a maior parte de preto, porque todas ou quasi todas teem de chorar um pae um irmão ou um filho. É bem triste o espectáculo que esta tam grande cidade representa hoje, mas esperamos vel-a em breve levantar-se da ruina, reagir contra a oppressão e tornar a occupar o seu lugar como a primeira das nações. Nesta lucta gigante a mulher tambem offerece o seu tributo patriótico; as suas palavras entusiastas animão os homens que teem de ir pagar o seu tributo de sangue para remir a patria, e a sua assiduidade junto aos feridos é o evangelho em ação: o Amor e a Caridade.

Vosso humilde servo,  
dezembro de 1870

A correspondência está inserida no final de uma prosa de ficção, “A justiça de Deus”, assinada por Aristippo, sem nenhuma conexão com a narrativa apresentada. Para justificar a ausência de novidades, a redação culpa a guerra franco-prussiana, que atingiu a ciência, o mercado, a indústria e o setor da moda, o que, para ela, é o que mais agrada a leitora. Por que essa nota não está inserida no final do exemplar, junto com o figurino apresentado naquele mês? Ou há uma falha tipográfica ou a redação deseja anexá-la próximo a algo que atraia tanto a leitora quanto a moda: a prosa de ficção.

A partir da síntese das seções do *Jornal das Famílias*, procuramos demonstrar como o segundo periódico de Garnier é composto e como pode ser considerado importante para a história da imprensa no Brasil. Nele há elementos novos para a estética dos jornais e revistas do século XIX e a preocupação efetiva de formar e aumentar o grupo de leitores de sua época. Assim o empreendimento de Garnier ganha espaço e permanece no mercado, com seções úteis para a administração do lar, com belas encadernações e ilustrações, com a atualização da última moda parisiense e com os versos de renomados poetas, garantindo a atenção das leitoras. Todavia, Garnier, um

astuto empresário, não deixa faltar os *Romances e Novellas*, tão na moda quanto os figurinos imitados de *La dernière Mode*. Da apresentação geral da seção de *Romances e novellas* é que passamos a tratar a seguir.



## CAPÍTULO III

# Personagens e enredos exemplares: entretenimento e moralização

É costume dizer mal das mulheres dadas as letras, e fazer-lhes, por essa razão, as mais malignas insinuações a respeito das virtudes que mais se prezão no nosso sexo. Debalde se faz vê a esses maldizentes que a mulher que nutre o seu espirito com pasto mais substancial do que as conversas sôbre a vida alheia, menos facilmente occupará a imaginação com essas frioleiras e leviandades que tão uteis parecem ao principio, e tão tristes consequencias acarretão a final muitas vezes. Elles não se deixão convencer e vêm logo com os exemplos das mais celebres litteratas das quaes a fama não corre boa (*J.F.*, março de 1865).

### 3.1. A narrativa: em nome da moral, da diversão e da nacionalidade

Não podemos afirmar qual é a seção mais importante no *Jornal das Famílias*, uma vez que a *Moda* e a *Romances e Novellas* parecem ter maior destaque. Como apresentamos anteriormente, a moda, no referido periódico, serve, inclusive, de tema para algumas histórias. Essas duas seções não são alteradas durante os 16 anos de circulação do jornal, nem mesmo a posição que ocupam: a seção de narrativa aparece como primeiro tema do jornal, já a *Moda* encerra todos os números.

Durante os 16 anos de existência do jornal são publicadas duzentas e vinte e três narrativas, das quais, um pouco mais de cem são de autoria de Machado de Assis. No quadro abaixo, é possível ter uma idéia do grande espaço ocupado por elas:

<b>Ano</b>	<b>Número de narrativas</b>	<b>Ano</b>	<b>Número de narrativas</b>
<b>1863</b>	<b>19 narrativas</b>	<b>1871</b>	<b>09 narrativas</b>
<b>1864</b>	<b>14 narrativas</b>	<b>1872</b>	<b>09 narrativas</b>
<b>1865</b>	<b>09 narrativas</b>	<b>1873</b>	<b>14 narrativas</b>
<b>1866</b>	<b>12 narrativas</b>	<b>1874</b>	<b>23 narrativas</b>
<b>1867</b>	<b>13 narrativas</b>	<b>1875</b>	<b>16 narrativas</b>
<b>1868</b>	<b>11 narrativas</b>	<b>1876</b>	<b>17 narrativas</b>
<b>1869</b>	<b>12 narrativas</b>	<b>1877</b>	<b>17 narrativas</b>
<b>1870</b>	<b>08 narrativas</b>	<b>1878</b>	<b>20 narrativas</b>

Os anos em que há um menor número de narrativas correspondem aos períodos em que são publicados textos mais longos, em séries. “Dolores”, por exemplo, é publicado em partes, entre 1865 a 1868. Por outro lado, em 1874,

existe um maior número de títulos, 23, devido à série *Contos Macahenses*, composta por narrativas curtas, assinadas por L.L. Fernandes Pinheiro Junior.

Para ilustrar o que apresentamos até o momento, destacamos dois índices, um de 1865 e o outro de 1874:

## INDICE

### DO TERCEIRO TOMO.

ROMANCES E NOVELLAS	
Questão de vaidade, por Machado de Assis (continuação) . . . . .	1
Questão de vaidade, por Machado de Assis (continuação) . . . . .	53
A monja (fragmentos), por soror Amélia . . . . .	52
Questão de vaidade, por Machado de Assis (fim) . . . . .	65
Abasverus, pelo padre Francisco Bernardino de Souza . . . . .	78
Confissões de uma viuva moça, por J. . . . .	97
Confissões de uma viuva moça, por J. (continuação) . . . . .	129
Confissões de uma viuva moça, por J. (fim) . . . . .	161
Ida, por Viriato B. Duarte . . . . .	169
Jovens interessantes, por Paulina Philadelphia . . . . .	181
Ida, por Viriato B. Duarte (continuação) . . . . .	195
Jovens interessantes, por Paulina Philadelphia . . . . .	205
O colibri, por Spalma . . . . .	207
Ida, por Viriato B. Duarte (fim) . . . . .	225
Cinco mulheres, por Job . . . . .	254
Cinco mulheres, por Job (fim) . . . . .	257
Onde se encontra a felicidade, por A. F. . . . .	265
Linha recta e linha curva, por Job . . . . .	289
Linha recta e linha curva, por Job (continuação) . . . . .	521
Dolores (o locutorio), traduzido por Paulina Philadelphia . . . . .	550
Linha recta e linha curva, por Job (continuação) . . . . .	555
Dolores (de Paris a Sèvres), traduzido por Paulina Philadelphia . . . . .	570
HISTORIA	
Eva, pelo padre Francisco Bernardino de Souza . . . . .	278
Resurreição de Lázaro, pelo padre Francisco Bernardino de Souza . . . . .	354
VIAGENS	
As margens do Rio Preto, por A. E. Zaluar . . . . .	14
As margens do Rio Preto, por A. E. Zaluar (fim) . . . . .	32
Uma viagem ao sul do Brasil, por A. F. . . . .	104
Uma viagem ao sul do Brasil, por A. F. (fim) . . . . .	158
Impressões de viagens, por Campos Müller . . . . .	215
MOSAICO	
Rio de Janeiro anecdótico, colheita de bons ditos, repentes felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert . . . . .	22
Páginas encontradas na carteira de um suicida, por Silvano . . . . .	55
Tres phases da vida, por F. . . . .	81
Anecdotas . . . . .	112
O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino . . . . .	144
A cesta, por Léon Lavedan (tradução) . . . . .	245

Fonte: J.F 1865

## INDICE

### DO DUODEGIMO ANNO.

ROMANCES E NOVELLAS.			
Da terra ao inferno (fim), por José da Costa.....	1	Contos Macahenses. — O Anjo da Solidão, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	167
A menina dos olhos pardos (continuação), por Otto.....	11	Um dia de entrudo, por Lara.....	177
Contos Macahenses. — Virgílio. — Amélia, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	18	Contos Macahenses. — Segredos d'um coração, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	193
A menina dos olhos pardos (fim), por Otto.....	33	Estrella do Norte, por Gratulino Coelho..	198
Contos Macahenses. — Funesto desenganço. — Um naufragio, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	37	Um dia de entrudo (continuação), por Lara.....	207
Um duello, por Victoria Colonna.....	46	Um dia de entrudo (fim), por Lara.....	225
Contos Macahenses. — Uma victima da vaidade, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	65	Contos Macahenses. — Uma historia curta. — Justiça de Deus, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	230
A Carteira, por Ego.....	71	Uma noite, pelo Dr Caetano Filgueiras...	236
Os oculos de Pedro Antão, por J. J.....	80	Ser visto, por T.....	257
Os oculos de Pedro Antão (continuação), por J. J.....	97	Contos Macahenses. — Coração de mulher, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	267
Contos Macahenses. — Thereza, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	102	A Beneficencia delicada (traduzido do Italiano) por Emilia A. Gomide Penido..	271
As Flores, pelo Dr Caetano Filgueiras...	111	Ser Visto (fim), por T.....	289
Os oculos de Pedro Antão (fim), por J. J.....	129	Muitos annos depois, por Lara.....	292
Contos Macahenses. — Historia de dois viuvos, por L. L. F. Pinheiro Jr.....	135	A Figueira, pelo Dr Caetano Filgueiras..	304
Guilhermina, por L. de A.....	143	A Figueira (fim), por Lara.....	321
Guilhermina (fim), por L. de A.....	161	A Figueira (continuação), pelo Dr C. Filgueiras.....	330
		Miloca, por J. J.....	338
		Miloca (continuação), por J. J.....	353
		A Figueira (continuação), pelo Dr Caetano Filgueiras.....	359
		Valerio, por Job.....	367

Fonte: J.F., 1874

No índice, não existe a diferenciação entre romance e novelas, apenas entre conto, fábula e lenda. Em Língua Portuguesa, no século XVIII e início do XIX, alternam-se os termos romance e novelas. Discussões mais modernas apontam ainda para a necessidade de se definir melhor o termo romance, a partir de uma abordagem que avance na “simples associação a um retrato da vida das camadas mais baixas”, colocando-o como um meio de criar valores (Cf. VASCONCELOS, 2002, p. 13).

Salvo a caracterização que a própria redação do jornal faz de suas narrativas: contos, lendas e fábulas, não é fácil distinguir o que efetivamente entende-se como novela e o que é considerado romance nas narrativas publicadas pelo *Jornal das Famílias*.

Outra questão é que, pelos índices apresentados, pode-se pensar que, em alguns momentos, o menor número de narrativas esteja atrelado a um maior espaço dado a outra seção. Mas não é esse o caso. Como mencionamos anteriormente, os Romances e Novelas, a Poesia e a moda configuram como as seções de destaque do jornal. Os índices dos anos de 1865 e 1874 podem comprovar essa afirmação. Em 1865, são publicadas nove narrativas, a maioria em forma de folhetim, fragmentadas em até três meses, como “Ida”, “Cinco Mulheres”, “Confissões de uma viúva moça”, “Dolores”. No ano de 1874, têm-se dezesseis títulos, a maioria com pequeno enredo.

As narrativas brasileiras dividem espaço com algumas ficções estrangeiras. Apenas três narrativas não nacionais são editadas durante os dezesseis anos de circulação do *Jornal*. A primeira delas, *Dolores*, traduzida por Paulina Philadelphia, tem no tempo de duração e nas edições em livro que circularam no Brasil as provas de seu sucesso entre as leitoras. Editado em três anos, *Dolores* é bem mais extensa do que *Os prisioneiros do Cárcere* (agosto de 1869), do romancista Xavier de Maistre. Outra narrativa, *A beneficência delicada* (J.F., 1874, p. 271-274), traduzida do italiano por Emilia Augusta Gomide, pode ser comparada à literatura moralista e religiosa do padre Francisco Bernardino de Sousa, pela semelhança da moralidade religiosa, já que a personagem é recompensada por ter se mantido fiel perante as provações.

Na carta de apresentação do periódico, a redação não faz nenhuma menção a um projeto nacionalista, mas é evidente que o *Jornal das Famílias* privilegia a produção nacional. Esse fato é ainda mais marcante quando se

lembra que a impressão, a moda e a propaganda de lojas vêm de Paris. O projeto de priorizar as narrativas nacionais constitui um dos objetivos da *Revista Popular*, antecessora do *Jornal das Famílias*:

Preferindo os artigos originais aos traduzidos, havemos contado a ventura de possuir grande cópia daqueles, que sucessivamente têm sido estampados em nossas colunas, e de cujo mérito não podemos ser contrastes. Mais abundante deverá ser a messe no ano em que hoje entramos, porque também mais abundantes são os regadores (*R. P.*, 1861, p. 6).

Projetos como esse, de priorizar as produções brasileiras, confirmam o comportamento. Seus dois periódicos parecem ter contribuído para a subsistência dos autores brasileiros, publicando os seus textos em vez de traduções. O *Jornal das Famílias*, por exemplo, conta com as produções de Machado de Assis, que é uma espécie de atrativos para qualquer empreendimento jornalístico da época. Tratamos aqui de um gênero que segue a tendência de sua época. Na análise que realizamos das narrativas publicadas no *Jornal das Famílias*, mostramos que os autores que estão ao lado de Machado de Assis e de Joaquim Manuel de Macedo compõem um grupo interessado em ser lido e, ao mesmo tempo, em cumprir papéis estipulados no próprio projeto do jornal: moralizar, divertir e discutir a nacionalidade.

Quanto à temática, algumas narrativas do *Jornal das Famílias* podem ser enquadradas no que Marlyse Meyer chama de “terceira fase do folhetim”, na qual predomina a mulher vítima, prostituta, deflorada, seduzida, abandonada, fatal, mãe solteira (Cf. MEYER, 1996, p. 206). Mas também há a incorporação do sofrimento no que se refere ao amor interrompido pela morte. Salvo poucas exceções, como destacaremos oportunamente, a mulher não apenas é protagonista como também dá título às narrativas. É o sentimento feminino, ainda que traduzido em grande parte pelos homens, representado pelas histórias de *Lúcia*, *Diana*, *Ida*, *Dolores*, *Adelaide de Sargans*, ou, sem dar

um nome específico, pelos textos *A Sinhazinha*, *A filha do tropeiro*, *A órfã da Várzea*, *Casada e viúva*, para citar apenas alguns exemplos.

Mas a temática da nacionalidade faz o diferencial das produções publicadas no periódico. As leitoras têm contato com textos que resgatam o folclore nacional, que discutem questões abolicionistas e que pensam a estrutura narrativa das produções literárias nacionais. Trata-se de narrativas de tendência amorosa que convivem com debates significativos para a época.

Às vezes, o autor dá voz à protagonista, permitindo-lhe narrar sua história, indicar suas leituras e expressar seus sentimentos, como é o caso do texto de Machado de Assis, no polêmico *Confissões de uma viúva moça*, composto por cartas (*J.F.*, T. 3, 1865, p. 98 e 136, respectivamente). Em geral, um narrador onipresente relata os fatos, a exemplo de *Ida*, narrativa de Viriato B. Duarte. “No ano de 183... no Pacajá...”, assim o narrador inicia a história de Ida e de sua mãe Loia, índias que moram em uma modesta casa. Seu enredo, marcado por diversas peripécias, tem um final trágico: para não ver a filha obrigada a se casar com um homem que não era de seu agrado e que já havia matado seu escolhido, a mãe de Ida mata-a (*J. F.*, t. 3, de junho-agosto, 1865).

A protagonista também morre no romance histórico do Dr. C. Figueiras, *Adelaide de Sargans*. Ambientado na Rússia, o enredo é marcado por um número excessivo de peripécias, o que faz com que o narrador se perca, a ponto de pedir desculpas às leitoras, rever informações contraditórias e introduzir personagens que não existiam para tentar salvar o romance (*J.F.*, t. 7, de março a maio de 1869). O Dr. Figueiras poderia ter revisto essas questões antes de enviar o texto para ser publicado e a redação, se fizesse antes a leitura do material selecionado, também poderia ter advertido o autor desses lapsos. A impressão que se tem é a de que o escritor tem o propósito de indicar suas falhas, principalmente, a partir do pedido de desculpas às leitoras. No início, ressalta que a narrativa é pautada em fatos reais, tirados de um livro de

história, assim, o pedido de perdão pode sugerir que ele se perde em sua transcrição e está revendo historicamente os episódios que marcam o enredo. Reforçando a idéia de que a narrativa não é fictícia, mas sim real.

Em *A Sinhazinha*, a citação de dois versos de Álvares de Azevedo, “aquele nosso tristíssimo poeta”, já anuncia que mais um enredo do *Jornal das Famílias* teria um final trágico. Emma ou Sinhazinha, da história de José Ferreira de Menezes, após ser abandonada pelo noivo, que a troca por uma mulher mais velha, e após perder o pai, morre, vítima de uma profunda tristeza (*J.F.*, agosto de 1863).

Uma vez que o jornal é dedicado às senhoras, também não poderia deixar de existir nele a temática do casamento. Os narradores e os protagonistas desses contos são, em sua maioria, homens que nem sempre saem satisfeitos com a escolha. Às vezes, porque a escolhida, além de ter um bom dote, é meiga, discreta e ótima dona de casa, o pretendente envaidece-se com sua decisão. Tal é o caso do narrador e protagonista de *Felicidade pelo casamento*, um homem convicto dos benefícios de uma vida solitária, mas que no fim da narrativa está casado e satisfeito (t. 4, julho de 1866, p. 205). Outras vezes, o marido é enganado pela aparência e, além de se ver comprometido com uma esposa sem dotes, ainda precisa pagar as contas do sogro. A personagem João Paulino constitui um bom exemplo desse tipo de pretendente ao casamento. Ele se faz passar por um homem de posses para casar com uma moça que também ostenta uma riqueza que não existe. Depois de concretizado o casamento, o pai da noiva foge, deixando ao genro, ao invés de dote, uma considerável dívida (t. 5, março de 1867, p. 72).

Na história de Lucio de Mendonça, mais uma discussão é apresentada pelo narrador ao ironizar os românticos. O personagem Júlio, leitor dos romances de José de Alencar e outros românticos, tem a esperança de encontrar uma mulher ideal, como as personagens destes romances. Ao ser

apresentado a uma linda moça por um amigo que só pretende enganá-lo, Júlio apaixonou-se perdidamente e acredita que ela é a sua amada ideal. Entretanto, o rapaz sofre porque a jovem se mostra sempre indiferente às suas declarações. Algum tempo depois, descobre que a amada é surda. Para concluir a narrativa, o folhetinista escreve o seguinte epílogo: “Que exemplo a futuros românticos!” (J.F., 1877, p. 333-338). Essa narrativa, mesmo que indiretamente, repensa o perfil das leitoras, que, provavelmente, já não tem as mesmas características das leitoras de 1863, ano de lançamento do periódico.

As narrativas permitem ainda identificar o que liam os autores que publicam no jornal. A intertextualidade, elemento significativo para analisarmos a referência literária dos colaboradores, corresponde aos escritores lidos na época; Shakespeare, Balzac, J. Saint-Felix, a *Bíblia*, Racine e Alexandre Dumas circulam entre os estrangeiros. Mas muitos nomes brasileiros são lembrados nas narrativas: Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias. O recurso é utilizado, inclusive, para fazer a propaganda do periódico e do editor, pois, em muitas delas, o autor descreve a trajetória do texto até sua chegada às páginas do *Jornal das Famílias*, ou mesmo trata da intimidade que mantém com o editor.

De modo geral, os seus colaboradores utilizam-se de diferentes intertextualidades, uma vez que citam pintores clássicos como Rafael, Luca Giordano, Leonardo, e textos teóricos: *Filosofia de Pitágoras*, *Mérito das mulheres*, *Os pais e os filhos no século XIX*, *História Moral das Mulheres*. Mas são os literatos os mais citados, e entre eles, o nome de Shakespeare é o que mais aparece, sendo superado apenas pela intertextualidade com a *Bíblia*, demarcando duas das principais temáticas do jornal em questão: o amor e a moral religiosa. Para Regina Zilberman,

O conceito de intertextualidade procura dar conta dessa propriedade da escrita literária: em cada texto, lêem-se seus precursores, remasterizados por quem se apropria da linguagem.

Não há criação nova sem criatura prévia, apagando os traços da primogenitura, mas sublinhando as marcas da história (ZILBERMAN, 2004, p. 93).

De 1863 a 1878 são, em grande parte, com os autores estrangeiros que as narrativas publicadas no *Jornal das Famílias* dialogam, abrindo pequenos espaços para os autores nacionais. Dos escritores brasileiros, os poetas românticos Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu são os mais lembrados, seguidos por Machado de Assis.

O diálogo com outras obras é comum na literatura, mas o maior espaço reservado a autores estrangeiros, nas narrativas desse jornal, pode indicar que os autores brasileiros desejam apresentar-se como conhecedores de um universo diversificado de leituras. Mostram, ao público acostumado com a leitura de literatura estrangeira, que suas produções dialogam com esse produto que lhes agrada, podendo ser equiparadas a ele. Como afirma Alfredo Bosi, “formaram em nossos homens de letras configurações mentais paralelas às respostas que a inteligência européia dava a seus conflitos ideológicos” (BOSI, 1994, p. 92).

Nas narrativas publicadas no periódico de Garnier, ainda se observa uma outra tendência: a de divulgar o jornal. No enredo de *Dous dias de felicidade no campo*, assinada por A.F. e publicada em agosto de 1866, o protagonista termina sua viagem com um rol de contas para pagar, e, entre as dívidas, a assinatura do *Jornal das Famílias*, que havia prometido a D. Emilia:

(...)

Sapatos que rompi no brejo	10\$000
Escaler despendido pelo Sr. Polycarpo	4\$000
Dinheiro ao escravo que me servia	2\$000
Idem aos remeiros da falua	5\$000
<i>Manual do fazendeiro</i> que o Sr. Polycarpo pediu-me que comprasse	10\$000
Assinatura do <i>Jornal das Famílias</i> que prometti para a D.	

Emilia	10\$000
Desconto de 5 dias na repartição	16\$000

A assinatura do *Jornal* custa o mesmo valor que o par de sapato que ele perdeu no brejo. Outra questão interessante é que a D. Emilia, esposa do fazendeiro, residia em uma localidade afastada do centro urbano, o que mostra que o periódico circula entre leitoras do meio urbano e rural.

Poucos folhetins estrangeiros aparecem nas páginas do *Jornal das Famílias*, dentre eles, apenas dois têm os nomes de seus autores revelados: *A jovem Siberiana* e *Os prisioneiros do Cáucaso*, ambos de Xavier de Maistre; e um indica apenas o nome da tradutora, Paulina Philadelphia: *Dolores*. O que aproxima as narrativas estrangeiras, principalmente *Dolores* e *A jovem Siberiana*, é o sofrimento e a fé das protagonistas, o desejo de não se desviar dos “deveres morais” e a premiação que ambas conquistam por perseverarem.

Enfim, o diferencial desse periódico encontra-se nas discussões inseridas nas narrativas. Elas tratam da questão da moral e pregam modelos a serem seguidos por suas leitoras, e, ao mesmo tempo, inserem esse público em discussões que envolvem questões de nacionalidade e de estrutura narrativa. Enfim, é a partir da seção *Romances e Novellas* que desconstruímos a idéia de o *Jornal das Famílias* ser apenas um jornal voltado aos interesses da mulher oitocentista.

### 3. 2 Um ideal de leitor e de leitora

Há que se lembrar que a tarefa de instruir e moralizar não é exclusividade do *Jornal das Famílias*, ela faz parte da história desse gênero. Antonio Candido recupera uma definição de romance marcada pela questão moral:

é de origem moderna; veio substituir as novelas e as histórias, que tanto deleitavam a nossos pais. É uma leitura agradável e diríamos quase um alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos. Por seu intermédio pode-se moralizar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metafísicas, que aliás escapariam a sua compreensão. Se o teatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em ação (...) (CANDIDO, 1969, p. 119)

A moral também é um dos critérios de avaliação encontrado no catálogo de n. 23 da livraria B. L. Garnier. Nesse catálogo, o anúncio do livro *Romances e novellas*, de Joaquim Norberto, é precedido por uma longa divagação sobre o gênero, sendo a preocupação com a conduta moral um dos tópicos abordados:

O romance, disse Lamartine, é a poesia do povo; é por seu intermedio que que póde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. E o vaso figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realização do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composição cabe distincto lugar ao Sr. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descripções e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céu. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando deleitar, instrue (Catálogo de B.L. Garnier, n. 23).

Especificamente sobre o jornal de Garnier, não seria exagero afirmar que a leitora é quase uma personagem na narrativa. A descrição do ambiente

freqüentado por ela e da própria leitora a insere dentro da história. A assinante não é um mero leitor que lê o enredo, pelas interlocuções, o narrador a faz participar das ações e refletir com ele sobre a constituição das personagens. Considerada, em algumas narrativas, como uma leitora de “estômago fraco”, alguns colaboradores demonstram, a partir da descrição feita pelo narrador de suas histórias, preocupação com os termos adotados e com a emoção que a cena poderia causar a elas.

Tomado por essa preocupação, José Ferreira de Menezes escreve a narrativa “A flôr do Baile”. A história narra a experiência do poeta Luiz Antonio, que anda, nas palavras do narrador, à procura de um “romance”, até que ele mesmo vivencia um. O poeta conhece Thereza, por quem ao primeiro olhar se apaixona perdidamente, na barca que faz a travessia do Rio de Janeiro a Niterói. Mas um obstáculo impede esse amor: Thereza sofre de uma doença grave e já não tem muito tempo de vida. Num segundo encontro, em um baile, eles dançam várias valsas, até que Theresa sente-se fraca e se despede de Luiz Antonio. Ela morre na mesma noite, para tristeza do amante, que, de acordo com o epílogo da história, ainda visita seu túmulo no dia 11 de todos os meses. Essa história de amor é marcada por comentários a respeito do perfil da leitora que o autor imagina se interessar por sua produção. Antes de adentrar no enredo, o narrador descreve o tocador onde sua história será lida:

O tocador de uma dama é um templo: ali nas dobras d'aquellas cortinas, quanto mysterio e quanta poesia dorme em silencio; esse espelho quanto segredo tem surprehendido, e no divan quantas vezes tendes debruçado a cabeça, quantas vezes a mão de neve tem-se afogado nas ondas do vosso cabello negro, e quantas lagrimas tem brilhado n'elles como outr'ora as de Gulnare nas correntes negras do Corsário?!!

Fallei em cabellos e cabellos longos, leitoras, porque sei que os tendes e não os-sacrificastes á ridicula tonsura, não é assim? Se não, deixae-me illudido.

Trata-se de um toucador que encerra mistério e discrição por parte de sua dona, que, para o padrão do narrador, teria cabelos longos e negros. Ele demonstra ainda o desejo de atender a esse público que considera frágil e discreto quando interrompe a narração dos fatos para explicar um termo utilizado pelo protagonista. Assim, o uso da palavra “diabinho” é precedido da seguinte justificativa: “Leitoras, esse termo aqui é um sacrilégio, mas lembre-se de que Luiz Antonio era estudante”.

As narrativas também escrevem sobre a sociedade de sua época e pela voz de um narrador feminino a crítica. *Horrível tragédia* (maio de 1867), escrito por D. Maria de Albuquerque, apresenta uma crítica teatral feita por uma expectadora que prefere enredos mais próximos da veracidade e que tratem de sentimentos reais. Mas a narradora também nos permite visualizar uma senhorita questionadora da sociedade que a cerca. Para justificar sua preferência pelo teatro, ela elenca outros divertimentos, enumerando os aspectos censuráveis de cada um. Nos bailes, há o inconveniente de ser analisado “minuciosamente a nossa maneira de nos apresentarmos, as nossas palavras, o nosso ar, os nossos gestos, e até o modo por que nos assentamos e voltamos a cabeça!”. Além disso, nesse tipo de divertimento não há lugar para mulher-pensadora: “os bailes podem enfeitiçar e encantar a credula ennoçente que julga ver em cada contradansa pedida uma declaração... em cada olhar uma conquista... ou a mulher frívola; mas a mulher pensadora, a mulher de sentimento sem affectão, aborrece-os por força”.

Outras distrações condenadas são as touradas e o circo: “Das touradas o que direi? Senão que parece impossível que em nações que se dizem civilizadas se dêem espectáculos d’esta qualidade!” Ao lermos uma visão tão negativa desses divertimentos, especialmente dos bailes, pensamos na reação das leitoras do *Jornal das Famílias*, uma vez que, até o momento, trabalhamos com a idéia de que a maior parte do público leitor desse jornal é formada por mulheres de classe econômica abastada, amantes da moda parisiense, dos

romances e dos bailes. Mas a narradora-protagonista não se preocupa com a reação de seu leitor e pinta uma sociedade que representa em todos os seus passos, separando desse meio as mulheres pensadoras, que não se igualam às mulheres inocentes e frívolas.

As duas histórias anteriormente citadas podem ser definidas como de caráter pedagógico-moral<sup>1</sup>. Elas tratam de expor a conduta esperada para a mulher oitocentista, ridiculariza possíveis desvios cometidos e ensina os benefícios do bom comportamento. Assim, de modo geral, as narrativas dialogam com mulheres que não se entregam a uma vida fútil e que sabem cumprir sabiamente os seus deveres. Assinada pelo pseudônimo Candido, *Ada* (fevereiro de 1869) enquadra-se no rol de narrativas que pregam o bom comportamento e o sacrifício. Ada tem quinze anos e é filha de D. Mathilde Soares, viúva de João Soares. Mãe e filha passam, de acordo com o narrador, por irmãs, devido à beleza de D. Mathilde. Um jovem advogado, João da Cunha, começa a freqüentar a casa de Ada. Com o tempo, faz-se tão assíduo às reuniões, que desperta o interesse de D. Mathilde, que julga ser o objeto de admiração de João da Cunha.

Mas, para a sua surpresa, Ada confia-lhe o amor que sente pelo jovem advogado, garantindo à mãe que ele lhe retribuía os sentimentos. Apesar da tristeza que a revelação causa em D. Mathilde, ela acerta com João da Cunha os detalhes do casamento de sua filha. Um mês depois do casamento de Ada, D. Mathilde falece, vítima de uma tristeza profunda. Antes, porém, “confessou ao sacerdote que lhe ministrou os últimos sacramentos a origem de sua morte prematura. Era uma paixão que se não podia arrefecer senão no gelo de uma sepultura”. Uma jovem ao lado de uma sepultura é a imagem escolhida para ilustrar a narrativa.

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto, ver a dissertação de mestrado de Valéria Augusti (1998).

“Ada é um nome que exhala perfume, como o seio de uma rosa de Alexandria”. Quando descreve Ada, o narrador discorre sobre a sua educação e sobre a revelação de seu amor por João da Cunha. Ao mencionar a sua formação, ele dá mais um exemplo do comportamento esperado para a época:

A educação de Ada não era pois d’essas educações frívolas e descuidadas, que geralmente se dá ás moças de nossos salões. Não basta só que a mãe de família desempenhe todos os deveres da domesticidade, é preciso que ella tenha tambem a illustração necessaria para encantar o homem a quem o destino a unio, e para que saiba encaminhar a educação moral de seus filhos e possa escolher a carreira que de preferencia devem abraçar, em referencia ás suas vocações e qualidades intellectuaes.

Assim, a educação de Ada opõe-se à educação frívola de outras moças, o que indica que a forte tendência da literatura de apresentar “bons modelos” significa também uma tentativa de rever comportamentos não aprovados por um grupo. Mais uma vez, as tarefas da mãe de família seriam a de cuidar dos deveres domésticos e de se ilustrar para encantar ao marido e para educar de forma moral os seus filhos.

Sobre D. Mathilde é revelada ao leitor a coragem de permanecer sozinha depois de enviudar para preservar sua filha no colégio. Sabe-se, ainda, que ela era uma mulher bonita, “uma senhora inteligente e prendada, que tendo sido o modelo das esposas, devia ser tambem o modelo das mãis”. O leitor acompanha os seus sentimentos por João da Cunha, a decepção diante da revelação da filha e, por fim, a confissão de sua dor: “morrendo de amor foi como a chrysalida que se rompe para dar origem a uma criação esplendida”. Ao ter seus sentimentos colocados em destaque, D. Mathilde poderia se configurar como um mau exemplo, uma vez que é mais velha do que João da Cunha e que é sua filha quem está na idade de se casar. Sua morte, resultado do sacrifício que faz pela filha, obedeceria, então, à ordem natural da sociedade.

As personagens D. Mathilde e Ada têm acesso a uma instrução, sendo que Ada, inclusive, frequenta colégios. Em outras narrativas, as personagens questionam a postura de alguns homens em não dar às mulheres o direito de se instruírem. Assim, “Suzanna e Joaquina” (julho de 1877), de Victoria Collona, expressa o desabafo de uma mulher insatisfeita com a condição feminina:

viemos a fallar sobre a injusta apreciação que se faz do nosso sexo, e o affetto inexplicavel que os homens teem em não quererem capacitarem-se de que todos os nossos defeitos (porque, amaveis leitoras, cumpre confessarmos que o temos) proveem da falsa educação, ou melhor diriamos, instrução que nos é dada por esses que suppondo amar-nos não fazem mais do que cavar a nossa ruina.

A personagem que faz essa crítica, Amélia, lamenta-se por não saber “manejar uma penna” para escrever em defesa das mulheres. A amiga responde-lhe que já existem homens que escrevem em defesa delas e cita Gabriel João B. Legouvé, pai, e Ernesto Legouvé, filho. O primeiro escreve *Mérito das mulheres*, uma obra que, de acordo com as personagens, teve 50 edições e o segundo, *Os pais e os filhos no XIX século e História Moral das Mulheres*. Em outras narrativas, as personagens femininas evitam escrever ou, quando o fazem, refletem sobre sua pouca experiência e a ausência de talentos. Normas Telles escreve um capítulo sobre a mulher escritora no XIX, na obra *História das mulheres no Brasil*; para ela,

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente *outro*, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora (TELLES, 2002, p. 403).

“Um desapontamento” (fevereiro de 1871), de Luiz José Pereira Silva, dialoga com leitoras inocentes e cria personagens que, às vésperas de seu casamento, realiza o batizado de uma de suas bonecas e faz, com a ajuda do pai, com que o noivo acredite ser a comemoração do batizado de sua filha. Rosinda, filha do senhor Justino Lemos, recebe uma longa descrição por parte do narrador, que a define tanto fisicamente: morena, faces rosadas da cor do jambo, collo sombreado por longas madeixas de ébano, olhos pretos e buliçosos e um sorriso feiticeiro, quanto subjetivamente: “Traquinas, esperta, maliciosa, engraçada, esquiva, era um “demoninho””. Joãosinho, estudante de medicina, apaixona-se por Rosinda e tem a permissão do senhor Justino Lemos para se aproximar de sua filha. Apesar do apoio paterno e da insistência de Joãozinho, Rosinda demora a se dar por vencida:

Glória ás armaduras de rendas que vestem o peito ás damas, e as tornam encouraçadas; gloria ao sexo dos perfumes, ao sexo fraco, ao bello sexo! Rosinda foi a ultima a ser vencida; mas não bastaram as escaramuças de Joãosinho; este fez alliança com o velho, e este accomettia de flanco em marchas e contra-marchas de conselhos, ao mesmo tempo que Joãosinho não diminuia pela frente o vigor do fogo das supplicas, accompanhando do bombardeio de olhares ternos expressivos.

Como resistir?

Os dois marcam o casamento para o ano seguinte, pois Joãosinho precisa terminar o curso de Medicina para, em seguida, visitar sua família em Minas Gerais. Depois de quase um ano, Joãosinho volta para o Rio de Janeiro a fim de dar início aos preparativos do casamento. No entanto, é surpreendido com um convite para participar do batizado da filha de Rosinda. Mesmo decepcionado, ele resolve ir a título de presenciar a situação de Rosinda, que ele julga ser mãe solteira.

Ao chegar, fica surpreso por encontrar a todos muito felizes. Sente-se envergonhado quando descobre que “A filhinha de Rosinda a linda menina que

se ia baptisar, a netinha do senhor Lemos, - era uma boneca!...” O narrador não revela a idade de Rosinda, mas podemos deduzir que ela corresponda ao que parecia ser o ideal para que a mulher inicie sua vida matrimonial, ou seja, entre 14 e 16 anos. A contar por outras narrativas publicadas no jornal, como “Um jornal casamenteiro”, essa idade ainda era tida, no século XIX, como a ideal. Na ilustração que encerra a história, uma menina segura uma boneca enquanto olha atenta para uma moça que parece lhe falar algo:

Fonte: *J.F.*, 1871



Os exemplos citados até o momento destacam padrões positivos de conduta, que não deixam, de certa forma, de se contrapor aos modelos considerados negativos. As protagonistas são bonitas, educadas, aceitam os ensinamentos paternos, questionam a sua condição de intelectual, mas não se rebelam contra ela; enfim, são colocadas como bons exemplos para as leitoras e contribuem para que as narrativas cumpram uma das primeiras funções atribuídas a elas, “expressar uma certa visão de sociedade”, como discutiu Sandra Vasconcellos: “o novo gênero não se limitou a refletir os valores de seu tempo, mas ajudou a criá-los, ou, para dizer de outro modo, os romances foram “instrumentos que contribuíram para constituir interesses sociais mais do que lentes que os reflet[iram]” (VASCONCELOS, 2002, p. 11-12).

É o que acontece em *Túmulo e Berço* (fevereiro de 1869), de V. de Mello, uma narrativa, conforme nota no final do enredo, escrita em Paris. O narrador inicia a história travando uma proximidade com o leitor: “Se o leitor d’estas paginas tem a idea do que é fumar um bom charuto depois do jantar...”. Em um local freqüentado por diferentes tipos de pessoas, o narrador coloca-se atento a todos os diálogos, inclusive aqueles que não lhe dizem respeito:

Uns tratavão das operações da praça, outros das operações da guerra; estes do jantar que devião dar no dia seguinte, aquelles da casaca que havião mandado fazer. Houve um grupo que durante meia hora só tratou da ascensão próxima ou remota do partido conservador. Uma moça que passeava com um rapaz, seu marido creio, gastava toda a sua eloqüência em provar que a crinolina era uma cousa eterna, porque era necessaria; ao que respondia o marido:

- Se a prima Josepha dissesse isso, vá; mas tu, tu que tens um corpo de Vênus!

Indiscrição que só eu ouvi.

Sua intenção não é ouvir a conversa dos grupos que estão próximos a ele; o desejo do narrador consiste em “engolfar-me todo em devaneios poéticos, devaneios necessários n’esta vida em que tudo, ou quase tudo é chato e prosaico”. Um casal, entretanto, passa a despertar a sua atenção. Num primeiro momento, o narrador é atraído pela beleza da mulher, mas, em seguida, admira a cordialidade do homem que a acompanha.

Conversam um pouco e, ao se despedirem, trocam os cartões de visita, onde o narrador pode ler o nome de seu interlocutor: Carlos Amaral. Alguns dias depois, eles se encontram na rua do Ouvidor e o narrador passa a freqüentar assiduamente a casa do casal. Descobre, então, que a esposa de Carlos Amaral chama-se Clara e que ela “era uma excellente senhora de casa:

severa e amavel, graciosa e recatada, sabia attrahir os affectos sem prejudicar a consideração”.

Meses depois, Amaral lhe avisa que ele e sua mulher estão de partida para a Europa, mas que antes deseja contar-lhe a sua história e a história de sua esposa. Assim, conta ao amigo que havia subido em um penhasco para se atirar ao mar depois que soube da traição de sua mulher com o seu melhor amigo. Quando se aproxima, vê um vulto humano que parecia preparado para fazer o mesmo. Ele resolve aproximar-se e descobre que se trata de Clara, que após ter sido deflorada pelo primo e expulsa de casa pela tia, só via a morte como solução.

Amaral propõe que eles fiquem juntos para sobreviver aos abalos pelos quais haviam passado. Clara aceita a proposta e, no mesmo dia, eles se casam: “Casámo-nos. É a minha historia e a de Clara. Vamos agora procurar um asylo ignorado onde sejamos felizes. Somos dous destroços que se consolão entre si, como disse o poeta Francez”. O narrador encerra a narrativa dizendo que abraça Amaral e o chama de grande homem, ao que o protagonista responde que é mais do que um grande homem, que é o “homem de Diógenes”, filósofo que desprezava as convenções sociais.

Para esse ideal de leitor, a temática mais recorrente das narrativas não foi, como se poderia pensar, o casamento, mas sim a vaidade. Se a personagem consegue evitar o mal da vaidade, é premiada com um bom marido ou esposa; mas, se ela se entrega a esse vício, a punição seria o abandono e a morte prematura, como veremos a seguir.

### 3.3. Questão de vaidade

A redação do jornal também faz questão de destacar o cuidado que tem pela preservação da conduta moral de suas leitoras, promessa cumprida pela maioria das narrativas, sendo que algumas, inclusive, trazem o vocábulo “moral” em seus títulos. Outra questão recorrente nessas narrativas que pretendiam instruir os leitores é a vaidade.

Em *Jovens interessantes (Jornal das Famílias*, junho, julho e agosto de 1865), uma série de narrativas, assinada por Paulina Philadelphia, há a valorização da história oral. Cada narrativa é marcada por duas histórias, um narrador escreve sobre a vida de D. Almerinda, que fora residir em Botafogo com os pais para se tratar de um problema de saúde. Almerinda obtém das amigas a promessa de ir visitá-la no primeiro domingo de cada mês, quando aproveitariam para lhe contar histórias.

A primeira amiga a visitá-la é Rosaura, que lhe conta a história de um jovem de Toscana que tem a vontade de se casar com as bonecas fabricadas por sua mãe. O trabalho com as bonecas inicia-se quando seu pai apaixonou-se por uma dançarina e, para conquistá-la, gasta todo o dinheiro da família. Como punição pelo seu desvio de conduta, ele é abandonado pela artista, o que o leva ao alcoolismo e, conseqüentemente, a uma morte prematura. O jovem, de 22 anos, volta sua atenção às belas bonecas confeccionadas por sua mãe. Ao ser alertada sobre o interesse do filho por suas bonecas, ela veste uma sobrinha como se fosse uma de suas obras e a oferece ao filho. Quando ele se declara à suposta boneca, ela responde que também o ama. O moço esquece o amor pelas peças artísticas de sua mãe e se casa com a prima.

A narrativa não resgata o primeiro enredo, o de Almerinda e de sua amiga. No mês seguinte, Almerinda recebe a visita da amiga Antonina. As duas passeiam no jardim e, logo depois, Antonina inicia a narrativa da história de Josephina, a moça que “nunca se rio”. Josephina mora em Barcelona, é uma

jovem que sempre usa uma máscara em seu rosto. Sobre ela muitas histórias tinham sido criadas, até que um jovem francês resolve desvendar o mistério. Ele sabe que Josephina usa a máscara a pedido de sua mãe, que havia perdido o marido num duelo. Sua mãe, antes de morrer, conta-lhe que sua beleza havia matado o marido e pede que a filha também esconda o rosto para evitar novas tragédias.

O francês pede Josephina em casamento e promete jamais pedir que ela tire a máscara. No dia do casamento, os convidados lamentam a sorte do noivo, mas, quando a noiva retira o disfarce, “uma exclamação geral partiu de todos os lados em sinal de admiração, e mais de um convidado retirou-se pezaroso de não ter tido a coragem do feliz fidalgo”, que, por sua vez, é premiado por ter se apaixonado por Josephina sem se importar com seus atributos físicos. Nas duas narrativas, o enfoque é a vaidade. O filho da artista deseja a mais bela e o pai de Josephina morre vítima dos ciúmes que tinha por sua esposa. Nas duas narrativas, a vaidade é superada pelos protagonistas, que, por isso, são recompensados com um final feliz.

A vaidade também é o tema central da história “A mão de Deus” (julho de 1867), assinada por Maria Albuquerque. Ambientada em Lisboa, a narrativa tem início quando o padre Arsenio é chamado para dar extrema-unção a uma jovem que está prestes a morrer. A mulher é Leonor de Paiva, que se recusa a morrer tão nova: “Eis-me prematuramente velha, feia e pobre! Os três maiores inimigos da mulher...” Leonor conta ao padre que, depois de abandonar o marido e se entregar a festas, é roubada e abandonada pela sociedade. Resta-lhe apenas um cofre que ela deveria entregar a sua afilhada Albertina. Quando o padre compromete-se a entregar o dinheiro, Leonor sente-se pronta para morrer.

Ao chegar à vila onde reside Albertina, o padre descobre que ela e sua mãe estão na casa de Henrique, um rapaz que se encontra muito doente. O moço fala ao padre sobre o seu desejo de morrer para esquecer a dor que

havia causado a uma antiga noiva. Conta, então, que estava comprometido com Maria, quando perde a sua mãe. Os amigos, para consolá-lo, levam-no para se divertir.

Durante os passeios, questionam o seu noivado com Maria, e apresentam a ele uma mulher rica e bonita. Em pouco tempo esquece-se de Maria e se casa com a mulher escolhida pelos amigos. Mas sua esposa não quer compromisso sério e vai todos os dias aos bailes, com ou sem sua companhia. Um dia, Henrique chega mais cedo em casa e vê sua mulher na cama com um de seus amigos. Para animar seus ânimos, um outro amigo convida-o para passar alguns dias em sua fazenda. Antes, porém, passam em um hospício para que o seu companheiro se despeça de uma tia. Lá, Henrique encontra os enfermeiros chorando pela morte de uma enferma, ao se aproximar do cadáver, ele reconhece o corpo de Maria, a noiva que havia abandonado. Sua única reação é a de fugir para encontrar uma forma de pagar por seu mal.

Reconhecendo o nome de Henrique, o padre pergunta-lhe qual era o nome da esposa que o havia traído e, ao ouvir o nome de Leonor de Paiva, conta-lhe que sua esposa havia morrido na pobreza e esquecida por todos. Após ouvir as palavras do padre, Henrique resolve casar-se com Albertina e recomeçar sua vida. O interessante dessa narrativa é que tanto Leonor quanto Henrique haviam feito outras pessoas sofrerem, mas apenas Leonor é punida. Perde tudo o que tem, envelhece vítima do sofrimento, não encontra conforto entre aqueles que a rodeiam. Mas Henrique tem o direito de recomeçar e com uma moça que havia acabado de se tornar rica. Provavelmente, considera-se que o próprio casamento com Leonor já havia sido uma punição para ele. A vaidade de Leonor rende a ela uma velhice prematura, acompanhada do que ela denomina os “inimigos da mulher”: a feiúra e a pobreza.

Há uma incoerência em narrativas como essas, empenhadas em corrigir as vaidades humanas, principalmente as femininas, e o propósito do periódico

em oferecer seções como a de Moda, com os últimos modelos criados em Paris, como anuncia a redação. De modo geral, o jornal é destinado às senhoras e às senhoritas do século XIX que precisam administrar o trabalho dos criados e dos escravos, para isso, elas podiam contar com as seções de Economia Doméstica e de Medicina Doméstica. Destinada também às mulheres que desejam instruir-se de forma amena, necessidade preenchida com as narrativas. Além dessas futilidades, ainda era preciso ser modesta e combater a vaidade. Para contribuir nesse tipo de instrução, as narrativas punem personagens entregues a esse mal.

É o que ocorre também em *A vaidade corrigida* (abril de 1868), assinada por Paulina Philadelphia. Próximo à casa de uma suposta feiticeira, em São Gonçalo, vive Eugenia, filha de um viúvo que tenta corrigir o único defeito da filha, a vaidade. O pai de Eugênia cuida de todos os detalhes de sua instrução, pois espera que a filha possa, na falta de quem a ampare, exercer o magistério para sobreviver. Diante das reclamações de Eugenia, ele contra-argumenta citando o parecer de intelectuais:

Lembre-te, minha filha, do que diz Degouy sobre o trabalho:

O trabalho eleva o homem e derrama em seu caminho imensas satisfações; o ocio degrada-o e attrahe sobre elle a vergonha, o desprezo e a desgraça. Uma vida tranquilla e laboriosa é como essas pedras preciosas que encerrão um grande valor em um pequeno espaço; o preguiçoso assemelha-se ao insensato que possuindo um grande thesouro dissipa-o em loucas extravagancias em vez de empregal-o em assegurar a sua independencia. O tempo é mais precioso que o ouro, pois sendo devidamente empregado não só nos proporciona um bem-estar n'este mundo, como ainda nos póde assegurar a felicidade na vida futura.

Para confirmar o parecer de Degouy, cita à filha o discurso de Mlle. De Sauvan:

Não penses que só os homens que assim fallão entre as muitas que há, M<sup>lle</sup> de Sauvan diz: « Só o trabalho póde afastar-nos da miseria e garantir-nos a virtude. » Mas o trabalho que aproveita não é como o que vês executar diariamente por essas pessoas que jactão de trabalharem, mas queixão-se que lhes não chega o producto que tirão de sua fadiga para sustentarem a misera existencia que penosamente arrastão; esses que assim fallão, minha filha, crê têm ordem no que fazem; falta esta que embora a pessoa se extenue no trabalho nunca chega a estabelecer uma recta proporção entre a sua fadiga e o lucro que d'ella tira.

A conversão é feita ao primeiro discurso do pai: “ao ouvir estas judiciosas razões exprobase-se de não ter comprehendido isso ha mais tempo. Prometteu-lhe que d'ahi para em diante seria mais grata e applicada em suas lições”, e a sua promessa é reforçada quando conhece a suposta feiticeira. A personagem logo se percebe apaixonada por seu vizinho, Alberto, um guarda-livros, profissional conhecido hoje como contador, de uma grande casa de comércio na corte. O mesmo sentimento é compartilhado pelo rapaz, que solicita ao pai que vá pedir a mão de Eugenia para ele. Mas quando o pai de Alberto descobre que ela não tem dote, desculpa-se e se lamenta, então, que, desta forma, o seu filho não possa casar-se. Eugenia sofre muito com a recusa do pai de Alberto, mas é consolada pela prudência paterna:

— Mas, meu pai, disse Eugenia, elle é trabalhador, e eu graças aos seus paternaes conselhos acho-me com algumas habilitações. Applicando ambos a nossa boa vontade creio que poderemos viver.

— Sim, minha filha, enquanto fordes dous, mas quando vierem os filhos onde acharás o tempo preciso para trabalhares? E logo que o auxilio de teu trabalho falte não diminuirá a receita: e os filhos não farão augmentar a despeza? E quando elles te pedirem pão e o não tiveres para dar-lh'o, nutril-os-has com as poeticas razões que me apresentas hoje para a realisação do teu desejo?

— Não! não! meu pai, já me não queixo! que quadro pintou-me agora! uma mãe sem pão para seus filhos?! eu morreria de dôr se tal cousa me viesse a acontecer, lembrando que fôra a minha irreflexão a causa d'essa desgraça. Eu saberei esperar, amando

Alberto, e se Deos não permittir que nos casemos saberei resignar-me com a lembrança do que acaba de dizer-me.

A conversa é encerrada com a lembrança, por parte de seu pai, das palavras de Mme. De Sirey: “é pelo sacrifício que a alma se eleva e purifica”.

Na mesma época, a feiticeira pede que Margarida, uma negra que presta serviços à família de Eugenia, encontre uma moça pobre a quem ela possa deixar o seu segredo. A criada pensa logo em Eugenia e, no dia seguinte, vai com a jovem à casa da feiticeira, que se chama, na realidade, Helena de Aguiar. Ela lhe dá uma caixinha e pede que Eugenia só abra quando tiver certeza de sua morte. De sua história, Helena adianta apenas a razão que a leva ao isolamento: “o meu nome é Helena de Aguiar, outr’ora conhecida por vaidosa, que bem o merecia; e é por tê-la sido que por tão longos annos me encerrei n’este misero alvergue, onde tenho expiado com usura todos os males que causou a minha vaidade”.

Quando ela morre, uma breve síntese do manuscrito é feita pelo narrador:

Explicou tudo o que se passára entre sua filha e Helena de Aguiar. Contou-lhe mais que muito tempo depois da morte d’esta é que Margarida lhe lembrára de abrir a caixinha que fôra confiada, e que achára dentro d’ella um manuscrito contando todas as desgraças provenientes da vaidade de Helena e os tormentos por que passára sua pobre mãe, que morrêra victima da vaidade de sua filha.

— No fim d’essa auto-biographia, disse Antunes, havião calorosas recommendações, para quem lesse, de expiar de si toda e qualquer vaidade como fonte malefica de todo o genero de males.

Eugenia tem sua vaidade corrigida a partir do erro e da autopunição de Helena de Aguiar. No final da narrativa, é colocada a imagem de uma mocinha delicada -provavelmente, uma representação da protagonista, observada ao fundo por um senhor:



Fonte: J.F., 1868

Marcia Abreu cita, entre as vantagens atribuídas à leitura de romances, a elaborada por Clara Reeve. A narrativa seria construída “de modo a provocar reações de identificação, fazendo aquele que lê colocar-se no lugar do personagem e com ele sofrer ou se alegrar” (ABREU, 2003, p. 292). A forma com que “Coração de Mulher” (setembro de 1874), da série “Contos Macahenses”, de Fernandes Pinheiro Junior, trata da vaidade parece convidar o público leitor a reagir com a atitude da personagem Isabel e a se solidarizar com os sentimentos de Carlos, um “poeta de altas concepções, sonhára uma virgem bella como as mais bellas e capaz de amal-o com esse amor vehemente e sem limites tão comum nos romances”. Ele conhece Isabel e passa a amá-la mais do que a seus próprios pais. Mas a jovem ignora as declarações de

Carlos. O narrador lembra aos leitores que no lugar do coração da moça existia “uma pendula gelada, na energica phrase de Machado de Assis”.

Durante um ano, Carlos tenta conquistar o amor de Isabel, sem que obtenha sucesso. Aconselhado por um amigo, passa a ignorá-la e finge ter arrumado uma outra pretendente. Ao saber disso, Isabel fica desesperada e tenta falar com Carlos, mas este, persuadido pelo amigo, não lhe dá confiança:

- Então esqueceu-se de mim?

- É verdade, por sua culpa.

- Mas se soubesse os motivos ponderosos que me obrigaram a simular o que não sentia...

- Perdão, minha senhora, não quero ouvir-os: é tarde, é muito tarde. Agora já devo-me á outra, que me adora e á qual de nenhum modo quero desgostar. Consolo-se como eu me consolei: enquanto ha vida ha *esperança*... Adeus; se algum dissabor soffrer com isso, queixe-se de si.

E retirou-se bruscamente, acompanhado do seu amigo, antes que deixasse a victima de si propria ver-lhe nos olhos duas lagrimas de piedade.

Carlos, no entanto, não termina a narrativa satisfeito com sua atitude, pelo contrário, quando o amigo pergunta se não está feliz com o conselho que lhe deu, responde que não e pede que mudem de assunto. O que o narrador deixa claro é que Isabel não foi vítima de Carlos, mas de si própria, de sua vaidade.

Em “Uma vitima da vaidade” (março de 1874), da mesma série, o autor condena um personagem que pensa mais no status social do que no bem-estar da filha. Numa chácara retirada, habita o senhor Manoel Correia, ex-empregado público, que sonha casar a filha Elvira com um rico fidalgo. Mas Elvira já está apaixonada por Alfredo Torres, estudante do quarto ano de medicina. Ao saber da inclinação da filha, Manoel Correia proíbe o relacionamento e garante que a filha só se casaria com um fidalgo.

Semanas depois, Alfredo volta à faculdade e Elvira é apresentada ao seu noivo, o barão da Felicidade. Oito dias antes do casamento, Elvira escreve a Alfredo contando como foi obrigada a aceitar o pedido e afirmando que morreria antes da realização da cerimônia. Dias depois de escrever a carta, Elvira morre vítima de uma febre. Ao saber da morte da amada, Alfredo “despedaçou o craneo com um tiro de revolver”: “No dia 2 de novembro de 1860, um velho chorava sobre uma sepultura e arrancava os cabellos, com visíveis sinais de loucura. A sepultura encerrava os despojos mortais de Elvira e o velho era Manoel Correia, que murmurava febrilmente: - Elvira . . . Alfredo . . . perdoai o vosso assassino”. A narrativa, além de punir a vaidade paterna, questiona o casamento por interesse e o não direito da mulher de escolher o seu pretendente, o que passaremos a tratar a seguir.

Essa narrativa também nos faz voltar à questão do romance como mecanismo de se alterar o que está imposto socialmente (VASCONCELOS, 2002, p. 11-12). A prática comum de ter o pretendente escolhido pelo pai é questionada a partir da punição a um homem vaidoso, que não considera os sentimentos da filha e se preocupa apenas com os seus interesses. Trata-se de uma narrativa que se antecipa a uma questão, a da escolha do marido para as filhas, que será mantida, por muitas famílias, até meados do século XX (D’INCARO, 2002, pp. 223-240).

### **3.4. O casamento: modelos a serem seguidos**

Se o jornal é, em grande parte, dedicado às senhoras, não poderia deixar de existir nele a temática do casamento. Considerado o fato de que para as senhoras e senhoritas o casamento é inevitável e desejável, acaba sendo coerente a valorização da posição masculina, que tem a opção de permanecer solteiro. Em contrapartida, existe ainda o favorecimento do mesmo pelo dote, que iria ampliar ou iniciar sua fortuna. Daí a constante presença de homens

que, interessados na fortuna da moça, são desmascarados ou ludibriados a acreditar em uma fortuna que não existe, o que torna a narrativa cômica e atenua o melodrama amoroso do enredo.

Como exemplos desses dois tipos de casamento, o interesseiro e o puro, escolhemos duas personagens que correspondem a esses estereótipos. O primeiro é o narrador protagonista de “Felicidade pelo casamento” (julho de 1866), um homem convicto dos benefícios de uma vida solitária, mas que no fim da narrativa está casado e satisfeito, a ponto de declarar:

Procurei por tanto tempo a felicidade na solidão, é errado; achei-a no casamento, no ajuntamento moral de duas vontades, dois pensamentos e dois corações (...).

Hoje tenho mais um membro na família: é um filho que possui nos olhos a bondade, a viveza e a ternura dos olhos de sua mãe. Ditosa criança (t. 4, julho de 1866, p. 205).

O protagonista, que considerava a solidão a chave para a felicidade, passa a valorizar o casamento, não uma união qualquer, mas aquela que é fruto da moral e da verdade do casal. Provavelmente, a moral referida por ele esteja ligada ao caráter voltado aos padrões de honestidade esperado pela sociedade oitocentista. A descrição do filho é feita a partir dos atributos maternos: bondade, vivacidade e ternura.

No entanto, quando o casamento é contraído por mero interesse, muitas coisas desastrosas podem acontecer. A personagem João Paulino, da narrativa “Um casamento de tirar o chapéu” (março de 1867), é um bom exemplo desse tipo de pretendente ao casamento. Ele se faz passar por um homem de posses para casar com uma moça que também ostenta uma riqueza que não existe. Depois de concretizado o casamento, o pai da noiva foge, deixando ao genro, ao invés de dote, uma considerável dívida, o que leva o narrador a concluir:

Ah! Quantos exemplos se dão análogos a este que acabo de contar! Quantas vezes, logo depois de lançada a bênção

pelo sacerdote, reconhecem ambos os noivos que foram logrados em suas ambições!.

De uma forma ou de outra, seja encarada como castigo ou como recompensa, a presença do casamento demonstra que ele ainda é de grande importância nas penas dos colaboradores, que oferecem também modelos para um casamento ideal. “Uma família Modelo” (novembro de 1875), de Victória Colonna, por exemplo, oferece às leitoras a descrição da família exemplar de um homem, a quem o narrador não denomina. Ele vive em Genova, na companhia da esposa e de três filhas e, apesar de não possuir nenhum bem material, considera-se feliz, porque tem o “dom de ser um espírito recto, judicioso, bom e inflexível”. As qualidades do homem parecem infundáveis:

O homem de que vos fallo não tinha patrimonio; era militar, e, graças á rectidão de seu espirito, e sentimento do dever, que soubera simplificar para utilizal-o sempre, a todas as horas e em todas as circunstancias, em lugar de complical-o a ponto de não caber em nenhuma de suas acções, como com tão feliz resultado, fez a geração *livre-pensadora* de hoje, graças a uma exactidão methodica, e invariavel pontualidade, foi sempre o que se designa com o nome de: *um bom militar*. Fóra de sua irreprehensivel attitude para com seus chefes e da disciplina rigorosamente observada por elle, não era tolerante sobre abusos, não era adulator, nem disposto a curvar-se uma vez que o serviço o não exigisse. Não querendo deixar a estrada real pelos atalhos, o acaso não o favoreceu; e por isso conservou-se por muito tempo nos postos subalternos. Sómente ao reformar-se é que passou a capitão e foi condecorado.

Este homem, que se sente sempre feliz por ter o hábito de comparar sua sorte com os que têm menos, casa-se com uma mulher tão correta quanto ele:

Casára-se com uma moça que nada possuía: por ahi vêdes que era um exquisito. Em compensação tinha sua companheira um espirito de ordem que podia rivalisar com o d'elle, assim como o inextinguivel amor ao trabalho, do qual nunca se desgostava. Era

realmente a sua metade; aquella que Deus lhe destinára para sempre. A exemplo d'elle, não torturava o espirito procurando deveres sublimes fora dos já conhecidos, para desculpar-se a seus proprios olhos quando deixasse de cumprir esses, para acudir a aquelles.

A única preocupação dessa mulher é “ficar em sua casa, cuidar d'ella, e de seu marido, supprir a força de trabalho, ordem e engenhosa economia à insufficiencia dos meios, criar seus filhos n'essas mesmas idéas e incutir-lhes a lei do dever”. O narrador solicita que as queridas leitoras admirem a simplicidade dessa mulher, que não foi criada longe dos deveres morais. Desafia as leitoras que ousem zombar de sua personagem a responderem qual o ideal que as conduz, e o próprio narrador dá a resposta: “a moda e as futilidades”. Em comparação a elas, a mulher descrita é considerada uma heroína:

A minha heroína é boa mãe de familia e por isso comprehende instinctivamente que a actividade lhe é prescripta; não perde o tempo em fallar de si nem das outras, pois conhece que é por demais precioso para que o empregue tão mal. Não carece de logo pela manhã, preparar o almoço para a familia? vestir os filhos e ensinar-lhes a ler? sentar-se depois á costura para fazer ou concertar a roupa de todos? preparar o jantar e achar ainda o tempo necessario para sahir algumas vezes com o marido, ou receber visitas , e tudo isso feito convenientemente, e sem quebra de sua dignidade.

Como não poderia deixar de ser, as três filhas do casal também são prudentes e conhecedoras dos deveres morais. Estudam e exercem profissões distintas, o magistério, o desenho e a gravura: “qual verdadeira colmeia todos trabalham n'essa casa. Levantam-se ao amanhecer, às vezes mesmo no inverno, almoçam juntos, e em seguida vae cada um para o seu trabalho”. Trata-se de uma descrição que se distancia do conceito de ociosidade no século XIX. Na tese *A formação feminina na sociedade brasileira do século XIX*:

*um exame de “modelos” veiculados pela literatura de ficção*, defendida por Silvana Fernandes Lopes, na Faculdade de Educação da Unicamp, encontramos uma reflexão sobre trabalho e ociosidade:

Numa sociedade com forte ranço aristocrático, a ociosidade era sinônimo de status. Mesmo nos romances que tratam da vida rural, as famílias dos grandes proprietários não exercem nenhuma atividade física, cabendo ao fazendeiro apenas a administração da sua propriedade. O trabalho manual ou profissional, como atividade exercida por mulheres, tem, nos romances pesquisados, um caráter depreciativo. Só quando as personagens são pobres e têm poucas possibilidades de arranjar um bom casamento, é que o trabalho é cogitado, e evidentemente mal remunerado (LOPES, 1997, p. 46-47).

Talvez por isso a autora não tenha criado uma família brasileira, preferindo ambientar a sua história em Gênova. Assim, a família, para completar o quadro, reúne-se à noite em volta do pai para ouvi-lo ler. No final, o narrador indaga: “não tinha razão quando vos apontava esse homem como um ente verdadeiramente feliz, e essa família como um modelo?” Essa narrativa configura-se como um típico modelo de literatura pedagógica, cujo objetivo é instruir e fornecer o modelo de conduta a ser seguido. As leitoras são desafiadas a comparar suas vidas com a da família modelo para perceberem as futilidades que as envolvem em comparação com o sentimento de trabalho e deveres morais que regem as personagens descritas.

Em “Nola” (de janeiro de 1878 a março de 1878), Leo Junius também discute o casamento por conveniência e oferece dois exemplos, o de uma jovem que acata a escolha do pai e o de outra que a recusa. Embora o título seja “Nola”, o enredo dá maior atenção à vida de Palmyra, amiga de Nola. A jovem que dá título à narrativa é uma moça que, de acordo com o narrador, “poderia servir de modelo a poetas e sonhadores que pretendem idealizar a

mulher e transformá-la em anjo”. Trata-se de uma moça morena, de olhos grandes e negros, em seus lábios há a “doçura das virgens de Leonardo”.

A protagonista e a amiga Palmyra estão amando pela primeira vez. Todavia, ambos os pretendentes são recusados por seus pais, sob o pretexto de serem pobres. Nola conforma-se com a decisão paterna e aceita casar-se com um rico fazendeiro. Mas sua amiga recusa todos os pretendentes que seu pai lhe oferece e se mantém fiel ao seu primeiro amor. No dia de seu casamento, Nola desabafa para a amiga: “- Minha querida amiga, obedeci á vontade de meus paes, mas a ti juro-te que nunca poderei amar este homem que váe hoje ser, meu marido. - Pois eu, respondeu-lhe Palmyra com as lagrimas nos olhos, prefiro morrer do que fazer semelhante sacrificio”.

No número de fevereiro, Nola escreve novamente à amiga e lhe conta da solidão que sente, pois o marido raramente fica em casa:

Minha querida amiga

Só agora te posso escrever, porque não quis confiar minhas cartas ao Correio. O portador é meu irmão. Se soubesses que saudades tenho de ti ! e da minha vida de solteira ! casáram-me... Quer isto dizer, deram-me uma posição.

Sabes a vida que eu aqui passo? eu te digo.

Passeio a cavallo ou de carro, tenho constantemente a casa cheia de hospedes. Caçadores, fazendeiros, ou negociantes. Nos dias de semana, ouço o chiar dos carros, o canto monotono dos escravos, o ruido dos engenhos. Perspectivas pastoris e nada mais.

Creio que morrerei com visos de beata.

Meu marido não é mau homem, mas é um pouco excentrico. Todo o seu prazer é caçar ou fallar em cavallos e burros.

Não sei para o que serve o dinheiro. Para outros será uma grande felicidade. Para mim não. Afianço-te que eu era feliz quando solteira. Hoje que sou casada, de que me serve sel-o, mettida aqui n'esta solidão.

Palmyra não aceita repetir o sacrifício da amiga e tenta persuadir o pai a permitir sua união com o seu escolhido, mas não obtém êxito. Um dia, sabe que o homem por quem está apaixonada tinha perdido a mãe e se encontra muito doente. Com a ajuda de sua mãe, Palmyra vai visitá-lo e, no momento da visita, presencia a morte do amado. A jovem não resiste à tristeza e morre meses depois.

Para manter viva a lembrança da amiga, Nola dá a sua filha o nome de Palmyra. O narrador, por sua vez, justifica que, ao escrever a narrativa, também deseja homenagear sua patrícia: “e nós escrevendo estas linhas prestamos uma homenagem a uma gentil e virtuosa patricia, que deixou a terra para ir ser talvez um d’esses bellos e puros ornamentos que ornam o throno do senhor do universo”. No entanto, o nome escolhido para dar título à narrativa é o de Nola e não o de Palmyra. O que teria motivado o autor a dar o título de sua narrativa? Se a homenageada é Palmyra, por que o nome de Nola? Será que é devido à resignação de Nola ao desejo do pai? Ou será que o autor confunde-se durante o desenrolar do enredo? As respostas a essas indagações são pautadas apenas em hipóteses e a nossa seria a de que o autor confunde-se ao dar continuidade ao seu folhetim.

Leocadio Pereira da Costa oferece às leitoras do *Jornal das Famílias* a história de “Amelia” (julho–setembro de 1878), uma narrativa sobre amor, guerra e fidelidade. Amélia e Pedro apaixonam-se desde o primeiro dia em que se viram. Depois de seis meses de namoro, os dois decidem se casar. O narrador interrompe a narrativa para se antecipar a possíveis indagações:

As leitoras dispensarão por certo mais commentarios a respeito; e portanto será ocioso dizer que os noivos confessáram-se, que se fez o enchoval e os de mais preparatorios.

Isto posto, haviam decorridos seis mezes, e já Pedro e Amelia estavam bem amarrados pelo nó que lhes deu o vigario da Parochia, desfructando uma adocicada lua de mel, cercados de todas as delicias que presidem esses tempos venturosos.

N'isto Amelia foi feliz, porque conhece-se por ahi muita moça que é amada tres ou quatro annos, já com um amor ambolorado e cheio de teas de aranha, sem que o *ingrato* se resolva a pedil-a em casamento.

Com um discurso pedagógico, adverte e aconselha a leitora, colocando-se, inclusive, em seu lugar:

Um namoro velho, minhas leitoras, é muito prejudicial ás moças, porque se o namorado por qualquer circumstancia deixa de casar, nenhuma outra pessoa se anima pedil-a, se não pelo receio de uma recusa formal, ao menos pela bem fundada suspeita de que ella possa ainda sentir algum *tic-tac* de tempos passados.

Assim é que d'estas delongas resulta muitas vezes o alistamento de mais uma praça para o batalhão das *involuntarias tias!*

Se podéra ser moça (do que estou livre) teria naturalmente o meu passarinho verde; porem impunha-lhe logo a condição de casar dentro de um anno, sob pena de ser eliminado da matricula de meu coração, embóra confirmasse assim o juizo que faz da mulher o *maestro Verdi* no seu *Regolletto*:

La dona é mobile

Qua piuma al vento

Pedro não é rico, mas o seu trabalho como tipógrafo supre as necessidades básicas da família; Amélia, por sua vez, “não tocava piano, nem fallava francez, porém a sua educação doméstica era perfeita”. Lembramos que o conhecimento doméstico é atributo feminino destacado em várias narrativas, justificando a importância da seção Economia Doméstica, presente na maioria dos periódicos oitocentistas.

A paz familiar do casal é interrompida quando Pedro alista-se na Guerra do Paraguai, alegando que o sentimento patriótico é maior do que o amor pela esposa: “Perdoa, minha Amelia... fiz o meu dever... o dever de todo o Brasileiro

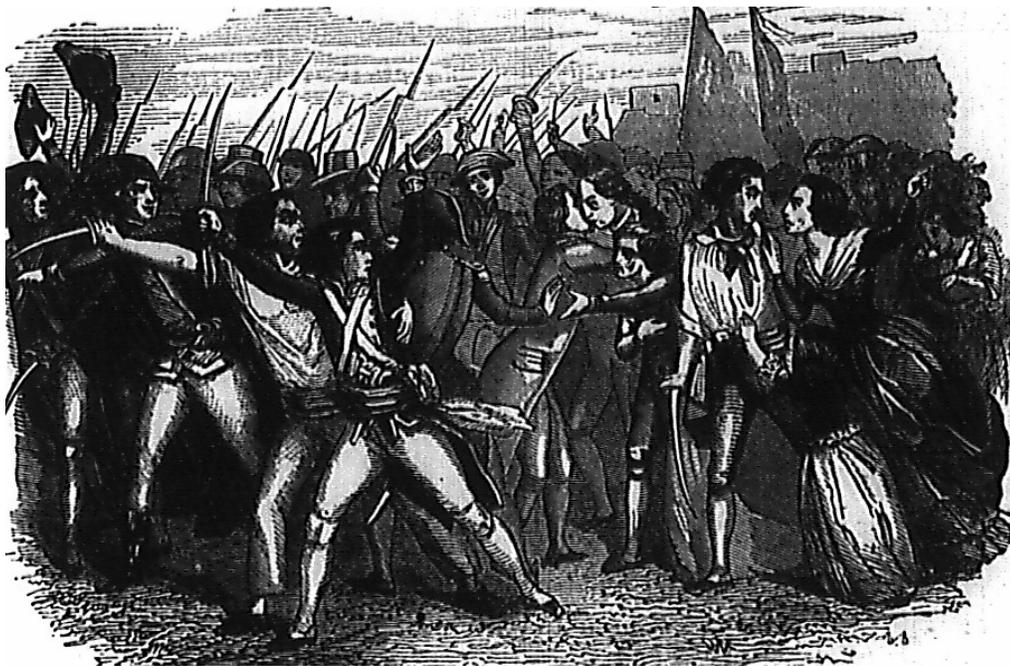
que alimenta no coração o sacrosanto fogo do patriotismo”. Amelia ainda insiste que Pedro permaneça com ela, mas ele a lembra das conseqüências:

- Amelia, resigna-te, não faças de mim um desgraçado. A minha honra, os meus brios de cidadão estão comprometidos.

Queres que de hoje em diante eu seja apontado como um covarde? Queres que diga, lá vae passando um homem sem dignidade, sem honra, sem brios?... é Pedro o typographo, marido de Amelia indigno de ser Brasileiro?

Queres um marido assim eu ficarei!... (J.F., julho de 1878)

Em julho, a narrativa é encerrada com a imagem de homens segurando espadas e jogando seus chapéus e, no canto, um homem despede-se de uma mulher e de uma menina:



Pedro fica vários meses no Rio da Prata, e escreve frequentemente à esposa. Um tempo depois, ela deixa de receber as cartas enviadas pelo marido. Para piorar, uma vizinha narra-lhe com detalhes as formas com que muitos

brasileiros estão sendo mortos pelos paraguaios. Avisa-lhe, ainda, que havia lido no jornal que Pedro tinha sido ferido em batalha. Amelia convence-se de que é viúva e se resigna. Muitos pretendentes passam a cobiçá-la, mas ela, em nenhum momento, desonra a memória do marido: “Fugia de todas as reuniões, vivia melancolicamente e com uma resignação evangelica. Viuva, moça, e bonita, a pesar de que pouco aparecia, não faltou logo quem lhe quizesse render finezas: porem fiel á memoria de seu marido, repelia sempre todas as tentações de uma maneira tão energica e positiva que fazia honra a seu sexo”.

Depois de três anos, Pedro retorna para casa e conta que não pudera escrever porque tinha vivido, durante esse tempo, como prisioneiro dos paraguaios. Adotando o estilo da modéstia e assumindo que a arte literária é limitada, o narrador não descreve a emoção do reencontro entre Pedro e Amelia por se julgar incapaz de passá-la para o papel: “Avaliem esta scena tocante, meus leitores, porque a minha pobre penna não póde descrevel-a”. Por ter lutado na guerra, Pedro é condecorado e pode oferecer uma melhor vida a Amelia, a esposa fiel que soube respeitar o desejo do marido e guardar a sua memória.

É interessante lembrar que a imposição das normas morais para as mulheres brancas é algo prescrito por seus pais e por seus maridos, ou seja, pelo grupo dominante da época:

Ao indivíduo como tal não é dado inventar os princípios ou normas, nem modifica-las de acordo com uma exigência pessoal. Depara com o normativo como com algo já estabelecido e aceito por determinado meio social, sem que tenha a possibilidade de criar novas normas segundo as quais poderia pautar a conduta prescindindo das estabelecidas, nem pode tampouco modificar as existentes (VAZQUEZ, 1992, p. 54).

Essa série de personagens e enredos exemplares demonstra que há a preocupação constante de produzir uma literatura “amena e moral”. Amena a

partir da escolha do vocabulário e da simplicidade do enredo; já o efeito da moral seria obtido a partir dos exemplos positivos das personagens e da punição dada às que se desviam da conduta esperada pela época. A pesquisa de Silvana Lopes reforça nossa afirmação. Quando trata das obras de José de Alencar, ela lembra que:

A obra de José de Alencar nascia para contribuir, de forma especial, para a educação das mulheres, segmento majoritário no mundo dos leitores, a crer nos testemunhos dos contemporâneos do autor. Educação no seu sentido mais amplo, abarcando desde as regras básicas do comportamento familiar até as concepções políticas da sociedade. Claro está, tudo isso embutido nas malhas da narrativa, constituindo a trama de seu tecido, de forma a não dificultar a leitura e não fazer com que suas obras perdessem o inegável encanto que efetivamente têm. Mas o seu caráter de exemplário e de espelho de comportamentos é por demais evidente, para ser desconhecido (LOPES, 1997, p. 72).

A maioria das narrativas do *Jornal das Famílias* atua a partir de exemplos. As leitoras são convidadas a se identificar com os bons modelos e a se afastar daqueles que conduzem à punição

### **3. 5 Conduta diferenciada para as personagens negras**

Houve uma época em que a mulher negra era sinônimo de quitandeira, lavadeira, copeira, lavradora, ama-de-leite, cozinheira e, dentre outros adjetivos, de “escravas que se prostituem ao primeiro que as procura”, como sugere um texto publicado no jornal *O americano*, em janeiro de 1848.

Tal declaração apenas confirma que, no período da escravidão, a mulher negra é vista como um objeto de produção e de prazer. Ela estaria afastada da conduta moral esperada para as mulheres brancas:

A sexualidade da escrava aparece para o senhor livre de entraves ou amarras de qualquer ordem, alheia à procriação, às normas morais e à religião, desnuda de toda série de funções que são reservadas às mulheres brancas, para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual (GIACOMINI, 1988, p. 65).

Em *Casa Grande & senzala*, Gilberto Freyre destaca a condição das mulheres brancas, negras e mulatas. Segundo o autor, as morenas eram as preferidas pelos portugueses para o amor físico, conforme o dito registrado por Handelmann: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; para Freyre, “ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata” (FREYRE, 1984, p. 10).

A contar pelo tempo de duração do periódico, é insignificante o número de narrativas com personagens que retratem pessoas não inseridas na sociedade dominante, como é o caso dos negros, já que, em quinze anos de circulação, com um total de 223 narrativas, apenas três dão vida a personagens femininas negras, sendo que nenhuma dá a sua personagem um final feliz. Será que apenas isto, um final infeliz, daria a Garnier e à redação do jornal a certeza de que essas três narrativas não resultariam na indignação de suas leitoras, prováveis senhoras de escravos e com dinheiro para pagar pela assinatura do periódico?

Certa do público que pretende atingir, a redação, ao que parece, não está interessada em brigar por questões abolicionistas; por outro lado, ela tem conhecimento de que, por volta de 1871, o número de adeptos à luta abolicionista é significativo, tanto que em setembro do mesmo ano é assinada a lei do ventre livre. Por isso, a primeira história a incluir personagens negras é “Mariana”, publicada justamente em 1871 por J.J., pseudônimo do mais assíduo colaborador do *Jornal das Famílias*, Machado de Assis, e que tem dois

narradores: o que apresenta o personagem Coutinho, sua conversa com os amigos e o desfecho dela; e o outro narrador, que é o próprio Coutinho, grande amor de Mariana, que narra aos amigos a história da escrava que se matara por amor a ele. Eis a história contada.

Nascida e criada como “filha da casa”, a “gentil mulatinha” recebe de sua senhora, de acordo com o narrador, os mesmos mimos dispensados às suas filhas legítimas, com a diferença de que Mariana “não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas”. Quem faz essa descrição é Coutinho, filho da proprietária de Mariana, que acrescenta: “até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal” (J.F., janeiro de 1871, p. 4).

Se o narrador não fosse filho da senhora de Mariana, poderíamos interpretar sua descrição como uma forma de ironizar o tratamento dispensado à escrava, pois se configuram um tanto quanto ridículos e incongruentes, por um lado, a afirmação de que a “gentil mulatinha” era tratada com os “mesmos mimos” das filhas legítimas, e, por outro, o fato de não poder sentar-se à mesa e nem aparecer na sala em dias de visitas. Porém, a história nos mostra que esses lampejos de bondade eram corriqueiros entre os cristãos. Júlio José Chiavenato, na obra *O negro no Brasil: da senzala à abolição*, lembra que a igreja elogia os senhores que concedem aos escravos seis horas seguidas de sono e, ao mesmo tempo, reforça a necessidade de fazê-los trabalhar as dezoito horas restantes para evitar o “pecado”, numa clara alusão ao ato sexual (1999, p. 37).

Coutinho é o primeiro a notar certa alteração no espírito da escrava. Junto com suas irmãs, supõe que Mariana esteja apaixonada: “e quem será o namorado da senhora Mariana, perguntei rindo, o copeiro ou o cocheiro” (p. 06), deixando claro o par conveniente para a escrava, tal como é colocado na narrativa “A Louca”, também analisada nesse texto. Tal referência à condição de Mariana ganha um destaque maior quando a irmã de Coutinho sugere que

talvez seja ele o amor da escrava: “Que seja eu o querido de Mariana? Perguntei-lhe com um riso de mofa e incredulidade. Estás louca, Josepha. Pois ela atrever-se-ia.... -Parece que se atreveu” (p. 9).

Quando o personagem-narrador anuncia o noivado com sua prima, a escrava foge. No mesmo dia, é encontrada e trazida por Coutinho, que, dentre suas divagações, prefere perdoar a fuga da escrava, refletindo que “alguma preocupação teria feito com que Mariana esquecesse por instantes a sua condição e o respeito que nos devia a todos” (p.8). Mais uma vez, Coutinho desfaz a afirmação inicial de que Mariana tinha nascido e sido criada como “filha da família”; se assim realmente fosse, ela não estaria na condição de foragida.

Tempos depois, Mariana aproveita a festa de Natal e foge pela segunda vez. Horas depois, é encontrada por Coutinho num quarto de hotel. Ele não se comove quando Mariana revela o seu amor e, friamente, manda que o dono do hotel chame a polícia. Ciente de seu fim, a escrava toma um vidro de veneno. Antes de morrer, diz a Coutinho que, já que uma escrava não poderia amar o seu senhor, ela preferia morrer. A prima de Coutinho rompe o noivado e ele viaja à Europa. Quinze anos depois, decide contar o caso para alguns amigos, afirmando-lhes nunca mais ter sido amado com tanta intensidade. Em seguida, o primeiro narrador conclui a narrativa: “Coutinho e os amigos vão flertar com as belas senhoritas”.

O narrador reconhece ter sido amado por Mariana, mas mostra que o sentimento da escrava nunca foi correspondido. O contraste entre a morte de Mariana e o ir flertar com belas senhoritas deixa claro que só um lado sai perdendo, o da escrava que se atreve a amar seu senhor. A narrativa, que poderia ser um conto de fadas, encerra-se de forma objetiva, mostrando a impossibilidade de tal relação. Sugere, ainda, que é inadequado e inaceitável o amor (mesmo que espiritual) entre negra e branco.

Três anos depois da publicação de “Mariana”, um amigo de Machado, o escritor Fernandes Pinheiro Junior, publica “Teresa”, uma narrativa da série “Contos macahenses”. Teresa vive na companhia de seus pais, “dois pobres pretos ignorantes, mas que a adoravam com todo o ardor de suas almas selvagens” (J.F., abril de 1874, p. 102), em Macau-África, quando é capturada, junto com seus pais, por caçadores de escravos. Ao destacar o amor dos pais de Teresa por ela, o autor, mesmo contrário a essa atitude, compartilha da visão que sua época tinha acerca do negro: “pretos ignorantes de alma selvagem”.

Teresa vê o pai morrer durante a viagem para o Brasil, é vendida e separada de sua mãe e passa pelos piores tipos de humilhação. A dolorosa trajetória da escrava é assim justificada pelo narrador: “mas assim estava escrito no livro do destino e tinha de realizar-se” (p.103). Vinte e dois anos depois, Tereza, grávida, sobe em um rochedo para se matar. Nesse exato momento, reencontra sua mãe, que também tinha ido ali com o mesmo propósito. As duas contam uma para a outra o que se passara com elas durante o tempo de separação. Libertada por um antigo senhor de escravo, a mãe convence a filha a trabalhar e orar para comprar a alforria do filho que espera. No dia seguinte, é decretada a lei do ventre livre (28 de setembro de 1871), e a criança nasce liberta da condição de escravo. Tempos depois, a maçonaria compra a liberdade de Tereza, que, junto com a mãe, passa o resto de sua vida rezando por seus benfeitores e chorando a morte do pai.

Publicada no ano seguinte, dezembro de 1875, por Ernesto de Castro, “A louca”, terceira e última narrativa que tem como protagonista uma mulher negra, narra a história de Anna das Dores, uma jovem “mulatinha” que endoidecia os rapazes, “mas amava e pregava em alto grau a virtude”; no que podemos inferir que ela é virtuosa, apesar de sua condição de mulata, por si só, não ser virtuosa:

É verdade, acrescentou, que “em muitas mulheres pretas e pardas falta talvez a compostura, e sobeja a liberdade”. E mais: “Não negamos que sirvão [as mulheres de cor]<sup>2</sup> de tentação, mas esta guerra permite Deus no mundo para os vencedores merecerem a coroa da glória”. Palavras que encerram um grande ainda que indireto elogio à tentadora beleza das pretas e pardas; tentadora beleza de se serviria o Senhor para experimentar a firmeza dos homens brancos (FREYRE, 1984, p. 423).

Um jovem rapaz, Nicanor, que “desprezava a honra da donzela com o maior cinismo”, não resiste à tentação e se apaixona pela mulata Anna das Dores. Ao descobrir o namoro, o pai de Nicanor faz com que o romance tome um outro rumo: “ordenou ao filho que deixasse esse indigno amor, que só servia para envergonhar as suas cãs e o seu sangue, puro de mancha africana: que lembrasse ser essa rapariga uma mulata” (dez., 1875). Como a censura não surte efeito, Nicanor é enviado para ser recruta em São Paulo. Os guardas têm ordens para matá-lo, caso ele queira fugir, o que efetivamente ocorre. Anna das Dores, que havia desaparecido da vila, reaparece, depois de um ano, desfigurada. Louca, sua única ação é caminhar. A protagonista vive o drama de “Marianna”, a escrava mulata que se apaixona pelo seu senhor e mostra que a recusa à miscigenação leva às desgraças.

Como podemos perceber, as três narrativas são marcadas pela tragicidade. Numa leitura superficial, poderíamos até pensar que a história da personagem Tereza tem um final feliz. Entretanto, como já indagamos anteriormente, será que ter um filho sem pai e passar o resto da vida chorando pela morte do pai e rezando por seus benfeitores poderia ser considerado um final feliz? O narrador, embora contrário ao sistema escravocrata: “Maldita seja a escravidão! Instituição reconhecadora do direito da força, consagradora do abuso, instituição eminentemente irreligiosa e imoral” (1874, p. 103), mostra-se

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada pelo autor.

conformado com a realidade de Tereza: “mas assim estava escrito no livro do destino e tinha de realizar-se” (p. 103).

Finalmente, assim como as personagens brancas que não seguem o padrão esperado, ser obediente aos pais e ao marido, as três personagens negras destacadas são privadas de um final feliz. Mariana comete suicídio por não ter o amor correspondido por seu senhor; Anna das Dores, vítima do preconceito, desaparece e, depois de um ano, reaparece desfigurada e louca. Por ter aceito sua condição, Teresa, que não se apaixona por ninguém, não blasfema contra o homem que a engravida e que ora a Deus, tem como recompensa a liberdade do filho pela lei do ventre livre e a sua própria liberdade, ensinando às leitoras do *Jornal das Famílias* a importância de aceitar, com resignação, sua condição para manter uma vida tranqüila.

Essas personagens não agem em seu favor, mesmo a liberdade de Tereza é resultado da ação dos brancos. Algumas protagonistas brancas, por sua vez, reagem, como vimos, ao casamento imposto, mesmo que isso resulte na perda de sua vida. Os protestos das protagonistas brancas, ainda que raramente sejam aceitos, representam um patamar diferenciado da condição imposta às protagonistas brancas e mulatas.

Se as narrativas selecionadas tratassem apenas da questão da conduta feminina, nosso trabalho terminaria aqui, mas não é isso o que ocorre. A produção literária voltada para senhoras de temperamento ameno e com tempo e recursos para comprar o *Jornal das Famílias* insere essas leitoras em debates importantes para a época. Faz pensar na estrutura narrativa, na condição do autor e na questão da identidade nacional. Esses temas, a nosso ver, fazem o diferencial desse periódico, como veremos no quarto e último capítulo dessa tese.



## Capítulo IV

# Narrativas que pensaram o fazer literário

Percebo que as mulheres não se contentavam em apenas enfeitar-se e cuidar de modas, enfeites, tules, babados, moldes e riscos de bordados vindos de Paris; essas mulheres do século XIX deliciavam-se com outros produtos chegados, também, de Paris, pelo último pacote: os livros (Maria Arisnete Câmara Morais, *Leituras de mulheres no século XIX*, 2002, p. 83).

## 4.1 A produção romanesca e a condição do escritor

Esse capítulo pretende analisar as narrativas que, de alguma forma, discutem o fazer literário e os elementos que o cercam. Em algumas histórias, percebemos que os colaboradores estudados nessa tese dialogam com a percepção do que era esperado para uma boa narrativa e o processo de produção literária. A questão da encomenda, a preocupação com o público leitor e a discussão do papel do literato são algumas das questões abordadas. Primeiramente, apresentamos as narrativas dos autores que publicam no *Jornal das Famílias*, mas que, atualmente, raramente são citados nas Histórias da Literatura Brasileira. Em seguida, a produção assinada por Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, que estão ao lado dos colaboradores analisados nesse trabalho. A comparação objetiva demonstrar que o mesmo debate literário identificado nas produções dos colaboradores estudados por nós pode ser encontrado nas produções de autores posteriormente canonizados, mostrando que, apesar de menos conhecidos, eles fazem parte de um grupo que pensa a literatura nacional.

Como metodologia para a análise das fontes, preferimos seguir a ordem cronológica das narrativas. A opção pela ordem cronológica interessa também porque torna mais explícita alguma eventual mudança no tratamento da questão de produção do romance, da visão do literato, da discussão entre realidade e ficção e da interlocução com o leitor, elementos contemplados na análise a seguir.

A primeira narrativa publicada no *Jornal das Famílias* oferece um leque de possibilidades de análise: a questão do convite para publicar no jornal, a reflexão sobre a condição do escritor, o padrão de romance a ser seguido. Assinada pelo pseudônimo feminino Helena, “Cartas de Helena a Eulália” (Tomo 1, janeiro de 1863, p. 9-12) narra a história de Helena, supostamente

uma brasileira residente em Paris que recebe um convite para colaborar no *Jornal das Famílias*. Antes de responder, Helena pergunta a opinião de seu pai, que permite a sua participação no periódico com a condição de que a filha adote um pseudônimo. Ao que parece, o pedido do pai não está atrelado a questões morais, mas sim, por considerar a filha inferior aos autores considerados por ele como modelos, no caso, Sévigné e Voiture:

- Escreve lá quantas cartas quiseses a tua prima; consinto mesmo que as-mande publicar no *Times* ou em volume: prohibo-te, porém, que assignes o teu nome inteiro, porque não quero que digão por ahí que não tive senso bastante para observar-te que ficas tão abaixo da Sévigné no teu estylo epistolar como eu de Voiture e a fortaleza da Lage no Rio de Janeiro do Pão de Assucar.

Os dois modelos utilizados, entretanto, não são direcionados à filha. Helena seria inferior a Sévigné, poetisa francesa do século XVII, que escreveu mais de 800 cartas a sua filha. Seu pai, por sua vez, é que seria comparado a Voiture, importante pensador. A distinção realizada pelo pai coloca a colaboradora na situação de apenas produzir textos subjetivos e sem a força filosófica dos pensamentos do autor francês, ao mesmo tempo em que estabelece uma hierarquia entre Sévigné e Voiture.

Mesmo desmotivada pelo pai, Helena decide publicar mensalmente cartas dirigidas à sua prima Eulalia para contar sua vida em Paris. A correspondência dura apenas dois meses e, nela, a colaboradora convidada do *Jornal das Famílias* versa sobre a visão que os parisienses têm do Brasil e dos brasileiros.

Dos aspectos significativos a serem considerados, o primeiro recai no fato de Helena ter sido supostamente convidada pela redação do *Jornal das Famílias*, que, conforme ela afirma, é formada por “meia dusia de distintos literatos”, o que funciona como duplo elogio: para ela e para o jornal. Se para o

pai de Helena, a filha não tem grandes inclinações para a literatura, para a redação, a sua colaboração honraria as colunas do jornal, apesar de a própria colaboradora se autodenominar como uma “ilustre desconhecida”. De qualquer forma, se o número de literatos indicados por Helena estivesse correto, teríamos uma possível resposta sobre os responsáveis pelo periódico. Garnier deixava, então, a organização do *J.F.* para um número reduzido e confiável de redatores.

Ao ser convidada, Helena primeiramente pensa em um romance e lembra que “depois dos *Miseráveis...*”. A reticência permite, dentre outras possibilidades interpretativas, pensar que, para ela, *Os Miseráveis* é um paradigma, um romance impossível de ser superado. Devemos considerar que a seleção é feita por uma leitora de classe abastada, como comprova a descrição que a personagem faz de si e dos objetos que a cercam. Trata-se da filha de um político residente em Paris, uma moça cujas ocupações giram em torno de se esticar *preguiçosamente* numa poltrona, diante de uma chaminé, para se aquecer do frio parisiense:

Não sei como começar esta... mas também não ha de ser assim?... por um frio d'estes, até parece que as idéas se encapótão e lá vão tiritando de *cachenez* e luvas de lan esconder-se no mais fundo e quente canto do cranêo... Ellas não me apparecem, desde que o inverno nos honrou com a sua costumada visita. Olhe, prima, da minha parte, eu passava muito bem sem a honra d'este snr. É honrasinha que me obriga a não fazer outra cousa senão avivar o fogo da minha chaminé. Entretanto, a prima não póde avaliar como é doce ao coração esse embalar de cismas ao monotono crepitar da lenha? Não sabe, prima, que de suaves pensamentos encântão a vida n'essas horas em que a gente, como meio adormecida em uma poltrona, *preguiçosamente* contempla as caprichosas ondulações da chamma de uma chaminé! (*J.F.*, março de 1863).

Sem as qualidades necessárias para escrever um romance como *Os Miseráveis*, lançado um ano antes de Helena iniciar suas cartas, ela pensa numa segunda opção: a de escrever uma poesia. Todavia, essa oposição lhe

renderia uma resistência ainda mais significativa do que a que lhe impede de escrever um romance:

E papae quando souber que eu tive a *loucura* de fazer versos, e que caí na *doidice* de publicá-los sob o título de poesia?

E minha prima sabe que o mais fidalgo inimigo dos poetas é sem dúvida seu tio!

Ainda não há muitos dias, lhe ouvi dizer a um dos nossos amigos que, se ele fosse naturalista, classificava-os (os poetas) na família dos caranguejos!

O que representa pertencer à família dos caranguejos? Dentre as definições encontradas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* o vocábulo caranguejo corresponde a um “indivíduo lento, vagaroso”. Isso seria ser poeta para o pai de Helena? Parece que sim, pelo que indicam as reflexões da personagem. Para o pai, poeta é sinônimo de louco, de pouco raciocínio. Antonio Candido lembra da condição da atividade literária: “A literatura é uma atividade sem sossego. Não só os “homens práticos”, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade” (CANDIDO, 2003, p. 82).

Outra questão interessante no comentário do pai de Helena é que, em geral, pensava-se, no século XIX, que a poesia era melhor que o romance, mas o pai de Helena não a via com bons olhos. O que ocorria também, nesse período, é que a produção e a divulgação de poemas eram em maior número do que os romances e vistos como menos prejudiciais, principalmente para as leitoras<sup>1</sup>.

Além disso, Helena também não se julga uma poeta, apesar de, às vezes, também fazer versos: “Mas, fazer versos não é ser poeta; por consequência eu não entro na classificação”. O que a citação indica é que, para

---

<sup>1</sup> Consultar: EL FAR, 2004, p. 27-112.

a protagonista, o trabalho do poeta requer muito mais do que esporadicamente “fazer versos”, atitude assumida por um leigo. Ser poeta seria algo mais constante, viver para aperfeiçoar a produção poética e para obter uma renda, ou seja, o poeta é visto como alguém que exerce uma profissão.

A opção é a de escrever à prima contando sobre a saudade que sente do Brasil e da visão que os estrangeiros têm sobre ele. Helena acredita que deve desculpas ao público, mas prefere deixar isso com os redatores: “Não peço desculpas ao público, porque esse é lá com os redactores do jornal a quem tem que pedir contas”. Embora ela seja a autora, são os redatores que devem assumir as falhas de sua escrita, pois, apesar de se confessar incapaz de tal atividade, Helena é vencida pela insistência dos intelectuais; além disso, são eles que decidem se a produção de um determinado autor merece ou não ocupar as páginas do periódico. Ela encerra sua 2ª epístola com um dos versinhos que faz “às escondidas”:

Quando, enfim, te verei, minha Eulalia.  
Minha íntima e santa afeição?  
Quando a teu coração n'um abraço  
Casarei este meu coração?

Ah! bem vindo esse dia de festa.  
Ou de morte... talvez... que o prazer  
Também mata... também n'um abraço  
Pode a vida sorrindo – morrer!

Ao final, mais um pedido de desculpas e a publicação de outros versos de sua autoria. Entre as declarações de não fazer versos e a publicação dos mesmos, percebemos que a colaboradora utiliza da modéstia, ou seja, um preceito retórico que finge incompetência para cativar o leitor que não acha seus versos tão ruins.

A segunda recorrência de narrativa metaliterária também data de 1863. Provavelmente José Ferreira de Menezes também não achasse sua literatura

ruim, mas, para ter a narrativa “A flôr do baile” (*J.F.* abril de 1863, p. 97-103) publicada no *Jornal das Famílias*, é obrigado a seguir algumas recomendações: “A redação d’este jornal recommendou-me um conto simples e breve, e que podesse entrar no vosso toucador; por essa dita muitos bemaventurados trocarião a mansão celestes”. Será que a exigência de ser uma produção “simples”, além de “breve”, não estaria relacionada com a competência das leitoras?

De qualquer forma, deveria ser um conto, terminologia que, na época (e ainda hoje), não tem uma definição precisa. Provavelmente, a referência faz alusão apenas à extensão do enredo, mesmo porque, em outro momento, o narrador refere-se a sua narrativa como romance: “Esta flôr, pelas leis forçadas do romance, e pela logica dos factos communs da vida, adivinhão já todos quem deve. É a moça de Nictheroy; é Therezinha”.

O desejo de cumprir a tarefa que lhe é dada, a de construir uma história curta, é retomado durante a narrativa: “Para economisar lances e palavras, e periodos arredondados e floreios de figuras, declaremos: Luiz Antonio estava apaixonado por Therezinha, e esperava por ella”. Trata-se de uma oposição às produções detalhadas e digressivas, comuns nos textos de Alencar, Macedo e de colaboradores do *Jornal das Famílias* como Augusto Emilio Zaluar, para citar alguns exemplos.

Mas economizar palavras e fugir de floreios de figuras seriam opção de estilo ou pressão material, uma vez que se trata de uma produção para jornal? Em sua tese, Valéria Augusti percorre a trajetória da consagração do romance no Brasil e explica que “partindo do pressuposto segundo o qual o romance se destinava a um público numeroso e, conseqüentemente, pouco seletivo, Fernandes Pinheiro estabeleceu para o gênero uma espécie de regra de economia da linguagem” (AUGUSTI, 2006, p. 47). Se lembrarmos que o cônego Fernandes Pinheiro aparece, nos primeiros anos de circulação do *Jornal das*

*Famílias*, na lista de redatores e colaboradores, é possível pensar que a economia pudesse ser uma exigência sua ou dos redatores. Por outro lado, poderia ser também forma de se afastar do estilo retórico clássico, nesse caso, questão de estilo do próprio literato.

Isto é notório no desenrolar dos fatos, quando o narrador expressa a preocupação em atender a dois grupos: aos redatores do *J.F.* e às leitoras. Para atender ao primeiro, ele não descreve, por exemplo, os fatos que antecedem o reencontro de Luiz e Thereza: “Leitoras, como cada um de nós não concorda do systema de levar o heroe á casa, entrar com elle, e seguil-o, e explicar-lhe as palavras, e nomear-lhe a ascedencia, e descortinar-lhe a alma, findaremos aqui este primeiro capitulo, e passaremos ao segundo”, cumprindo, assim, a recomendação da redação de que fizesse um “conto simples e breve”.

Em outro momento, justifica a não descrição do ambiente em que as ações seriam desenroladas: “A scena d’este meu segundo capitulo deve representar os salões de um baile, de cuja descripção dispenso-me, pois que fôra ocioso á imaginação das leitoras”, procurando, provavelmente, não se tornar enfadonho às leitoras que ele imagina já terem freqüentado bailes ou já terem tido acesso à leitura de outras descrições desse evento.

Em “A flôr do baile”, temos também um elemento literário significativo no século XIX: o desejo de aparentar a veracidade. Na narrativa apresentada anteriormente, existe esse desejo, pois a situação das cartas trocadas pretende passar a sensação de que as moças são verdadeiras e de que Garnier encomenda as cartas a uma delas. José Ferreira de Menezes cita Alexandre Dumas Filho para iniciar seu “conto”: “- Não tendo ainda a idade de inventar, contento-me em referir”. E acrescenta: “A minha história é velha, mas verídica e, portanto, nova sempre – como a primavera, o nascer do sol, a noite, as verduras das mattas”.

A verossimilhança, de acordo com Antonio Candido, sendo “o eixo do romance oitocentista é pois o respeito inicial pela realidade, manifesto principalmente na verossimilhança que procura imprimir à narrativa” (CANDIDO, 1969, p . 111). Ao analisar o desejo de produzir um efeito de veracidade nas produções de Defoe, Marcia Abreu destaca que, para garanti-la,

Defoe usava procedimentos empregados por muitos dos romancistas: afirmar não ser ele o autor, mas um mero difusor da história, que teria sido recebida de um conhecido; das nomes, endereço e profissão (respeitável) dos envolvidos; reproduzir o modo de circulação das narrativas no cotidiano (este contou para aquele que contou para aqueloutro); certificar que o narrador inicial viveu a história e conheceu os personagens; garantir a idoneidade desse narrador (ABREU, 2003, p. 300).

A preocupação do autor em estabelecer um efeito de verdade entre os fatos narrados na ficção e o mundo real do leitor percorre, na verdade, a maior parte da produção oitocentista. Por isso, a preocupação em negar que o texto seja ficção, mas sim reprodução de fato que o autor ou um amigo vivencia ou vê acontecer com alguém. O efeito disso é negar a ficção, que talvez fosse estigmatizada.

Luís e Teresa encontram-se num barco e logo se enamoram. Dias depois eles dançam durante um baile e, ao final deste, Teresa despede-se e avisa que foi o último encontro. Na manhã seguinte, Luiz vai ao enterro da amada. Eis o enredo do prometido conto simples e breve. Para concluir o trágico fim do amor repentino e breve de Luiz e Teresa, os versos de Gonçalves Dias parecem ter sido bem escolhidos, uma vez que o poeta faz parte da geração para quem o amor era mais profundo se marcado pela não presença do ser amado:

#### EPILOGO

Entre as lousas do cemiterio de S. João Baptista, uma existe simples e sem epitafio. Aos onze dias de todos os mezes um mocinho triste e sympathico espalha sôbre ella saudades perpetuas e flôres do baile. É uma excentricidade: mas não ria-se ninguem

d'elle; nem queira conhecer as causas. O moço passa o dia inteiro no cemiterio, e muita gente tem-lhe visto lagrimas bem abundantes. O que faz invejar a sorte da finada, lembrando-nos dos versos de Gonçalves Dias:

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
Tepida talvez com o pranto amargo  
Dos olhos da afflicção...

José Ferreira de Menezes muda um pouco o seu estilo na narrativa “A Sinhazinha” (*J.F.*, agosto de 1863, p. 225-230). O autor não revela se sua produção está pautada na recomendação da redação, mas, como em “Flor do baile”, ele também separa os amantes. O enredo inicia-se com a descrição minuciosa da beleza da noite, sob a ótica de alguns escritores. Cita, então, Richelieu: “Aos politicos, aos diplomatas, aos senhores do mundo, a noite dá conselhos”. E os versos de Álvares de Azevedo:

Aquelle nosso tristissimo poeta – o Azevedo – disse em bem doces versos:

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas,  
Passão tantas visões sobre meu peito!”

Os amantes eternizados por Shakespeare também são lembrados por ele: “Roméo esperava a noite, e suas vozes ião mais doces e electricas aos castos, aos puros ouvidos de Julieta”. Encerra, finalmente, a introdução de sua história com a citação de uma passagem bíblica: “A noite pranteava Jeremias, Christo buscava conforto nas Oliveiras; á noite clamavão por elle os prophetas. Oh! a noite!... Na noite dos tempos sonhou Deos o mundo: á noite sonhou elle os deslumbramentos do dia”. Após as citações, o narrador dá, finalmente, o seu parecer sobre a noite: “Eu amo a noite, porque ella é triste e sombria como a minha alma; amo-a, porque então achego-me de Deos, esqueço os desvarios do dia, e sonho a pureza, o céu, as virgens, as flores, a felicidade, a dôr!!!”. Como observamos, na nova produção ele não evita os detalhes e escreve uma introdução cheia de minúcias e digressões.

Resumidamente, a história inicia-se numa noite de apresentação teatral. Dentre “dúbias mulheres mais ou menos pintadas” que “ostentavam todas as extravagâncias da moda para serem vistas” estava a Sinhazinha, uma personagem de fisionomia triste e virgem: “ella era virgem, um meu amigo da direita logo m’o disse”. Seu nome era Emma, talvez uma alusão à personagem de Flaubert. Todavia, a Emma criada por Menezes não trai, ela é traída por seu amor. Quem sabe seria uma tentativa de contrariar a visão de mulher criada por Flaubert.

Emma é noiva de Julio, mas quando ele conhece Francisca de Paula, desmancha o noivado. A moça fica em estado de choque, o que abala a sua saúde; depois de um tempo, Emma perde o pai e sua doença se agrava ainda mais. Poucos dias depois de o narrador ter conhecido Sinhazinha no teatro, ele sabe por um amigo que ela havia falecido. Francisca de Paula e Júlio vão para a Europa, depois de um tempo, ela volta sozinha para o Brasil, deixando Júlio entregue ao arrependimento.

Como em “A Flôr do Baile”, José Ferreira de Menezes utiliza-se da tópica da veracidade,

Desde já convem declarar: isto que aqui escrevo não é um romance; é sim a narração de uma curiosa coincidência, ou, se quizerem, algumas recordações aparentemente ilógicas e sem nexos.

Pois seja, e por tal queirão aceitar; são recordações que dou ao papel a estas horas da noite, tristes e silenciosas, por cuja razão no principio d’estas linhas invoquei-a e delirei por ella.

Está dito, não é romance; são recordações (*J.F.*, agosto de 1863, p. 225-230).

“Sinhazinha” não é um romance, ou seja, não é, pelo que se pode apreender de seu discurso, uma mentira, algo inventado: trata-se de recordações do narrador e, por serem recordações é que o enredo apresenta-se “apparentemente illogico e sem nexos”. Mais do que um defensor, o autor

mostra-se conhecedor da importância desse elemento para a sua época. Na tese de Valéria Augusti, encontramos informações que justificam nossa idéia. A autora transcreve três das regras de romance estipuladas por Manoel da Costa Honorato em seu *Compendio de Rethorica e Poética*, de 1879; as quais destacam a importância de introduzir no romance pintura verdadeira (AUGUSTI, 2006, p. 75).

Um dos efeitos alcançados por Ferreira de Menezes ao negar que o que ele escreve é um romance seria o de fazer com que suas leituras se identificassem mais com um “fato real”. Suas lembranças, como prefere ele, agem de acordo com a maioria das narrativas oitocentistas, punindo o traidor e servindo, assim, de exemplo de conduta aos leitores em geral ou às leitoras em particular, com quem o narrador trava interlocuções. O que essa e quase todas as narrativas publicadas no *Jornal das Famílias* demonstram é a tentativa de se aproximar do chamado romance moderno, discutido desde o fim o século XVIII:

Uma narrativa centrada na vida real, próxima do leitor no tempo e no espaço, que trata de coisas que podem acontecer a qualquer um em sua vida cotidiana, escrita em linguagem comum, elaborada de forma a convencer o leitor de que a história relatada realmente aconteceu e de modo a provocar reações de identificação, fazendo aquele que lê colocar-se no lugar do personagem e com ele sofrer ou se alegrar (ABREU, 2003, p. 292).

A grande quantidade de citações parece indicar que o autor é um assíduo leitor, já que suas referências contemplam escritores universais, de diferentes temas e áreas: política, teatro, a Bíblia e que conhece literatos brasileiros. No entanto, se pensarmos que é possível citar sem ter lido, poderemos entender tais referências como uma tentativa de demonstrar erudição, o que combina com a idéia de que o autor preocupa-se com o que pensam de um romance.

Em “Jovens interessantes” (J.F. julho de 1866), a escritora Paulina Philadelphia retoma a questão da tentativa de tornar a produção ficcional real e discute um outro ponto: a credulidade dos leitores e o perigo de se acreditar no que se lê. “Jovens Interessantes” lembra a tradição da narrativa oral. Uma senhora fica doente e tem que se mudar para o interior, a fim de se recuperar mais rapidamente; sua amiga promete visitá-la todos os domingos, para lhe contar várias histórias que ouvira na mocidade. Conforme o prometido, D. Leonidia conta à amiga, D. Almerinda, a história de um

moço que entendia dever-se casar com alguma deusa, em consequência de achar a todas as mulheres da terra muito triviaes, depois que lera *Mil e uma noites*, *Os contos persicos*, a *metempsychose*, a philosophia de Pythagoras, e todas as graciosas theorias do pensamento (J.F. julho de 1866).

Theodoro deseja casar-se com uma deusa mitológica. Seu pai, preocupado com a crença que seu filho tem de encontrar uma deusa do Olímpio, pergunta a Theodoro se ele não teria em mente “alguma condessa vaporosa, alguma moça rica ou viuva inconsolavel”. O filho garante que só se casará com uma deusa. O pai, então, pede a ajuda de um amigo, o Dr. Ernesto, para tentar persuadi-lo a se interessar por uma mortal.

Para tanto, o Dr. Ernesto arma uma grande farsa com outros companheiros. Durante algumas noites, leva Theodoro, de olhos vendados, em algumas casas preparadas para representar personagens mitológicas. Quando chegam ao destino, Dr. Ernesto permite que o moço retire a venda dos olhos. Nesse período, o jovem conhece a filha do fogo, da água e do ar, todas impossibilitadas de se unir em matrimônio com um mortal devido aos seus poderes e às tarefas que têm que cumprir. Theodoro percebe, então, que não poderia viver como os heróis de suas leituras e, depois de um ano, casa-se com uma “mortal que o tornou muito feliz”. D. Leonidia conclui sua história com uma advertência:

Theodoro explicou-lhe então que a leitura de cousas maravilhosas o fizera anhelar por casar-se com uma immortal, mas que hoje conhecia o quanto errado andára, pois a poesia olympica estava morta e não existião os deoses com que sonhára. Sua noiva porém insistio em dizer que ainda havia um Deos cheio de poesia. Perguntando-lhe Theodoro qual era, abaixou os olhos e disse: *é o amor* (*J.F.* julho de 1866).

A preocupação em se confundir ficção com realidade esteve presente no discurso daqueles que se opuseram ao gênero romance. Márcia Abreu destaca, em *Caminhos do romance*, vários textos contrários à leitura de romances; dentre eles, há uma advertência de 1773 que questiona o comportamento esperado por mulheres que se apaixonam por personagens pintadas como perfeitas. De acordo com o texto, essa jovem teria dificuldades de se aproximar de homens reais, podendo vir a se arrepender de ter se casado com ele (ABREU, 2003, p. 288). Essa é uma tópica importante do discurso crítico sobre romances. Se a leitora preferisse a ficção à realidade, ela cairia no perigo de julgar a vida real a partir de parâmetros ficcionais.

No mesmo sentido, “Horrrível tragédia” (maio de 1867), escrito por D. Maria de Albuquerque, é uma narrativa em primeira pessoa, que demonstra as fortes impressões que um espetáculo teatral pode causar. A narradora aceita o convite de uma amiga para irem ao teatro D. Maria Segunda. Após admirar o espetáculo, volta para casa e pede à criada Margarida um pouco de chá. Quando se vê sozinha, acaba adormecendo. Durante o sono, sonha que sua casa havia sido roubada e que seu noivo Julio tinha sido assassinado. Desperta com a criada oferecendo-lhe o chá.

Como se vê, o enredo é construído com poucas ações, marcadas por elementos que chamam a atenção. Além do narrador feminino, raro nas narrativas publicadas no *J.F.*, há no decorrer da história a citação de peças teatrais e o destaque que a narradora dá a esta arte, tanto que ela tem a “expressa recommendação de Julio para aceitar todos os convites d’esta

natureza, por elle saber que de todos os divertimentos publicos o theatro é o unico que me agrada”.

No teatro, a protagonista assiste à peça *Joanna a douda*, interpretada pela atriz Emilia das Neves e Souza e passa a fazer uma longa reflexão sobre as duas obras interpretadas pela atriz. Embora extensa, vale a pena ler a idéia da personagem:

De todos os tres dramas que derão até hoje maior nome a esta distincta actriz, *Judith*, *A mulher que deita as cartas*, e *Joanna a douda*, prefiro esta. Se me nomeassem, qual outro Páris, para juiz n'estas peças, adjudicava o pomo a *Joanna a douda*.

*Judith* é um bello drama tragico, perfeitamente bem escripto, e magnificamente bem desempenhado; porém um pouco exagerado. Ha na Judith uma exaltação, um fogo, um zelo religioso, e milagres mesmo (como por exemplo depois da oração brandir como se fosse um pequeno brinco a enorme espada de Holofernes que antes mal podia arrastar) só propios ou concedidos a uma Santa, o que Judith não era (...).

Na *Mulher que deita as cartas* notão-se as mesmas bellezas, mas tambem bastantes exagerações; principalmente na parte da Duqueza, mãi adoptiva de Maria. E para mim tudo o que passa os limites do possivel perde uma grande parte do seu merecimento.

Não assim em *Joanna a douda*. Qual será o ente poetico e sensível que duvide do extremo d'aquella mulher apaixonada? Se é certo que nem todos são capazes de sentir o verdadeiro amor, tambem ninguem ignora que a creatura dominada por este sentimento nobre e sublime, que a nenhum outro pôde ser comparado, por muito que trabalhe, por muito que expresse, por muito que faça, tudo fica muito áquem do que sente o coração. (...). Lembrava-me que se perdesse Julio, não perdendo a vida, como Joanna perderia a razão, e esta idéa afflictiva atormentava-me o coração!

É interessante notar que os critérios da narradora para julgar as peças teatrais assemelham-se aos do romance. A inverossimilhança, ou seja, o fato de atribuir qualidades divinas a uma personagem pecadora, faz com que ela não aprecie o drama *Judith*. Mas com *Joanna*, que perde a razão após a morte do marido, ela se identifica e, por essa razão, elege essa como a melhor peça

teatral que já assistiu. Como na leitura de romances, a leitora aprecia a personagem teatral cujos atos e sentimentos aproximam-se dos dela. *Judith* passa dos “limites do possível”, e por isso não agrada a espectadora, retomando, de certa forma, a idéia anteriormente apresentada, segundo a qual a verdade seria melhor do que a ficção.

Enquanto a narradora de “Horível tragédia” é tomada pelas fortes emoções provocadas pela peça teatral, outros narradores expressam o contrário, a incapacidade literária de exprimir sentimentos. Em “Um juramento” (dezembro de 1867), de José Nicoláo Vergueiro, o narrador anuncia que passará a relatar uma história ouvida de uma bela jovem, por quem ele está apaixonado. A jovem exige dele um juramento: “— Entretanto desejava mais do que uma palavra, desejava um juramento. Que quer! os homens esquecem tão facilmente...”. O juramento desejado é como o que levou os protagonistas da história que ela lhe contaria ao túmulo:

— Ouça-me! sei de uma d’essas historias, singelas e innocentes, que por ahi vagão perdidas. Ao recordar-me que ella, quem sabe! se bem cedo, se apagará da memoria de poucos que a conhecem sinto que torno-me triste e pensativa. Se a quizesse escrever...

Assim, a jovem narra-lhe a história de Alzira, uma moça bonita e de sentimentos nobres. Por causa da origem humilde de seu amado, Alberto, o pai de Alzira não permite que ela se case. Após jurar a ela que conseguiria juntar o capital necessário para convencer a seu pai, Alberto e Alzira trocam o primeiro beijo de amor e o rapaz parte. Alzira não suporta a separação e morre logo em seguida.

O narrador encerra lembrando aos leitores que, ao publicar a narrativa no *Jornal das Famílias*, havia cumprido o juramento feito a sua amiga de divulgar a história. Ressalta, porém, a diferença entre o que conseguiu transmitir aos

leitores e a emoção que ele próprio sentiu quando ouviu a história narrada por ela:

Reli o que deixo escripto, e o meu pensamento evocou do passado aquella tarde amena.

A minha gentil companheira apoiava-se indolente sobre o meu braço, fitava o infinito; uma madeixa de seus cabellos, impregnada de aromas, levado pela aragem, brincava-me na fronte.

Que differença!

O estylo poderá dar-lhe as palavras, mas aquella voz de suave magia, aquelle rosto em que se pintavão brilhantes os sentimentos, aquella alma a trasvasar de emoções?!

Tudo parecia animar-se, respirar e viver.

Este quadro em mortecôr tenha um colorido vivo e fulgente.

Ouso apenas dizer que o que vos offereço, leitor, é um reflexo descorado do que escutava ancioso; flôr cheia de frescura e fragancias, ressecou-se e desfolhou-se ao contacto de minha mão.

O que o narrador valoriza são os gestos, os olhares, o som das palavras pronunciadas na narrativa oral realizada por sua companheira. Em outros momentos, ele também destaca a incapacidade artística de transmitir certas emoções: “Que intima e suave poesia a transudar d’aquella scena! Jámais poeta nos loucos devaneios a sonhára tão linda!” Algumas ações não deveriam, inclusive, ser escritas: “Decorreram muito d’esses momentos que resumem toda uma vida, que não se descrevem”.

Poderíamos tomar essa narrativa como um exemplo de tentativa de valorizar o conteúdo em nome do qual as falhas no estilo podem ser perdoadas. Dependendo do interlocutor, o melhor estilo literário ou a mais bela expressão de sentimentos podem ser consideradas apenas palavras, a exemplo do pai de Alzira: “As fallas poderão ser muito vehementes, muito sonoras, muito angustiadas, muito eloquentes; cuidais que a compaixão vai penetrar-lhe nos arcanos do coração? escutai, que elle vos responde friamente com Hamleto: palavras! palavras! palavras!”. Contudo, um olhar mais atento compreenderia

que há um estilo seguido pelo narrador. Ele segue a tendência dos textos analisados anteriormente, a história é real, transmitida a ele por uma amiga. Da mesma forma, ao declarar a incapacidade artística de registrar sentimentos, cumpre um outro propósito, qual seja, valorizar as emoções da leitora.

Caetano Figueiredo também adota o estilo da veracidade e da modéstia. O autor ensaia um romance histórico ao escrever *Adelaide de Sargans* (março e abril de 1869). Antes de iniciar a história, escreve um longo prólogo, explicando ao leitor os fatos que o motivaram a romancear a história de Adelaide de Sargans. Como conta no prólogo, o narrador, estudante em Olinda, é convidado por um amigo a tirar férias em sua chácara. Esse amigo “era n’esse tempo uma das glorias litterarias do Imperio, e debaixo do pseudonymo de *Carapuceiro* merecia o conceito do escriptor mais castigado e chistoso d’aquella quadra”. Provavelmente, o narrador estivesse referindo-se ao frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, que funda, nos anos 30 do século XIX, o jornal *Carapuceiro*, onde publica artigos ironizando as camadas mais abastadas do Recife, local de publicação do periódico.

Na primeira noite em que se encontra na casa do amigo, não consegue dormir e, no meio da noite, decide procurar por um livro: “um livro seria n’aquelle caso uma verdadeira salvação; mas debalde tinhão os meus olhos perscrutado em todas as direções do aposento”. Depois de algum tempo, encontra um “volume de estragada e velha encadernação. Mas era um livro, e isso era tudo”.

Ao mostrar a encadernação ao amigo, no dia seguinte, ele lhe explica que se trata de um livro de história, que narra de forma fiel e sistemática as tradições importantes da Suíça, e dentre elas, a história de Adelaide de Sargans. No fim, o amigo desafia o narrador a romancear os fatos históricos da obra: “Veja se escreve sobre estas bases um romance historico; afianço-lhe que ha materia para isso. Escreva-o pois e dedique-o ao amigo que lhe suscitou

essa idéa. Terei assim, concluiu elle sorrindo, parte na gloria que conquistar”. Aqui teríamos um duplo desejo de criar efeito de realidade, os amigos “reais” que se encontram e a matéria histórica, portanto, “real”.

Anos depois da morte de seu amigo, “por quem hoje ainda chorão as letras patrias”, o narrador realiza o seu desejo e oferece o resultado às “Mimosas leitoras do *Jornal das Familias*”:

Os diferentes vai-vens da vida não me deixarão até hoje desempenhar o tacito compromisso que aceitei com o illustrado autor das *Lições de eloquencia nacional*<sup>2</sup>. Cumpro hoje o meu empenho, e grato á memoria do meu velho mestre e amigo a ella consagro o romance historico que n’estas paginas offereço ás mimosas leitoras do *Jornas das Familias*.

Antes de iniciar o romance, faz um pedido de desculpas devido à limitação do trabalho artístico: “Desculpem-me ellas se, obrigado a traçar quadros e situações tão vivas e coloridas, a penna do romancista novel ficou muito aquém da eloquente e energica verdade historica”. No decorrer da narrativa, outras desculpas são dadas às leitoras, que conhecem, pela pena do romancista, a triste história de Adelaide de Sargans, casada com Rodolpho de Wart.

Adelaide, que sofria humilhações por parte da mãe e do irmão, aceita o pedido de casamento feito por Rodolpho, por quem sente profundo amor. Depois do casamento, a jovem descobre que o marido faz parte de um grupo que planeja matar o imperador Alberto. Apesar da insistência da esposa, que se encontra grávida, o conde de Wart executa, com a ajuda de dois amigos, o plano de matar o Imperador. O grupo acredita que o ato ganharia a aprovação do povo, mas, ao contrário, todos se mostram indignados e apoiam a decisão da filha do imperador Alberto de vingar a morte do pai. Depois que os amigos

são capturados e cruelmente mortos, Rodolpho passa a se esconder. Um dia, surpreende Adelaide ao entrar escondido no castelo em que ela mora. A jovem apresenta-lhe ao filho recém-nascido e chora a sorte do marido. Eles não têm muito tempo para conversar, pois logo o castelo é cercado pela tropa da filha do imperador assassinado. Rodolpho consegue fugir, mas Adelaide é jogada no porão do castelo, enquanto seu filho é protegido por uma vizinha.

Muitos dias depois, a vizinha que salvara o filho de Adelaide convence os guardas a libertá-la. Ela está muito debilitada, mas quando sabe que seu marido havia sido capturado e que seu recém-nascido está morto, sai como louca e vaga por toda noite pela mata, buscando encontrar Rodolpho. Ao chegar à cidade em que estaria o marido, avista-o preso a uma estaca localizada na praça principal. Durante três dias Adelaide fica junto a Rodolpho, até que ele morre, mas antes pede à esposa que leve a notícia de sua morte à sua irmã. Mesmo com dificuldades de se manter em pé, a esposa atende ao último pedido do marido. Anda por horas até o convento em que mora a irmã de Rodolpho. Ao chegar lá, comunica a morte de seu amado e falece em seguida. Anos depois, a filha do imperador assassinado arrepende-se da vingança que cometera contra os assassinos de seu pai e ordena-se irmã religiosa.

O enredo do romance *Adelaide de Sargans* estende-se por três meses nas páginas do *Jornal das Famílias*. Nele encontramos algumas reflexões feitas pelo narrador. Entre elas, o privilégio do romancista: “Usando do privilegio de romancista introduziremos o leitor no recinto d’esta casa, e com elle, mudos e mettidos na obscuridade, veremos e ouviremos o que alli se passa”. Se antes a história é vista como superior, aqui o romance é que tem vantagens: 1) onipresença; 2) seleção de matéria a ser apresentada.

---

<sup>2</sup> A primeira edição de *Lições de eloquencia nacional*, do padre Lopes Gama, saiu em 1846 e teve várias reedições, inclusive no ano de 1876 ([http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Metaliterario/metalinguagem.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Metaliterario/metalinguagem.htm)).

Em outro momento, o narrador explica o processo de seleção dos fatos históricos que fazem parte de seu romance:

Em virtude porém do allegado privilegio, e do intuito de poupar a descripção de scenas que pouco interessarião as nossas leitoras, direi que a reunião era presidida pelo jovem conde João de Suabia em pessoa, e que a seu lado dirigia os trabalhos da grande conspiração Rodolpho de Wart, o ditoso marido de Adelaide de Sargans!.

O que nos fica explicito é que os fatos são escolhidos conforme a sua idéia do que poderia agradar às suas leitoras. Nessa tentativa de desvendar o pensamento do leitor, o narrador faz constantes interlocuções com ele, antecipando, com convicção, alguma dúvida que o leitor pudesse ter em relação a sua narrativa e as suas possíveis reações: “Como era isso possível? perguntará sem duvida o leitor lembrado das ultimas scenas descriptas. Cumpre explicar-lhe essa aparente contradicção”.

Em outro momento, lembra que a história não precisa ser verossímil, mas a ficção sim:

Se não fóra o criterio irrefutavel da historia eu seria o primeiro a fazer côro com aquellas das minhas leitoras que começam a achar na minha heroina forças verdadeiramente sobrehumanas. Mas nem a ellas nem a mim é licita a menor duvida sobre este ponto, porque é certo que a pobre e desventurada esposa de Rodolpho de Wart atravessou aquelles caminhos pedregosos, aquelles desertos quase selvagens, aquelles serranias soberbas, guiada apenas pelo instincto de sua alma e fortalecida pela profunda commoção electrica que lhe communicára o amor descomedido e sem igual na terra.

Quase no fim do texto, há uma longa reflexão sobre a importância de se ler a história de Adelaide no original, pois, como lembra no início, percebe que não cumpriu satisfatoriamente a sua tarefa: “N’esta parte as chronicas da historia da Suissa são tão interessante e eloquentes que a simples tradução é

mais poetica do que o romance, e o historiador fidedigno mais merecedor de ser lido do que o escriptor d'estas páginas". Sendo assim, revela que desiste de romancear para passar apenas a traduzir a verdade histórica:

Cingir-me-hei portanto o mais rigorosamente possível á verdade historica, e dos differentes *Annales des Dames de Sargans*, e das *Chroniques de l' Helvetic*, escolhi aquella em que a duqueza de Abrantes, illustre litterata por certo familiar ás nossas leitoras, foi beber assumpto para as suas paginas da historia da Suissa.

.....

Por sua parte era ella tambem objecto dos desvelos de algumas mulheres, cujo nome a historia da Suissa recommendou á posteridade, e eu seguindo tão nobre exemplo recommendarei ás leitoras do *Jornal das Famílias*. Já se vê que quero fallar da mãe de Walther Frust, da mulher de Henrique Melchtal, e finalmente de Mathilde Staufacher, tres matronas cujos honrosos appellidos se prendem pelos laços de sangue aos libertadores da Helvecia dignos companheiros de Guilherme Tell! (*Jornal das Famílias*, maio de 1869).

Como observamos, mais uma vez o autor muda de posição e passa a considerar a história melhor do que a ficção. É provável que o autor tenha dito que passaria a transcrever os fatos históricos para conferir veracidade a sua narrativa. Páginas depois de afirmar que faria apenas a cópia da história, ele interfere nos fatos narrados e emite julgamento de valor ao ato cometido por Rodolpho. No fragmento a seguir, o discurso apresenta um tom moral-religioso:

O miserando assassino do imperador Alberto esquecêra no seu momentaneo egoismo que os decretos da Providencia são immutaveis e sua justiça tremenda! Almas pervertidas pelo veneno das paixões, peitos que pulsão entusiastas ao cheiro do sangue derramado, corações que abrigão com amor, apesar dos anjos, apesar dos rogos, o odio e a vingança, não são thuribulos d'onde se possão elevar nuvens de incenso aos pés do Creador, fonte de todo o bem, foco de todo o amor! (*Jornal das Famílias*, maio de 1869).

Deparamo-nos, mais uma vez, com uma narrativa que se apresenta como inferior à realidade e com um narrador que se coloca próximo à leitora, antecipa suas dúvidas e lhe recomenda exemplos de mulheres honradas.

Nem todos os textos, entretanto, colocam a literatura em posição inferior. A história de *Virgílio* (janeiro de 1874), de Fernandes Pinheiro Junior, embora inicie com o desejo de conferir veracidade à ficção, já que o narrador anuncia ao leitor que conhece o protagonista, é uma exaltação do trabalho do literato, mais especificamente, do poeta. A narrativa se apresenta como sendo baseada em uma notícia de jornal:

Foi hontem encontrado na praia do Imbetiba o cadaver do Sr. Virgilio de Azevedo, que desde ante-hontem desaparecera d'esta cidade. A autoridade competente prosegue a averiguações sobre o facto. Quem era o Sr. Virgilio de Azevedo? Que emprego tinha? Seria casual a sua morte, ou teria elle sido victima de algum crime? (*Jornal das Famílias*, janeiro de 1874).

O narrador propõe-se, então, a contar “resumidamente” aos leitores a história do Sr. Virgilio de Azevedo. O suicida nasce no dia 1º de janeiro de 1840, primogênito de um fazendeiro que deseja muito ter um filho poeta, por isso, dá a ele o nome de dois artistas: Virgilio e Azevedo. A estranheza que algum leitor poderia ter por um homem que, apesar de rústico, é amante de poesia, é antecipada pelo narrador. A poesia é colocada aqui como algo sublime, que desperta sentimentos e influencia a todos:

Causava na verdade admiração ver aquelle homem rústico e ignorante ficar fora de si, anhelante, com a bocca aberta e os olhos quase a saltarem das orbitas, quando ouvia ler qualquer poesia. É que a poesia, como a musica, exerce poderosa influencia sobre as mais rudes naturezas (*Jornal das Famílias*, janeiro de 1874).

Aos quinze anos, Virgilio emprega-se numa casa de comércio. Nas horas vagas, dedica-se ao estudo e à composição literária, conhecida pelo

narrador: “muitas vezes li poesias suas, que hoje deploro infinitamente não ter copiado”. As produções de Virgílio são ampliadas depois que ele conhece uma moça de família abastada. Mas como suas poesias não têm respostas, o jovem poeta torna-se triste e pensativo. O narrador atribui a recusa da moça ao trabalho do cupido, que, algumas vezes, fere apenas um coração, deixando o outro insensível ao amor.

Entretanto, a culpada, desta vez, é a posição econômica da amada. “A pobreza é a morphea”, com essa frase de Joaquim Manuel de Macedo o narrador define o amor não correspondido de Virgílio. Além de pobre, o jovem também é poeta e, como escreve Álvares de Azevedo,

Um poeta no mundo tem apenas  
O valor de uma gaiola;  
É prazer de um momento, é mero luxo.

Virgílio dirige uma última poesia à amada, intitulada A<sup>\*\*\*</sup>, onde resume toda a história de seu amor. Depois de escrever e publicar a poesia, atira-se no mar. Eis algumas estrofes da produção oferecida à pretendida:

A<sup>\*\*\*</sup>  
Quando o dobre dos sinos tu ouvires  
A morte anunciando d'um christão,  
Sabe, anjo cruel, lindo demonio,  
Que já não pulsa mais meu coração.  
Sabe ainda que a tua crueldade  
É que faz-me este mundo abandonar,  
Pois não deve-se amar quem não nos ama  
(...)  
É duro de dizer-se, mas é certo:  
Para o rico não é o pobre mais  
Que um cão, que rajar-se aos pés lhe deve,  
Sempre prompto a attender aos seus signaes.

Adeus, pois; sê feliz, que eu não podendo  
Viver na terra, vou morrer no mar:  
O meu perdão tu tens; lembra-te d'elle  
Quando o remorso um dia te ralar

Como anunciara o narrador, a narrativa é extremamente resumida, mas concentra vários elementos e temáticas românticas: o amor idealizado e a fuga pela morte. O fator surpreendente, todavia, é o desejo do pai de Virgílio, um fazendeiro, de ver o filho poeta. Em outras narrativas, como em *Cartas de Helena a Eulália*, a postura é exatamente contrária. Outros textos da época também reforçaram o descaso dado ao literato, mostrando que a personagem do fazendeiro representa um ideal almejado pelos intelectuais da época.

Cinco anos antes, em 1869, Joaquim Pires de Almeida e Felix Ferreira lançam *Leitura para todos*, em que fazem um retrato pouco animador do lugar do literato na sociedade brasileira:

Ao publico apresentamo-nos com o primeiro volume de uma publicação que a aspiração de homens de letras nos commette e o sagrado amor das cousas patrias nos inspira.

A carencia de estímulo para aquelles que começam, a deficiencia de meios, a ganancia dos nossos livreiros editores, o abandono do governo e sobretudo a olygarcha prepotencia do circulo de férro, tudo contribue no nosso paiz para que a carreira das letras seja antes um passatempo, que um meio honesto de vida, e até, infelizmente uma má recommendação, cuja consequencia é sempre o desconceito; o homem de letras é por via de regra um vadio; inutil, prejudicial a si e aos seus. Para essa gente não faz fé a cabeça; a alavanca do trabalho é o braço; o pensamento só é bem aproveitado, quando se limita a ajudar à industria ou é applicado ao commercio: a formula positiva exclue a idéia, o espirito, para glorificar-se na matéria (...) (PIRES, 1869, p. 3).

Esse fragmento está mais próximo das idéias do pai de Helena (“Cartas de Helena a Eulália”) do que das do pai de Virgílio, que não é rejeitado por ser poeta e sim por ser pobre. Embora não seja inteiramente impossível encontrar pais que desejem ao filho o destino de poeta, a narrativa parece mais voltada a denunciar preconceitos e buscar a transformação dos comportamentos. Nesse caso, o desejo de um rústico fazendeiro de ter um filho poeta constitui-se como um significativo argumento.

Além de rústicos fazendeiros, ricas senhoras européias também admiram romancistas. Ao menos na narrativa *Suzanna e Joaninha* (julho de 1877), de Victoria Collona, que conta a história de duas admiradoras do escritor Gabriel João Maria Baptista<sup>3</sup>, autor de *Mérito das mulheres*. As duas se disfarçam de mulheres simples para cuidar dele em uma pousada, onde o escritor encontra-se com dores e febre. Chamam a atenção as duas senhoras que optam por se disfarçar quando se oferecem para cuidar do escritor, talvez porque cuidar de um enfermo não fosse tarefa de senhoras de boa situação financeira.

Dias depois, ao se encontrar com elas numa festa para a alta sociedade, o escritor fica confuso, mas logo é surpreendido com o exemplar do livro com o qual havia presenteado as duas supostas camponesas e compreende o que havia ocorrido.

Esse enredo curto é precedido pelo diálogo entre a colaboradora do *Jornal das Famílias* e sua amiga Amélia. As duas comentam sobre as injustas apreciações feitas acerca do sexo feminino. Nesse momento, o pai de Amélia entra na sala e diz ter uma engraçada história envolvendo Legouvé, o pai.

O pai de Amélia diz que a ouviu de um amigo e que, para não esquecer nenhum detalhe, havia registrado. Antes de ler o enredo que resumimos anteriormente, o pai de Amélia diz à amiga da filha:

Tu que andas sempre em busca d'alguma cousa interessante para o *Jornal das Famílias*, disse-me elle, folgarás sem duvida que te conte um facto acontecido com Legouvé pae, e do qual fui testemunha ocular pois achava-me na casa onde elle se deu; isto poderá agradar ás tuas leitoras e nos distrahirá um pouco agora.

Os efeitos de veracidade estão mais uma vez presentes. O narrador coloca-se como testemunha ocular, que estava na casa onde os fatos desenrolaram-se e a colaboradora apresenta-se no exercício de sua tarefa, a

---

<sup>3</sup> Não localizamos nenhuma referência ao escritor Gabriel João Maria Baptista

de achar novidades para o jornal de Garnier. Ela afirma que anotaria tudo para não perder nenhum detalhe. Mais uma vez, o texto não é da autoria de uma mulher, apenas uma reprodução. Por outro lado, mais do que uma questão de intertextualidade, ao citar o *Jornal das Famílias* há uma propaganda do periódico e a revelação de que os seus colaboradores estão sempre à procura de histórias que agradem aos seus leitores.

Apesar da presença de textos que apresentam literatos de forma positiva, o difícil trato com a forma romanesca permanece até o final do período do *Jornal das Famílias*. Um ano antes do encerramento do periódico, publica-se a narrativa *Romanticismo (novembro de 1877)*, em que Lucio de Mendonça apresenta os perigos de se envolver e acreditar nos romances. O narrador conta a história de Julio, um jovem que aprecia a ficção romanesca. Após concluir a leitura do livro *Senhora*, é dominado por um momento de reflexão: “dominava-o a impressão viva que deixa um final de romance e que é como o prolongado ressoar das cordas intimas vibradas pela mão poderosa do escriptor”. Julio é despertado pela visita de um amigo com quem havia combinado de dar um passeio. Indagado sobre o que tinha feito durante toda a tarde, o personagem responde que estivera lendo *Senhora* e se queixa de o livro ser inverossímil:

Aurelia Camargo é impossível: não ha mulher de tanto espirito, e tão forte. É triste verdade: não ha. E ahi tens porque eu, que me apaixono por todas as heroínas de romance, ainda não achei mulher que me captivasse o coração... que aliás tem o instinto do captiveiro: anda a pedir por misericordia que lhe acabem a liberdade (*Jornal das Famílias, novembro de 1877*).

As palavras do personagem fazem-nos lembrar da narrativa “Jovens interessantes”, em que o protagonista se interessa por deusas por considerar sem atrativos as humanas. Outro aspecto interessante é que a suposta

inverossimilhança apontada por ele estaria no fato de não haver mulher forte e de espírito. Ao que o amigo responde:

- E tu que não perdes a mania do romanticismo! Olha, Julio, reflecte um dia sériamente, e verás que perigosas inutilidades são as tuas mulheres ideaes, creaturas perdidas de phantasia e de ambições extravagantes; cabeças que, em vez de idéas, têm sonhos. Depois, - chama-me burguez ou o que quizeres, - o tal amor, a tal cousa em que tu occupas todo o tempo e toda a alma, a mim, matar-me-hia de tédio. O amor é um velho romance monotono, em que não ha lance que ja não esteja previsto; uma comedia banal, de scenas obrigadas, com o seu infallivel desenlance, que é enlance, - o casamento (*Jornal das Famílias, novembro de 1877*).

A fantasia é vista como algo que pode perverter, sendo um exemplo disso o ideal de mulher criado no romance, que, para o narrador, não passa de pinturas de seres sem idéias, “perdidas de phantasia e de ambições extravagantes”. O diferencial dessa narrativa é a hipótese de que os homens também poderiam ser vítimas dos “perigos” da leitura de romances, a exemplo do enredo de “Jovens interessantes”. A definição de amor dada pelo romancista merece uma atenção especial. Para ele, o amor é um “romance monotono”, que culmina obrigatoriamente com o casamento. Na verdade, a crítica não é ao romance de forma geral, mas ao “romance monotono” e “velho” que faz do casamento o centro de seu enredo.

O interessante é que o autor cita o romance de José de Alencar, mas não os de mesmo tipo, escrito por romancistas que participam do *Jornal das Famílias*, como Joaquim de Macedo. A escolha por José de Alencar indica que Lucio de Mendonça não se sente constrangido ao afirmar que o autor de *Iracema* é um fazedor de romance velho, ou melhor, um literato ainda preso ao ideal de literatura romântica. Voltando ao enredo, mesmo sendo inimigo do casamento, o amigo de Julio promete apresentar-lhe a uma bonita e espirituosa moça. Os dois se dirigem, então, ao teatro, onde Julio conhece a Sinhazinha, uma jovem de 18 anos. Ela corresponde agradavelmente a tudo o que ele lhe

diz, deixando-o apaixonado. A convite do amigo, Julio passa a freqüentar a casa de Sinhazinha, que lhe parece a mais espirituosa das moças. Um dia, a mãe de Sinhazinha revela a ele que o amigo o enganara e que sua filha era completamente surda. Decepcionado, Julio escreve a Carlos:

Carlos.

“Lamenta-me, meu amigo; sou o mais infeliz dos homens, o ultimo dos desgraçados. O meu primeiro amor, o meu amor por sinhásinha, a minha amizade por Oliveira, a minha amizade mais antiga e certa, - essas duas grandes e queridas afeições, perdi-as para sempre: ficáram sepultadas no ridiculo.

Cortei relações com Oliveira, porque, “para curar-me do romanticismo” – como disse, - fez-me representar uma farça, cuja lembrança há de envergonhar-me sempre.

Sinhásinha Gertrudes – ahí tens o segredo terrivel – é surda, completamente surda, surda como as pedras, e pouco mais ou menos, tão intelligente como ellas: pensa que tudo quanto se lhe diz refere-se á sua surdez, e n’essa conformidade responde.

Vê que papel immenso fez o seu amigo.

O quinto capítulo é um epílogo composto por uma única frase: “que exemplo a futuros românticos”. Na mesma perspectiva, Lucio de Mendonça publica, no ano seguinte, *O beijo* (setembro de 1878). A narrativa conta a história de Angela e Eugenio. Angela sofre de uma séria doença e Eugenio, seu amigo de infância, insiste que os dois se tornem namorados, mas ela se recusa a aceitar porque acredita não ter muito tempo de vida. Durante uma conversa no jardim, Angela e Eugenio dão o primeiro beijo de amor. A jovem faz com que ele jure nunca mais beijar ninguém e passam a namorar. Um tempo depois, o pai de Eugenio pede que ele vá a Paris para resolver algumas questões familiares. Angela, que já está curada, aproveita a oportunidade para testar a fidelidade do noivo. Pede que sua irmã escreva uma carta, contando a ele sobre sua morte. De acordo com os planos de Angela, ele voltaria imediatamente de Paris, mas, se não voltasse, ela saberia que não era amada.

Ao receber a carta, Eugenio pensa em voltar, porém, é convencido por seu pai a viajar pela Europa e tentar esquecer a falecida. Quase um ano depois, Eugenio volta ao Brasil, desta vez, está apaixonado por uma dançarina italiana. A pedido de Angela, sua irmã insinua-se para o rapaz até conquistar a sua admiração. Mas quando ele tenta beijá-la, ela diz que só lhe daria o primeiro beijo se eles se encontrassem à meia noite no jardim de sua casa. Julio aceita. Na hora marcada, Angela aparece em sua frente vestida de branco e Júlio não resiste ao susto, já que pensa estar de frente a um fantasma, e morre. O último capítulo da narrativa é considerado desnecessário pelo narrador, mas apesar de “chato e raso”, ele decide narrar a “realidade nua”. A conclusão da história é feita a partir da interlocução com a leitora, que o narrador supõe estar ansiosa para chegar ao desfecho da narrativa:

E Angela? Insiste a leitora impaciente.

Angela, minha senhora, a minha Angela, esteve a ponto de ser uma heroína de romance: quase foi, aquella mesma noite, atirar-se ao mar, do alto da penha da Itapuca. Mas não; consolou-se e morreu velha. A culpa não é d'ella, nem minha: é d'este seculo, em que já não se morre de amor. E entretanto – oh! iniquidade! – foi por não ter morrido de amor, que o pobre Eugenio teve afinal que morrer de susto.

Como em “Romanticismo”, o narrador ironiza o amor romântico e anuncia um novo tempo, “em que já não se morre de amor”. A narrativa *O beijo* é denominada de conto, caracterizado como “singelo e desprezencioso”. Conforme reflexão do narrador, para entrar na categoria de romance, seria preciso seguir determinadas características:

Si isto fosse um romance, estava eu obrigado a preparar uma entrada de *efeito* para o meu heróe, depois que o leitor já estivesse mais ou menos interessado por elle e pela minha heroína, descripta desde a frente soberana, digna de uma corôa, como se costuma dizer, até ao pézinho chinéz, que podia reclamar o sapatinho da

Borracheira, o que também se diz muitas vezes. Mas como é apenas um conto singelo e desprezencioso, desde já levo o leitor à presença do meu joven par, que ali está agora, n'aquella outra janella da sala, n'um colloquio delicioso como só é possível entre duas almas enamoradas e moças, que sempre dizem mais do que fallam.

O narrador ironiza o uso de certos lugares comuns do romance, como a carta: “A carta é recurso já muito explorado em dramas e romances, não acham? Pois ainda uma vez – e não será a ultima – vão vêr para quanto presta uma carta”. Algumas linhas depois de inserir a primeira correspondência, o narrador cita mais uma carta e, desta vez, antecipa-se a um possível questionamento por parte dos leitores, com quem trava a seguinte interlocução: “Ainda uma carta!... o que querem? Sem esta é que eu não podia absolutamente mover a acção da minha história”.

Tanto n' *O beijo* quanto em *Romanticismo* Lucio de Mendonça demonstra que as narrativas de amor idealizado, que culminam na morte dos amados não correspondidos, já são motivos para risos. O autor, nesse sentido, diz acompanhar o seu século, em que “já não se morre de amor”. Ao fazer o prefácio para a quinta edição de *Amor de Perdição*, em 1879, Camilo Castelo Branco discute a mesma questão, no sentido inverso. Ele não almeja desmerecer o romantismo, mas antes defendê-lo das acusações dos modernos. O autor português sugere que a quinta edição de seu livro, lançada dez anos depois da primeira edição, serviria para causar risos nos modernos:

*O Amor de perdição*, visto à luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance moderno, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas idéias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a bogal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas e de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no

seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indenização, faz rir (...) (CASTELO BRANCO, 1879, p. 16).

O que se pode concluir das narrativas apresentadas é que os romancistas não consagrados mantiveram uma idéia parecida sobre o fazer literário. As principais discussões recorrentes em suas produções foram: a questão dos textos produzidos por encomenda dos redatores do *Jornal das Famílias*, a preocupação em agradar o leitor e, em especial, a leitora, a intertextualidade, a reflexão sobre o fazer literário e sobre o papel do literato. Para encerrar, analisaremos algumas narrativas que Machado de Assis e Joaquim Manoel de Macedo, referências para a literatura oitocentista, publicaram no *Jornal das Famílias*, procurando estabelecer uma relação com as apresentadas até o momento.

No mesmo mês, julho de 1863, Machado de Assis publica *Lucia*, uma narrativa com todos os ingredientes de um drama romântico, mas com um desfecho que ironiza o morrer por amor, semelhante a *O Beijo*, publicado por Lucio de Mendonça no último ano de circulação do periódico. O pai de Lucia não consente no casamento da filha com um moço pobre e ela se joga dentro de um tanque onde se fervia aguardente. Antes de morrer, ela “pediu perdão a Deos do crime que commettêra, à familia do desgosto que lhe causára, à sociedade do máo exemplo que lhe dera”. O moço, por sua vez, “engordou, tornou-se capitalista, casou-se, tem filhos e vai as partidas do club”.

Dois anos depois, “Carolina”, da série *Cinco mulheres* (setembro de 1865), retoma o teor moralista do “Conto Moral”. A personagem é um exemplo de abnegação, obrigada a se casar com um homem escolhido por seu pai, recusa a proposta de Fernando, o homem que ela ama e que planeja matar o pretendente escolhido por seu pai, mas Carolina rompe com ele e desabafa em carta a uma amiga: “Deixo-te, minha Lucia, mas assim é preciso. Amei

Fernando, e não sei se o amo ainda agora, apesar do acto cobarde que praticou. Mas eu não quero expôr-me a um crime. Se o meu casamento é um tumulto, nem por isso posso deixar de respeitá-lo”. Dividido entre narrativas sentimentais e narrativas que ironizam o romantismo, o autor volta a brincar com o “morrer por amor” no último ano de circulação do *Jornal das Famílias*. Em *Folha Rota* (outubro de 1878), a personagem feminina morre de tristeza ao ser separada de seu amado, mas o rapaz por quem ela morre “viveu; aos trinta e cinco annos era casado, pae de um filho, negociante de fazendas, jogava o voltarete e engordava. Morreu juiz de uma irmandade e commendador”.

O desejo de fazer acreditar que a narrativa é baseada em fatos reais também está presente nas produções machadianas que percorrem as páginas do jornal de Garnier. Em *A fantasia da morte* (janeiro de 1864), o narrador criado por Machado de Assis pede desculpas aos leitores pelo teor “doloroso e triste de seu romance” e justifica que isso se deve ao fato de o romance ser pautado em fatos verdadeiros:

É este um romance doloroso e triste, mas que infelizmente não pertence senão em seus toscos atavios à fantasia do narrador, porque repousa sobre factos verdadeiros, e cuja memoria existe ainda na lembrança de algumas pessoas que conhecêrão os personagens que vamos pôr em scena com a fidelidade dos traços que nos é possível conservar, se por ventura nos é fiel a nossa reminiscencia (*Jornal das Famílias*, janeiro de 1864).

O efeito de veracidade seria a tentativa de levar a crer que se trata de um enredo pautado em fatos reais, vivenciados não apenas pelo narrador e sim por outras pessoas que conheceram os personagens envolvidos. A preocupação com o leitor, muito mais que preocupação, a aproximação entre narrador e leitor, como se este, como já mencionamos anteriormente, fosse um personagem da narrativa, não poderia deixar de ser destacada. No último fragmento de *Questão de Vaidade* (março de 1865), a conclusão é dedicada ao leitor:

Depois de lhe contar esta historia, o leitor e eu tomávamos a nossa ultima gotta de chá ou café, e deitámos ao ar a nossa ultima fumaça de charuto.

Vem rompendo a aurora e esta vista desfaz as idéas por ventura melancolicas que a minha narrativa tenha feito nascer.

O leitor imaginado pelo narrador é aquele que degusta um café e fuma um charuto enquanto lê seu enredo. Uma leitura para o entretenimento. O narrador insere o leitor em sua narrativa, rompendo uma barreira entre realidade e ficção.

Em *O casamento e a mortalha no céu se talha* (outubro de 1877) encontramos, por parte do narrador, a tentativa de atribuir à leitora a possibilidade de julgar. Leonor já tem 25 anos e teme não encontrar mais ninguém que queira se casar com ela. Então, com medo de ficar sozinha, a personagem aceita casar-se com o senhor Ambrosio, viúvo quatro vezes, rico e feio:

Não era melhor casar com um ricaço, apesar de ser viuvo de quatro mulheres e feio como os trezentos, do que ir para o cemitério de palma e grinalda?

Isto era o que elle pensava.

Teria razão?

O leitor não a pode julgar; mas a leitora, essa sim póde dizer si a Leonor fez bem ou mal em casar-se.

Foi no romance *Nina* (fevereiro de 1870 a março de 1871), de Joaquim Manuel de Macedo, que encontramos um maior número de reflexão sobre o fazer literário. A irmã de Firminiano, uma jovem sonhadora e apaixonada por romances, pede que ele lhe escreva um romance, mas o jovem não se sente à vontade para fazer composições literárias. Mesmo assim, procura pesquisar os procedimentos para uma boa narrativa. O amigo Felix tenta desencorajá-lo: “poeta á força é pintor que borra telas e cantor que desafina a música”. Ao que

Firminiano contesta: “para romance não há necessidade de metrificação, nem de consoantes”. Mas Felix o adverte de que há a necessidade de uma outra métrica, a “a metrificação das lições de moral”:

Enganas-te: é indispensavel a metrificação das lições moral e a consonancia dos sentimentos, metrificação e consonancia de imaginação com a realidade dos sentimentos, metrificação e consonancia da imaginação com a realidade, da forma com a materia, dos quadros que se inventão com as paixões que são n’elles expostas (...).

A advertência de Félix representa uma síntese do padrão narrativo esperado para a época. O romance devia ter ensinamento moral, trabalhar com sentimentos reais e combinar imaginação com realidade. Todos esses ingredientes sugeridos foram experimentados pelos colaboradores não consagrados. O jovem lembra das lições de romance aprendidas na província, na aula de retórica e poética:

Na provincia o meu professor de rhetorica e poetica, tratando do romance, disse-nos em uma de suas lições: “Predomina hoje a escola realista, que matou a romântica, que por seu turno tinha destruído a classica; com a nova escola não há quem não possa ser fecundo romancista; já não se imagina, copia-se; toma-se o chapéo e a bengala, passeia-se pelas ruas visitão-se os amigos, espreita-se o que se passa na casa alheia, escreve-se o que se observou, e está feito o romance” (*Jornal das Famílias*, novembro de 1870).

Os procedimentos sugeridos pelo professor de Firminiano assemelham-se aos manuais oitocentistas estudados na tese de Valéria Augusti (2006). Pintar a realidade era um dos principais pontos sugeridos pelos autores de tais manuais. O romance deveria pintar a realidade para contribuir na formação dos leitores, que se identificariam com os personagens e enredos. Um olhar mais atento ao fragmento também permite identificar um tom crítico a essa maneira de fazer romances, “observou-se e está feito”.

À aula do professor do amigo, Felix acrescenta mais uma tarefa: apaixonar-se por “uma mulher formosa e pura”. Quando a irmã lê o romance, identifica nele um grave defeito: “o teu romance pode ser bom como historia, se é real e não imaginado, como lição porém é deficiente” e explica:

Porque apenas patentea as consequencias menos fataes e desastrosas da educação irregular e desmaselada de uma menina, e do capricho e da vaidade de uma moça, cujos paes por cegueira de amor a criaram desatinada e facil de enlouquecer e de perder-se até nas ignomenias da perversão.

E termina aconselhando o irmão a não publicar um romance tão defeituoso. A irmã de Firminiano usa o ensinamento moral como o principal critério de avaliação do romance do irmão. Na análise que apresentamos, observamos que os autores estudados vão além desse critério na discussão da produção literária. Firminiano havia conseguido trabalhar com dois dos três ingredientes que a irmã julga necessários para compor um bom romance: realidade e sentimento. Mas o aspirante a literato falha com a moral e, por isso, não agrada a sua leitora.

No *Jornal das Famílias*, Joaquim Manuel de Macedo publica apenas *Nina*, mas Machado de Assis está presente em todos os anos de circulação do *Jornal*, em alguns números, inclusive, são publicadas apenas as suas narrativas. Do mesmo círculo de Lucio de Mendonça, de Emilio de Menezes, de Caetano de Figueiredo e de Caetano Pinheiro Junior, para lembrar apenas alguns colaboradores, o autor de *Dom Casmurro* é um escritor que permanece na historiografia literária, no entanto, o que tentamos demonstrar é que os seus colegas apresentam as mesmas preocupações estéticas que compõem o seu fazer literário.

Por meio da análise, observamos que, independentemente das razões literárias ou políticas que desfavoreceram a permanência dos escritores estudados por nós na historiografia brasileira, a comparação evidencia que

havia grupos pensando o fazer literário. Os textos analisados indicam que as narrativas tinham uma estrutura definida a partir da leitura de escritores universais e que os colaboradores estavam atentos às concepções de romance da época. Já a inserção do público leitor feminino nas discussões literárias mostra o avanço na forma de encarar o seu interlocutor. A leitora é vista de forma mais complexa. Mantém-se a preocupação em moralizar a sua conduta, mas elas são trazidas para o debate.

## **4.2. Em busca do nacional: lendas e causos do interior brasileiro**

As narrativas ambientadas no interior brasileiro são de número significativo no *Jornal das Famílias*. Os temas aproximam-se das idéias dos primeiros literatos brasileiros a se debruçarem sobre esse tipo de produção, como Joaquim Norberto, Pereira da Silva e Varnhagem. Para eles, os “motivos brasílicos de inspiração eram a natureza, os índios e os costumes” (BOSI, 1994, p. 156). Os colaboradores que passaremos a analisar também trabalham nessa direção. Nas narrativas que veremos a seguir, há, geralmente, a justificativa para a produção e divulgação desse tipo de enredo, cujo objetivo maior é o de se construir uma Literatura Nacional pautada na natureza e nos costumes brasileiros. Como no tópico anterior, seguiremos a ordem cronológica de publicação dos textos. No final, discutimos a questão do “nacional” e da imagem que as narrativas fazem circular dos costumes e dos homens interioranos.

A tentativa de consolidar uma literatura nacional está associada, principalmente, à descrição da natureza e ao resgate dos costumes brasileiros. Flora Süssekind ressalta que as primeiras produções ficcionais brasileiras são

marcadas pela exposição da natureza: para os romancistas da época, quanto mais minuciosa fosse a descrição, mais a sua narrativa estaria próxima de uma literatura legitimamente “brasileira” e “original” (SÜSSEKIND, 1990, p. 33). A autora prossegue o debate lembrando que, ao se aterem à paisagem, os intelectuais “fechavam os olhos” para situações cotidianas que não condiziam com o quadro brasileiro que desejavam divulgar,

Era preciso fechar os olhos ou fazer ouvidos de mercador para os livros europeus nas estantes e bibliotecas públicas, para uma população com 70% de analfabetos, para a influência econômica inglesa, para os leilões de escravos, rebeliões e separatismos, para o povo livre sem ocupação possível, para os trajes europeus de lã da senhora de Valença em pleno sol escaldante (SÜSSEKIND, 1990, p. 33).

O ponto de referência da pesquisadora é a década de 30 do século XIX. No *Jornal das Famílias*, os autores brasileiros que, em suas narrativas, promovem debates sobre a necessidade de se criar uma literatura nacional também se afastam das cenas cotidianas da corte e retratam a paisagem e a simplicidade dos moradores do interior brasileiro. Augusto Emilio Zaluar é o precursor, do jornal, desse tipo de narrativa. O autor fragmenta em dois números o folhetim “O pescador do Salto” (*J.F.* setembro de 1863, p. 257-262), cujas descrição da paisagem e caracterização das personagens ocupam mais espaço do que o próprio enredo. A história lembra a vida de um jovem pescador que vive no interior paulista. Ele é um homem bonito, honesto, valente e talentoso no cantar:

Aos dezoito annos não havia na redondeza moço mais audaz nos perigos d'aquella tantas vezes arriscada navegação fluvial, ninguem que como elle entrasse pelo sertão dentro a derrubar o mato virgem, ou fosse esperar as onças nas paragens mais impenetraveis das invias florestas. Além d'isto, com a viola na mão, sentado nos alcantis limosos da cachoeira, nenhum outro lhe ganhava no metal da voz Argentina e na brandura com que cantava

as modinhas populares, ou os fados e lúndus maliciosos, regalo e manjar das raparigas, dos pescadores e dos tropeiros, que muitas vezes da serra vinhão ali pernoitar.

O Juca do Salto, como todos lhe chamavão, era pois o rapagão mais perfeito de que se tem memoria naquella acanhada povoação, e era tão geraes as sympathias que havia conquistado, que na propria villa de Queluz se lembrarão d'elle para fiscal, e em breve se vio honrado com a farda de guarda nacional, e o seu nome na porta da freguezia, designando-o para juiz do facto em a proxima sessão do jury (*J.F.* setembro de 1863).

O protagonista parece ser descrito como uma divindade. Com apenas 18 anos, o jovem pescador é apresentado como um homem perfeito em suas ações e em seu porte. Além de forte e corajoso, ele também tem o dom da música: com sua voz branda, encanta a todos na comunidade. Enfim, descrito como um herói mitológico, José Vicente protagoniza um romance inspirado pela singela e pura vida interiorana. A proposta de Zaluar é a de ser um dos primeiros desse gênero de romance que focaliza o regional e o popular:

As peripecias dramaticas de uma d'estas vidas fadigas fornecerião assumpto para um genero de romance que ainda não está explorado nos dominios da litteratura.

Leve-se-nos portanto em conta que, com mão tremula, sejamos nós um dos primeiros que levantemos a ponta da cortina que esconde a sepultura esquecida e humilde de um valente filho do povo que morreo sem deixar um capitulo nos fastos dourados dos chronistas, mas cujo nome seus irmãos de trabalho venerão como se fosse a personificação mythologica de sua propria existencia, e repetem de pais a filhos com religioso respeito, como se transmite de geração em geração a famosa genealogia dos heroes da humanidade! (*J.F.* setembro de 1863).

O feito que o faz “herói da humanidade” é o de ter arriscado a sua vida para salvar a de um jovem que, juntamente com seu pai, está de passagem pela vila em que mora. O jovem visitante ouve distraidamente a música tocada

e cantada por José Vicente, quando, de repente, uma parte da ponte em que está encostado cede e ele cai de um grande salto. O herói da história larga a sua viola e se atira sobre o salto para salvar o desconhecido. Para surpresa de todos, que acreditam que os dois estão mortos, o “pescador do salto” leva para a superfície o visitante. Entretanto, tal ato custa-lhe a perda da voz: “O infeliz estava mudo! E um terceiro grito de amargura partiu da multidão, que neste momento solenne desatou em um choro convulsivo e profundo!”.

No fragmento citado anteriormente, o autor, utilizando-se do recurso retórico da modéstia, lembra que é com “mão tremula” que descreve a sua narrativa, cujo assunto seria tema para um gênero romanesco ainda não explorado. Apesar da aparente “insegurança” em se aventurar nesse novo gênero, “levanta a cortina” e traz à tona um personagem simples, rústico, mas nobre como os “heróis da humanidade”.

O novo estado de José Vicente o conduz a uma forte depressão, que culmina com a sua morte: “Assim morrem os mártires da humanidade, ignorados na terra, mas abençoados por Deus no dia de suas grandes tribulações!”. Em nota conclusiva, Zaluski antecipa prováveis críticas e deixa um recado para quem, porventura, maldisser sua narrativa:

Esta história singela é uma página destacada das tradições populares do interior do Brasil, a que o autor irá revestindo de uma forma mais amena, sem contudo lhes obliterar esse cunho de primitiva rudeza que constitui o grande mérito de sua originalidade, e que se deve conservar como essas essências preciosas que se guardam inalteráveis, seja qual for o valor ou o merecimento da urna em que se entesouram.

O involuço da presente lenda pode ser pobre e grosseiro; mas o perfume que rescende d'ella é puro e santo como as paixões ardentes, mas elevadas, dos filhos de uma sociedade quasi primitiva (*J.F.* setembro de 1863).

A sua narrativa não é fruto da imaginação de um literato, trata-se apenas do resgate das tradições populares. Seu trabalho consiste em recriá-la de forma mais “amena”, adjetivo que lembra as leitoras do *Jornal das Famílias*, a quem, como seriam, de acordo com as já citadas cartas da redação, seria oferecida leitura amena. Para os leitores acostumados às narrativas ambientadas nos grandes centros, “Pescador do Salto” poderia ser considerado “pobre e grosseiro”, o que para o autor é fruto das tradições de uma “sociedade primitiva”. O texto de Zaluar não está, então, preso à tendência de descrever a natureza, mas de resgatar as tradições e costumes dos brasileiros que vivem no interior do país, desejo compartilhado por outros colaboradores.

A narrativa “A Filha do Tropeiro” (*J.F.* fevereiro de 1864, p. 29-35), assinada pelo pseudônimo Adolpho, também se propõe a executar tal projeto: “não contem as letras patrias obras onde se descrevão (...) das paixões dos habitantes do interior de nossas immensas e quasi desconhecidas provincias”. A acusação não é muito justa se lembrarmos que, embora o interesse pelo popular ganhe corpo nos anos de 1870, outros literatos, antes de 1864, ensaiam, em seus romances, a tentativa de resgatar cenas e costumes do interior brasileiro. Cristina Betioli Ribeiro lembra, em sua dissertação de mestrado *O norte: um lugar para a nacionalidade*, que na primeira metade do século XIX alguns literatos já demonstram essa preocupação:

A cultura popular é tema de interesse para os intelectuais brasileiros desde o século XIX, diferentemente do que registra a maior parte da historiografia brasileira. O assunto fazia parte das preocupações nacionais desde a primeira metade dos anos oitocentos, com a publicação, em 1834, de uma descrição da festa do “Bumba meu Boi”, pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, no periódico recifense *O Carapuceiro*. Essa publicação, a mais antiga de que tivemos notícia, atesta apenas o início de uma trajetória de abordagem do tema *popular* que, ainda naquele século, ganharia grandes proporções (RIBEIRO, 2003, p. 13).

A história de Emília, uma moça simples do interior do sul de Minas Gerais, que se enamora por um simpático e generoso tropeiro, é precedida pelo seguinte comentário:

Não só nas cidades populosas, ou no meio dos salões dourados, ao ruído dos prazeres e das galas do mundo, se deve estudar o carácter da sociedade contemporânea, e retratar a luta das paixões humanas, que constituem o fundo do grande quadro da vida. Os romancistas modernos tem explorado até quasi á saciedade este assumpto, tanto pelo lado dos typos mais elevados da escala social, como entre o povo, e sobretudo a classe media, que conta na lista de seus illustres historiadores physiologicos o nome do immortal Balzac.

Dessas considerações, é possível perceber que o autor conhecia a definição de romance pensada para a época. Seria um meio utilizado para retratar a realidade, a partir de um estudo centrado, conforme acusa o colaborador, nos sentimentos e nas atitudes do homem e de suas paixões. Compara, ainda, o trabalho do romancista com o do historiador e cita Balzac como a referência a esse tipo de narrativa, que se preocupa em descrever a sociedade dos grandes centros, principalmente a da “classe media”. A narrativa brasileira, de acordo com Adolpho, prefere seguir o exemplo da literatura balzaquiana:

Se os trabalhos d’este genero não estão por ventura ainda realizados entre nós, apesar de algumas tentativas felizes que recentemente se hão feito, o que diremos quanto aos costumes e ao viver do interior do paiz, que naturalmente muito menos attenção tem merecido até hoje d’aquelles que se consagrão a esta natureza de estudos?

E, no emtanto, é este um verdadeiro mundo novo para as descobertas dos engenhos imaginosos e das intelligencias creadoras!

Mais uma vez, reforça a idéia de que para escrever romance é preciso estudar. Enquanto os intelectuais oitocentistas tentam imitar a tendência de

retratar apenas a sociedade urbana, as cenas e as tradições do interior, que oferecem um grande campo de pesquisa e de imaginação criadora, ficam esquecidas:

Se os modernos escriptores pouca importancia tem ligado geralmente á observação da vida dos campos, e ao circunstanciado exame de sua feição particular e distinctiva, que forma um dos aspectos mais pittorescos, e talvez o mais original, apesar de sua aparente monotonia, do cunho especial da nossa civilização, não devemos de certo estranhar que entre nós, em um paiz novo, onde a litteratura e as artes não chegarão a um satisfactorio gráo de florescencia, poucos ou quasi nenhuns tenham sido os tentames ensaiados neste sentido, e que, além dos trabalhos mais scientificos que litterarios, concebidos e realizados a maior parte d'elles por viajantes estrangeiros, não contem as lettras patrias obras onde se descrevão e relatem as gigantescas maravilhas da natureza intertropical, e a epopeia não menos grandiosa, se bem que rude e selvatica, do viver e das paixões dos habitantes do interior de nossas immensas e quasi desconhecidas provincias (*J.F.* fevereiro de 1864).

Por fim, questiona o fato de seus contemporâneos só conhecerem o Brasil a partir da lente dos viajantes: “As pranchas do pintor-viajante não só figuram um Brasil, como ensinam a figurá-lo, a descrevê-lo” (SÜSSEKIND, 1990, p. 39). O autor reconhece que vive em um país novo, onde a arte literária ainda não floresceu, mas expressa o desejo de ver criada uma epopéia brasileira em que os protagonistas sejam os habitantes “das desconhecidas provincias” do país. Ele acrescenta que retratar as tradições do interior brasileiro é uma forma de fugir à imitação estrangeira:

O autor d'estes ligeiros contos não tem a vaidosa pretenção de apresentar os seus trabalhos como provas para corroborar estas suas reflexões; espera que lhe não attribuão tão estolida vaidade; mas crê que não será de todo perdido o seu esforço em convidar os bons engenhos brasileiros para esta senda tão pouco explorada e tão original da nossa litteratura. Assim sahiremos do caminho trilhado das imitações do estrangeiro, para entrarmos no terreno

das criações nacionaes, e occuparmos o lugar que nos compete no mundo das lettras, embora os afans individuaes continuem a não encontrar protecção nem auxilio naquelles que os devião instigar (J.F. fevereiro de 1864).

Na realização de sua tarefa, coloca a protagonista entre dois amores, um correspondido por ela e o outro inconformado por ser preterido. Como na história anterior, o desfecho do enredo é trágico. O moço recusado por Emília, como vingança, mata friamente o escolhido. A moça desespera-se e morre de desgosto. Quando seu pai, um tropeiro honesto e devoto da filha, retorna para casa, encontra apenas o seu túmulo, diante do qual “chorou pelo resto de sua vida”. Como observamos, trata-se de um enredo semelhante a vários outros publicados, inclusive, no *Jornal das Famílias*, a diferença aqui é o cenário em que os fatos se desenrolam.

O narrador atribui a falta de interesse pelos costumes do interior ao baixo grau de florescência da literatura nacional. A tentativa de justificar a narrativa é seguida de críticas à remuneração dos intelectuais brasileiros e à dificuldade de um intelectual estrangeiro colocar-se no Brasil:

É sabido por longa experiencia qual a importancia que infelizmente merece entre nós a iniciativa de qualquer trabalho intellectual. Aquelle que não presta immediatamente serviços a qualquer dos bandos da politica militante, seja embora sagrado pelo consenso da opinião publica, morre á mingua e de fome, porque os governos desconhecem a sua utilidade, e as lettras no Brasil não são ainda uma profissão que garanta os meios de subsistencia ao homem estudioso.

Quando isto acontece aos proprios filhos do paiz, o que succederá áquelles que, tendo nascido em outro torrão, vierão buscar uma outra patria na esperançosa e nascente civilisação da America?

Adolpho, pelo que se subentende dessa crítica, seria um estrangeiro que tenta trabalhar no Brasil e que ainda não se sente compensado pela “esperançosa civilisação da America”. Em seguida, compara a imprensa a um “sacerdócio augusto” e lembra que os “vocacionados a este sacerdócio”

deveriam ser perseverantes diante das dificuldades. Antes de iniciar o enredo, o narrador afirma ainda que o seu discurso não pretende a consagração literária: o objetivo é o de aumentar o número de literatos interessados em descrever a vida do interior brasileiro.

Para não se pensar que todas as narrativas inspiradas na vida interiorana terminam mal, vejamos o que ocorre em “A orphão da Varzea” (*J.F.*, março de 1864, p. 57-63), uma “Historieta Brasileira” escrita por Reinaldo Carlos Montoro. Além de ter tido um final feliz, a narrativa oferece uma discussão sobre ter uma atitude pragmática diante dos fatos. Júlia mora em um sítio localizado numa várzea em companhia de Paula, uma senhora que parece fazer o papel de dama de companhia. O pai da jovem havia falecido e lhe deixado muitas dívidas, que seu noivo, Alberto, advogado e morador de uma cidade próxima, tenta anular judicialmente. Entretanto, Paula não acredita nessa possibilidade, muito menos na honestidade de Alberto que, além de advogar, fazia versos:

- Sim, sim, respondia a velha... a menina é ainda do tempo dos romances e cantigas de namorados; o mundo tem caminhado, e estamos no epocha das contas correntes. O seu boneco da cidade alimenta-a de promessas, e no fim de contas há de deixa-la na orphandade, em que o senhor capitão, seu pai, também a deixou, por acreditar mais em santidades do que no interesse.

(...)

- Eu não censuro seu pai, por cuja memoria sou devota; mas se por elle vio a menina que o ouro do coração não é a moeda que mais corre pelo mundo e mais valor merece, porque não escolherá para noivo pessoa que mais cuide da algibeira do que dos livros de versos? (*J.F.*, março de 1864).

Paula coloca-se como uma mulher experiente, que aprendeu com a vida e se contrapõe à inocência de Julia, que ainda acredita no ensinamento dos livros de romance. Por isso, tenta persuadi-la a aceitar o pedido de casamento de um de seus credores, o senhor José Motta, “um homem em guerra viva com a grammatica e o código da civilidade”. O sr. Mota, ao perceber que não teria

seu pedido de casamento aceito pela órfã, a expulsa de sua casa: “-Pensa que me pisa com a sua aristocracia?... Não tenho medo da sua rhetorica. Há de sahir d’esta casa, de que sou dono”. Nesse momento, aparece Alberto dando a todos uma boa notícia: “-Minha querida, estamos salvos! Bradou elle. Descobrio-se o trama que te embaraçava a demanda. Hoje sahio a sentença a teu favor. Vais pagar a este homem e despedi-lo. Deos abençoou o teu coração, porque soube crer e esperar”.

Até o momento, as narrativas apresentam apenas o cenário diferenciado das histórias que retratam a sociedade da corte. A inocência da paixão feminina, os obstáculos para viver um grande amor, a vaidade e a ambição são experimentados por personagens simples do interior brasileiro, mas de etnia branca. A narrativa que faz a primeira menção ao índio é *Ida* (junho, agosto e setembro de 1865), de Viriato B. Duarte. A história, ambientada em Tocantins, tem como personagem principal Ida, uma moça descendente dos índios Tuxauas. Para descrevê-la, o narrador prende-se em todos os detalhes de sua formação, cor moreno forte, boca pequena, dentes brancas, cabelos negros, enfim, a longa descrição de Ida culmina na afirmação de que se tratava de uma moça perfeita, uma “obra-prima”. Tal afirmação faz lembrar a descrição minuciosa que Zaluar faz do protagonista de “O pescador do Salto”, colocando o personagem de sua história como uma divindade mitológica.

Ida vive com sua mãe em uma simples cabana. As duas formam uma família “rica não de bens, mas de tesouros que proporcionam a felicidade íntima”. Um dia, Ida conhece Vimy, por quem se apaixona perdidamente. Mas antes de morrer, o pai de Ida havia prometido a sua mão a um jovem índio chamado Aley Assú, que não se conforma com a escolha de sua amada. Ele é caracterizado como um homem mal, que usa de todos os artifícios para realizar o seu desejo de ficar com Ida, inclusive, prender Vimy e condená-lo à morte. Como a jovem índia havia acreditado que o seu amado está morto, entrega-se a uma tristeza profunda, mas mesmo assim não consegue livrar-se da presença

de Alley Assú, que lhe dá um ultimato. A mãe de Ida, não sabendo mais como livrar a filha do malvado índio, entra em seu quarto, alegando que a prepararia para o casamento e esfaqueia sua própria filha até a morte. Quando sai do quarto, vê que Vimy está vivo e que conseguiu deter Aley Assú, mas já é tarde: Ida está morta e sua mãe perde completamente a razão. Antes de encerrar, o narrador faz um apelo aos leitores:

Leitor! Não duvides da existência e verdade da acção principal e dominante d'esta história. Só os lugares e os nomes serão mudados.

Factos como estes, de súbito esforço moral, se derão no Pará, e passarão obscuros por entre a confusão e ondas de sangue dáquella lutuosa época.

Como vimos anteriormente, o desejo de conferir verdade aos fatos narrados também acompanham os intelectuais que escreveram sobre as tradições brasileiras, tanto que o leitor é proibido de duvidar da “verdade” do enredo. O que pensar também da expressão “súbito esforço moral”? De quem partiu o inesperado esforço? Provavelmente da mãe de Ida, cuja atitude surpreende, pelo que o narrador deixa transparecer, aos envolvidos na história e ao próprio leitor. A narrativa é fragmentada em três números do *Jornal das Famílias* e tem outros elementos que tentam convencer o leitor de sua veracidade, como, por exemplo, a omissão da data exata dos acontecimentos dos fatos: “No ano da graça de 183....”. A descrição minuciosa dos personagens parece desejar torná-los mais próximo do leitor, que se supõe ser, em sua maioria, pessoa urbana.

O jornal afirma a preocupação em não desagradar suas leitoras, porém, permite que a elas seja dirigida uma narrativa em que a mãe mata a própria filha. Seis anos depois, deixa publicar em suas páginas *A cruz de fogo* (novembro e dezembro de 1871 e janeiro de 1872), com cenas de assassinatos, adultério, abandono de crianças e a descrição de corpos

devorados por corvos. Essas narrativas reforçam a idéia de que as leitoras desse periódico receberam mais do que instrução moral, a elas foi permitido fazer parte de importantes debates para a época, como a consolidação de uma literatura nacional.

O autor de *A cruz de fogo*, Léo Junius, denomina a sua publicação de “romance original brasileiro”. A contar pela reflexão inicial, o texto é assim denominado por descrever os costumes do interior brasileiro, desconhecido, como afirma o narrador, pela maioria dos pesquisadores e literatos. Observemos que a maioria dos escritores que escreveram sobre o interior brasileiro nesse periódico tenta, de alguma forma, atribuir a eles próprios o mérito de iniciadores desse gênero,

O Brazil com seus campos matizados de flores vicijantes, com suas florestas virgens, seus regatos que murmuram docemente seus rios caudalosos e seus rochedos e montanhas magestosas, encerra no sólo abençoado riquezas immensas, que olhos observadores ainda não poderam de todo pesquisar.

Este sólo porém, mais de uma vez tem sido juncado de cadaveres, regado com o sangue de mais de uma victima, que a sede de ouro, ou a vingança terrivel de seus filhos tem derramado.

Mais de um crime se tem commetido, mais de um drama horrivel com todas as suas peripecias tem passado desapercibido, sem que o historiador narrando os acontecimentos da epoca, pintando os costumes, ou descrevendo os typos physionomicos de seus authores, escreva a chronica desses factos, e assim leve ao conhecimento da geração vindoura a historia desses dramas sanguinolentos, que fazem estremecer de horror o coração humano.

O enredo é ambientado em várias cidades brasileiras: Jacarepaguá, São Paulo de Piratininga, Capivari (que se localizava na província de Minas Gerais), Mogi das Cruzes e Tijuca. A história conta a sina de três gerações, cujos homens mantiveram o mesmo nome, João da Cruz, e a mesma marca, uma cruz de fogo gravada no peito esquerdo. Quando o segundo João da Cruz

nasce, é misteriosamente deixado na porta de um casal, que cuida dele como se fosse um filho legítimo. Ao crescer, João da Cruz encontra um senhor que lhe entrega, a pedido de seu verdadeiro pai, um saco de moedas e um manuscrito, onde está registrada a história de seu pai. Em outras narrativas, já observamos como o manuscrito é utilizado como recurso para tentar conferir veracidade ao enredo. Mas, do manuscrito de *A cruz de fogo*, os leitores apenas são informados de que seu pai havia morrido na beira da estrada e que seu corpo tinha servido de comida aos corvos.

João da Cruz deixa o dinheiro aos pais que o criaram e segue seu caminho. Aos 18 anos, pede trabalho numa fazenda, onde pretende ficar por pouco tempo; porém, quando conhece a mulher do fazendeiro, uma jovem de 19 para 20 anos, resolve permanecer ali por tempo indeterminado: “Eram dous corações que se encontravam e desse encontro fatal nasceu a paixão mais desastrosa que devia levar-os ao tumulto”. Do relacionamento entre a mulher do fazendeiro e João da Cruz nascem três crianças. O primeiro, que recebera o nome do pai, já havia completado 12 anos, quando um empregado denuncia João da Cruz ao fazendeiro, que, fingindo uma viagem, esconde-se na fazenda para comprovar a denúncia. Quando João da Cruz pula a janela do quarto de sua mulher, o fazendeiro entra na casa e atira contra ele, e em seguida, mata a mulher e as duas crianças que dormiam no berço.

Não satisfeito, o fazendeiro manda seu escravo chamar o filho mais velho dos adúlteros. O escravo encontra o menino a caminho de casa e tenta convencê-lo a fugir, mas não obtém sucesso. Quando Joãzinho entra no quarto da mãe, fica transtornado. O fazendeiro tenta acertá-lo; o escravo, porém, o salva: “O homem livre degradava-se nivelando-se com as feras; o filho da escravidão, ennobrecia-se nivelando-se com os heroes!”.

Quando estão a salvo, o escravo conta ao menino que o seu verdadeiro pai é João da Cruz, fala da marca de uma cruz de fogo que ele trazia no peito

esquerdo. Imediatamente, Joãozinho pede a ele que faça em seu peito uma cruz como a que seu pai tinha. Depois de doze anos de procura, o terceiro João da Cruz e seu escravo localizam o fazendeiro, que havia se casado novamente e que tinha vários filhos.

Com a ajuda do escravo, João da Cruz amarra o fazendeiro, seus filhos, sua mulher e alguns empregados no meio do mato e coloca fogo em sua casa. Depois, inicia a matança, descrita com detalhes aos leitores: “Agarravam os miseros pelos cabelos e os degolavam! Cahiram os corpos trebuchando, fazendo contorsões, e alagando a terra de sangue!!...”

A descrição lembra o mito do justiceiro que vinga a família e se torna bandido, como Lampião, por exemplo. Depois da vingança, os dois passam a viajar sem rumo, matando e roubando para terem com o que suprir suas necessidades. Com a morte do escravo, João passa a procurar por alguém que lhe conte a história de seu pai. Sugerem-lhe que procure pela feiticeira Clara Mendes. Ao encontrá-la, apenas pode saber que o manuscrito tinha sido destruído e que ele morreria como o avô, na estrada e devorado pelos corvos. A feiticeira não aceita o dinheiro de João da Cruz, alegando ser ele fruto das vidas que ele havia tirado. Os fatos são contados por João a um viajante, que promete não denunciá-lo. Ele pede para que o senhor guarde a história em segredo até ter certeza de sua morte. Seis meses depois, ao passar no local onde tinha ouvido a história das três gerações de João, encontra seu corpo sendo devorado pelos corvos: “João da Cruz, tinha morrido na estrada, e como seu avô, seu cadaver era pasto dos corvos!!”.

Para descrever o enredo, são criados vários narradores, como se o autor tivesse coletado os dados de várias fontes, seria uma espécie de literatura oral. A presença do manuscrito, o relato dos pais adotivos do segundo João da Cruz, os esclarecimentos dados a ele pelo escravo, os detalhes contados pela

feiticeira, o resumo que ele faz ao viajante, que, por sua vez, representa o próprio literato, aquele que pesquisou e resgatou mais uma tradição brasileira.

No mês seguinte, outra narrativa com cenas fortes e com mais de um narrador, lembrando o resgate oral das tradições interioranas, é oferecida aos leitores, *O Pão de Ouro* (fevereiro a abril de 1872), de Bernardo Guimarães. Para Alfredo Bosi, o regionalismo de Bernardo Guimarães,

mistura elementos tomados à narrativa oral, os “causos” e as “estórias” de Minas e Goiás, com uma boa dose de idealização. Esta, embora não tão maciça como em Alencar, é responsável por uma linguagem adjetivosa e convencional na maioria dos quadros do agreste (BOSI, 1994, p. 142).

O texto literário é antecedido pela narrativa “A mãe de ouro”, que conta sobre a vida de uma divindade responsável por zelar pelas riquezas naturais do Brasil: “Esta lenda, provavelmente ampliada e embellecida pela imaginação dos colonos portugueses, é a história da mãe do ouro que passo a contar a meus leitores” (J.F., fevereiro de 1872). Conforme é explicitado nesse fragmento, trata-se de uma história recolhida da tradição oral.

A mãe do ouro, que é a filha do sol, vive feliz e isolada de todos, quando encontra um formoso cacique, por quem se apaixona. Entregue ao amor, a mãe do ouro esquece-se dos bens naturais que estão a seus cuidados e, como punição, é condenada a “vagar incessantemente pelas cumiadas das álgidas serranias, e em vez de derramar como outr’ora pela face da criação seus deslumbrantes thesouros, foi forçada a esconde-los com avara sollicitude aos olhos cubiçosos dos mortaes” (J.F., fevereiro de 1872). O jovem amante, por sua vez, é transfigurado em uma formosa árvore. A punição só seria desfeita no dia em que os homens não cobiçassem mais o ouro da terra:

Espera, disse-lhe Tupá, a época em que os homens occupados sómente em lavrar a toda terra para d’ella tirar os fructos necessarios á vida não ponham mais olhos cobiçosos em teu

thesouros, e em que a virtude, a paz e a innocencia voltem a habitar entre os mortaes. Enquanto não chegam esses tempos, expiarás, o filha rebelde e ingrata, os enormes crimes, que por tua leviandade, os filhos dos homens devorados pela sede do ouro, que imprudentemente ateaste em seu coração, vão perpetrar sobre a terra, ensopando-a de lagrimas e sangue (*J.F.*, fevereiro de 1872).

Depois dessa introdução, tem início a história de Bartholomeo Bueno, seus filhos, Gaspar Nunes e outros companheiros, todos encarregados de explorar os sertões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Quando terminam o trabalho, Gaspar persuade os companheiros a acharem as riquezas que muitas lendas garantem que existem naquela região. Bueno e seus filhos seguem para o norte e os demais companheiros ficam com Gaspar.

O grupo de Gaspar, depois de andar por longo tempo, encontra uma índia cujo filho está doente. Depois de fazer um chá para a criança, Gaspar pergunta onde ela havia achado o ouro pendurado em seu pescoço. Ela responde que não longe dali existia muito ouro, mas lá não era possível ficar até o anoitecer sob pena de serem devorados por homens chamados de tatus brancos.

Quando o seu filho está melhor, a índia os conduz até a entrada do lugar onde havia ouro. Antes de partir, lembra-lhes de saírem de lá antes do anoitecer. Conforme a descrição da índia, Gaspar e seus companheiros encontram uma enorme quantidade de ouro. Ficam tão eufóricos que não percebem a noite chegar. De repente, são despertados por horríveis barulhos e gemidos. Sobem em uma árvore, mas são descobertos pelos seres barulhentos, os tatus brancos. Todos os homens são arrastados para dentro de tocas. Gaspar é levado para a toca de uma mulher que havia se interessado por ele. De lá, ele ouve seus amigos serem mortos a paulada e, em seguida, devorados.

A mulher protege Gaspar e ele finge corresponder a seus sentimentos. A amada de Gaspar “podia-se dizer com litteral exactidão, e não por hyperbole como é manha de todos os poetas e romancistas, que ella era alva como jaspe, como neve, ou como casca de ovo”. Meses depois, consegue que ela o leve para bem distante das tocas, pois sabia que, quando o dia clareasse, nenhum tatu sairia para resgatá-la, já que eles eram extremamente brancos e sofriam com a luz do dia.

Gaspar e sua amada andam por quase toda a noite, depois, sentam-se e ela adormece em seu colo. Então, ele a deita no chão e corre o mais longe que pôde. Salva-se da prisão e pode contar sua história, recontada com a seguinte ressalva: “Não podemos garantir a veracidade d’ellas, mas asseguramos, que não é invenção nossa, pois ouvimos essa tradição de pessoa mui sensata e autorisada, e que tinha boas razões para dar-lhe inteiro credito”.

Narrativas como *Pão de Ouro* e *A cruz de fogo* não se aproximam do que o jornal diz ser o seu ideal de leitora, para quem deveria ser oferecida literatura amena. Em uma história traduzida do francês e publicada no *Jornal das Famílias* de 1865 a 1868, o autor tece considerações acerca do sucesso de sua produção. A narrativa *Dolores* conta da história de uma moça órfã, educada no colégio de freiras e criada por uma tia ambiciosa. A tia planejava casá-la com um senhor rico e sem caráter, no entanto, um jovem bondoso e rico apaixona-se por ela e a salva dos planos de sua tutora. Ao encerrar, o narrador afirma que,

A pluralidade dos livros celebres, quer se refirão á verdade, que á ficção acabão de um modo lastimavel; desda a *Illiada*, o *Paraiso Perdido*, o poema de *Rolando*, a *Epopéia napoleonica*, até *Clara Harlowe*, *Manon Lescaut*, *Paulo e Virginia*, *Faust*, *Werther*, etc., etc., poder-se-hia dizer que tudo o que é bom acaba mal.

O autor das *Legendas* quiz poupar o delicado temperamento de seus leitores, e é graças a essa atenção, que elle, em sua humildade, explica o bom acolhimento de suas obras litterarias (*J.F.* junho de 1868).

Ao que parece, o ideal de leitor proposto pela redação e pelos colaboradores do *Jornal das Famílias* é similar ao da cultura européia, já que o autor de “Dolores” também escreve para leitores de “delicado temperamento”. Como podemos observar, o autor coloca a sua obra acima de textos consagrados. O fim feliz de sua história faz, de acordo com ele mesmo, numa espécie de autor e crítico, com que os leitores prefiram “Dolores” ao *Sofrimento do jovem Werther*, por exemplo, que, como conta a história, envolve leitores por várias gerações, alguns, inclusive, inspiram-se no protagonista e se matam em nome do amor. O autor de “Dolores”, por meio de seu narrador, imagina um público e desenrola sua narrativa a partir dessa perspectiva. Em nome do que pensa ser o gosto dele, premia o bem e castiga o mal: “A dedicada Crucifixo vemo-la ficando ao serviço de sua querida Dolores, e o traidor Cavalleiro perseguido pelos credores e repellido para o ultimo plano, para grande satisfação das almas bem formadas!” (J.F. junho de 1868).

Ao fugirem dos enredos que pintam paixões dos moradores da corte, esses textos, como são apresentados no discurso dos próprios literatos, pretendem escrever sobre os costumes do homem interiorano e do índio para criar uma literatura nacional, que consiga fugir da imitação da literatura estrangeira,

Não é pois, a qualquer lugar que se pode chamar de Brasil, a qualquer literatura de brasílica. É necessário que se submetam à malha fina da “originalidade”, da “natureza exuberante”, dos “costumes peculiares”. E, se no que se vê ou no que se lê não se acha exatamente a paisagem esperada, a reação não tarda, assim como a sensação de que, ou aquilo não é tipicamente brasileiro, ou, bem mais inquietante, que há um descompasso entre o que se define como Brasil e o que se vive como tal (SÜSSEKIND, 1990, p. 24).

O descompasso apontado por Flora Süssekind também existe entre esse tipo de narrativas, com cenas violentas, descritas com minúcias, e a leitora

do periódico, que é convidada a conhecer, a partir de histórias como essas, um Brasil desconhecido pela maioria delas.

Na tentativa de pintar o nacional, muitas narrativas analisadas nessa tese apresentam os costumes do homem do interior de forma negativa. São pessoas ingênuas, vingativas, são lugares distantes, sem autoridades para punir os maus, homens que matam e permanecem impunes. Trata-se de um Brasil primitivo, livre do contato com os europeus, onde a justiça é feita pela presença divina<sup>4</sup>.

Considerando que o *Jornal das Famílias* circula em Paris e em Portugal, que imagem de Brasil essas narrativas transmitiram aos estrangeiros? A ingenuidade dos personagens populares seria, de acordo com Cristina Ribeiro, uma idéia de popular tirada do romantismo alemão:

Preocupados com a emergência de encontrar e expor elementos que representassem a nacionalidade em detrimento do influxo político e cultural europeu, os intelectuais do período criaram uma idéia de *popular*, sobretudo apoiada na do romantismo alemão, que trazia uma acepção de “espontaneidade ingênua” e anonimato, característicos de uma coletividade homogênea e uma que se poderia considerar a “alma nacional” (RIBEIRO, 2003, p. 17).

Machado de Assis também publica no *Jornal das Famílias* textos narrativos que discutem e valorizam os costumes brasileiros. Por isso, não poderíamos encerrar a análise sem citar a contribuição do mais assíduo colaborador do jornal de Garnier. Em 1864, publica *A villa queimada*, ambientada entre o sertão mineiro e o vale do Paraíba, uma história é narrada com fortes cenas de violência. No mesmo ano, a narrativa intitulada *O Sassy*, de sua autoria, é precedida por uma longa reflexão sobre a importância de se escrever sobre os causos e lendas brasileiros:

---

<sup>4</sup> Süsskind destaca a decepção dos viajantes ao chegarem a cidades como o Rio de Janeiro e se depararem com mulheres com traços e atitudes próximas à mulher europeia (ver: 1990, p. 11-34).

Variado e curioso seria o estudo de quem quizesse acompanhar até sua origem a historia d'essas primitivas lendas populares, que tão grande influencia exercêrão já sobre a indole dos povos, e que ainda em nossos dias são transmitidas, em muitos paizes, de pais a filhos como uma singular e preciosa herança (J.F.,1865).

Em *O sassy*, o autor cria um narrador que resgata uma lenda criada pelas pessoas interioranas. No entanto, as justificativas que precedem a narrativa parecem indicar que Machado de Assis sabia que o principal público do periódico era a mulher de posses, preocupada em imitar o padrão estrangeiro, especialmente o parisiense. Para justificar a publicação de seu texto, ele cita exemplo de autores alemães e ingleses:

O talentoso humorista allemão, o profundo e espirituoso Henrique Heine consagra, na sua obra a *Allemanha*, um capitulo cheio de interesse e de vida às tradições populares da Germania, e dá o maior apreço a este assumpto, que já foi tratado em tempos mais remotos por alguns sabios, taes como os irmãos Grimm, Paracelsos e outros, cujos nomes são respeitados na republica das letras.

A partir da narrativa *Onde se encontra a felicidade* (setembro de 1865), Machado de Assis demonstra que o bom estaria no interior e não na corte. Um velho pescador dá pousada a um Duque que promete atender-lhe os desejos. Após ter contato com pessoas da corte, o pescador é tomado por grande vaidade e, ao mesmo tempo, é desprezado pelos ricos. Volta, então, a viver em sua cabana. A narrativa é encerrada com a interlocução com o leitor:

E vós, caro leitor, meditai sobre este pequeno conto; contentai-vos com o que possuis, e quando a ambição vos aconselhar mudança no vosso estado, lembrai-vos d'aquella sentença tão justa do principe de Ligne: o homem cansa-se do bom, procura o melhor, encontra o máo, e n'elle se conserva com medo do peor.

A reflexão que encerra o texto *Onde se encontra a felicidade* poderia ser aplicada também à leitora da corte. É a ambição do dono da cabana que é questionada, não a sua transferência do interior para a corte. Nesse sentido,

este enredo, em especial, aproxima a experiência do homem simples do campo com a vivência da assinante do jornal

De qualquer forma, a tentativa de pintar imagens nacionais – paisagem e tradições brasileiras - por meio da produção literária era uma tendência entre os intelectuais oitocentistas. Narrativas com enredos marcados por assassinatos e destruição e narrativas que tentaram romantizar a vida interiorana uniam-se para fugir de uma imitação estrangeira. Trata-se de textos que se destinam a, basicamente, dois públicos: aos seus pares, ou seja, aos literatos e às leitoras, por isso, muitas vezes havia a tentativa de justificar a publicação de narrativas cujos personagens não se identificam com a vida na corte e nas grandes províncias. O excesso de justificativa pode indicar também que o gênero não contava ainda com uma aceitação por parte de alguns escritores e de alguns leitores.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Havia mais fervor naquele tempo, ou eu falo com as impressões de uma idade que passou? Parece-me que a primeira hipótese é a verdadeira. Vivia-se de imaginação e de poesia; cada produção literária era um acontecimento (Machado de Assis, *Críticas & Variedades*, 1944).

O *Jornal das Famílias* oferece um leque significativo de pesquisa, primeiro porque se configura como um periódico de longa duração, 16 anos, um dos poucos voltados principalmente ao público feminino que obtém êxito no século XIX. Segundo porque, pelo que consta no rol de assinantes, é lido de norte a sul, em pequenas e grandes províncias. Pode, inclusive, ser assinado em algumas cidades de Portugal e em Paris. Terceiro pela variedade de suas seções, por sua materialidade e pela participação de intelectuais conceituados naquela época, entre os quais está Machado de Assis.

Devido à longa duração do jornal e à diversidade de conteúdo, no início, tememos fazer um trabalho que apenas descrevesse o periódico e as suas narrativas, mas as indagações que originam os objetivos da pesquisa permitem avançar nesse aspecto. Os objetivos que norteiam o trabalho são: analisar a rede de produção do *Jornal das Famílias*: editor, materialidade, escritores, leitores, conteúdo, e demonstrar, principalmente a partir da análise das narrativas publicadas por autores não contemplados na historiografia literária brasileira, que o periódico oferece, a suas leitoras, debate sobre o ideal de narrativa e sobre as questões que orientam a vida literária do período.

A presente tese contempla nomes raramente lembrados nas histórias literárias. Todavia, a maior parte dos colaboradores do *Jornal das Famílias* tem importância em sua época, tendo contribuído tanto do ponto de vista da produção literária, quanto do ponto de vista da luta por um lugar social para o escritor, o que se expressa, por exemplo, em seu esforço de construção da Academia Brasileira de Letras, juntamente com Machado de Assis. Trabalhos como o de João Paulo Coelho de Souza Rodrigues (2003), que estuda o processo de formação da Academia Brasileira de Letras, contribuem para se pensar de forma diferenciada os textos de autores que, por uma seleção pouco “democrática” da História Literária, para utilizar as palavras de Regina Zilberman (2004), não são estudados pela historiografia literária. Os textos que

estes autores publicam no jornal de Garnier, como tentamos demonstrar nesse trabalho, são fontes que nos possibilitam analisar a literatura oitocentista a partir da perspectiva de vários elementos que a constituem: editor, material de publicação, colaboradores e o público leitor.

Acerca da questão do público leitor, acreditamos ter avançado em vários aspectos. Divertir, moralizar, instruir por meio da leitura são os objetivos da maioria dos periódicos oitocentistas e essa tríade acompanha os dezesseis anos do *Jornal das Famílias*. Por isso, surpreendemo-nos com o conteúdo das narrativas destacadas nessa tese. Os redatores e os colaboradores do periódico de Garnier demonstram constante preocupação em cumprir os objetivos citados acima, mas também divulgam nesse jornal as tendências literárias, suas reflexões sobre o fazer literário e o inserem na tentativa de consolidar a literatura brasileira a partir do resgate do folclore nacional.

Por outro lado, o número significativo de narrativas que discutem um ideal de literatura nacional faz-nos questionar o que motiva esse grupo de escritores a lançarem tal discussão em um periódico cujo público central é de leitoras, ou seja, mulheres que a redação vê como sensíveis e necessitadas de uma literatura amena e, ao mesmo tempo, instrutiva. A conclusão a que chegamos é a de que, contrariando o senso comum, segundo o qual as mulheres são vistas como seres de segunda categoria, os colaboradores do *Jornal das Famílias* as tomam como interlocutoras desse importante debate – ou, ao menos, como pessoas com capacidade de acompanhá-lo. A publicação desses textos no periódico também garante a esses intelectuais a divulgação do que eles consideram uma literatura nacional entre o público que, como afirma Tania Serra, é, juntamente com os estudantes, o principal interessado na leitura de narrativas.

A presença de mulheres no rol de colaboradores e a interlocução travada com as leitoras no interior das narrativas chamam a nossa atenção e fazem

com que esse trabalho avance em diferentes aspectos. Um dos fatores de maior importância para a presente tese não consiste, todavia, em assegurar a qualidade literária das produções que circulam nas páginas do *Jornal das Famílias*, o anseio é o de trazer à luz autores que estão ao lado de grandes nomes, como Machado de Assis, e que contribuem para a formação de uma Literatura Nacional. Os esquecidos colaboradores do *Jornal das Famílias*, indiscutivelmente, trabalham para essa consolidação. Eles escrevem conforme a tendência literária da época, preocupam-se com o leitor, participam da vida intelectual e política do país e acreditam na importância da literatura para a cultura brasileira.

O trabalho não deixa de contemplar, inclusive, a importância do editor para a durabilidade do empreendimento e para o seu reconhecimento. Ao invés de um francês mal humorado e avarento, a pesquisa revela que Baptiste Louis Garnier é um homem empreendedor, cauteloso e correto nos contratos que realiza e que se relaciona com escritores brasileiros. Como um bom empresário, lucra muito, mas isso não deve ser utilizado para desmerecê-lo, ao contrário, neste ponto também atinge sua meta, ou seja, faz dinheiro com a venda de livros no Brasil oitocentista e dá status aos que publicam com o selo de sua empresa.

Em síntese, durante os dezesseis anos de publicação, o empreendimento de Garnier põe em circulação a produção literária, suscita e alimenta debates, colabora para a difusão dos escritos brasileiros e dá a idéia de que existe uma literatura nacional. O *Jornal das Famílias* também traz informações sobre a moda parisiense, economia doméstica, dentre outros conhecimentos. Nas palavras de Regina Zilberman, encontramos, de certa forma, a síntese do que o leitor pode achar nessa tese. A pesquisadora lembra que:

Quando se incorporam os resíduos da história de um escritor à história de sua obra, desfazem-se os mitos: aquele sujeito

alcança uma identificação própria e única, a criatura produzida mostra-se na sua integração ao sistema inteiro de que faz parte. A identidade advém, pois, da reunião do texto ao conjunto de onde partiu: de um lado, a trajetória de um indivíduo que inclui ações, leituras, o ato de produção; de outro, o objeto que o sustenta, suporte que resulta de orientações da sociedade e da economia, a que escritores e público se subordinam (ZILBERMAN, 2004, p. 100).

Os leitores da tese “Para além da amenidade: o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção” encontram, nos quatro capítulos que compõem esse trabalho, a trajetória de narrativas esquecidas no *Jornal das Famílias*, “abafadas” pelas produções de Machado de Assis. A pesquisa mostra que elas, provavelmente, são consideradas em sua época, uma vez que estão inseridas no periódico de uma editora de prestígio e que se dirigem, principalmente, a um público leitor refinado, as senhoras de bom gosto. Elas também são publicadas, em sua maioria, por escritores com influência política, econômica e intelectual, preocupados com a formação de uma literatura brasileira. O trabalho também tenta mostrar que é falsa a idéia corrente sobre o *Jornal das Famílias*. Ele não é apenas um jornal de moralização, é também local de debate das grandes questões literárias do século XIX. Seus colaboradores, ao que parece, consideravam as mulheres como interlocutoras à altura desse debate.



# **BIBLIOGRAFIA**

## **1. Fontes Primárias:**

### **1. a. Periódicos**

*A Estação* – jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro: Ed. proprietários H. Lombaerts & Comp.

*A Filha Unica da Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 1832.

*A mulher do Simplicio* ou *A Fluminense Exaltada*. Rio de Janeiro, mar. de 1832 –abr. de 1846.

*Beija-flor*. Rio de Janeiro: propriedade de Ferreira de Menezes, 1849-1852.

*Bello Sexo periodico religioso, de instruccao e recreio, noticioso e critico*. Rio de Janeiro, 1862.

*Correio das Modas*, da casa Laemmert, Janeiro de 1839 a dezembro de 1840

*Echo das Damas*. Rio de Janeiro: propriedade de Amélia Carolina da Silva & Comp., 1879-1888.

*Espelho das Brasileiras*. Rio de Janeiro, maio de 1831.

*Jardim das Damas*. Pernambuco, 1852.

*Jornal da República das moças*. Rio de Janeiro: Typ. Litteraria, 1879

*Jornal das Famílias*. Paris: B. L. Garnier, 1863 – 1878.

*Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro: propriedade de Joana Paula de Noronha, 1852-1855.

*Marmota Fluminense: jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro, 1852 – 1857.

*O Bello Sexo : periodico litterario e recreativo*. Rio de Janeiro: Maio de 1850 a junho de 1851

*O Sexo Feminino: semanario dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro: proprietária e redatora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, 1873 – 1889.

*Relator de Novellas*. Rio de Janeiro, 1838

*Revista Popular*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1859-1862.

### **1.b. Documentos**

*IHGB*, Coleção Marquês de Olinda: lata 214, doc. 61, sem identificação de autor

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro confere ao Senhor Baptista Luis Garnier o título de seu livreiro em testemunho. Localização: Coleção: Instituto Histórico (lata 575 pasta 14).

Resposta de Garnier ao convite do Instituto, Localização: Coleção: Instituto Histórico (lata 575 pasta 14).

### **1. c. Contratos, recibos e procuração<sup>1</sup>:**

Contrato firmado entre o pai de Álvares de Azevedo e B. L.Garnier no dia 08/02/1861 (o pai do autor vende a propriedade de todas as obras do filho ao editor).

Contrato firmado entre Augusto Teixeira de Freitas e B. L.Garnier no dia 23/06/1876 (a obra em questão era *Pyxide*).

Recibo (data ilegível) assinado por Augusto Teixeira de Freitas referente à obra *Consolidação das leis civis*.

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 21/10/1864 (a obra em questão era *Poesias*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 26/12/1868 (a obra em questão era *O Ermitão do Muquem ou História da Fundação da Romaria de Muquem da provincia de Goyaz*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 03/03/1871 (a obra em questão era *Lendas e Romances*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 13/12/1871 (a obra em questão era *Histórias e tradições da provincia de Minas*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 27/06/1872 (as obras em questão eram *O seminarista* e *o Pão de Ouro*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 18/07/1874 (a obra em questão era *A captiva Isaura*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 05/1873 (a obra em questão era *O índio Affonso*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 28/03/1876 (a obra em questão era *Mauricio ou Os Paulistas em S. João D'el Rey*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 05/04/1875 (a obra em questão era *Novas poesias*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 19/01/1878 (as obras em questão eram *A ilha maldita* e *O pão de ouro*).

Contrato firmado entre Bernardo Guimarães e B. L.Garnier no dia 21/01/1881 (a obra em questão era *Rozaura – a enjeitada*).

Contrato firmado entre Bittencourt Sampaio e B. L.Garnier no dia 07/02/1860 (a obra em questão era *Flores Sylvestres*).

---

<sup>1</sup> Documentos cedidos por Pedro Paulo Moreira, editor –proprietário da Villa Rica editoras reunidas.

Contrato firmado entre Bruno Seabra e B. L.Garnier no dia 18/06/1862 (a obra em questão era *Flores e Fructos*).

Contrato firmado entre Candido Mendes de Almeida e B. L.Garnier no dia 05/11/1861 (a obra em questão era *Direito Civil Eclesiástico Brasileiro*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 10/09/1862 (a obra em questão era *História Sagrada Ilustrada*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 31/10/1863 (a obra em questão era Encomenda de um dicionário de História e geografia, do gênero de Brullet).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 18/01/1865 (as obras em questão eram *Grammatica da infância*, *Meandros Poéticos* e *Manual do Parocho*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 18/01/1865 (a obra em questão era *Vidas dos Santos*).

Recibo assinado por Cônego Fernandes Pinheiro referente ao pagamento das obras 4ª ed. do *Catecismo da doutrina cristã*, 1ª ed. *Grammatica da Infancia*, 1ª ed. *Manual do Parocho* e *Vida dos Santos* (18/01/1865)

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 30/09/1865 (Encomenda de dois dicionários –português - francês e francês-português).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 10/01/1867 (Pela continuação da tradução da *História Universal*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 16/01/1867 (a obra em questão era *História contemporânea*).

Recibo assinado por Cônego Fernandes Pinheiro referente ao pagamento da continuação da trad. da *História Universal*, de Durcrey (12/01/1867).

Recibo assinado por Cônego Fernandes Pinheiro referente ao pagamento da 5ª ed. dos *Episódios da história da pátria*, 3ª ed. da *História sagrada ilustrada*, 3ª ed. da *Grammatica da infancia*, 1ª ed. de *Lições elementares de geografia* (sem data).

Recibo assinado por Cônego Fernandes Pinheiro referente ao pagamento da 1ª ed. da *História do Brazil contada aos meninos* (13/03/1870).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 09/02/1869 (a obra em questão era *Lições elementares de geografia segundo o methodo Gauttier*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 16/09/1870 (a obra em questão era *Grammatica- theoria e pratica da lingua portuguesa*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 20/11/1870 (a obra em questão era *Grammatica- theoria e pratica da lingua portuguesa*).

Contrato firmado entre Cônego Fernandes Pinheiro e B. L.Garnier no dia 14/01/1874 (a obra em questão era *Cathecismo constitucional*).

Recibo assinado por Fagundes Varela referente ao pagamento da obra *Cantos do Ermo e da Cidade* (04/11/1869).

Contrato firmado entre Joaquim Manuel de Macedo e B. L.Garnier no dia 13/05/1862 (as obras em questão eram *Teatro* – composto por 10 peças e *Lusbela*).

Contrato firmado entre Joaquim Manuel de Macedo e B. L.Garnier no dia 12/11/1868 (a obra em questão era *Nina*).

Recibo assinado por Joaquim Manuel de Macedo pela inserção de *Nina* no *Jornal das Famílias* e por sua 1ª ed. em livro (13/11/1868).

Recibo assinado por Joaquim Manuel de Macedo referente à obra *Victimas Algozes* (31/03/1870).

Licença assinada por Joaquim Manuel de Macedo autorizando Domingos Gomes Brandão a vender seu livro *Compendio da História do Brasil* ao governo e a permitir que Garnier imprima a 2ª ed. da referida obra (27/09/1871).

Contrato firmado entre Joaquim Manuel de Macedo e B. L.Garnier no dia 03/04/1869 (a obra em questão era *A mulheres de Mantilha*).

Contrato firmado entre Joaquim Manuel de Macedo e B. L.Garnier no dia 03/04/1869 (a obra em questão era 2ª ed. de *Vicentina*).

Contrato firmado entre Joaquim Manuel de Macedo e B. L.Garnier no dia 22/12/1873 (a obra em questão era *Lição de Chorographia brasileira*).

Contrato firmado entre Joaquim Norberto e B. L.Garnier no dia 20/08/1862 (Treze obras passaram a ser propriedades da editora).

Recibo assinado por Joaquim Norberto referente à organização da obra *Marilia de Dirceu* (09/04/1861).

Contrato firmado entre Joaquim Norberto e B. L.Garnier no dia 27/08/1862 (Inclui a obra *Brasileiras Celebres* no contrato do dia 20/08/1862).

Recibo assinado por Joaquim Norberto referente à organização da nova edição do livro de Álvares de Azevedo (12/11/1872).

Recibo assinado por Joaquim Norberto referente à organização das novas edições de Laurindo José da Silva Rebello e Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa (10/07/1877).

Contrato firmado entre Joaquim Norberto e B. L.Garnier no dia 18/07/1876 (*Galicismos* – 1ª parte).

Contrato firmado entre Joaquim Norberto e B. L.Garnier no dia 10/07/1877 (Organizou a obra *A cantora brasileira*).

Contrato firmado entre João Fernandes Valdez e B. L.Garnier no dia 07/11/1874 (Encomenda do dicionário francês-português e português-francês, conforme modelo do dicionário de Spiers).

Recibo assinado por João Fernandes Valdez referente ao primeiro pagamento do dicionário francês-português e português-francês (07/11/1874).

Recibo assinado por João Fernandes Valdez referente ao segundo pagamento do dicionário francês-português e português-francês (01/02/1879).

Recibo assinado por João Fernandes Valdez referente ao terceiro pagamento do dicionário francês-português e português-francês (20/04/1883).

Contrato firmado entre José de Alencar e B. L.Garnier no dia 25/05/1870 (pela obra *Diva*).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *Til* (10/11/1872).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *Sonhos D'ouro* (04/12/1872).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *O Garatuja* (17/05/1873).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *Alfarrabios* (27/12/1873).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *Guerra dos mascastes* (10/12/1874).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *O sertanejo* (09/03/1876).

Recibo assinado por José de Alencar referente à obra *O jesuíta* (09/03/1876).

Procuração assinada por Leocadio Pereira da Costa autorizando Agostinho Ermelino de Leão a vender sua obra a editora B.L.Garnier (12/1875).

Recibo assinado por Leocadio Pereira da Costa referente à obra *Serões de família* (12/01/1876).

Recibo assinado por Lucio de Mendonça referente à obra *Alvoradas* (12/02/1875).

Contrato firmado entre Luiz Caetano Guimarães Junior e B. L.Garnier no dia 24/08/1871 (pela obra *Curvas e Zigsags*).

Contrato firmado entre Luiz Caetano Guimarães Junior e B. L.Garnier no dia 10/08/1872 (pela obra *Contos sem pretensão*).

Contrato firmado entre Machado de Assis e B. L.Garnier no dia 11/05/1865 (pela obra *Contos Fluminenses e Phalenas*).

Recibo assinado por Machado de Assis referente à obra *Contos Fluminenses* (10/11/1865).

Recibo assinado por Machado de Assis referente às obras *Resurreição e Histórias da meia noite* (Sem data).

Recibo assinado por Machado de Assis referente à obra *Resurreição Memórias Postumas de Bras Cubas* (12/01/1881).

Recibo assinado por Machado de Assis referente à obra *Papeis avulsos* (25/10/1882).

Recibo assinado por Machado de Assis referente à obra *Histórias sem data* (13/08/1884).

Recibo assinado por Machado de Assis referente à obra *Relíquias da casa velha* (09/03/1895).

Contrato firmado entre Machado de Assis e H.Garnier no dia 17/06/1896 (pela 3ª ed. de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

Contrato firmado entre Manuel Duarte e B. L.Garnier no dia 28/05/1869 (pela obra *Mosaico Brasileiro*).

Contrato firmado entre Manuel Duarte e B. L. Garnier no dia 14/08/1875 (pelo 4ª ed. do *Compendio de História Antiga*).

Recibo assinado por Pires de Almeida referente às obras *Um casamento em toque de caixa* e *Mártires da vida íntima* (26/01/1876).

Doação da obra *O Vale do Amazonas* feita por Tavares Bastos a B. L. Garnier (16/09/1867).

Doação das obras *A Província* e *Estudos sobre a descentralização no Brasil* feita por Tavares Bastos a B. L. Garnier (17/08/1870).

Recibo assinado por Tristão de Alencar Ararípe referente à obra *Relações do império* (18/12/1869).

Recibo assinado por Visconde de Coaracy pela Organização das selectas portuguesas, francesas e inglesas (08/06/1887).

Recibo assinado por Visconde de Coaracy pela Tradução de *Irmã de Caridade*, de E. Castelan (25/01/1889).

Doação das obras *Histórias e narrativas brasileiras* e *Narrativas militares* a B. L. Garnier (24/05/1870).

## **2. Fontes secundárias**

### **2. a. Dicionários:**

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de, MOREIRA, Maria Eunice, ZILBERMAN, Regina. *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BEAUMARCHAIS, Jean-Pierre de. *Dictionnaire des littératures de langue française*. Paris: Bordas, 1994.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, 1970. 7 v.

SILVA, Innocencio Francisco. *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de Innocencio Francisco da Silva* applicaveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vol., 1858-1923.

MENEZES, Raimundo de (Org.). *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. 5 v.

MOISÉS, Massaud, PAES, José Paulo (Org.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969.

REIS, Antonio Simões dos. *Pseudônimos brasileiros: pequenos verbetes para um dicionário*. Rio de Janeiro: Zélio Vaverde, 1941.

## 2.b. Referências bibliográficas:

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros* Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_(org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_(org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas,SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura no Brasil (ABL); São Paulo, SP: Fapesp; 2005 (Coleção História da Leitura).

ALENCAR, José. *Senhora*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ALVES, Ivia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do Modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986.

ASSIS, Machado. *Críticas & Variedades*. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores, 1944.

\_\_\_\_\_. *Crônicas (1864-1867)*. 2. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores, 1938.

ASSIS, Machado. *Iaiá Garcia*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1983.

AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta – A Moreninha e os Dois amores*. Campinas, SP, 1998. Dissertação (Mestrado). IEL-UNICAMP.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Campinas, SP, 2006. Tese (Doutorado). IEL-UNICAMP.

AZEVEDO, Sílvia Maria. “Joaquim Norberto: o nacional e a história”. In. *Coontinente Sul Sur*. Revista do Instituto Estadual do Livro, ano 1, n.2, 1996.

\_\_\_\_\_. *De Revista Popular a Jornal das Famílias: A imprensa carioca do século XIX a serviço dos interesses das famílias brasileiras*. Belo Horizonte: 2. Congresso Abralic – Literatura e memória cultural, 1991.

\_\_\_\_\_. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado). Usp.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Ed. da Unesp/Hucitec, 1980

BARRETO, A. H. de Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 -1880*. Porto Alegre: EST, 1982.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. "O mercado de bens simbólicos". In.: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 99-181. (Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli).

BOURNEUF, Roland, OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

BROCA, Brito. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação, s.d.

\_\_\_\_\_. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: Vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

\_\_\_\_\_. O anônimo e o pseudônimo na Literatura Brasileira. In:\_. *Horas de leitura*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 103.

CAIRO, Luiz Roberto. Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro. *Fronteiras imaginadas: Cultura nacional / Teoria Internacional* (Org. Eduardo Faria Coutinho). Rio de Janeiro-RJ: Aeroplano, 2001, p.225-240.

CAMINHA, Adolfo. *Trechos escolhidos*. (org. Lúcia Miguel Pereira). Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp,1988.

\_\_\_\_\_. *A formação da literatura brasileira*. 1º v. São Paulo: Martins, 1969.

\_\_\_\_\_. *A formação da literatura brasileira*. 2º v. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

\_\_\_\_\_. Literatura de dois gumes. In:\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 163-180.

\_\_\_\_\_. *Tese e antítese*. São Paulo: Nacional, 1964.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965.

CASEY, James. *A história da família*. Tad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992.

CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960. v. 1.

\_\_\_\_\_. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970. p. 3-12.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp / Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999 (prismas).

- COUTINHO, Afrânio (org.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC: Fundação de Assistência ao Estudante, 1990. 2.v.
- D'INCARO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In.: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 223-240.
- DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos (Análise da revista Kosmos: 1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.
- DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976. v. 1.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. "O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler". In.: *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, pp. 477-504.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação – Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FRAISSE, Emmanuel Et al. *Representações e imagens de leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.
- FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José da. O defeito de família. In: *Teatro de França Júnior*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980. p. 111-133. (Clássicos do Teatro Brasileiro).
- FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.
- GALENO, Juvenal. *Cenas Populares*. Apres. De Florival Seraine. Fortaleza-Ceará. Editora Henriqueta Galeno, 1969.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1991.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1998.
- QUADROS, Jussara Menezes. *O livro, a imagem e a ornamentação*. Campinas, SP, 2001 (Tese de doutorado).
- GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- INGARDEN, Roman. A bidimensionalidade da estrutura da obra literária. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Série Traduções, Porto Alegre, v. 1, n. 1, nov. 1995.

- \_\_\_\_\_. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1989.
- LESSA, Pedro. *Discursos e conferencias*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio”, de Rodrigues & C., 1916.
- LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- LOPES, Silvana Fernandes. *A formação feminina na sociedade brasileira do século XIX: um exame de “modelos” veiculados pela literatura de ficção*. Campinas: São Paulo, 1997.
- MACEDO, Dr. Joaquim Manoel de. *Os romances da Semana*. Rio de Janeiro: Editora de Domingos José Gomes Brandão (Brandão e Irmão), 1861.
- \_\_\_\_\_. *A moreninha*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997. (Edição crítica de Tania Serra).
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A o redor de Machado de Assis* (pesquisas e interpretações). Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro – SP - Bahia, 1958.
- MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. Editora São Paulo: Unesp, 2006
- MARTINS, Ana Luiza. “A produção de uma nova mulher: Revistas Femininas”. In.: *Revistas em revistas: Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp, Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 371-377.
- MASSA, Jean – Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.

\_\_\_\_\_. “Joaquim Norberto e a *Revista Popular*”. In. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 31, n. 4, dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_ (org.). *Falas diversas: quatro estudos sobre Joaquim Norberto*. Porto Alegre: Centro de Pesquisas Literárias: PUCRS, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

PELÁEZ, Carlos Manuel & SUZIGAN, Wilson. *História Monetária do Brasil*, 2ª ed. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981

PENIDO, Emilia Augusta Gomide. *O Ramallete de flores*. Rio de Janeiro: Perseverança, rua do Hospício n. 85, 1875.

PILLAR, Thanira Chayb de. *Níveis tintas: Índice Classificado de Assuntos e Índice Remissivo de Colaboradores da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1864)*. Dissertação de Mestrado em Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, jul. 1996.

PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre*. São Paulo: Edunesp, 1999.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Assis-SP, 2002. Dissertação (Mestrado) Unesp-Assis.

PINHEIRO, Cônego Dr. J. C. Fernandes. *Postillas de Rhetorica e poetica dictadas aos alumnos do Imperial collegio de Pedro II*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885.

PIRES DE ALMEIDA, Joaquim G. & FERREIRA, Felix. *Leitura para todos*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1869.

POPKIN, Jeremy D. “Jornais: a nova face das notícias”. In.: Darnton, Robert & ROCHE, Daniel (orgs). *Revolução Impressa: a imprensa na França – 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 195-223

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999 (Ensaio latino-americanos; 4).

RIBEIRO, Cristina Betioli. *O norte – um lugar para a nacionalidade*. Campinas, SP, 2003. Dissertação (Mestrado). IEL-UNICAMP.

RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XI: Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2003.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio. 3. ed., 1943.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo. Siciliano, 1991.

ROQUETTE, J. L. *Código do Bom-Tom*. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

SENNA, Ernesto. *O velho commercio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier Irmãos, s/d.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A luneta mágica do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

\_\_\_\_\_. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora da U.N.B, 1997.

SILVA, Luiz José Pereira da. *Floriano Peixoto: traços biographicos*. Fauchon E Comp., Editores, 125, Rua do Ouvidor, 125, 1894.

SILVEIRA, Daniela Magalhães. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do "Jornal das Famílias"*. Campinas, 2005. Dissertação (Mestrado) IFCH – Unicamp.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ: EdUFF, 1999.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAVASSOS, Renato (org.). *Cartas de Machado de Assis e Euclýdes da Cunha*. Rio de Janeiro: Waissman, Reis & Cia. Ltda, 1931.

TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *Provincianas*. Porto Alegre: Movimento, Brasília: MinC, Pró-Memória, INL, 1986.

TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In.: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 401-442.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: de 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas cidades, 1994.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XIX*. São Paulo: Boitempo editora, 2002.

VERÍSSIMO, José. "As condições da produção literária no Brasil". In.: *Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro Editor, 1903, p. 47-85.

\_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

ZALUAR, Augusto Emilio. *Contos da roça*. Rio de Janeiro: Typographia do diário do Rio de Janeiro: Typographia do diário do Rio de Janeiro, 1868. (leituras fugitivas).

ZILBERMAN, Regina. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## ANEXO I

### Narrativas publicadas no *Jornal das Famílias*

#### Seção *Romances e Novellas*:

##### 1863:

\*<sup>1</sup> Cartas de Helena a Eulália (por Helena). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, janeiro de 1863, p. 9-12; março de 1863, p. 78-81 (nas cartas constam as seguintes datas: Paris, novembro de 1862 e janeiro de 1863).

Romance de uma obscura Fluminense (S. I. A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo1, janeiro de 1863, p. 3-8; fevereiro de 1864, p. 33-41.

\* A flor do Baile (por J. F. de Menezes). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, abril de 1863, p. 97-103.

As tribulações de Santo Antonio (S. I. A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, abril de 1863, p. 104-114; maio de 1863, p. 130-135.

\* A filha de Jephté (por padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, maio de 1863, p. 136-139.

Spiritus, qui vadit, redit? Aut non? (S.I.A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, junho de 1863, p. 161-168.

Lenda de santa Isabel – rainha de Portugal (S. I. A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, junho de 1863, p. 169-172.

Os festins de Baltasar (por padre Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, junho de 1863, p. 173-176.

A senhora do bom sucesso - lenda (por Padre Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, junho de 1863, p. 177-181.

Lucia (por F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, julho de 1863, p. 193-198.

Conto moral (por F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, julho de 1863, p. 199-205.

\* A sinhazinha (por José Ferreira de Menezes). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, agosto de 1863, p. 225-230.

\* O pescador do salto (por A. E. Zaluar). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, setembro de 1863, p. 257-262; outubro de 1863, p. 289-295.

A revolta dos anjos (por padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, setembro de 1863, p. 263-265.

---

<sup>1</sup> As narrativas transcritas são precedidas por um asterisco (\*). Elas estão analisadas na tese e serão disponibilizadas como anexo (ver cd) e no site <http://www.unicamp.br/iel/memoria>.

A mãe d'água – lenda (por padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, setembro de 1863, p. 266-268.

A mulher adúltera – trechos bíblicos (por padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, outubro de 1863, p. 296-300.

\* Um suicídio moral (por A. E. Zaluar). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, novembro de 1863, p. 321-326.

O dedo de Deus (por padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 1, novembro de 1863, p. 327-332.

O saci (por Hope). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, novembro de 1863, p. 333-337.

#### **1864:**

A Fantasia da Morte (por Hopes). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, janeiro de 1864, p. 3-9.

\* Um episódio da morte (por A. E. Zaluar). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, janeiro de 1864, p. 10-15.

\* A filha do tropeiro (por Adolpho). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, fevereiro de 1864, p. 29-35.

\* A órfã da Várzea (por Reinaldo Carlos Montoro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, março de 1864, p. 57-63 (o conto se autodenomina “Historieta Brasileira”).

Do céu ao inferno (por Reinaldo Carlos Montoro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, abril de 1864, p. 89-92 (no conto consta a seguinte data: Rio, 12 de julho de 1863).

A vila queimada (por Dr. Negro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, abril de 1864, p. 93-99; maio de 1864, p. 127-133.

O áspide na flor (por Stello). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, maio de 1864, p. 121-126; junho de 1864, p. 153-160; julho de 1864, p. 185-191 (caracterizado como romance pelo autor).

Frei Simão (por M.A., pseud. De Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, junho de 1864, p. 161-168.

Virginus - narrativa de um advogado (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, julho de 1864, p. 192-197; agosto de 1864, p. 223-231.

Uma historieta de todos os dias (por F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, agosto de 1864, p. 217-222.

O anjo das donzelas (por Max – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, setembro de 1864, p. 249-257; outubro de 1864, p. 281-289 (caracterizado como “conto fantástico”).

Casada e viúva (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, novembro de 1864, p. 313-325.

O vigário da roça (por Alicia). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, novembro de 1864, p. 326-330.

Questão de vaidade (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, dezembro de 1864, p. 345-354. Tomo 3, janeiro de 1865, p. 1-13; fevereiro de 1865, p. 33-41; março de 1865, p. 65-77.

#### **1865:**

\* A monja – Fragmentos (por Amélia Soror). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, fevereiro de 1865, p. 52-54.

Confissões de uma viúva moça (por J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, abril de 1865, p. 97-103; maio de 1865, p. 129-137; junho de 1865, p. 161-168.

\* Ida (por Viriato B. Duarte). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, junho de 1865, p. 169-180; julho de 1865, p. 193-202; agosto de 1865, p. 225-233.

O colibri (por Spalma). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, julho de 1865, p. 207-212.

\* Jovens interessantes (por Paulina Philadelphia). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, junho de 1865, p. 181-184; julho de 1865, p. 203-206 (a narrativa só será retomada em julho de 1866).

Cinco mulheres (por Job – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier Editor-proprietário, tomo 3, agosto de 1865, p. 234-242; setembro de 1865, p. 257-264.

Onde se encontra a felicidade (por A. F. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, setembro de 1865, p. 265-277.

Linha reta e linha curva (por Job, pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, outubro de 1865, p. 289-301; novembro de 1865, p. 321-329; dezembro de 1865, p. 353-329. Tomo 4, janeiro de 1866, p. 5-11.

\* Dolores (traduzido por Paulina Philadelphia). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier Editor-proprietário, tomo 3, novembro de 1865, p. 330-333; dezembro de 1865, p. 370-373. Tomo 4, julho de 1866, p. 206-210; agosto de 1866, p. 242-245; setembro de 1866, p. 271-275; outubro de 1866, p. 310-313; novembro de 1866, p. 319-323; dezembro de 1866, p. 360-364. Tomo 5, fevereiro de 1867, p. 53-55; julho de 1867, p. 210-212; agosto de 1867, p. 244-247; setembro de 1867, p. 276-278; outubro de 1867, p. 306-308. Tomo 6, janeiro de 1868, p. 25-27; fevereiro de 1868, p. 54-58; abril de 1868, p. 123-125; maio de 1868, p. 156-158; junho de 1868, p. 181-184.

#### **1866:**

O oráculo (por Max. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, janeiro de 1866, p. 12-18.

Diana (S.I.A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, fevereiro de 1866, p. 33-45.

O pai (por M. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, fevereiro de 1866, p. 44-54; março de 1866, p. 65-76; abril de 1866, p. 97-104.

A noviça (por F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, abril de 1866, p. 105-107.

O que são as moças (por Max. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, maio de 1866, p. 129-138; junho de 1866, p. 162-167.

As laranjeiras (por Padre Francisco Bernardino de Souza). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, junho de 1866, p. 181-182.

Felicidade pelo casamento (por F. em junho e por S. em julho – pseudônimos de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, junho de 1866, p. 168-179; julho de 1866, p. 193-205.

\* Jovens interessantes (por Paulina Philadelphia). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, julho de 1866, p. 211-216.

Dois dias de Felicidade no campo (por A. F. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, agosto de 1866, p. 225-240.

A pianista (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, setembro de 1866, p. 257-269; outubro de 1866, p. 289-300.

Astúcia de Marido (por Job. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, outubro de 1866; novembro de 1866, p. 321-328.

Fernando e Fernanda (por Maximo – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 4, novembro de 1866; dezembro de 1866, p. 353-359.

#### **1867:**

Possível e impossível (por Marco Aurélio). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, janeiro de 1867, p. 15-24; fevereiro de 1867, 43-52.

Um casamento de tirar o chapéu (por A. F. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, janeiro de 1867, p. 1-14; fevereiro de 1867, p. 33-42; março de 1867, p. 65-72.

Francisca (por Maximo – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, março de 1867, p. 73-86.

Onda (por Maximo – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, abril de 1867, p. 97-112.

\* Horrível tragédia (por D. Maria de Albuquerque). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, maio de 1867, p. 146-152.

O último dia de um poeta (por Max – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, maio de 1867, p. 129-145; junho de 1867, p. 161-169.

\* História de um fazendeiro (por A. E. Zaluar). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, junho de 1867, p. 170-177; agosto de 1867, p. 225-233.

\* A mão de Deus (por D. Maria de Albuquerque). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, julho de 1867, p. 193-209.

Uma noite de Young (por Audebrand). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, agosto de 1867, p. 234-243.

\* Almerinda (por G. G. G.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, setembro de 1867, p. 257-275.

Um provinciano Ladino (por A. F. – pseud. De Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, outubro de 1867, p. 289-305; novembro de 1867, p. 322-331; dezembro de 1867, p. 353-364.

História de uma lágrima (por J. B.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, novembro de 1867, p. 332-345.

\* Um juramento (por José Nicoláo Vergueiro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 5, dezembro de 1867, p. 362-370.

#### **1868:**

Não é mel para a boca de Asno (por Victor de Paula – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, janeiro de 1868, p. 5-24.

A sombra e a luz (por Hopes). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, fevereiro de 1868, p. 37-53.

O carro n. 13 (por Victor de Paula – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, março de 1868, p. 69-83.

\* A vaidade corrigida (por Paulina Philadelphia). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, abril de 1868, p. 101-113.

A mulher de Preto (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, abril de 1868, p. 114-122; maio de 1868, p. 133-151.

\* Cecília a voluntária (por Vitória Colona). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, maio de 1868, p. 152-155.

Quinhentos contos (por Otto – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, junho de 1868, p. 165-179; julho de 1868, p. 197-205.

O segredo de Augusta (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, julho de 1868, p. 206-217; agosto de 1868, p. 229-242.

A linha reta (por A. E. Zaluar). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, agosto de 1868, p. 243-248.

\* A justiça de Deus (por Aristippo). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, setembro de 1868, p. 261-275; outubro de 1868, p. 293-302.

\* A jovem siberiana (traduzido de X. de Maistre). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 6, outubro de 1868, p. 303-314; novembro de 1868, p. 325-346; dezembro de 1868, p. 357-371.

#### **1869:**

Luiz Soares (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, janeiro de 1869, p. 5-24.

\* Túmulo e Berço (por V. de Mello). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, fevereiro de 1869, p. 39-48 (no conto consta a seguinte data: Paris, janeiro de 1868).

\* Ada (por Candido). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, fevereiro de 1869, p. 49-54.

Probidade de um sacristão (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, março de 1869, p. 83-87 (caracterizado por conto moralizante).

\* Virginia (por J. J. de S. S. Rio). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, abril de 1869, p. 119-122.

\* Adelaide de Sargans (por C. Figueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, março de 1869, p. 69-82; abril de 1869, p. 101-118; maio de 1869, p. 133-145 (caracterizado por romance histórico).

Um milagre da música (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, maio de 1869, p. 146-152.

A herança esperada e inesperada (por A. F. – Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, julho de 1869, p. 197-217.

Os prisioneiros do Cáucaso (traduzido de Xavier de Maistre). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, agosto de 1869, p. 229-253.

O remorso pune o crime (por V.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, junho de 1869, p. 165-179; setembro de 1869, p. 261-278; novembro de 1869, p. 338-345.

Uma estrela (por Dr. Caetano Figueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, outubro de 1869, p. 305-315.

O anjo Rafael (por Victor Paulo – pseud. Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 7, outubro de 1869, p. 293-304; novembro de 1869, p. 325-337; dezembro de 1869, p. 357-369.

#### **1870:**

A vida eterna (por Camillo da Annuniação). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, janeiro de 1870, p. 5-18.

Nina (por Joaquim Manuel de Macedo). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, fevereiro de 1870, p. 37-57; março de 1870, p. 69-87; abril de 1870,

p. 101-107; maio de 1870, p. 133-143; junho de 1870, p. 165-172; julho de 1870, p. 261-277; agosto de 1870, p. 236-251; setembro de 1870, p. 293-308; outubro de 1870, p. 325-333; novembro de 1870, p. 357-369.

O capitão Mendonça (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, abril de 1870, p. 108-121; maio de 1870, p. 144-18.

Duas Historietas Jocosas (por Christovão Frederico Jacobson). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, maio de 1870, p. 154-157.

O afinador (por C.B.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, junho de 1870, p. 173-184; julho de 1870, p. 197-209.

Deus protege as mães e ampara as crianças (S.I.A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, julho de 1870, p. 210-215; agosto de 1870, p. 229-235.

O rei dos caiporas (por Job). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, setembro de 1870, p. 278-285; outubro de 1870, p. 309-316.

Aurora sem dia (por Victor de Paula). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 8, novembro de 1870, p. 334-342; dezembro de 1870, p. 370-375.

#### **1871:**

Mariana (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, janeiro de 1871, p. 1-16.

Ayres e Vergueiro (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, janeiro de 1871, p. 17-26.

De hora em hora Deus melhora (por Didaco d'Alva). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, fevereiro de 1871, p. 33-44.

\* Um desapontamento (por Luiz José Pereira Silva). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, fevereiro de 1871, p. 45-48.

Notícia histórica de Monte de S. Bernardo (por Fernando Caetano Alves). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo fevereiro de 1871, p. 49-51.

Almas agradecidas (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, março de 1871, p. 65-75; outubro de 1871, p. 97-108).

A felicidade (por X). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, março de 1871, p. 76-82; outubro de 1871, p. 109-116.

O caminho de Damasco (por Job). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, novembro de 1871, p. 129-144; dezembro de 1871, p. 161-178.

\* A cruz de fogo – romance original (por Léo Junius). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 9, novembro de 1871, p. 145-152. Tomo 10, janeiro de 1872, p. 1-16 (o autor anuncia a continuação do romance, mas isto não ocorre, já que o encerra na página 16).

#### **1872:**

Ruy de Leão (Max – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, janeiro de 1872, p. 17-24; fevereiro de 1872, p. 42-52; março de 1872, p. 77-85.

\* O pão de Ouro – lendas do sertão (por Bernardo Guimarães). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, fevereiro de 1872, p. 33-41; março de 1872, p. 65-76; abril de 1872, p. 97-102.

Quem não quer ser lobo (J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, abril de 1872, p. 103-118; maio de 1872, p. 129-139.

Uma loureira (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, maio de 1872, p. 140-150; junho de 1872, p. 161-170.

Canseiras em vão (por O.O. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, julho de 1872, p. 206-214; agosto de 1872, p. 242-250.

A parasita azul (por Job – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, junho de 1872, p. 171-182; julho de 1872, p. 193-205; agosto de 1872, p. 225-241; setembro de 1872, p. 257-259.

Uma águia sem asas (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, setembro de 1872, p. 275-281; outubro de 1872, p. 297-304.

Qual dos dois? (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, setembro de 1872, p. 260-274; outubro de 1872, p. 289-296; novembro de 1872, p. 321-334; dezembro de 1872, p. 38-364; janeiro de 1873, p. 1-6.

A caça de um Baronato (por A. F. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomos 10, outubro de 1872, p. 305-313; novembro de 1872, p. 335-348; dezembro de 1872, p. 365-370. Tomo 11, janeiro de 1873, p. 7-23; fevereiro de 1873, p. 33-44; março de 1873, p. 65-70.

### **1873:**

Quem conta um conto (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, fevereiro de 1873, p. 45-56; março de 1873, p. 71-74.

Ernesto de Tal (por J.J. em março e por Job em abril – pseudônimos de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, março de 1873, p. 75-88; abril de 1873, p. 97-104.

Tempo de crise (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, abril de 1873, p. 105-116.

O relógio de ouro (por Job – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, abril de 1873, p. 117-120; maio de 1873, p. 129-132.

A visão – fragmentos das minhas impressões de viagem (por Dr. Caetano Filgueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, maio de 1873, p. 146-155; junho de 1873, p. 161-171.

Decadência de dois grandes homens (por Max – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, maio de 1873, p. 133-145.

As bodas do Dr. Duarte (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, junho de 1873, p. 181-186; julho de 1873, p. 197-207.

Um tesouro / O leão das matas (por O Dr. Negro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, junho de 1873, p. 172-180; julho de 1873, p. 193-196; julho de 1873, p. 208-218 (em junho o autor não anuncia a continuação, apenas em julho é feita essa ressalva, mas a narrativa recebe outro título: *O leão das matas*).

Um homem superior (por Job – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, agosto de 1873, p. 241-248; setembro de 1873, p. 273-280.

Nem uma nem outra (por J.J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, agosto de 1873, p. 225-240; setembro de 1873, p. 257-272; outubro de 1873, p. 289-299.

Miséria – legenda (por C. Deulin). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, outubro de 1873, p. 300-305; novembro de 1873, p. 321-326.

Quem desdenha... (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, outubro de 1873, p. 306-314; novembro de 1873, p. 327-337.

Da terra ao inferno (por José da Costa). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, novembro de 1873, p. 338-346; dezembro de 1873, p. 362-369; Tomo 12, janeiro de 1874, p. 1-10.

A menina dos olhos pardos (por Otto – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, dezembro de 1873, p. 38-361. Tomo 12, janeiro de 1874, p. 11-17; fevereiro de 1874, p. 33-36.

#### **1874:**

\* Contos Macahenses – Virgílio (por L.L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, janeiro de 1874, p. 18-26.

\* Contos Macahenses – Funesto desengano (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, fevereiro de 1874, p. 37-45.

\* Um duelo (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, fevereiro de 1874, p. 46-55.

\* Contos macahenses – Uma vítima da vaidade (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, março de 1874, p. 64-70.

A carteira (por Ego – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, março de 1874, p. 71-79.

\* Contos macahenses – Thereza (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, abril de 1874, p. 102-110.

As flores (por Dr. Caetano Filgueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, abril de 1874, p. 111-121.

Os óculos de Pedro Antão (por J. J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, março de 1874, p. 80-87; abril de 1874, p. 97-101; maio de 1874, p. 129-134.

Contos macahenses – história de dois viúvos (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, maio de 1874, p. 135-142.

Guilhermina (por L. de A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, maio de 1874, p. 143-150; junho de 1874, p. 161-166.

Contos macahenses – O anjo da solidão (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, junho de 1874, p. 167-176.

Estrela do norte (por Gratulino Coelho). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, julho de 1874, p. 198-201.

Um dia de entrudo (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, junho de 1874, p. 177-184; julho de 1874, p. 207-214; agosto de 1874, p. 225-229.

Contos macahenses – segredos d'um coração (1. parte) (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, julho de 1874, p. 193-197.

Contos macahenses – justiça de Deus (2. parte) (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, agosto de 1874, p. 230-235 (na primeira parte o autor não indica a continuação, apenas em agosto ele ressalta: “história em continuação da precedente”).

Uma noite (por Dr. Caetano Filgueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, agosto de 1874, p. 236-240 (o autor faz a seguinte ressalva: “fragmento do meu livro inédito de impressões de viagem”).

Contos macahenses – coração de mulher (por L. L. Fernandes Pinheiro Junior). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, setembro de 1874, p. 267-270.

A beneficência delicada (traduzido do italiano – autora: Emilia Augusta Gomide Penido). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, setembro de 1874, p. 271-274.

Ser visto (por T.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, setembro de 1874, p. 257-266; outubro de 1874, p. 289-291.

Muito anos depois (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, outubro de 1874, p. 292-303; novembro de 1874, p. 323-329.

A figueira (por Dr. Caetano Filgueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, outubro de 1874, p. 304-310; novembro de 1874, p. 330-337; dezembro de 1874, p. 359-366. Tomo 13, janeiro de 1875, p. 7-9.

Miloca (por J. J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, novembro de 1874, p. 338-342; dezembro de 1874, p. 38-358. Tomo 13, janeiro de 1875, p. 1-6; fevereiro de 1875, p. 33-38.

Valério (por Job). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, dezembro de 1874, p. 367-372. Tomo 13, janeiro de 1875, p. 10-14; fevereiro de 1875, p. 39-42.

### **1875:**

Angelina (por Heitor da Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, fevereiro de 1875, p. 43-51.

A virtude laureada – narrativa familiar (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, fevereiro de 1875, p. 52-57.

Daniel (por Cristal). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, abril de 1875, p. 98-110; maio de 1875, p. 129-143; junho de 1875, p. 170-179; julho de 1875, p. 193-203.

O menino preguiçoso (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, maio de 1875, p. 151-18.

Quem boa cama faz (por O. O. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, abril de 1875, p. 111-118; maio de 1875, p. 144-149; junho de 1875, p. 170-179.

Os casamentos de hoje (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, junho de 1875, p. 180-182.

Brincar com fogo (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, julho de 1875, p. 210-215; agosto de 1875, p. 234-240.

Antes que cases (por B. B. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, julho de 1875, p. 204-209; agosto de 1875, p. 225-233; setembro de 1875, p. 257-268.

A magoa do infeliz Gomes (por Job – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, agosto de 1875, p. 241-249; setembro de 1875, p. 269-272.

A última receita (por J. J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, setembro de 1875, p. 269-279.

Por amor (por Dr. Caetano Filgueiras). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, outubro de 1875, p. 303-311.

Um esqueleto (por Victor de Paula – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, outubro de 1875, p. 289-294; novembro de 1875, p. 321-331.

Onze anos depois (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, outubro de 1875, p. 295-302; novembro de 1875, p. 332-340.

\* Uma família modelo (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, novembro de 1875, p. 341-345.

Casa, não casa (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, dezembro de 1875, p. 38-357. Tomo 14, janeiro de 1876, p. 1-10.

História de uma fita azul (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, dezembro de 1875, p. 358-367. Tomo 14, janeiro de 1876, p. 11-15; fevereiro de 1876, p. 33-36.

#### **1876:**

D'um pólo a outro (por Heitor da Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, janeiro de 1876, p. 16-23; fevereiro de 1876, p. 37-39.

To be or not to be (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, fevereiro de 1876, p. 40-50; março de 1876, p. 65-69.

A louca (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, fevereiro de 1876, p. 51-55.

Longe dos olhos... (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, março de 1876, p. 77-83; abril de 1876, p. 103-107; maio de 1876, p. 136-140.

O divórcio ou memórias de madame Dormeuil – destinadas à sua filha (por \*\*\*). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, março de 1876, p. 70-76; abril de 1876, p. 97-102; maio de 1876, p. 129-135; junho de 1876, p. 161-167; julho de 1876, p. 193-198.

Encher tempo (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, abril de 1876, p. 108-116; maio de 1876, p. 141-148; junho de 1876, p. 168-176; julho de 1876, p. 199-206.

O passado, passado (S.I.A.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, junho de 1876, p. 169 -176; julho de 1876, p. 207-208; agosto de 1876, p. 225 -229.

A praia da guarda, em Paquetá (por Pessanha Povoá). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, agosto, p. 230-235.

D. Mônica (por Lara – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, agosto de 1876, p. 236-244; setembro de 1876, p. 257-266; outubro de 1876, p. 289-295.

O sabiá (por Bernardo Guimarães). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, setembro de 1876, p. 267-270.

Uma noite de Fortunato – o algoz (por P. J.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, setembro de 1876, p. 271-273.

O leproso da cidade D'oeste (por \*\*\*). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, setembro de 1876, p. 274-279; outubro de 1876, p. 296-304; novembro de 1876, p. 321-324.

Uma visita de Alcibíades (por Victor de Paula – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, outubro, p. 305-308.

A aldeia de Gargahu (por Pessanha Povoá). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, novembro de 1876, p. 325-330.

O astrólogo (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, novembro de 1876, p. 331-335; dezembro de 1876, p. 38-355. Tomo 15, janeiro de 1877, p. 11-13.

Sem olhos (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, dezembro de 1876, p. 356-360. Tomo 15, janeiro de 1877, p. 14-19; fevereiro de 1877, p. 41-49.

A novena da Candelária (por Carlos Nodier). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, dezembro de 1876, p. 361-367. Tomo 15, janeiro de 1877, p. 1-10; fevereiro de 1877, p. 33-40; março de 1877, p. 65-76.

### **1877:**

A enjeitada (por Heitor de Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, março de 1877, p. 77-84; abril de 1877, p. 103-116.

Um almoço (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, março de 1877, p. 85 - 89; abril de 1877, p. 97-102; maio de 1877, p. 129-136.

Uma noite horrível (por Ernesto Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, maio de 1877, p. 137-140.

Um rapaz caipora (por Ernesto Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, maio de 1877, p. 141-149; junho de 1877, p. 161-164.

O gênio bom – homem (por Carlos Nodier). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, junho de 1877, p. 165-172.

Silvestre (por Victor de Paula – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, junho de 1877, p. 173-180; julho de 1877, p. 193-202; agosto de 1877, p. 225-228.

\* Suzana e Joaquina (por Victoria Colonna). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, julho de 1877, p. 211-216.

\* Lucia (por Leocadio Pereira da Costa). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, julho de 1877, p. 203-210; agosto de 1877, p. 235-245; setembro de 1877, p. 271-279.

O enterro de uma virgem (por Ernesto Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, agosto de 1877, p. 229-234.

Os cegos de Chamouny (por Carlos Nodier). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, setembro de 1877, p. 260-269; outubro de 1877, p. 289-296; novembro de 1877, p. 321-325.

A melhor das noivas (por Victor de Paula). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, setembro de 1877, p. 270-278; outubro de 1877, p. 297-306.

\* Um jornal casamenteiro (por C. F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, setembro de 1877, p. 279-282.

O casamento (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, outubro de 1877, p. 307-311.

Um ambicioso (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, novembro de 1877, p. 326-332; dezembro de 1877, p. 38-357; janeiro de 1878, p. 1-10.

\* Romantismo (por Lucio de Mendonça). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, novembro de 1877, p. 333-338.

O padre (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, novembro de 1877, p. 339-347; dezembro de 1877, p. 358-364.

\* Angelina (por Léo Junius). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 15, dezembro de 1877, p. 362-366.

### **1878:**

\* Nola (por Léo Junius). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, janeiro de 1878, p. 11 – 17; fevereiro de 1878, p. 33-37; março de 1878, p. 65-71.

Deus escreve direito por linhas tortas (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, janeiro de 1878, p. 18-22.

O Manchete (por Lara, pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, fevereiro de 1878, p. 38-44; março de 1878, p. 72-76.

Os efeitos do orgulho (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, fevereiro de 1878, p. 45-51.

Antiloquio (por Léo Junius). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, fevereiro de 1878, p. 52-54.

A afilhada do noivo (por Carlos Nodier). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, fevereiro de 1878, p. 55-58.

O melhor dos casamentos (por Heitor da Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, março de 1878, p. 77-83; abril de 1878, p. 97-101; maio de 1878, p. 132-140.

Um representante da comédia humana (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, março de 1878, 84-91; abril de 1878, p. 102-111.

A herança (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, abril de 1878, p. 112-117; maio de 1878, p. 129-131.

Tipos diversos (por Léo Junius). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, abril de 1878, p. 118-122; maio de 1878, p. 149-151; junho de 1878, p. 177-180; agosto de 1878, p. 240-242; setembro de 1878, p. 278-281; outubro de 1878, p. 305-311.

História de um morto (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, maio de 1878, p. 139-148.

A irmã (por Heitor da Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, junho de 1878, p. 161-169; julho de 1878, p. 193-202; agosto de 1878, p. 225-227.

Conversão de um avaro (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, junho de 1878, p. 170-176; julho de 1878, p. 203-207; agosto de 1878, p. 228-233.

Um rapaz feliz (por Ernesto de Castro). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, junho de 1878, p. 181-182; julho de 1878, p. 208-210.

\* Amélia (por Leocadio Pereira da Costa). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, julho de 1878, p. 211-216; agosto de 1878, p. 234-239; setembro de 1878, p. 257-259.

Dama no mar (por \*\*\*). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, setembro de 1878, p. 260-269; outubro de 1878, p. 289-296; novembro de 1878, p. 321-325.

\* O beijo (por Lucio de Mendonça). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, setembro de 1878, p. 270-277.

Folha Rota (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, outubro de 1878, p. 297-304.

Namoros de estudante (por Heitor de Silveira). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, novembro de 1878, p. 326-335.

Dívida extinta (por Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, novembro de 1878, p. 336-343; dezembro de 1878, p. 38-367.

## ANEXO II

Relação dos valores encontrados nos contratos e recibos<sup>1</sup> fechados por B. L. Garnier e por seu irmão H. Garnier com escritores brasileiros entre 1861 e 1890.

<b>Álvares de Azevedo</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	08/02/1861	O pai do autor vendeu a propriedade de todas as suas obras ao editor	-	2:000\$000

<b>Augusto Teixeira de Freitas</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
recibo <sup>2</sup>	Risco na data	Garnier comprou 2 mil exemplares da obra <i>Pyxide</i>	2 mil (o autor ficou com mais 2 mil exemplares em casa)	Garnier vendeu os exemplares a três reis e recebeu 20% do valor das vendas
contrato	23/06/1876	<i>Consolidação das leis civis</i>	4 mil	21:200\$000

<b>Bernardo Guimarães</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	21/10/1864	<i>Poesias</i>	O autor foi obrigado a angariar 200 assinaturas	500\$000 e 300 exemplares encadernados
contrato	26/12/1868	<i>O Ermitão do Muquem ou História da Fundação da Romaria de Muquem da provincia de Goyaz</i>	2 mil exemplares	500\$000 pela 1ª ed. e 255\$000 pelas outras
contrato	03/03/1871	<i>Lendas e Romances</i>	2 mil exemplares	500\$000 pela 1ª ed. e 250\$000 pelas outras
contrato	13/12/1871	<i>Histórias e tradições da provincia de Minas</i>	2 mil exemplares	500\$000 pela 1ª ed. e 250 reis por exemplar que exceder
contrato	27/06/1872	<i>O seminarista e o Pão de Ouro</i>	-	600\$000 mil reis
contrato	18/07/1874	<i>A captiva Isaura</i>	-	600\$000 mil reis
contrato	05/1873	<i>O índio Affonso</i>	-	300\$000 mil reis
contrato	28/03/1876	<i>Mauricio ou Os Paulistas em S. João D'el Rey</i>	-	1:000\$000 (um conto de reis)
contrato	05/04/1875	<i>Novas poesias</i>	-	300\$000 mil reis
contrato	19/01/1878	<i>A ilha maldita e O pão de ouro</i>	-	600\$000 mil reis
contrato	21/01/1881	<i>Rozaura – a enfeitada</i>	-	800\$000 mil reis

<sup>1</sup> Os documentos foram gentilmente cedidos pelo editor-proprietário da Vila Rica editoras reunidas, antiga editora Itatiaia, Pedro Paulo Moreira.

<sup>2</sup> Os recibos são os comprovantes do pagamento feito pela editora aos escritores.

<b>Bittencourt Sampaio</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
recibo	07/02/1860	<i>Flores Sylvestres</i>	-	200\$000 mil reis
<b>Bruno Seabra</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	18/06/1862	<i>Flores e Fructos</i>	mil	-

<b>Candido Mendes de Almeida</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
contrato	05/11/1861	<i>Direito Civil Eclesiástico Brasileiro</i>	-	30% do produto da venda, depois de descontados os valores com a despesa da impressão
P.S. Dos 30 % seriam descontados 583\$260, referente à dívida que o autor tinha com B.L.Garnier				

<b>Cônego Fernandes Pinheiro</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	10/09/1862	<i>História Sagrada Ilustrada</i>	2 mil da 1ª ed.	400\$000 mil reis por cada mil exemplares vendidos
contrato	31/10/1863	Encomenda de um dicionário de História e geografia, do gênero de Brullet	-	9:000\$000 (pagamento seria parcelado em 3 vezes)
contrato	18/01/1865	<i>Grammatica da infância</i> <i>Meandros Poéticos</i> <i>Manual do Parocho</i>	2 mil 1 mil 1mil	200\$000 mil reis 300\$000 mil reis pelos dois últimos livros
contrato	18/01/1865	<i>Vidas dos Santos</i> (a obra seria publicada sem o nome do autor)	-	400\$000 mil reis
Recibo	18/01/1865	4ª ed. do <i>Catecismo da doutrina cristã</i> 1ª ed. <i>Grammatica da Infancia</i> 1ª ed. <i>Manual do Parocho</i> <i>Vida dos Santos</i>	4 mil  2 mil 1 mil -	1:000\$000  400\$000 mil reis 300\$000 mil reis 400\$000 mil reis
contrato	30/09/1865	Encomenda de dois dicionários –português - francês e francês-português	-	Pelo primeiro ganharia 8:000\$000 e pelo segundo 4:000\$000 (pagamento seria parcelado em 3 vezes)
contrato	10/01/1867	Pela continuação da tradução da <i>História Universal</i>	1 mil	225\$000 mil reis
contrato	16/01/1867	<i>História contemporânea</i> (a ser publicada sem o nome do autor)	-	500\$000 mil reis por cada mil exemplares publicados
recibo	12/01/1867	Continuação da trad. da <i>História Universal</i> , de Durcrey	-	450\$000 mil reis
recibo	Sem data	5ª ed. dos <i>Episódios da história da pátria</i> 3ª ed. da <i>História sagrada ilustrada</i> 3ª ed. da <i>Grammatica da</i>	2 mil 2 mil 3 mil 2 mil	1:000\$000 1:200\$000 6:000\$000 800\$000 mil reis

		<i>infancia</i> 1ª ed. de <i>Lições elementares de geografia</i>		
recibo	14/02/1870	6ª ed. do <i>Catecismo</i>	4.360	3:390\$000
recibo	13/03/1870	1ª ed. da <i>História do Brazil contada aos meninos</i>	2 mil	800\$000 mil reis
contrato	09/02/1869	<i>Lições elementares de geografia segundo o methodo Gauttier</i> (deveria ser publicada com o pseudônimo Estácio de Sá e Menezes)	-	20% sobre o preço da venda de cada exemplar
contrato	16/09/1870	<i>Grammatica- theoria e pratica da lingua portuguesa</i>	2 mil	20% sobre o preço da venda de cada exemplar
recibo	20/11/1870	<i>Grammatica- theoria e pratica da lingua portuguesa</i>		918\$000
contrato	14/01/1874	<i>Cathecismo constitucional</i> (publicado com o pseudônimo de Demophilos)	1100	20% sobre o preço da venda de cada exemplar

<b>Fagundes Varela</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
recibo	04/11/1869	<i>Cantos do Ermo e da Cidade</i>	-	20 exemplares da obra

<b>Joaquim Manuel de Macedo</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	13/05/1862	<i>Teatro</i> – composto por 10 peças <i>Lusbela</i>	2 mil 3 mil	2:000\$000, desse valor, 800\$000 seriam para pagar a dívida do autor com a livraria
contrato	12/11/1868	<i>Nina</i>	-	900\$000
recibo	13/11/1868	Pela inserção de <i>Nina</i> no <i>Jornal das Famílias</i> e por sua 1ª ed. em livro	-	900\$000
contrato	03/04/1869	<i>A mulheres de Mantilha</i>	2 mil	1:000\$000
contrato	03/04/1869	2ª ed. de <i>Vicentina</i> (há a nota de que a 1ª ed. saiu pela Paula Brito)	mil	400\$000 mil reis
licença	27/09/1871	<i>Compendio da História do Brasil</i> (Autoriza Domingos Gomes Brandão a vender seu livro ao governo no valor de 2 mil reis e permite que Garnier imprima a 2ª ed. da obra)	6 mil	
recibo	31/03/1870	<i>Victimas Algozes</i>	Vendeu a Garnier 120 exemplares	1:260\$000
contrato	22/12/1873	<i>Lição de Chorographia brasileira</i>	3 mil	500 reis por cada exemplar vendido

<b>Joaquim Norberto</b>				
-------------------------	--	--	--	--

	Data	obra	n. de exemplares	Valor
recibo	09/04/1861	Organizou a obra <i>Marilia de Dirceu</i> (inseriu documentos históricos)	-	400\$000 mil reis
contrato	20/08/1862	Treze obras passaram a ser propriedades da editora	Algumas teriam dois mil exemplares e outros mil exemplares	Cita um adiantamento de 2:000\$000 e não trata de outros valores
contrato	27/08/1862	Inclui a obra <i>Brasileiras Celebres</i> no contrato do dia 20/08/1862		
recibo	12/11/1872	Organizou a nova edição do livro de Álvares de Azevedo (escreveu uma introdução)	-	200\$000 mil reis
contrato	18/07/1876	<i>Gallicismos</i> – 1ª parte	-	300\$000 mil reis
recibo	10/07/1877	Organizou as novas edições de Laurindo José da Silva Rebello e Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa	-	400\$000 mil reis
contrato	10/07/1877	Organizou a obra <i>A cantora brasileira</i>	-	300\$000 mil reis

<b>João Fernandes Valdez</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor
contrato	07/11/1874	Encomenda o dicionário francês-português e português-francês, conforme modelo do dicionário de Spiers	-	10:000\$000 (divididos em três parcelas) – Se o autor não entregasse na data estipulada, reembolsaria o valor recebido acrescido de juros de 6% ao ano)
recibo	07/11/1874	dicionário francês-português e português-francês	-	600\$000 mil reis (1ª parcela)
recibo	01/02/1879	dicionário francês-português e português-francês	-	4:400\$000 (2ª parcela)
recibo	20/04/1883	dicionário francês-português e português-francês	-	5:000\$000 (3ª parcela)

<b>José de Alencar</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
contrato	25/05/1870	<i>Diva</i>	-	800\$000 mil reis
recibo	10/11/1872	<i>Til</i>	-	2:000\$000 contos de reis
recibo	04/12/1872	<i>Sonhos D'ouro</i>	-	1:600\$000
recibo	17/05/1873	<i>O Garatuja</i>	-	800\$000 mil reis
recibo	27/12/1873	<i>Alfarrabios</i>	-	800\$000 mil reis
recibo	10/12/1874	<i>Guerra dos mascastes</i>	-	1:600\$000
recibo	09/03/1876	<i>O sertanejo</i>	-	1:600\$000
recibo	09/03/1876	<i>O jesuita</i>	-	Doa os direitos ao editor

<b>Leocadio Pereira da Costa</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	valor

procuração	12/1875	<i>Serões de família</i>		Autoriza Agostinho Ermelino de Leão a vender sua obra a editora B.L.Garnier
recibo	12/01/1876	<i>Serões de família</i>	-	100\$000 mil réis

<b>Lucio de Mendonça</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
recibo	12/02/1875	<i>Alvoradas - Poesia</i>	O autor deveria vender 100 exemplares em São Paulo e enviar, dessa venda, 200\$000 ao editor até a data de 15/05/1875	200\$000 mil réis

<b>Luiz Caetano Guimarães Junior</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
contrato	24/08/1871	<i>Curvas e Zigsags</i>	-	100\$000 mil réis
contrato	10/08/1872	<i>Contos sem pretensão</i>	-	200\$000 mil réis
licença	22/11/1873	Autorização para o editor publicar o livro <i>Cantares</i>		

<b>Machado de Assis</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
contrato	11/05/1865	<i>Contos Fluminenses e Phalenas</i>	mil	200 rs (duzentos réis) por cada exemplar
recibo	10/11/1865	<i>Contos Fluminenses</i>		100\$000 mil réis
rascunho	Sem data	<i>Resurreição e Histórias da meia noite</i>	-	400\$000 por cada edição de cada obra
recibo	12/01/1881	<i>Memorias Postumas de Bras Cubas</i>	470	600\$000 mil réis
recibo	25/10/1882	<i>Papeis avulsos</i>	950	950\$000 mil réis
recibo	13/08/1884	<i>Histórias sem data</i>	-	300\$000 mil réis
recibo	09/03/1895	<i>Relíquias da casa velha</i>	-	1:500\$000
contrato	17/06/1896	3ª ed. de <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	1.100	250\$000
acordo	15/04/1904	Fica decidida a mudança do título da obra <i>Ultimo</i> , que passaria a se chamar <i>Esau e Jacob</i>		

<b>Manuel Duarte Moreira</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
contrato	28/05/1869	<i>Mosaico Brasileiro</i>	1020	200\$000 mil réis mais 25 exemplares da obra
contrato	14/08/1875	4ª ed. do <i>Compendio de História Antiga</i>	2.400	1:700\$000

<b>Pires de Almeida</b>				
	Data	obra	n. de	Valor

			exemplares	
recibo	26/01/1876	<i>Um casamento em toque de caixa e Mártires da vida íntima</i>	-	150\$000

<b>Tavares Bastos</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
doação	16/09/1867	Doou <i>O Vale do Amazonas</i> a Garnier	-	-
doação	17/08/1870	Cedeu <i>A Provincia e Estudos sobre a descentralização no brasil</i> a editora B. L. Garnier		

<b>Tristão de Alencar Ararípe</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
recibo	18/12/1869	<i>Relações do império</i>	869	1:451\$500

<b>Visconde de Coaracy</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
recibo	08/06/1887	Organização das selectas portuguezas, francesas e inglesas	-	600\$000
recibo	25/01/1889	Trad. de <i>Irma de Caridade</i> , de E. Castelan	-	400 reis o mileiro de letras – a tradução rendeu-lhe 302\$000 mil reis

<b>Visconde de Taunay</b>				
	Data	obra	n. de exemplares	Valor
doação	24/05/1870	Cedeu <i>Histórias e narrativas brasileiras e Narrativas militares</i> ao editor Garnier		